



MARCO AURÉLIO LUCCHETTI

FANTASMA

A BIOGRAFIA OFICIAL DO PRIMEIRO HERÓI FANTASIADO DOS QUADRINHOS

FRANCO DE ROSA (ORGANIZADOR)

OPERA GRAPHICA EDITORA

Cap. 3

Uma alma do outro mundo

O "BOLÃO" E VINTE QUATRO BANDIDOS ASSALTARAM EM PLENO DIA O VAPOR "VELOX" DA EXPLORADORA LITA PUNCH. O NAVIO TRAZIA UMA CARGA DE 300 LIBRAS DE AMOR. DE REPENTE TUDO FICOU NO ESCURO.

ZEG! VÁ A SALA DAS MÁQUINAS E ACENDE AS LUZES, ANDA!

VOCE FECHOU A PORTA DO "BOLÃO"! DEIXE VER, QUAE!



A ALMA DO OUTRO MUNDO, COMO CHEGOU AQUI, SEM BOTE? ACENDA A LUZ E FIQUE AI SEM SE MEXER.



NENHUMA RESPOSTA.

DE REPENTE O REVOLVER DO "BOLÃO" ROMPEU O SILENCIO.



A BORDO DO "VELOX" O "BOLÃO" E SEUS HOMENS PROCURAM O FANTASMA. POR TODOS OS CANTOS DO NAVIO.

JONG, BLACK! NÃO DEIXEM DE REVISTAR TUDO!



QUEM É O SENHOR?

NADA DIZIA, DUAS PESSOAS BADIHO E BADIHO ESTÃO.



ANDO O
LÃO O
REGAR
CHAVE,
ORTA
RIU-SE
VIU-SE
A VOZ
ERNOVA



22

MUITO BEM. 'BOLÃO'
A ESCURIDÃO NÃO
TE AGRADA? É
UMA BOLA NAS
BANHAS?



SÓ UM HOMEM
PODE PASSAR POR
PORTAS FECHADAS: O VELHO
NA ESCURIDÃO. É!



A DUMA DO OUTRO
MUNDO

-C
TASHA

APANHOU, MAS
FOI UM CABIDE
SEU BOLÃO.



E, AINDA
CORREGOU COM LITA PUNCH.

DE PRESSA! QUE
NÃO DEIKEM PAS-
SAR NIN-
GUÉM!



DIZER
O TOM
E
DEAR

SIM E SIM! MAS NÃO
DEÇA! É PERIGOSO!
ELES ESTÃO LA!

AI! ESTÁ
SEGURA! EU
VOU E VOLTO



E A DUMA DO OUTRO
MUNDO HERGULHOU
COM UM GRANDISCAVO





MARCO AURÉLIO LUCCHETTI

FANTASMA

A BIOGRAFIA OFICIAL DO PRIMEIRO HERÓI FANTASIADO DOS QUADRINHOS

FRANCO DE ROSA (ORGANIZADOR)



OPERA GRAPHICA EDITORA

Lucchetti, Marco Aurélio

Fantasma : uma biografia oficial do primeiro herói fantasiado dos quadrinhos / Marco Aurélio Lucchetti; [Franco de Rosa, (organizador)]. -- São Paulo : Opera Graphica Editora, 2009.

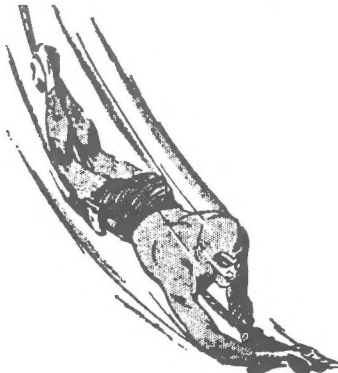
1. Fantasma (Personagem fictício) 2. Heróis na literatura 3. Histórias em quadrinhos I. Rosa, Franco de. II. Título.

09-04124

CDD-741.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Fantasma : Heróis nas histórias em quadrinhos
741.5



Os editores agradecem as seguintes pessoas que contribuíram de alguma forma na realização das obras da Opera Graphica Editora:

Adriano Mervin dos Reis, Alessandro Giannini, Alexandre Maron, Álvaro de Moya, André Canané, André Dib, Antero Leivas, Aran, Arthur Garcia, Carlos da Agência Leitura Salvassi, Carlos Costa, Carolina Almeida, Cida Candido, Claudia Miranda e toda a equipe da Gráfica Prol, toda a família Comix, (Adriana, Sr. Camilo, Carmo José, Edy, Hugo Camelo, Jorge, Samuel, Silvano, Zé Luiz), Daniel Ching, Daniel de Rosa, Dédy Edson, Diego Assis, Dória Miranda, Dr. Carlos Eduardo, Eduardo Torelli, Fabio Santoro, Fábio Zimbres, Felipe Muniz, Fernando Luis Guimarães, Fernando Moretti, Flávio Uriando, Francisco B. Assumpção Jr., Geraldo Cachola, Giovanni Voltolini, Gonzalo Junior, Heitor Pitombo, Helder Moore, Hercílio de Lourenzi, Ignácio Justo, Isomar, Luiz Saldenberg, Jac da Gráfica Expressão & Arte, Jones Rossi, Jorge, escultor, Jotabê Medeiros, Julio Shimamoto, Kátia Ferraz, Lázaro de Oliveira, Leandro "DMNT", Leandro Andrade, Lobo, Lojas do HQ Club, Luis e Mitie Itabam, Marcelo Alencar, Marcelo Almeida, Marcelo Campos, Carlelo, Marcelo Castilho Avelar, Marcelo Costa Ribeiro, Marcial Balbás, Marco Aurélio Canônico, Marco e Rubens Luchetti, Maxx, Mino Carta, Sergio Augusto, Mozart Couto, Odair Braz Junior, Otávio (que nos presenteou com a marca Opera Graphica), Patrícia Vilalba, Paulo Paiva Lima, Paulo Ramos, Pedro Bahia, Pedro Brandt, Plínio Gramani Filho, Primaggio Mantovi, Prof. Luiz Antonio Cagin, Renato Guedes, Ricardo Borring, Roberto Rios, Roberto Sadosviki, Rodolfo Zalla, Rodrigo Borring, Rodrigo Fonseca, Rodrigo Sallem, José Roberto Guarniero, Sebastião Seabra, Sidney Gusman, Marcelo Naranjo, Silvio, Têlo Navega, Tom Leão, Túlio, Wagner Augusto, Wormey Almeida de Souza, Yuri Botti, José Manuel Sobral, Rose Cachola, Airon, André Cristophe, Antero Leivas, Oswaldo Talo, Arthur Garcia, Ataíde Braz, Alexandre Lobão, André Miyasawa, Aduato Silva, Adilson Lima, Amaruk Seta, Andre Diniz, Antonio Mendes, Dorival Vitor Lopes, Joe Bennt, Beni, Maria Cecilia Amaral de Rosa, Eugenio Colonnese (onde quer que ele esteja), Julio Schneider, Celmar, Celso Pimente, Claudio Martini, Chasster, Doniest Amorin, Danilo Fonseca, Diamantino Silva, Drago, Ed Peixoto, Dario Chaves, Junior Fonseca, Daniel Messias, Daniela Carrara, Eduardo Schoeller, Flávio Soares, Fausto Karanka, Fati Campos, Julio Shimamoto, Flávio Colin, Assuto Silva, Dorival Vitor Lopes, Rose Cachola, Roberto Guedes, Getulio Delfin, José Meanezes, Geraldo Galvão Ferraz, Gian Danton, Hélio de Carvalho, Ricardo Giasetti, Ivan Rodrigues, Luiz Rodrigues, Lilian Mitsunaga, Laudo Ferreira, Marcos Lícios, Minami Keizi, Marcon Beraldo, Nobu Chinen, Naumim Ayzen, Oza, Sergio Peixoto, Paulo Gustavo Pereira, Rodrigo Arco-Flexa, René Ferri, Sonia Bibbe Luyten, Sidney Gusman, Spacca, Sandro Aluisio, Wanderley Felipe, Walnir Amaral, Gutenberg Monteiro, Wander Antunes, José Marcio Nicolosi, Rodolfo Zalla e, especialmente, a nosso patrono Carlos Mann



Diretor, Editor e Organizador: Franco de Rosa

Redação: Marco Aurélio Lucchetti

Pesquisa iconográfica e legendas: Franco de Rosa e Marco Aurélio Lucchetti

Revisão: René Ferri, Roberto Guedes, Marcon Beraldo e Fernando Moretti

Editor de Arte: Daniel de Rosa

Assistentes de Arte: Adilson e Flávio dos Reis, Luau Rodrigues e Yuri Botti

Projeto Gráfico: Flávio Soares

Colaboração: Dédy Edson, Fábio Santoro, Roberto Guedes e Sérgio Takara

Capa: Opera Graphica

Site: www.operagraphica.com.br

E-mail: editora@operagraphica.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica Ltda.

Distribuidor exclusivo: Comix, Al. Jaf, 1998 - São Paulo, SP,

CEP 01420-002, Fone: (11) 3061-5893

Site: www.comix.com.br

© Fantasma - Biografia oficial do Espírito-que-sua

© 2007 - King Features Syndicate. A Unity of The Hearst Corporation.

Todos os direitos reservados

Data desta edição: primavera de 2007.

ISBN-978-85-89961-98-1

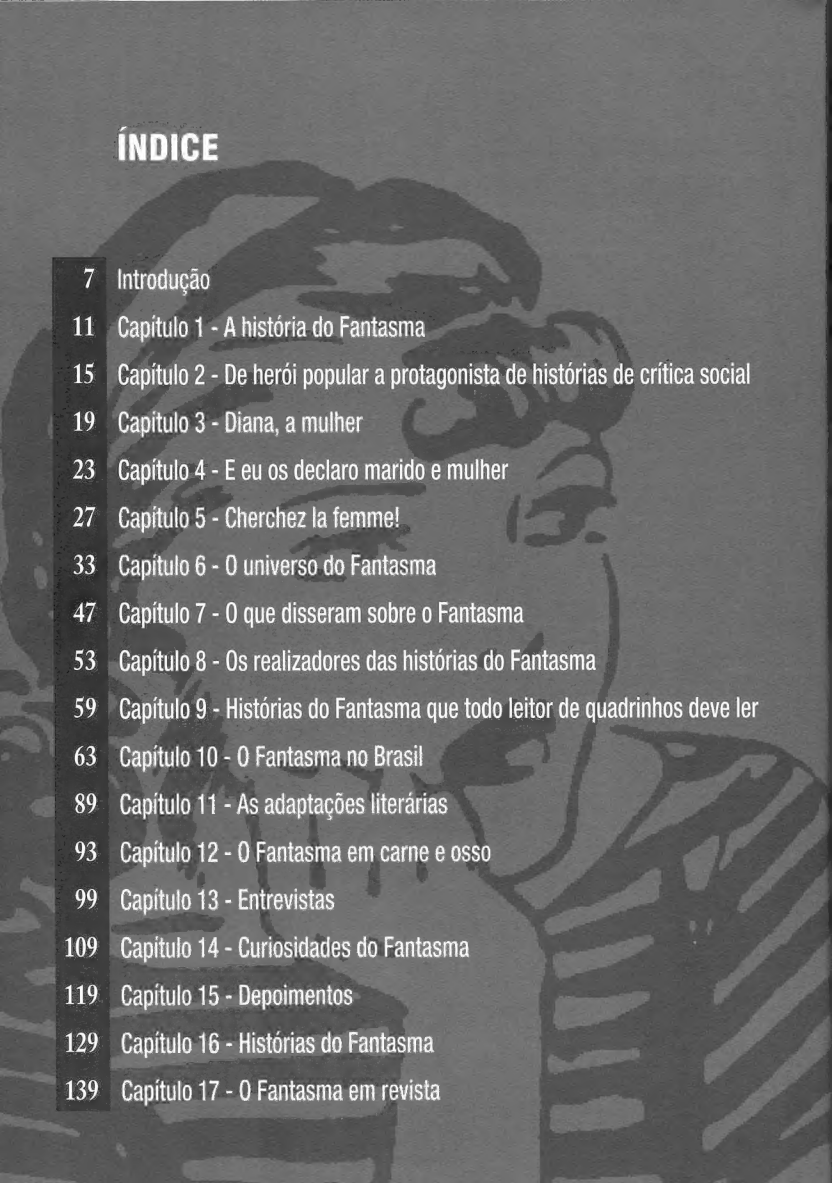
WWW.HQPOINT.BLOGSPOT.COM
SCANS PARA COMPARTILHAMENTO
SEM FINS LUCRATIVOS

Este livro é um modesto tributo a quatro homens – Lee Falk, Ray Moore, Wilson McCoy e Sy Barry – que criaram histórias que tornaram minha infância e minha adolescência mais interessantes.

Marco Aurélio Lucchetti



ÍNDICE



- 7 Introdução
- 11 Capítulo 1 - A história do Fantasma
- 15 Capítulo 2 - De herói popular a protagonista de histórias de crítica social
- 19 Capítulo 3 - Diana, a mulher
- 23 Capítulo 4 - E eu os declaro marido e mulher
- 27 Capítulo 5 - Cherchez la femme!
- 33 Capítulo 6 - O universo do Fantasma
- 47 Capítulo 7 - O que disseram sobre o Fantasma
- 53 Capítulo 8 - Os realizadores das histórias do Fantasma
- 59 Capítulo 9 - Histórias do Fantasma que todo leitor de quadrinhos deve ler
- 63 Capítulo 10 - O Fantasma no Brasil
- 89 Capítulo 11 - As adaptações literárias
- 93 Capítulo 12 - O Fantasma em carne e osso
- 99 Capítulo 13 - Entrevistas
- 109 Capítulo 14 - Curiosidades do Fantasma
- 119 Capítulo 15 - Depoimentos
- 129 Capítulo 16 - Histórias do Fantasma
- 139 Capítulo 17 - O Fantasma em revista



Poucas dezenas de anos após Vasco da Gama haver descoberto a rota para as Índias, a Inglaterra encheu-se de boatos a respeito dos fabulosos tesouros do Oriente.

Então, sir Christopher Standish, um navegante famoso, que estivera ao lado de Cristóvão Colombo durante a viagem em que a América fora descoberta, fretou um navio e desceu o rio Tamisa, dirigindo-se a mares desconhecidos. Estava acompanhado pelo filho, Kit, jovem robusto, que o tinha como ídolo.

O navio de sir cruzou o Cabo da Boa Esperança e, depois de longos meses de navegação difícil, atingiu o Golfo de Bengala, onde foi cercado por diversos juncos. Eram os piratas Singh, que pilhavam todo barco que navegava aquelas águas. Travou-se uma luta terrível, que durou horas. E, no final, o único sobrevivente do navio inglês era Kit. A tripulação e sir Christopher tinham sido mortos pelos piratas.

Repentinamente, um tufão se abateu sobre o navio e os juncos, causando uma grande confusão entre os Singh. Kit aproveitou essa oportunidade e fugiu numa jangada, que, depois de ficar à deriva durante vários dias, chegou a uma praia deserta.

Kit estava muito fraco, mas conseguiu arrastar-se pela areia muito branca da praia.

Passou-se algum tempo; e um grupo de pigmeus que nunca tinha visto um homem branco encontrou-o e levou-o até sua aldeia, onde foi cuidado como se fosse um deus.

Dias mais tarde, um cadáver apareceu na mesma praia. Era o corpo de um pirata, vestido com roupas européias.

Já plenamente recuperado, Kit reconheceu as roupas. Elas haviam pertencido a sir Christopher. Imediatamente, o rapaz compreendeu que aquele era o homem que matara seu pai.

Depois, seguindo as tradições dos pigmeus, o cadáver foi queimado. Sobrou apenas o esqueleto calcinado, e Kit apoderou-se do crânio.

Naquela noite, na presença dos pigmeus amigos e sob o clarão de uma fogueira, kit segurou o crânio com a mão direita e, erguendo a mão esquerda, disse:

— Juro que devotarei minha vida à tarefa de destruir a pirataria, a ganância e a injustiça. E meus filhos e os filhos de meus filhos me seguirão.

Esses fatos aconteceram há aproximadamente 430 anos, e Kit foi O PRIMEIRO FANTASMA.

"Eu gosto de tudo no Fantasma. Leio todas suas histórias. Gosto da simplicidade dele. Para mim, não há nada melhor do que quando ele surge correndo com Capeto ao seu lado, e dá um soco no bandido, fazendo com que o cara caia no chão com a marca da caveira estampada no queixo. Isso é formidável!"

Deddy Edson
Presidente do Fantasma Focado.

CRONOLOGIA RESUMIDA DAS ESTRÉIAS DO FANTASMA NO BRASIL

- 1936 - Em capítulos semanais no encarte Correio Universal - 28 de março
- 1936 - Em capítulos semanais em A Gazeta - Edição Infantil - 2 de dezembro
- 1937 - Em álbum, Edição Maravilhosa O Correio Universal - 27 de abril
- 1937 - O Globo Juvenil (tablóide) - 20 de julho
- 1939 - Gibi. Páginas centrais com as dominicais coloridas com traje roxo - 11 de agosto
- 1950 - Novo O Globo Juvenil - n. 1998 - setembro
- 1952 - Gibi Edição Extra - (n. 134) - Maio de 1952
- 1953 - Almanaque de O Globo Juvenil
- 1953 - Fantasma Magazine março
- 1953 - Almanaque do Fantasma
- 1964 - Fantasma Extra (edição n. 89) - maio
- 1967 - Suplemento Quadrinhos
- 1970 - Super-Plá
- 1974 - Gibi Semanal - Setembro
- 1975 - Almanaque do Gibi Nostalgia - 24 de junho
- 1975- Fantasma passa a sair em formatinho a partir da edição 234 - Agosto
- 2001 - Fantasma é lançado pela Opera Graphica Editora - Junho
- 2007 - Fantasma lançado pela Mythos

ESCLARECIMENTO

Quando da comemoração dos "70 anos do mais velho herói dos quadrinhos", o jornalista Sérgio Augusto, renomado articulista de quadrinhos dos anos 60, escreveu o no jornal O Estado de São Paulo:

"... a publicação da primeira tira do Fantasma foi no *American Journal* em 17 de fevereiro de 1936... Posso jurar que seu lançamento no Brasil se deu em 28 de março de 1936, nas páginas do Correio Universal, publicação carioca independente, que circulava aos sábados em 220 jornais do país.

Fundada por Mauricio Ferraz, era sua mulher, Helena Ferraz de Abreu, que, com o pseudônimo de Álvaro Armando, chefiava a redação. Foi ela quem acrescentou um apócrifo e descabido "voador" ao nome de Fantasma. Induziu-a ao equívoco a cena em que o personagem saltava de alturas vertiginosas. Não procede, portanto, a informação de que o Fantasma só chegou ao Brasil em 2 de dezembro de 1936, no nº 169 da Gazeta-Edição Infantil, com uniforme rubro-negro e em três tiras a que deram o título de Uma Alma do Outro Mundo."

Enfim, o nosso problema está no fato de que ninguém, que se conheça, possui um exemplar do *Correio Universal* (jornal) com a pretensa estreia brasileira do Fantasma, servível como prova. A raridade, aí, é muito grande.

CRÉDITOS DAS ARTES ILUSTRATIVAS AMPLIADAS

- Ray Moore: capa e páginas 2, 4, 5, 7, 8, 19, 20, 27, 30, 31, 32 e 53
- Wilson McCoy: páginas 3, 11, 21, 33, 59 e 61
- Sy Barry: páginas 1, 15, 45, 47, 62, 81, 99, 108, 119, 129, 139 e 145
- George Wilson: páginas 89 e 92
- Walmir Amaral: página 23
- Primaggio Mantovi: página 63

INTRODUÇÃO





Em fevereiro de 2006, O Fantasma completou 70 anos de publicação. A primeira tira da série foi apresentada nos jornais norte-americanos em 17 de fevereiro de 1936. É uma das poucas histórias em quadrinhos surgidas na década de 1930 que ainda tem uma legião de fãs espalhada pelos mais diversos países. Seu protagonista fascina os leitores de hoje da mesma maneira que fascinava os leitores de 70, 60, 50, 40 anos atrás. E como ele consegue isso? Bem, a explicação talvez esteja no fato de suas aventuras – nas quais a defesa da ecologia ganha cada vez mais espaço e em que o conceito de amizade e vida familiar é cada vez mais valorizado – nos transportarem para um mundo fantástico tão empolgante e envolvente, que nos faz sentir como um membro de sua família ou, no mínimo, como um de seus amigos.

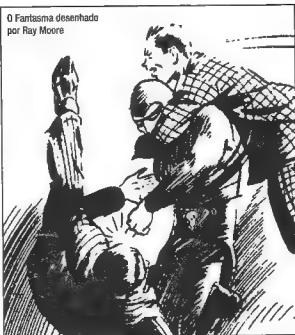
Outra possível explicação para o sucesso do Fantasma é que o roteirista Lee Falk criou um herói que pode morrer. Pode morrer e continuar morto, pois imediatamente será substituído por outro Fantasma, seu filho. Isso o torna completamente diferente de outros heróis e super-heróis dos quadrinhos, que morrem, a fim de aumentar a venda de seus gibis, e, poucos meses depois, são ressuscitados “de forma milagrosa”.

De acordo com Lee Falk, o Fantasma tem sucesso “por causa do seu ar misterioso, seu anel, a marca que seu soco deixa”.

E o sucesso do Fantasma motivou que suas aventuras chegassem às telas cinematográficas. Primeiro, em 1943, num seriado de 15 capítulos, *The Phantom*, produzido pela Columbia e com Tom Tyler interpretando o herói. Depois, em 1996, na fita *The Phantom (O Fantasma)*, uma co-produção australiana e norte-americana, que trouxe Billy Zane, Kristy Swanson, Treat Williams e Catherine Zeta-Jones nos principais papéis. Motivou também que o personagem apareça em duas séries de desenhos animados: *Defenders of the Earth*, produzida na segunda metade da década de 1980; e *Phantom 2040*, (1994), que ganhou até uma minissérie em quadrinhos, desenhada pelo veterano Steve Ditko e publicada pela Marvel.

Por outro lado, ao longo destes 70 anos, diversos personagens de histórias em quadrinhos foram criados tendo o Fantasma como fonte de inspiração – para exemplificar, basta citar apenas quatro: Blue Beetle (Besouro Azul, no Brasil), lançado pela Fox Features Syndicate, em 1939, nas páginas do primeiro número do gibi *Mystery Men Comics*; Asso di Picche, surgido na Itália logo após o término da Segunda Guerra Mundial; *Águia Negra*, que, segundo as informações disponíveis, é uma criação australiana (no Brasil, suas histórias foram publicadas nas décadas de 1950 e 1960, em *Águia Negra*, que era um dos gibis de maior sucesso da Rio Gráfica e Editora); e Escorpião, um herói brasileiro, imaginado por Wilson Fernandes. Porém, nenhum deles teve longevidade e estão hoje praticamente esquecidos.

O Fantasma desenhado por Ray Moore





Ser Fantasma é muito mais do que manter vivo um juramento secular. Ser Fantasma é carregar um fardo de responsabilidades com o peso de vinte e uma gerações

HA' QUATROCENTOS ANOS, UM HOMEM FOI ATIRADO À PRAIA DE BREVIALA. ELE TINHA VISTO SEU PAI SER MORTO E SEU NAVIO DESTRUÍDO POR PIRATAS.

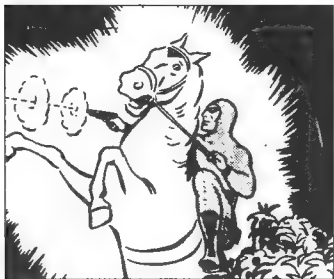
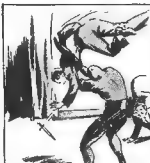


ELE JUROU SOBRE A CAVEIRA, FOI O PRIMEIRO FANTASMA. E O PRIMO MAIS VELHO DE CADA GERAÇÃO LEVARIA AVANTE TAL JURAMENTO.

DEVOTAREI A MINHA VIDA À DESTRUÇÃO DE TODAS AS FORMAS DE PIRATARIA, AVAREZA E CRUELDADE!



Também conhecido como o Espírito-Que-Anda, o Homem-Que-Não-Pode-Morrer e Guardião das Trevas Orientais, o Fantasma é "rápido como um raio", "trabalha para a humanidade", tem "a agilidade dos felinos" e "uma voz que gela o sangue nas veias do inimigo"



A linha tracejada indicando a trajetória da bala era uma das marcas registradas do artista Wilson McCoy



Billy Zane, caracterizado como o Fantasma

O seriado para cinemas *The Phantom*, com Tom Tyler, em 1943, foi exibido nos cinemas brasileiros com o título de *O Fantasma Voador*. Em 2002 a Classicline lançou-o em DVD no Brasil, com o título de *O Fantasma*.

Quanto ao filme *O Fantasma*, de 1996, o crítico Rubens Edwald Filho escreveu o seguinte, no livro *Guia de Filmes DVD News* (São Paulo, NBO, 2002, página 96): "Primeira grande adaptação para o cinema do herói (...). Mas fizeram uma fita para crianças, como se fosse um seriado de matiné dos anos 30/40. No começo, até parece que o filme vai funcionar, quando ele ataca bandidos na floresta. Mas virou um Indiana Jones dos pobres, mal encenado (até efeitos especiais e truques, como ele pulando de um avião, são ridículos). A culpa não é só do ator Billy Zane (...), porque tudo é infeliz."



Zigomar foi publicado na Iugoslávia em 1939. Seus autores foram Nikola Navojev e Branko Vidic. A série foi publicada na íntegra, no Brasil, em capítulos no Suplemento Juvenil. Na edição 1172, de 2 de maio de 1942, no capítulo 31, O Fantasma aparece, para logo duelar com Zigomar, e, depois desaparecer, dando alguns conselhos ao herói a quem inspirou. Zigomar, em vez do anel da caveira possuía um anel que marcava um "Z" em seu inimigos. Foi o primeiro crossover de heróis da história.



Ilustração de capa feita por Sinatti, para o personagem australiano Água Negra (Sir Falcon) criado em 1954



O Morcego criado por Wilson Fernandez em 1973

O Homem Lua criado por Gedeone Malagola em 1965



Asso di Picche foi criado por Mario Faustini e Hugo Pratt; e suas aventuras começaram a ser publicadas no final de 1945



O Escorpião de Wilson Fernandez, de 1966

CAPÍTULO

1

A HISTÓRIA DO FANTASMA





“Parecia um Robinson Crusoe ao ser resgatado e curado por uma tribo de pigmeus para os quais se tornaria uma espécie de Tarzan vodú, atento aos sortilégios da superstição e do simbolismo religioso. Jurou vingança sobre o crânio do assassino do seu pai e fez da caveira, emblema da morte, o seu logotipo – estilizado na sua máscara, impresso na fivela do seu cinturão e cravado na pedra do seu anel. No rosto de cada malfeitor esmurrado deixava o lacre do seu tenebroso signo estigmatizando-o para sempre, como a marca do Zorro. Acumulou riquezas em sua Caverna da Caveira e cuidou, como um monarca, de sua progênie, estratégica seguida à risca pelo resto da árvore genealógica.”

Sérgio Augusto,
referindo-se ao primeiro Fantasma

O Fantasma não é nenhum super-homem. Também não é nenhum herói mutante e muito menos um ser vindo de algum distante planeta. Nem possui poderes sobrenaturais. Portanto, é grave erro considerá-lo um super-herói, já que em nada se assemelha a Superman, Flash, Tocha Humana, Hulk, Homem-Aranha, Demolidor, Wolverine, Mercúrio, Surfista Prateado e tantos outros personagens dotados de poderes sobre-humanos. Ele é tão-somente um homem comum, de carne e osso, da Terra que, valendo-se da astúcia, disseminou – principalmente entre os criminosos – a crença de que é imortal e vive há quase cinco séculos. E sua história começa no século XVI, com o jovem e inquieto Kit.

Poucas dezenas de anos após o navegador português Vasco da Gama haver descoberto o caminho marítimo para as Índias, Kit e seu pai (marinheiro experiente, ele esteve ao lado de Cristóvão Colombo durante a viagem em que foi descoberta a América) partiram para o Oriente, em busca de aventuras e tesouros fabulosos. Porém, quando atingiu a Baía de Bengala, o navio no qual viajavam foi atacado por piratas orientais (homens muito cruéis, eles pilhavam todo navio que navegava aquelas águas). Houve uma luta intensa; e o pai de Kit morreu, degolado por um dos piratas. Milagrosamente, o rapaz conseguiu fugir e, depois de ficar algumas semanas à deriva numa jangada improvisada, chegou a uma praia deserta. A seguir, foi encontrado por um grupo de pigmeus Bandar. Esses pigmeus nunca tinham visto um homem branco e levaram Kit até sua aldeia, onde cuidaram dele como se fosse um deus. Alguns dias mais tarde, um cadáver apareceu nessa mesma praia. Era o corpo de um pirata, vestido com roupas européias. Ato contínuo,

segundo uma velha tradição, os pigmeus queimaram o cadáver. Só não foram queimadas suas roupas; e, ao vê-las, Kit reconheceu-as imediatamente. Elas haviam pertencido a seu pai. Então, segurando o crânio do pirata, o rapaz compreendeu que aquela era a caveira do assassino de seu pai. Mais tarde, naquela noite, na presença dos pigmeus amigos e sob o clarão fantasmagórico de uma fogueira, Kit segurou mais uma vez o crânio do homem que matara seu pai e disse aquilo que se tornaria conhecido como o Juramento da Caveira: “Juro que dedicarei minha vida ao combate à pirataria, à ganância e à injustiça(...) E meus filhos e os filhos de meus filhos me perpetuarão! O primogênito de cada geração continuará a obra que inicio agora...”

Esses fatos, de acordo com o que está narrado numa sequência de seis tiras que foram publicadas originalmente entre 1º e 7 de outubro de 1936, na primeira história do Fantasma, *The Singh Brotherhood*, aconteceram há aproximadamente 470 anos.

Kit foi o primeiro Fantasma, e, após sua morte, vieram outros homens (todos descendentes de Kit) que também fizeram o Juramento da Caveira, vestiram o traje colorido do Espírito-Que-Anda, moraram na Caverna da Caveira, conviveram com os Bandar e dedicaram-se a combater os piratas que infestavam os sete mares, a terra e o céu.

O Fantasma atual, cujas aventuras os leitores acompanham desde que a primeira tira de *The Singh Brotherhood* foi estampada nos jornais dos Estados Unidos há mais de 70 anos, é o Vinte e Um (isso quer dizer que ele é filho do Vigésimo, neto do Dezenove, bisneto do Dezoito, tataraneto do Dezesete...), ou seja, entre ele e o Primeiro existiram dezenove Fantasmas.

Durante os primeiros oito anos de publicação de O Fantasma, os leitores não sabiam quase nada sobre o passado do

Vinte e Um: era como se ele tivesse começado a existir a partir do momento em que se tornara o Espírito-Que Anda. Então, em 1944, quando Lee Falk e o desenhista Wilson McCoy realizaram a história *The Childhood of the Phantom*, essa situação se modificou totalmente; e os leitores puderam, enfim, conhecer um pouco a respeito do passado do herói.

Publicada originalmente em páginas dominicais coloridas, *The Childhood of the Phantom* conta tudo o que os leitores precisam saber a respeito do Vinte e Um, desde seu nascimento até o instante em que fez o Juramento da Caveira e tornou-se o Homem-Que Não Pode Morrer. E, entre outros fatos mais ou menos relevantes, essa história mostra:

1 - O nascimento do Vinte e Um - a exemplo de outros Fantasmassas, ele nasceu na Caverna da Caveira, na Floresta Negra; e seu parto foi feito pelo dr. Axel, que abriu mão do conforto e prazeres que uma cidade grande pode proporcionar a um médico decidindo levar a medicina moderna aos habitantes da selva (alguns anos mais tarde, ele se tornaria o chefe da rede hospitalar de Bangalla).

2 - A infância do Vinte e Um - ele teve uma infância muito feliz, ao lado dos pequenos Bandar (foram eles que lhe ensinaram a manejar o arco e flecha, atirar lanças e preparar armadilhas) e de sua adorável mamãe (uma jovem de compridos cabelos dourados e ar angelical, que, durante longas e ensolaradas tardes, o ensinava a ler e a escrever).

3 - A emoção que o Vinte e Um sentiu quando, ainda criança, vestiu um traje semelhante ao do Fantasma (então, ele ficou igualzinho ao pai).

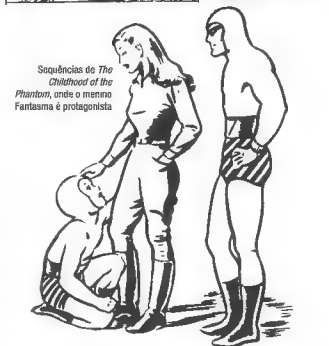
4 - A lição de humildade que o Vigésimo deu ao Vinte e Um, ao surpreendê-lo humilhando alguns pigmeus Bandar (essa lição jamais seria esquecida pelo Vinte e Um, que aprendeu que "todos os males do mundo provêm da tirania").

6 - O momento em que o Vinte e Um despediu-se de seus pais e, junto com seu fiel amigo, o pigmeu Guran, embarcou num navio para a terra natal de sua mãe, os Estados Unidos, aonde iria aprimorar seus estudos.

7 - As travessuras que o Vinte e Um e Guran fizeram durante a viagem de navio (recém-saídos da selva, os dois não tinham educação suficiente para saber como deviam comportar-se num navio e deixaram os tripulantes e os demais passageiros petrificados com suas diabruras).

8 - O desembarque do Vinte e Um e Guran nos Estados Unidos.

9 - A viagem de trem que o Vinte e Um e Guran fizeram até a cidade em que moravam tia Lucy (a irmã mais velha da mãe do Vinte e Um) e seu marido, tio Jasper - os dois iriam ficar hospedados na residência do casal.



A morte da mãe e do pai do Fantasma 21



Diana e Fantasma encontram-se quando crianças

Kit Walker e Diana em seu encontro histórico



- 10 – O grande desgosto que Lucy sentiu ao conhecer seu sobrinho (na ocasião, ele mais parecia um selvagem, vestido com uma tanga) e descobrir que sua querida irmã morava numa caverna e estava casada com um mascarado que se dedicava a combater piratas e outros homens maus (até então, Lucy pensava que o marido da irmã era um rico agricultor).
- 11 – A briga do Vinte e Um com tio Jasper (após essa briga, o Vinte e Um fugiu da casa dos tios e, acompanhado de Guran, escondeu-se na periferia da cidade).
- 12 – O encontro do Vinte e Um com aquela que, muitos anos mais tarde, se tornaria sua namorada e, posteriormente, sua esposa e mãe de seus filhos, Diana Palmer (na época, ela era uma linda menininha de seis anos de idade).
- 13 – O retorno do Vinte e Um e Guran para a casa de tia Lucy e tio Jasper, seguindo o conselho de Diana.
- 14 – O momento em que o Vinte e Um se despediu de Guran, que tinha de voltar para a Floresta Negra.
- 15 – Os anos que o Vinte e Um passou no colégio.
- 16 – O reencontro do Vinte e Um com Diana – ele, então, saltou-a de morrer afogada num lago.

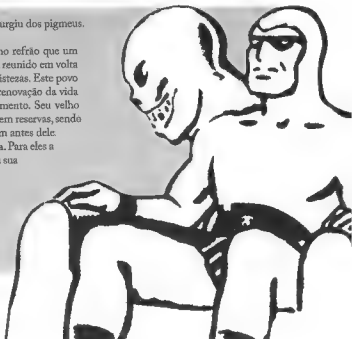
- 17 – O ingresso do Vinte e Um na Universidade do Estado.
- 18 – A noite em que o Vinte e Um recebeu em seu quarto na Universidade a visita de Guran, que lhe trazia um bilhete de seu pai (nesse bilhete, o Vigésimo pedia ao filho que voltasse à Floresta Negra, já que sua mãe, que estava muito doente, queria vê-lo).
- 19 – A volta do Vinte e Um e Guran para a Floresta Negra e a Caverna da Caveira.
- 20 – O triste momento em que o Vinte e Um soube que sua mãe já não tinha mais salvação e iria morrer.
- 21 – As últimas palavras da mãe do Vinte e Um.
- 22 – A morte da mãe do Vinte e Um.
- 23 – Os dias em que o Vinte e Um passou ao lado do pai, lutando contra os inimigos seculares dos Fantasmas, os piratas Singh.
- 24 – A trágica noite em que o Vigésimo voltou mortalmente ferido, após uma luta com os Singh.
- 25 – Os últimos minutos de vida do Vigésimo.
- 26 – O sepultamento do Vigésimo.
- 27 – O momento em que o filho do Vigésimo se tornou efetivamente o Fantasma Vinte e Um.

"Quando se encaminhou em direção à luz das tochas, um bramido de vozes surgiu dos pigmeus. Todos os homens, mulheres e crianças estavam ali reunidos

O Fantasma morreu. Muitos anos de vida para o Fantasma – usando o velho refúgio que um Fantasma morto há muito tempo lhes ensinara. Esse povo mudo e sorridente estava reunido em volta dele para tocá-lo. Todos adoravam seu pai. Mas agora não havia mais motivo para tristezas. Este povo da selva via perto da terra e dos eternos ciclos da vida e da morte, bem como da renovação da vida em todas as coisas viventes. Por isso é que não conhecia mais tristezas, neste momento. Seu velho amigo tinha falecido, mas agora voltava novamente, jovem e forte. (...) Foi recebido sem reservas, sendo cumulado de todos os aplausos e honrifiências que os seus ancestrais conquistaram antes dele.

Com aquele povo anão apunhando-se em volta, dirigiu-se ao Trono da Caveira. Para eles a vida voltara ao normal. O Fantasma estava de volta. Sentou-se no trono de pedra com sua caveira de pedra esculpida em ambos os lados. Este trono simbolizava o seu papel de Guardião da Paz que teria que desempenhar na selva. (...) Mas nenhum Fantasma jamais teve a pretensão de querer dominar e não era encarado como dominador por nenhum dos povos da selva. Ele era seu velho amigo, cuja única missão era colaborar para levar a paz às tribos (...) e ajudar a castigar os malfetores."

Trecho do livro A Lenda do Fantasma



CAPÍTULO

2

DE HERÓI
POPULAR A
PROTAGONISTA
DE HISTÓRIAS DE
CRÍTICA SOCIAL



Entre o final da década de 1920 e os últimos anos da década de 1940, proliferaram nos Estados Unidos um tipo de revista criado pelos editores norte-americanos: as pulps, assim chamadas por causa do papel – um papel de qualidade inferior, feito com a polpa da madeira – em que eram impressas.

Havia pulps de todos os gêneros: de Aventura, de Amor, de Western, de Horror, de Ficção Científica e, logicamente, de Detetive & Mistério.

As pulps de Detetive & Mistério tinham uma peculiaridade: suas histórias eram escritas com o propósito único de deixar os leitores tensos. O que realmente importava nessas histórias não eram os enredos (quase sempre comuns, sem qualquer originalidade), e sim as cenas. Explicando melhor: as cenas descritas nas histórias de Detetive & Mistério publicadas nas revistas pulps se sobrepunham aos enredos dessas histórias. Coincidências e incoerências não eram levadas em consideração, por mais absurdas que pudessem ser. O que importava mesmo era cativar o leitor pelas descrições das cenas como bem afirmou o escritor Raymond Chandler, criador do detetive particular Philip Marlowe: "Um bom enredo era o que proporcionava boas cenas," e a história ideal "...era aquela que se lia mesmo que estivesse faltando o final" – não lhe deixando tempo para refletir.

Nas pulps de Detetive & Mistério, surgiram alguns heróis mascarados ou de rosto encoberto: Aranha, Detetive Fantasma, Morcego Negro (sua primeira história, *Brand of the Black Bat*, foi publicada dois meses depois de a primeira aventura do Batman, *The Case of the Chemical Syndicate*, ter aparecido no número de maio de 1939 do gibi *Detective Comics*) e o mais famoso de todos, o Sombra, cujas histórias foram escritas, em sua grande maioria, por Walter B. Gibson, que se escondia sob o pseudônimo de Maxwell Grant.

Certamente, Lee Falk leu revistas pulps de Detetive & Mistério. Assim, foi muito influenciado pelas histórias apresentadas nessas revistas. Para perceber isso, basta ler alguns dos episódios de O Fantasma: *The Singh Brotherhood*, *The Sky Band*, *Little Tommy*, *The Prisoner of the Himalayas*, *Adventure in Algiers*, *The Shark's Nest*, *The Mysterious Girl*, *The Golden Circle*, *The Seaboard* e *The Game of Alvar*, que foram publicados entre fevereiro de 1936 e dezembro de 1940. Qualquer um deles parece ter sido escrito para algum pulp de Detetive & Mistério. São histórias cheias de absurdos, incoerências e coincidências, mas que prendem o leitor do começo ao fim. São histórias em que o enredo nem importa tanto, mas sim, as cenas. São histórias clássicas da narrativa quadrinizada, e quem as lê não as esquece jamais.

Segundo o exemplo das histórias de Detetive & Mistério apresentadas nas revistas pulps, cada quadrinho das primeiras aventuras do Fantasma tem uma grande dose de suspense,

DEATH BELLS RING OUT ON NEW YEAR'S EVE



THE BROADWAY MURDERS

*A Long Complete Novel of
Manhattan Mystery*

By ROBERT WALLACE

Featuring THE PHANTOM in Rapid-Fire Action
In Next Month's Issue of THE PHANTOM DETECTIVE

Nos Estados Unidos, as histórias do Detetive Fantasma eram publicadas na revista *The Phantom Detective*

a fim de deixar o leitor na expectativa do que irá acontecer a seguir.

O Fantasma é um personagem que poderia muito bem ter sido criado para qualquer revista pulp de Detetive & Mistério: usa máscara e combate sem descanso os criminosos, estejam eles onde estiverem. E, em sua primeira aventura, a exemplo de O Sombra, surge nos lugares mais improváveis, parecendo vir do nada e confundindo-se com a escuridão.

Curiosamente, a partir de *Diana Aviatrix Lost*, O Fantasma perdeu as características de história de Detetive & Mistério publicada em revista pulp. Entretanto, Lee Falk nunca esqueceu por completo as pulps. Uma prova disso é a aventura *The Hydra*.

Estampada nos jornais dos Estados Unidos em 1968 (no Brasil, saiu em julho de 1969, no número 155 do gibi Fantasma, com o título de *O Fantasma Enfrenta Hydra*), essa história tem um enredo por demais semelhante ao de *The Hydra*, aventura de O Sombra publicada no número de 1º de dezembro de 1942 da revista *The Shadow*. Nela, a exemplo do que fez O Sombra 26 anos antes, O Fantasma enfrenta uma poderosa organização criminosa conhecida como a Hidra. A organização ganhou esse nome por causa da Hidra de Lerna, o monstro mitológico destruído por Hércules, uma vez que, sempre que um de seus membros é morto, surgem outros dois no lugar.



THE Shadow



"O Sombra agiu rapidamente. Do alto da Torre Yadruth observava perfeitamente tudo o que acontecia. O raio negro estava embaixo do lugar em que se encontrava. Sua projeção cônica formava um cilindro pontiagudo de escuridão, que nenhum olho humano podia desviar.

Do solo não se podia ver a negrura contra o céu. O Sombra viu-a como uma mancha negra que, à sua passagem, escurecia as luzes da cidade. Mais ainda: distinguiu o ponto de onde era projetada; o aposento a um canto, dois andares abaixo.

No interior do círculo da plataforma de observação, acabava-se a ante-sala e a mesa de observação. A porta estava perto de O Sombra. Voltando-se e guiando seus movimentos com o foco de uma lanterna elétrica, o Fantasma da Noite chegou ao telefone que ligava a torre ao andar térreo do arranha-céu.

A voz da telefonista respondeu.

— Chefatura de Polícia — ordenou O Sombra.

A telefonista, a mais de uma centena de metros de distância respondeu com o preciso de uma máquina imersa num transe. Uma chamada do alto da torre aquela hora! Uma voz que parecia vir de um túmulo!

O telefone estridou. Em tom calmo e frio, o Rei da Noite deu o alarmante aviso:

— O barco Garonic atacado por gangsters no porto. Os criminosos que se ajudam encontram-se no andar 93 da Torre Yadruth.

E foi tudo.

O receptor estava novamente no gancho. Atravesando velozmente a escuridão, O Sombra alcançou a plataforma de observação. Com a indiferença de um suicida saltou a balaustrada, ficando dependurado sobre o precipício da rua.

Seu corpo se deteve bruscamente e depois deslizou pela parede do edifício, as mãos agarradas à cornija. Uma forte rajada de vento agitou o edifício; mas não deslocou a figura vertida de negro, que se agarrou à parede.

As superfícies decoradas, sob a plataforma de observação, serviam de suporte para os pés de O Sombra.

Indiferente ao furacão que tentava arrastá-lo dali, o Fantasma da Noite iniciou a descida, decidida que era um desafio à morte!

Trezentos metros de vácuo! Entretanto, O Sombra mantinha-se tão calmo como se estivesse a um metro do solo. Lentamente, mas firmemente, descia como um escaravelho, em direção à negridão, que estava dois metros abaixo.

O Sombra havia dominado superfícies mais difíceis que esta, porém, naquela noite lutava com grande vantagem. Tinha que agir rapidamente, a fim de livrar-se daquele vento que açoitava perigosamente contra ele e fazia oscilar sua capa.

Quando O Sombra encontrou-se acima da janela de onde era projetado o raio negro, executou uma manobra arrepiante, sobrenatural. Torcendo o corpo, encontrou-se ao nível da própria janela.

A morte abria suas fauces, abaixo. Seus inimigos estavam ali. O Sombra fez uma pausa, incrivelmente equilibrado sobre o vácuo. Pensaria em voltar ao único lugar que lhe oferecia um mínimo de segurança, sua plataforma de observação?

Só O Sombra sabia. Mas, em breve, outros também o saberiam!"

Trecho de uma história de O Sombra, *The Crime Ray*, publicada no número de 1º de setembro de 1939 de *The Shadow*.

Por outro lado, as primeiras histórias do Fantasma, em virtude de misturarem exotismo com trama policial, poderiam muito bem ter sido escritas pelo inglês Sax Rohmer, criador do diabólico dr. Fu Manchu e de uma das mais fascinantes e perigosas vilãs de todos os tempos, Sumuru, a escravizadora de homens e mulheres. E, segundo o italiano Ernesto G. Laura, essas aventuras apresentam a mesma fórmula usada "pelo escritor inglês Ian Fleming para seu ciclo de histórias de James Bond. O Fantasma, da mesma maneira que o agente secreto 007, não luta contra criminosos solitários, mas contra chefes de quadrilhas, conspiradores internacionais e sindicatos de "luxo" do crime. A quadrilha de Singh corresponde à de Auric Goldfinger, que pretende assaltar Fort Knox, fortaleza onde estão

estocadas as reservas de ouro dos Estados Unidos; a quadrilha aérea composta exclusivamente de mulheres é aproveitada por Fleming em *Goldfinger*, em que há um bando composto apenas por mulheres (todas lésbicas, elas são chefiadas pela maravilhosa Pussy Galore, que no filme baseado no romance foi interpretada por Honor Blackman); o barco Danton, vilão apresentado na aventura *The Seaborn*, antecipa o dr. No, uma versão moderna do dr. Fu Manchu. Antecipando James Bond, O Fantasma, no final de *The Singh Brotherhood*, só se salva porque uma mulher, Sala, cúmplice de seus inimigos, apaixonada por ele e o liberta. Como James Bond, ele retribui esse favor com a indiferença; e, como a mulher é culpada, é enviada sem nenhum remorso para a prisão".



Segundo o exemplo das histórias de Detetive & Mistério apresentadas nas revistas pulp, cada quadrinho das primeiras aventuras do Fantasma tem uma grande dose de suspense, a fim de deixar o leitor na expectativa do que irá acontecer a seguir.



Neste quadrinho de *The Sky Band*, o Fantasma critica as bebidas alcoólicas

CRÍTICAS À CIVILIZAÇÃO E AO TOTALITARISMO

Um leitor mais atento encontra nas aventuras do Fantasma um grande número de críticas ao mundo civilizado. Nessas histórias, todo o mal que existe nas selvas de Bangala é levado até lá por homens brancos. Homens nascidos na Europa ou nos Estados Unidos. Homens perversos e acostumados a trapacear, roubar, enganar, matar, agredir o meio ambiente e cobiçar a mulher do próximo. Homens gananciosos, inescrupulosos e capazes de fazer qualquer coisa para conseguirem dinheiro.

As histórias do Fantasma também fazem severas críticas ao totalitarismo, denunciando os regimes ditatoriais e seus ridículos tiranos com seus – não menos ridículos – uniformes abarrotados de medalhas.



Uma constante nas histórias do Fantasma: homens ricos e poderosos cobiçam Diana e os animais da Ilha do Eden



Como diretora da Divisão Afro-Asiática do Departamento de Direitos Humanos das Nações Unidas, Diana Palmer Walker tem enfrentado inúmeros ditadores. O general Ken, dirigente do Ughland, é um deles



Um dos muitos ditadores mostrados em O Fantasma: general Bababu, que não aceita que Bangala tenha se tornado um país democrático

Nas histórias do Fantasma, os nativos de Bengala/Bangala são mostrados quase sempre como pessoas simples, boas, honestas e ingênuas, que vivem de forma mais ou menos harmoniosa com a Natureza e que são facilmente enganados pelas palavras dos homens brancos



CAPÍTULO

3

DIANA
A MULHER



É somente no último quadrinho da quinta tira de *The Singh Brotherhood* que o Fantasma aparece pela primeira vez. E, assim mesmo, de costas, saindo das águas do Oceano Atlântico e subindo a bordo do navio S. S. Trotter. Nos quadrinhos anteriores, a figura que atrai toda a atenção dos leitores é Diana Palmer, jovem e famosa exploradora que, após passar dois anos nos Mares do Sul, retorna ao seu país, os Estados Unidos, e, na entrada do porto de Nova York, cai nas mãos de uma quadrilha.

Os bandidos querem apossar-se da singular e valiosa carga – 200 quilos de âmbar – que Diana está trazendo no navio; porém, eles têm seu plano frustrado pelo Fantasma, que leva Diana e o âmbar para um lugar seguro. A moça, então, pergunta: “Como posso agradecer-lhe?” O herói responde: “Assim.” E, num gesto de extrema ousadia, abraça-a e dá-lhe um ardente beijo. Diana deve ter gostado do beijo, pois, a partir desse momento, o estranho mascarado nunca mais sairá de seu pensamento e, em breve, tornará-se o seu par romântico.

Não se tem conhecimento de que, ao escrever o primeiro episódio de O Fantasma, Lee Falk tinha ideia de que Diana seria, durante mais de 40 anos, a namorada do Vinte e Um e, posteriormente, sua esposa. Não se sabe também se o roteirista imaginava que Diana seria responsável por parte do sucesso da série. Sim, boa parte do sucesso de O Fantasma se deve a essa adorável criatura, possuidora de um rosto meigo, um sorriso encantador e um corpo esguio. Sem dúvida alguma, as histórias do Espírito-Que-Anda perderiam muito de seu encanto sem a presença de Diana.

Entretanto, há uma coisa que se sabe com toda a certeza: Diana é a mulher certa para O Fantasma. Linda, inteligente, destemida, decidida, ela está à altura do Espírito-Que-Anda. Sabe pilotar um avião, cavalga extremamente bem, nada (é ex-campeã olímpica de natação) como um peixe, tem uma excelente pontaria, é faixa preta de judô e não se importa de deixar o conforto de um lar típico de classe média norte-americana para viver numa caverna ou numa casa construída no alto de algumas árvores.

Por outro lado, é Diana quem faz brotar o lado mais humano do Fantasma. Ela é seu vínculo com o mundo real, o mundo das pessoas de carne e osso. E, como bem disse o crítico Nino Ortea, em seu relacionamento amoroso com essa jovem de espírito aventureiro o Vinte e Um “...se mostra tão inseguro como qualquer homem que já tenha se enamorado alguma vez. Essa humanização, que dá motivo a uma série de encontros e desencontros sentimentais, é um dos aspectos que mantêm o frescor da obra e geram momentos de grande interesse, tornando-a única entre as inúmeras histórias em quadrinhos produzidas para jornais. Após, num primeiro momento, ter o descaço de roubar de Diana beijos ardentes, o Fantasma não demorará a mostrar sua debilidade ante o eterno feminino e, por seu amor a ela, colocará sua vida (a dele) em

O Fantasma e Diana
beijaram-se por
diversas vezes ao
longo destes últimos
73 anos. Mas poucos
beijos foram tão
ardentes quanto os
primeiros





perigo e estará disposto a deixar de ser o Espírito-Que-Anda e a esquecer o juramento que fez de 'destruir a pirataria, a ganância e a injustiça'".

Resta ainda dizer que, nas histórias publicadas durante os anos em que os Estados Unidos participaram da Segunda Guerra Mundial, Diana deixa de ser uma exploradora e torna-se uma agente de contra-espionagem, ajudando o Vinte e Um a combater soldados japoneses e espões nazistas. Em seguida, nos episódios realizados entre 1946 e o começo da década de 1960, transforma-se numa moça alienada, que tem como distração passar alguns dias ou semanas na Caverna da Caveira. Depois, quando O Fantasma começou a ser desenhado por Sy Barry, Diana volta a ter um objetivo na vida e arruma trabalho. Primeiro, como enfermeira, integrando equipes médicas que são enviadas a países do Caribe e da África. Depois, no Departamento de Direitos Humanos da ONU. E, atualmente ela é a diretora da Divisão Afro Asiática do Departamento de Direitos Humanos das Nações Unidas, o que a obriga a enfrentar os mais terríveis ditadores.

Desde o primeiro momento em que aparece em O Fantasma, Diana se mostra uma mulher aventureira (no sentido de que ama a aventura), corajosa, culta, determinada e inteligente. Sob certos aspectos — mas sobretudo por causa de sua coragem e independência —, lembra as personagens China Doll e Domini Enfildeen, interpretadas respectivamente por duas divas do cinema, Jean Harlow e Marlene Dietrich, nos filmes *China Seas* (Mares da China, 1935) e *The Garden of Allah* (O Jardim de Allah, de 1936).

Diana é também uma pessoa altruísta — para ela, o que realmente importa é viver para os outros, amar o próximo mais do que a si mesma. E os leitores percebem que Diana é altruísta ainda na primeira aventura do Fantasma, quando, após o Vinte e Um chamá-la de egoísta (ele pensa que ela deseja o âmbar apenas para aumentar sua fortuna pessoal), a jovem informa que não quer um só vintém do âmbar que encontrou nos mares do sul e pede que ele a acompanhe até o Hospital Palmer, em Long Island (na verdade, o âmbar destina-se para financiar esse hospital, que trata de crianças paralisadas). E, com o passar dos anos, o altruísmo de Diana torna-se ainda mais evidente, principalmente nas histórias nas quais ela é uma agente da contra-espionagem (ver *The Inexorables* e *The Spy Gang*), ou uma enfermeira voluntária (ver *The Epidemic*), ou uma defensora dos direitos humanos (ver *The Tyrant of Tarakimo*, *Return to Tarakimo* e *Ugbland*), quando coloca sua vida em risco, para enfrentar desde cruéis soldados japoneses, que não vêem nenhum inconveniente em atirar numa mulher indefesa e com as mãos amarradas às costas, até combater uma epidemia nas selvas africanas e déspotas que governam com mão de ferro países do Terceiro Mundo.



"Diana, nos primeiros anos, é um objeto erótico perfeito, principalmente em uma aventura contra os Piratas Singh, em que se apresenta com uma longa saia negra, com duas enormes aberturas laterais, onde despojam suas pernas, e que sobem até as ancas; e uma frente única, também da cor negra, que deixa entrever a curvatura de seus seios."

Marcus Fuerman

"Diana Palmer, que há 36 anos é a namorada do Fantasma, tem sua própria vida e sabe o que quer. Rica, bonita e inteligente, é exploradora por passatempo e, apesar de ser apaixonada pelo Vinte e Um, não está de forma alguma adaptada à vida da selva — só de tempos em tempos aparece na Caverna da Caveira, despertando com essa sua atitude o interesse e curiosidade dos leitores. E o que a distingue de Dale Arden (Dale é o típico modelo de mulher bela, mas ingênua e estúpida, que só vive em função do amor que sente pelo protagonista da história), a eterna noiva de Flash Gordon, é o fato de saber conservar sua própria autonomia e estar plenamente consciente do lugar que lhe cabe na sociedade."

Maria Grazia Perini





Diana é uma mulher que não se intimida diante do perigo, seja ele qual for



Em *The Epidemic*, Diana explica para o feiticeiro da tribo Wambesi a função dos médicos e enfermeiras.

Diana sabe defender-se contra poucas mulheres.



Diana é uma exímia atradora



DIANA PALMER ATRAVÉS DOS ANOS



CAPÍTULO

4

E EU OS
DECLARO MARIDO
E MULHER



Durante os primeiros quarenta anos de tiras diárias e páginas dominicais de O Fantasma, O Vinte e Um foi beijado por algumas garotas muito atraentes. Como exemplos, podem se ser citadas Sala e a Baronesa, do bando dos Piratas do Céu. Ele despertou a paixão e o interesse de um grande número de mulheres, dentre essas mulheres destacamos...

Asta, a rainha do semibárbaro reino de Trondelay; a princesa Gwena, uma jovem mimada e leviana; Dara, uma moça que resolveu trocar o dia-a-dia monótono e sedentário de secretária para viver na selva, ao lado de Tabby, um leão que criara desde filhote; Miriam, uma famosa milionária; Samaris, uma rainha que, graças ao encantamento de uma bruxa, permaneceu jovem e bela por mais de 300 anos; e a voluntariosa Laureen, filha do príncipe Grigor, que governa um dos principados das Montanhas da Neblina. No entanto, ele amou – e ama – uma única pessoa: Diana Palmer

Sempre tão decidido quando tem de enfrentar perigos na selva ou na cidade, o 21º nas linhagens dos Fantasmas constantemente hesita ou fica nervoso diante das coisas do amor. Portanto, não foi nada fácil para ele pedir Diana em casamento. E o pedido aconteceu quando os dois estavam praticando esqui aquático na Ilha do Éden. Logicamente, Diana aceitou o pedido, uma vez que era isso que vinha esperando há muito tempo. Todavia, deixou bem claro que não largaria seu emprego e que, ao contrário das mulheres dos Fantasmas anteriores, não iria morar na Caverna da Caveira.

Chateado, o Fantasma pediu algum tempo para pensar no assunto – afinal de contas, era a primeira vez em 400 anos que uma esposa do Espírito-Que-Anda mostrava tal grau de independência. Pensou e acabou aceitando as condições, demonstrando que realmente Diana era a mulher de sua vida.

O casamento aconteceu poucos meses depois, em plena Floresta Negra, na frente da Caverna da Caveira. Teve como mestre de cerimônia o Velho Mozz e foi assistido por um grupo seleto de pessoas: o dr. Axel, alguns dos principais chefes indígenas (Lliongo, dos Llongos; Wambata, dos Wambesis; Mugatta, dos Moris, e Obiju, dos Oogaans), vários príncipes das Montanhas da Neblina (Tirana, Coran, Melanda, entre outros), Mandrake, Lothar, Lily Palmer, tio Dave, Rex, Hzz, a srta. Tagama (a madrinha da noiva), Guran (o padrinho do noivo) e o coronel Worobu.

Nunca o Fantasma e Diana estiveram tão radiantes quanto no momento em que os presidentes Luaga e Goranda – foram eles que oficializaram o casamento – falaram: "Agora, pela autoridade de que somos investidos, nós os declaramos marido e mulher!"

Esses fatos aconteceram há quase trinta anos; desde então, como num conto de fadas, o Vinte e Um e Diana têm vivido felizes. Para anunciar um dos maiores acontecimentos de 1977 – o casamento do Fantasma com Diana Palmer –, o King Features Syndicate enviou um convite especial para todos os jornais e editoras que publicavam histórias em quadrinhos do Espírito-Que-Anda.

Depois de cinco décadas,
Diana diz sim.





Ilustração oficial do convite enviado à imprensa mostrando alguns dos convidados que participam do histórico casamento do Fantasma com Diana:

- 1 - Hzz
- 2 - presidente Luaga
- 3 - Lothar
- 4 - Velho Mozz
- 5 - Tio Dave
- 6 - Lily Palmer
- 7 - Mandrake
- 8 - Srt. Tagama
- 9 - Fantasma
- 10 - Diana
- 11 - Herbi
- 12 - Rex
- 13 - Tom-Tom
- 14 - Capito
- 15 - O chefe de uma tribo
- 16 - Gurrar
- 17 - Chii-Chii

Leo Falk através da agência King Features enviou para a imprensa de todo o mundo o texto ao lado, convidando todos os leitores para o casamento de o Fantasma com Diana Palmer.



THE PHANTOM
by Leo Falk

“Você Está Cordialmente Convidado para o Casamento do Fantasma! O 21º Fantasma a herdar esse título hereditário irá se casar com a srta. Diana Palmer, na Caverna da Caveira, na Floresta Negra, em Bangalla. O casamento do Fantasma com a srta. Palmer, que ele conheceu quando estudava nos Estados Unidos, será assistido por todos os chefes das tribos, pelos príncipes das Montanhas da Neblina e pelos pigneus, que têm ajudado cada geração dos Fantasmas a impor a lei e a ordem na Floresta Negra. Não perca este excepcional evento social do mundo dos quadrinhos de aventura, que será apresentado numa história especial do FANTASMA por Leo Falk”



Sequência oficial do casamento de Fantasma e Diana



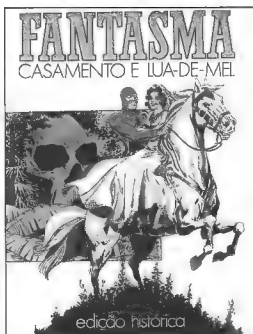
Capa da edição formato livro da R.G.E.



O Gibi de 1993 reapresentou o casamento



Capa da edição preto e branco, em formato livro da Editora Sabor.



Capa da edição formato álbum, 21x28 cm da R.G.E., que também teve uma versão em capa dura. Arte de Walmir Amaral

"Se existe uma edição essencial para quem quer conhecer o Fantasma em suas versões durante os anos é esta: *O Gibi nº1 - O Casamento do Fantasma* - de Outubro de 1993 - 128 páginas - formato livro - Preto e branco - Editora RGE. Autores: Lee Falk (roteiro) e Sy Barry e Ray Moore (desenhos) - 128 páginas. Contém "*O Casamento do Fantasma*", "*Os Herdeiros*", "*O Nome*" e "*Piratas do Céu*". Curiosa é a história *O Nome*, que trata da Bruxa de Hanta, na verdade, continuação de uma aventura publicada pela primeira vez em 1965, e cuja conclusão precisou esperar nada menos que 12 anos para ser contada."

Thiago Rique

CAPÍTULO

5

CHERCHEZ
LA FEMME!



“A fêmea em todas as espécies é sempre mais mortal do que o macho!” Esta frase foi dita pelo Vinte e Um na história “*Mystery of Wamba Falls Inn*”, logo após prender a exuberante e perversa Eurada (ela fazia parte de um trio de malfeitores que se especializara em assassinar mineiros endinheirados que se hospedavam no Wamba Falls Inn, um hotel construído sobre ruínas antigas no meio da selva).

E, em algumas aventuras do Fantasma, os leitores têm oportunidade de comprovar que, a exemplo das fêmeas de outras espécies, as mulheres são extremamente perigosas e, quando necessário, mais mortais do que a maioria dos homens (isso talvez se deva porque na mulher os instintos de sobrevivência e de preservação da espécie são muito mais intensos do que no homem). Nessas histórias, que foram produzidas principalmente entre 1936 e 1948, o Espírito-Que Anda enfrenta diversas mulheres fora-da-lei – são criminosas que sabem ser cruéis ao extremo (algumas matam com uma facilidade!) e que usam sua beleza, inteligência e sensualidade (nunca Ray Moore e Wilson McCoy desenharam figuras tão sensuais) para o mal.

Vale destacar que há histórias em que o Fantasma luta contra sociedades criminosas formadas exclusivamente de mulheres. Como exemplos dessas histórias, podem ser citadas: *The Sky Band*, na qual surge uma quadrilha conhecida como os Piratas do Céu e especializada em assaltar aviões que sobrevoam Bengala; *The Golden Circle*, em que aparece o Círculo Dourado, um grupo de ladrãs de jóias que se estabeleceu em Paris; e *The Mermaids of Melo Straits* e *The Lady Luck*, nas quais as vilãs são mulheres que se dedicam a roubar navios em alto-mar.

E SEU NOME É SALA

Em meados da década de 1960, num longo ensaio sobre o Fantasma, Ernesto G. Laura escreveu:

“Saíndo de seu isolamento de nação rica e auto-suficiente, com a intervenção do 1º conflito mundial em 1917, a América não tinha interesse no mundo colonial, o mesmo que, com o desenvolvimento democrático do segundo pós-guerra viria a ser conhecido como ‘terceiro mundo’.



Após ser abraçada pelo Fantasma, Diana Palmer nunca mais o esqueceu (foi amor à primeira vista)

Até os anos 1960, nosso herói esteve às voltas com várias moças



Fora a aliança econômica com a América Latina, estabelecida em bases essencialmente coloniais, os Estados Unidos eram estranhos ao mundo africano e asiático, controlados por potências européias.

A África, de acordo com os filmes de Tarzan, era uma terra selvagem reservada aos aventureiros que se dedicavam à caça pesada entre ciladas de canibais, serpentes e da natureza ainda não domesticada pelo homem.

A Ásia, por sua vez, era um mundo de segredos (...), de pitorescos rituais religiosos e de diabólicas inteligências criminosas. Um assassino chinês com uma adaga era o máximo de sofisticação para certos escritores americanos de romances policiais, gênero no qual floresciam enigmáticos detetives orientais como Mr. Moto e Charlie Chan, nos anos 1930.

Na costa ocidental dos Estados Unidos, em particular, em cujos portos o continente se unia com a Ásia, através do Pacífico, a raça amarela conferia um sabor todo particular ao folclore dos bairros habitados pelas minorias étnicas.

Infelizmente, Ernesto G. Laura deixou de mencionar em seu ensaio que foi nos anos 1930 que os norte-americanos viram surgir nas histórias em quadrinhos produzidas para jornais algumas vilãs orientais ou de traços orientais. E a maior dessas vilãs é a bela, sofisticada e inteligente Dragon Lady, uma das mais célebres personagens femininas de Terry and the Pirates (Terry e os Piratas).

Criada por Milton Caniff e inspirada numa mulher-pirata que existiu realmente e que aterrizou os mares da China durante a década de 1930, a Dragon Lady apareceu pela primeira vez na página dominada de 6 de setembro de 1936 e, apesar de ser uma criminosa, logo conquistou os leitores — se tivessem oportunidade de ficar frente a frente com ela, eles certamente lhe diriam mais ou menos o seguinte: "Você é linda... E sabe disso? O que me intriga é... por que você é... tão má? Como se meteu nesse negócio de pirataria?"

Cerca de três meses antes do aparecimento da Dragon Lady, os leitores de O Fantasma foram apresentados àquela que é a mais oriental das figuras femininas das histórias do Espírito-Que-Anda: a graciosa e irreverente *bad girl* Sala, cuja primeira aparição ocorreu em *The Singh Brotherhood* (para ser mais exato, na tira que foi publicada nos jornais dos Estados Unidos em 10 de junho de 1936).

Em suas primeiras aparições em O Fantasma (tiras de 10 a 19 de junho de 1936), Sala não passa de uma personagem secundária. Ela é, então, apenas uma das serviçais de Kabai Singh, o gordo e desumano chefe supremo dos piratas que há séculos são combatidos pelo Homem-Que-Não-Pode-Morrer, e parece sentir grande prazer em cumprir suas ordens. Em seguida, a partir da tira de 13 de julho de 1936, imediatamente após o Vinte e Um haver conseguido soltar Diana Palmer (ela estava prisioneira dos

"Os Piratas do Céu, segunda aventura do Fantasma, contém todos os ingredientes que fizeram dessa *bande dessinée* (...) uma das mais populares de todos os tempos. (...)")

(...) Os Piratas do Céu em questão são belíssimas pistolarias, em roupas decotadíssimas, não raro abertas lateralmente até as costas, peritas em lançar olhares langorosos e sedutores para o herói. Piratas se desenrolam num mundo feminino, liberado *avant-la-lettre*, e as anti-heróis são as primeiras a reconhecê-lo. Ao ser obrigado a entrar num avião sob a mira de um revólver, o Espírito-Que-Anda não esquece suas maneiras e comenta:

"Na minha terra, as damas vão na frente, Baronesa!" — "Este é um mundo diferente, amigo!" — responde a nobre bandida. "Quero que esteja onde posso vigiá-lo!"

Tanto a Baronesa como a doce Sala (...) se apaixonam furiosamente pelo mascarado. Elas reclamam muito do seu (...) distanciamento emocional (...), mas caem como passarinhos. O Fantasma tira partido total desse seu poder de atração físico química. Acusado por Sala de ter beijado a Baronesa, ele responde que 'beijaria uma cascavel, se fosse o único jeito de não ser mordido'. Ele sente que a sua presença num mundo feminista (e portanto com certos acordos homossexuais...) é perturbadora, e aí mesmo que aproveita."

Alfredo Gricco

Singh), Sala muda por completo sua personalidade: deixa de ser a serviçal dócil e transforma-se numa mulher ativa que não perde de uma só oportunidade para zombar de Kabai Singh. Depois, no momento em que o Fantasma é preso pelos piratas (tira de 21 de outubro de 1936), a jovem bandida torna-se uma das principais figuras da história e, em determinado momento (tira de 23 de outubro de 1936), revela para o Vinte e Um que está apaixonada por ele. E, quase no final de *The Singh Brotherhood*, achando que sua morte está próxima (logo após matar Kabai Singh, ela foi ferida pelo estilhaço de uma bomba), Sala diz para o Vinte e Um que estava ali para espionar os Singh e que pertence aos Piratas do Céu. A seguir, desmaia e é levada para um hospital militar.

The Singh Brotherhood termina e deixa uma série de perguntas sem resposta:

Quem é, na verdade, a misteriosa Sala?

Que ou quem são os Piratas do Céu?

Sala está realmente apaixonada pelo Fantasma?

Conseguirá Sala sobreviver aos ferimentos? Que acontecerá com ela depois?

O Fantasma irá ver novamente sua amada Diana?

Essas e muitas outras perguntas são respondidas quando se lê a segunda aventura do Espírito-Que-Anda, *The Sky Band*, cujo início mostra Sala (ela recuperou-se rapidamente de seus ferimentos) fugindo do hospital onde estava internada e reunindo-se aos Piratas do Céu, uma quadrilha ainda mais perigosa do que a chefiada por Kabai Singh.

The Sky Band é, possivelmente, a mais crônica das aventuras do Fantasma. E quase todo seu erotismo fica por conta



da presença de duas mulheres atraentes, sensuais e peritas na arte da dissimulação.

Obviamente, uma dessas mulheres é Sala; e a outra, a líder dos Piratas do Céu, a Baronesa, que, por causa de sua atual profissão (mulher muito rica, ela começou a fazer pirataria sozinha, por pura diversão; depois, precisou de ajudantes e decidiu recrutar apenas mulheres para o bando), não faz permanente nem uma maquiagem há anos. E ambas sentem-se atraídas pelo mesmo homem, o Vinte e Um, que está preso no esconderijo da quadrilha (esse esconderijo é todo subterrâneo e localiza-se na Ilha das Garças, uma ilha deserta e fora das rotas normais).

A Baronesa e Sala sabem que o Espírito-Que-Anda representa um grande perigo para elas. Têm plena consciência de que, se o deixarem vivo, estarão colocando em risco os Piratas do Céu (na tira de 19 de janeiro de 1937, a Baronesa fala para o Fantasma: "Creio que você é o homem mais perigoso do mundo... para nossa causa!"). E, na tira de 28 de janeiro de 1937, é a vez de Sala falar para o herói: "Você é perigoso para os Piratas do Céu! Se o deixarmos vivo, nos destruírá!"). Mas a atração que sentem por ele é muito forte; valendo-se disso, o Homem-Que-Não-Pode-Morrer joga uma contra a outra. Então, a fim de vingar-se da rival, que a enviou para uma armadilha, Sala torna-se uma delatora e guia

um esquadrão militar até a base da quadrilha, na Ilha das Garças. O esquadrão bombardeia o local, destruindo o esconderijo das mulheres-piratas. Depois, Sala sai de cena; e os aviões dos Piratas do Céu são, um a um, abatidos pelas aeronaves militares. Em seguida, vendo que sua quadrilha foi inteiramente destruída, a Baronesa culpa o Espírito-Que-Anda por isso e dispara duas vezes contra ele. Mesmo atingido pelos tiros, o Vinte e Um permanece de pé, pois tem uma poderosíssima força de vontade. Assustada, a Baronesa pensa que o Fantasma é realmente imortal e suicida-se, ingerindo uma dose de veneno. Chega, dessa maneira, ao fim o bando dos Piratas do Céu.



Segundo o polonês Rafal Kiszyk, as *femmes fatales* "excitam e amedrontam. Aparecem nas mais antigas manifestações culturais e em todas as partes do mundo. Diabólicas, misteriosas, divas, vamps, dominadoras, cruéis. Mulheres fatais. Abraçantes e sedutoras, mas também muito perigosas. Em nome dos seus interesses pessoais, despertam nos homens desejos que os levam à perdição. Já foi escrito que a *femme fatale* é o espelho do lado mais sombrio do homem, a personificação do seu lado sexual mais destrutivo. Independentemente da época e do lugar, uma coisa as une: elas sabem como tirar proveito do sexo". E Sala é a mais perniciosa personificação da *femme fatale* em O Fantasma.



Nas histórias *The Singh e The Sky Band*, Sala é mostrada – em diversas ocasiões – usando roupas muito mais próprias de uma mulher que está participando de um jogo de sedução do que uma que está lutando por sua sobrevivência.



Sala e a Baronesa discutem por causa do Fantasma



Nas primeiras vezes em que aparece em O Fantasma, Sala trata o líder dos piratas Singh com grande respeito

No passado nosso herói também tinha olhos para seus desejos quanto a Diana





Sala

"Sala, a de nome exótico
que evoca os mistérios do Oriente,
quem é você?"

Será um gênio do mal
Que nos céus longínquos
Faz sua maldade habitar,
Pulhando aviões a voar?

Sala, criatura encantadora e divina,
Que o Fantasma ousou beijar,
Quem é você?

Será uma deusa sem altar,
Neste mundo a errar,
Tendo na triste comédia da vida
Um odioso papel a interpretar?

Sala, mulher manhosa,
Que ao Fantasma enganou,
Quem é você?

Será uma flor do lodo,
Um demônio malicioso e envolvente,
Num corpo de curvas indolentes
A exalar perfume de almíscar?

Sala, jovem ambiciosa,
Que o Fantasma tentou conquistar,
Quem é você?

Será mais uma alma atormentada
- Das que há tantas no mundo -
Pelos seus demônios interiores
E pelo desejo de buscar o impossível?

Sala, pobre garota,
Que pelo Fantasma se encanou,
Quem é você?

Será uma sonhadora
Que não quer compreender
Que o coração daquele a quem ama
Já pertence a outra mulher?"

Rubens Francisco Lucchetti

"Sala. Quando se pronuncia seu nome, os lábios emitem um silvo e a língua encosta docemente no palato.
Sala... Evocação de indolentes noites javanesas, aromas voluptuosos, prazeres refinados que só um homem (e mascarado) não quer ou não ousa desfrutar
Sala... Beleza cruel para ser apreciada aos poucos, como se fosse uma bebida de gosto um tanto amargo.
Sala... Prazer e transgressão, efêvios inebriantes, volúpia escondida.
Sala... Uma soberba e fascinante figura do mais puro e genuíno erotismo.
Sala... Apenas duas tiras verticais de pano cobrem seus víçosos seios, que são do tamanho ideal para serem acariciados ternamente; e, ao fazer um gesto mais brusco, as laterais de seu vestido se abrem, deixando entrever que não usa calcinha.
Sala... Fronte oculta pela escura franja, traços indo-europeus, desprezo e frieza no olhar.
Sala... Uma mistura de animal selvagem e odalíscia."

Fransois Vidos

(tradução e adaptação de Marco Aurélio Lucchetti)

Durante cerca de quatro anos, os leitores de *O Fantasma* pensaram que os Piratas do Céu estavam definitivamente liquidados. Então, no primeiro domingo de março de 1941, os jornais norte-americanos começaram a publicar a história *The Return of the Sky Band*, na qual a armadilha de mulheres-piratas retorna às atividades, chefiada dessa vez por Sala.

Em *The Return of the Sky Band*, a exemplo do que ocorre em *The Sky Band*, duas mulheres dos Piratas do Céu - Sala e sua principal auxiliar, a loura Margo - apaixonam-se pelo Fantasma (no caso de Sala, ela já era há muito tempo apaixonada por ele). E, no final da história, o Espírito-Que-Anda derrotado novamente o bando de mulheres piratas; mas ajuda Sala a fugir do navio que a está levando para a prisão.



"Não há ninguém que se diga fã de quadrinhos que não conheça a segunda aventura em tiras diárias do Espírito-Que-Anda, a célebre *Os Piratas do Céu*, que termina com o suicídio da Baronesa, líder das mulheres-piratas, e a prisão de Sala, a segunda no comando da quadrilha.

Mas o que muitos desconhecem e poucos se lembram é que Sala reapareceu anos mais tarde, desta feita chefiando uma nova equipe de assaltantes aéreas. Assum, teve início outra sensacional aventura do Fantasma: *A Volta dos Piratas do Céu* (*The Return of the Sky Band!*, no original), cuja estréia no Brasil se deu numa sexta-feira, 9 de maio de 1941, no número 321 do Gibi. A história continuou sendo publicada por mais 51 sextas-feiras, até o número 474, de 1º de maio de 1942.

As páginas dominicais do Fantasma estrearam nos jornais dos Estados Unidos em maio de 1939 Ray Moore entrava na fase da simplificação do desenho (seus desenhos perdiam, então, o estilo riscado e rico na atmosfera noir). Ao que tudo indica, Wilson McCoy se tornou seu assistente nessa época; e talvez a melhor forma encontrada de conciliar as funções de cada um na folha de arte deve ter sido essa economia de traços, que criava um visual mais lavado, porém, mais agradável.

Em *The Return of the Sky Band!*, da mesma maneira que aconteceu em *Os Piratas do Céu*, a cabeça do bando (Sala) e sua principal subordinada (Margo) disputam o amor do herói, que, felizmente, consegue manter-se mais uma vez fiel a Diana.

Repleto de lances dramáticos e suspense, o enredo de *The Return of the Sky Band!* é um dos maiores exemplos de erotismo nos quadrinhos.

Fabio Santoro



Nos anos 1930 o Fantasma, além dos criminosos enfrentava e castigava mulheres malvadas

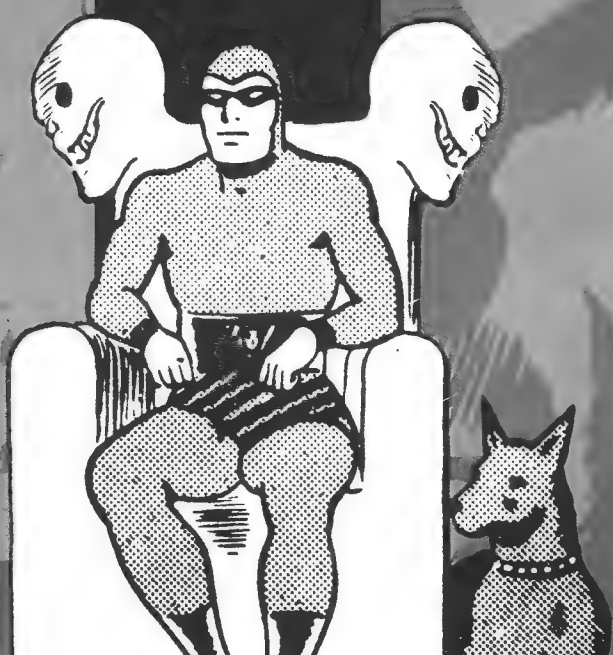
O Espírito-Que-Anda foi um dos poucos personagens dos quadrinhos a praticar a arte da palmada



CAPÍTULO

6

O UNIVERSO DO FANTASMA





Quando começaram a ser publicadas em 1936, as aventuras do Fantasma tinham como cenário Bengala (Bengal, no original), uma região da Índia que, na época, estava sob o domínio da Inglaterra. Com o passar do tempo, Bengala transformou-se numa região mítica, uma mistura de país asiático e país africano. E, por fim, muitos anos mais tarde, teve seu nome trocado para Bangalla (Bangala, no Brasil) e tornou-se uma nação da África, fazendo fronteira com Ivory-Lana, cuja capital é Tuskula.

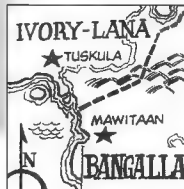
O PAÍS DO FANTASMA

Bangalla passou a fazer parte da comunidade dos países democráticos da década de 1960, quando foi eleito seu primeiro presidente: o dr. Lamanda Luaga, formado em Medicina, ex-chefe de uma equipe médica da ONU (Diana fazia parte dessa equipe médica), campeão de judô e campeão olímpico de boxe (categoria peso-médio).

Inteligente e progressista, o dr. Luaga modernizou parte de Bangalla: as cidades litorâneas – dentre essas cidades destacam-se Morriston e a capital, Mawitaan – possuem todo o conforto e luxo das metrópoles do Primeiro Mundo. Quanto ao interior do país, a selva, é uma região habitada por todo tipo de animais, e por tribos indígenas conservam costumes e tradições seculares.



- 1-Mawitaan
- 2-A Casa de Árvore
- 3-A Floresta Negra e a Caverna da Caverna
- 4-A Casa de Jade
- 5-A Praia Dourada de Keela-Wee
- 6-As Montanhas da Nebulina
- 7-O Bosque Sussurante
- 8-A Cabeça do Fantasma
- 9-A Ilha do Eden



A Cidade Bangalla (antiga Saloi) atrai um grande número de turistas, principalmente no Dia do Pirata



O BOSQUE SUSSURRANTE

Ele possui esse nome porque o vento que sopra constantemente por entre as árvores provoca um som peculiar, dando a impressão de que sussurra a palavra "Fan-tas-ma, Fan-tas-ma".

Os habitantes da selva evitam esse lugar porque o sussurro misterioso do vento esfuziando através das árvores provoca-lhes muito medo e corre o boato de que o bosque é assombrado.

A pouca distância dali estão o oceano, a Ilha do Éden e, numa enseada escondida, a Praia Dourada de Keela Wee.



Capeto já salvou diversas vezes a vida do Fantasma



O Bosque Sussurrante também tem o nome do Bosque do Fantasma

CAPETO

Muitas pessoas, incluindo a mãe de Diana, pensam que Capeto (Devil, no original) é um cão; mas, na verdade, ele é um lobo. Um prodigioso lobo que possui inteligência quase humana (talvez seja por isso que alguns nativos acham que ele não é um animal).

Conhecedor profundo da Floresta Negra, Capeto é conhecido e estimado por todos os habitantes da selva e obedece apenas a seu dono, o Fantasma.



A CABEÇA DO FANTASMA

É uma montanha. E tem esse nome porque sua forma lembra o rosto do Fantasma.

Nas suas proximidades, vivem três tribos:

a dos Wambesis (são os mais altos), que se dedicam a lavar a terra; a dos Llongos (são os mais bonitos e favorecidos pela sorte),

que se ocupam em pastorear o gado; e a dos Oogaans (são os mais baixos e os mais críativos), que consideram o Bosque Sussurrante sagrado (é lá que reverenciam seus mortos e realizam casamentos. E, para eles, é sacrilégio cortar as árvores, cuja madeira é dourada e dura como diamante).



No interior da Caverna da Caveira, existem muitos aposentos; e cada um tem uma denominação.

Um desses aposentos, denominado a Sala das Crônicas, contém um grande número de grossos volumes encadernados e cuidadosamente dispostos em prateleiras. São os livros das Crônicas do Fantasma, nos quais estão registrados todos os fatos que aconteceram com os Fantasmas, desde que o 1º Espírito-Que-Anda escreveu as seguintes palavras na primeira página do primeiro volume das Crônicas: "17 de fevereiro de 1536. Hoje fiz um juramento sobre a caveira do assassino do meu pai."

Consultados esporadicamente pelo Vinte e Um, os livros das Crônicas do Fantasma respondem muitas perguntas, pois, entre outras coisas, contam: como o 3º Fantasma participou da primeira representação da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare; como a Patrulha da Selva foi fundada; como o 6º Fantasma conheceu Natala, a linda rainha de Navarra (a jovem estava prisioneira do pirata Barba Rubra) e, depois, casou-se com ela; como o quarto filho do 8º se tornou o 9º Fantasma e desposou a princesa mongol Vhatta; como o Fantasma Treze salvou a vida de sua futura esposa, Jeanette, a irmã de Jean Lafitte, o rei dos piratas; como o Fantasma Dezesesseis viajou para os Estados Unidos, conheceu aquele que se tornaria, alguns anos mais tarde, o famoso escritor Mark Twain e casou duas vezes (a primeira vez foi numa cidade do Texas; a segunda, na Floresta Negra) com a jovem Annie Morgan; e porque Julie Walker, a filha do Dezesesseis, assumiu, durante algum tempo, a identidade do Espírito-Que-Anda.

Um longo corredor na Caverna da Caveira leva até a Crip-ta, onde estão guardados em ataúdes de metal os restos mortais de vinte Fantasmas.

Numa outra câmara, mais abaixo, estão enterradas as mulheres dos Fantasmas — ali estão, por exemplo, os corpos de: Christina (ela era filha de um viking, Eric), que foi casada com o 1º; a neta de Cristóvão Colombo, Marabella, mulher do 2º; Janie Cary, que se casou com o Dezenove; e Maude, esposa do 20º e mãe do Vinte e Um.

Próximos dali, estão os uniformes dos vinte Fantasmas e a roupa usada por Julie Walker, irmã gêmea do Dezesete.

OS ARQUIVOS DO FANTASMA... QUATRO SÉCULOS DE HISTÓRIA!



SERÁ DIVERTIDO SAIR POR AÍ A CAVALO, FINGINDO QUE SOU A MULHER FANTASMA. ACHO QUE JÚLIA NÃO SE INCOMODARÁ QUE EU USE A ROUPA DELA.



Na história *Diana and the Bank Robbers*, Diana encontra o traje usado por Julie e veste-o

Duas outras salas abrigam o lendário Tesouro do Fantasma.

Uma delas, a Sala dos Tesouros Menores, está cheia de arca e baús — alguns abertos, outros fechados — com diamantes, esmeraldas, rubis, safiras, pérolas, ouro. Um fabuloso tesouro que foi reunido através dos séculos e que é usado pelo Espírito-Que-Anda para financiar sua incansável luta contra o crime.

A outra, a Sala dos Grandes Tesouros, abriga alguns dos tesouros perdidos da Antiguidade: a áspide que picou Cleópatra; a taça de diamantes de Alexandre, o Grande; Excalibur, a espada do rei Arthur; Durandal, a espada que pertenceu a Rolando; a coroa de louros de Júlio César; a lira do poeta grego Homero; e a coroa de Carlos Magno, entre outras coisas, que, nas palavras do 20º, chegaram até ali "através dos séculos, entregues por muitas pessoas, para

serem guardadas".

Há também na Caverna da Caveira um aposento em que está instalada uma moderna aparelhagem de rádio (os pigeus chamam essa aparelhagem de a "Caixa Mágica"), por intermédio da qual o Fantasma fica informado do que está acontecendo no mundo exterior.

Existe ainda na Caverna da Caveira uma sala cuja porta

está sempre trancada por um grande cadeado. Por tradição, somente os Fantasmas podem entrar nesse aposento; mas, um dia, Vinte e Um abriu uma exceção e permitiu a entrada de Diana e Rex. Depois, explicou-lhes que ali estão enterrados alguns homens (Jean Lafitte é um deles) que todos consideram desaparecidos.





O CASTELO DA BRUXA HANTA

No pequeno país de Koquania, na Europa, estão as ruínas do castelo da bruxa Hanta, na verdade, Heloise, a esposa do 8º Fantasma. Tendo a reputação de ser assombrado por espíritos e vampiros, o castelo serve de base de operação para as aventuras do Fantasma na Europa.

O CORREIO DA SELVA

O Fantasma costuma receber cartas e telegramas, que são enviadas para a capital de Bangala, para a caixa postal 7, em nome do sr. Walker. Após chegarem à caixa postal 7 e até serem entregues ao Fantasma, essas cartas e telegramas percorrem um longo caminho e passam por várias mãos (inclusive as do macaco Chii-Chii).



O Fantasma chegando no castelo de Hanta



O macaco Chii-Chii era o principal mensageiro do Fantasma, no início. Foi substituído por um pombo correio e depois por um falção

OS DOIS ANÉIS DO FANTASMA

Um desses anéis, usado na mão direita, deixa gravado – para sempre – no rosto dos marginais que tiveram a infelicidade de cruzar o caminho do Espírito-Que-Anda uma caveira, a Marca do Fantasma, conhecida e temida por todos os delinquentes, estejam eles na selva, nas grandes cidades ou em alto-mar.

O outro anel, usado na mão esquerda (a mão mais próxima do coração) deixa gravado – também para sempre – no pulso direito dos poucos felizardos que tiveram a sorte de salvar algum Fantasma, um estranho sinal, que se parece com dois sabres cruzados ou a letra "P" em forma de cruz. Conhecido como a Boa Marca do Fantasma, esse sinal indica que aquele que a possui e toda a sua família (inclusive seus descendentes) estão sob a proteção do Homem-Que-Nunca-Morre.



A MARCA DA CAVEIRA ATRAVÉS DOS ANOS



A BOA MARCA DO FANTASMA ATRAVÉS DOS ANOS



*Também conhecida como a "marca do bem"



OS GÊMEOS

Tão importante quanto o casamento do Fantasma foi o nascimento de seus filhos, um casal de gêmeos, cuja história está contada a seguir:

Após um ano de casada, Diana descobriu que estava grávida; e, quando comunicou a notícia ao marido, o Fantasma disse:

— Estou ansioso para contar a ele sobre as nossas tradições e segredos da Caverna da Caveira. Ensiná-lo a viver na selva. . como o meu pai me ensinou!

O parto poderia ter sido feito em algum bom hospital dos Estados Unidos, com todos os recursos da medicina moderna; porém, Diana preferiu dar à luz na Caverna da Caveira, onde nasceram os filhos dos vinte fantasmas anteriores.

A futura mamãe passou boa parte do período de gestação na Floresta Negra e aproveitou seu tempo livre para conhecer o lar secular do Espírito-Que-Anda, aprender a linguagem dos Bandar e ouvir o Velho Mozz contar algumas de suas histórias. E deu à luz na Cripta, sob os cuidados do dr. Axel (o mesmo que cuidou do parto do Vinte e Um), a srta., Tagarna e algumas pigméias



E o Vinte e Um já tem herdeiros

O primeiro a nascer foi o menino, que, como todo filho de um Fantasma, recebeu o nome de Kit. Alguns minutos depois, nasceu a menina, à qual a mãe deu o mesmo nome da mulher do 8º, Heloise.

O tempo passou, e Kit e Heloise cresceram. E, atualmente, moram com a mãe na Casa da Árvore, onde tem duas babás, Totu e Gogu, e são protegidos por Toton e Gogon, dois guerreiros da tribo dos Bandar

Agora, resta uma pergunta: quem irá suceder o Vinte e Um? Kit ou Heloise? Sabe-se que todos os Fantasmas foram homens; no entanto, no mundo das histórias em quadrinhos tudo é possível.



A ILHA DO ÉDEN

Possuindo um espesso arvoredo e uma praia de areia limpíssima, essa reserva natural do Fantasma fica a um dia de viagem da Caverna da Caveira. É delimitada, num dos lados, pela selva, da qual se acha separada por um rio infestado de piranhas. E, no outro lado, está protegida do oceano cheio de tubarões por língües recifes de coral, que formam lagunas onde vivem grandes peixes.

Na Ilha do Éden, zebras, girafas, coelhos, antílopes, tartarugas, entre outros animais, convivem com grandes felinos (dentre esses felinos destacam-se o leão Felpudo e o tigre Malhado) que foram ensinados quando eram bem pequenos pelo Fantasma a detestar sangue quente e a alimentar-se dos peixes que pegam nas lagunas.

Na Ilha do Éden, vivem também: os golfinhos gêmeos Salomão, o sábio, e Nefertiti, a bela, que alguns homens da tribo dos Moris encontraram encalhados num banco de areia; Estego, um estegossauro, um animal extinto há milhões de anos; Careca, o gorila que o Fantasma salvou de morrer afogado (na época, careca era filhote e teve de ser alimentado pelo Espírito-Que-Anda, que se tornou uma espécie de mãe para ele) num rio de forte correnteza; e Hzz, Hrz e seu filho, possivelmente os últimos sobreviventes da era das cavernas.

A Ilha do Éden, que o Fantasma visita de tempos em tempos com sua família, é um pequeno mundo de paz e compreensão, um lugar onde o ser humano pode entrar em contato com aquilo que a Natureza tem de mais importante: a harmonia.



O Fantasma e Diana na Ilha do Eden durante a Lua-de-Mel

Além de Capeto e todos os bichos da Ilha do Éden, o Fantasma possui ainda os seguintes animais: Herói, o grande garanhão branco, o cavalo mais rápido da Terra; o falcão Fraka, que é utilizado para enviar mensagens urgentes; a leoa Katina (ela foi encontrada e adotada por Rex quando era filhote); e o elefante Jumbo, que não esquece que foi Vinte e Um quem curou sua perna quebrada.

Certa vez, o Fantasma salvou o príncipe do povo pequenino (de tamanho minúsculo, o povo pequenino mora numa caverna profunda, do outro lado do rio de fogo, um rio de lava, que nenhum homem ou animal ousa atravessar, a menos que saiba o caminho) de ser comido por um lince. Em retribuição, ele recebeu de presente Fraka.





LILY PALMER

É a mãe de Diana. Ela nunca aprovou o namoro da filha com o Fantasma, um mascarado que costuma dormir no chão (as camas são muito macias pra ele), que não tem o costume de usar as portas das casas para entrar e sair (prefere as janelas), que está sempre acompanhado por um lobo e tem como ofício combater criminosos. Portanto, foi um grande choque e uma grande decepção para essa senhora já de certa idade quando soube que Diana iria casar-se com o Fantasma.



Mesa Walker nos EUA

A MESA WALKER

Descoberta por Christopher Standish e o índio Caribo – os dois pensavam que era uma cidade de ouro, já que, ao crepúsculo, vista de longe, ela adquire um tom dourado – por volta de 1497. A Mesa Walker é um platô e está localizada no meio do deserto do sudoeste dos Estados Unidos, num lugar que os índios chamam de Planície do Andarilho (supostamente assombrada, o local tem esse nome por causa do Espírito-Que-Anda).

Também conhecida como o Ninho, a Mesa Walker foi reclamada pelo 2º Fantasma e tem sido, desde então, o refúgio e o quartel-general para as operações dos Fantasmas no Novo Mundo.

AS MONTANHAS DA NEBLINA

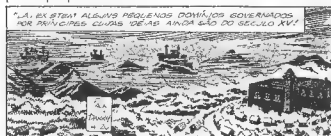
Também conhecidas como Montanhas Nebulosas ou Montanhas Nevoentas (Misty Mountains, no original), elas estão situadas a leste da Floresta Negra e são o reduto de pequenos principados (o maior e o mais rico deles é Baronkhan) governados por homens cujas ideias são do século XV. Explicando melhor: os governantes desses principados vivem como senhores absolutos em seus domínios, tendo o destino de seus súditos em suas mãos.

Mas apesar de seu apego a costumes feudais, os príncipes das Montanhas da Neblina possuem o que há de mais moderno para seu conforto e normalmente se casam dentro de sua própria casta – só esporadicamente vão buscar suas esposas no “desagradável mundo exterior”. E alguns deles têm o hábito de colecionar; porém, não colecionam o que costuma ser colecionado por outras pessoas (cartões postais, selos, obras de arte, livros, revistas de histórias em quadrinhos etc.) Colecionam animais exóticos ou esposas.

Há um local nas Montanhas da Neblina que os nativos têm medo de ir, pois dizem ser habitado por almas do outro mundo. Esse local é o Pico dos Feticheiros, onde todos os anos os feticheiros reúnem-se para celebrar seus rituais secretos.

Entretanto, nas Montanhas da Neblina existe um lugar que é evitado até mesmo pelos feticheiros: o monte onde outrora erguia-se o castelo da feiticeira Gila-Gila.

Segundo o Velho Mozz, Gila-Gila era “a mais poderosa e temível de todas as feiticeiras”, podia transformar os homens em bichos e possuía um espelho mágico no qual podia ver qualquer parte e qualquer coisa da Terra.



Também de acordo com o velho Mozz, a feiticeira Gila-Gila, depois de viver sozinha por mais de mil anos, queria encontrar um marido, o homem mais perfeito em todos os sentidos. E seu espelho mágico mostrou-lhe esse homem: Fantasma (ao que tudo indica, esse Fantasma era o Vinte e Um). Então, Gila-Gila fez de tudo para atrair o Espírito-Que-Anda até seu castelo: mandou-lhe jóias e presentes valiosíssimos e ofereceu-lhe algumas das mulheres mais bonitas já vistas pelos olhos de um mortal (na verdade, não passavam de espíritos malignos). Ele não aceitou nada do que ela lhe ofereceu e só foi até o castelo para pedir-lhe que desmanchasse o feitiço que havia lançado sobre os filhos mais velhos de todos os chefes de tribos da selva. A fim de satisfazê-lo, a feiticeira atendeu ao pedido e, quando o Fantasma fez menção de ir embora, tentou seduzi-lo. Como essas tentativas foram infrutíferas (o Fantasma não se deixou enganar pelos truques da bruxa), Gila-Gila invocou diversos malignos e ordenou-lhes que matassem o Homem-Que Não Pode Morrer. Seguiu-se uma luta feroz; e, após enfrentar destemidamente os espíritos maus, o Fantasma conseguiu sair do castelo. Inconformada, a feiticeira chamou-o diversas vezes. De repente, ouviu-se um forte trovão; e o castelo desapareceu por completo, parecendo ter sido tragado pela terra.

E conta o Velho Mozz que “uma noite por ano o castelo costuma aparecer, e a feiticeira continua a chamar o Fantasma”.



A feiticeira Gila-Gila queria dominar o Fantasma

AS OLIMPIADAS DA SELVA

Instituídas pelo Fantasma para trazer paz entre as diversas tribos da selva, elas se realizam de quatro em quatro anos e são assistidas por milhares de pessoas.

Cada tribo participante paga uma taxa de inscrição, uma cuja de coco cheia de jóias preciosas; e a tribo vitoriosa ficará com as jóias e guardará – até a olimpíada seguinte – o fabuloso troféu do Fantasma, uma taça feita inteiramente de ouro e na qual está gravada a Boa Marca do Espírito-Que-Anda.

Como os atletas que participam das Olimpíadas da Selva estão entre os melhores guerreiros de cada tribo, esportes comuns são muito fáceis para eles. Por isso, foram criadas novas provas, mais difíceis e muito mais perigosas: luta em cima de um ninho de serpentes, caça ao crocodilo, salto de vara sobre chamas, salto sobre um fosso repleto de crocodilos famintos, corrida em cima de um tronco escorregadio e colocado sobre uma ravina profunda, salto sobre lanças afiadas.



OS PIGMEUS BANDAR

Temidos e evitados por causa de suas flechas envenenadas (elas os tornaram conhecidos como “os pigmeus envenenadores”), esses habitantes da Floresta Negra são o único povo das selvas de Bangalla que sabe que o Fantasma não é imortal. Como outros povos da selva, os pigmeus Bandar têm seus rituais secretos. O atual chefe dos Bandar é Guran, o melhor amigo do Vinte e Um.



O jovem Fantasma Vinte e Um

O POVO DA CORDA

É uma tribo muito interessante.

Sua aldeia tem uma única diferença em relação às de outros nativos (Llongos, Moris, Wambesis etc.): está inteiramente construída sobre plataformas suspensas por pesadas cordas presas nos galhos de árvores altíssimas. As plataformas são ligadas entre si por cordas, e as pessoas andam sobre elas sem receio. Se porventura acontece de alguém cair, embaixo há cordas para o aparairem. Quando querem alcançar o solo, usam cordas – com roldanas nas pontas – que partem do alto das árvores e chegam até o chão.



Os construtores da Casa da Árvore: homens do Povo da Corda



Filho do ex-chefe dos Bandar, Guran é aproximadamente dez anos mais velho do que o Vinte e Um



A PATRULHA DA SELVA

A selva onde está a Caverna da Caveira tem centenas de quilômetros, estendendo-se por várias nações (antigamente, eram dois reinos). É uma verdadeira terra de ninguém, que se acha apenas sob a autoridade de uma das mais velhas e estranhas instituições da Terra: a Patrulha da Selva.

Tendo como lema "Nós lutamos contra o Mal", a Patrulha da Selva foi fundada pelo 6º Fantasma; e a história de sua fundação, que está narrada num dos grossos volumes das Crônicas dos Fantasmas, pode ser assim resumida:

Em 1664, quando a pirataria infestava os sete mares, havia redutos de piratas no norte da África, nas Antilhas, e no Oriente. Na costa de Bangalla, existia, então, uma cidade sem lei, Sanloi, governada pelo temível e gigantesco Barba Rubra (Redbeard, no original), o rei dos piratas.

Cansado daquela situação, o 6º Fantasma, um homem muito mais de ação do que palavras, foi até Sanloi e desafiou Barba Rubra para uma luta.

Porém, antes de lutar com Barba Rubra, o Espírito-Que-Anda teve de enfrentar alguns dos melhores homens do chefe dos piratas: Big Bart, cuja arma favorita era o machado; o espadachim Salla; e o gordocho Demolidor (Crusher, no original), que esmagava cabeças de homens como se fossem ovos. Enfrentou-os sem maiores dificuldades. A seguir, sob o olhar de quase todos os habitantes de Sanloi, lutou com Barba Rubra e venceu-o também.

Depois, o Fantasma nomeou Barba Rubra, Big Bart, Salla e Demolidor seus auxiliares diretos e, arrematando outros cem piratas, formou a primeira Patrulha da Selva, que passou a policiar a fronteira de doze reinos (eram os reis desses doze reinos que custeavam as despesas da Patrulha).

A primeira sede da Patrulha da Selva foi um castelo abandonado; e sua primeira missão, desmantelar uma quadrilha de saqueadores.

Hoje, a Patrulha da Selva é uma organização de elite. Os candidatos a patrulheiro chegam de todas as partes do mundo e, antes de serem aceitos, têm de passar por rigorosos testes de força, inteligência e bravura, já que devem estar capacitados a enfrentar desde uma fera selvagem a um criminoso perigoso. E os patrulheiros são chefiados pelo coronel Worobu (durante muitos anos, eles foram chefiados pelo coronel Weeks), que recebe ordens do Comandante, isto é, o Fantasma.

Vale destacar que ninguém — ninguém mesmo, incluindo o coronel Weeks e o coronel Worobu — viu, até hoje, o Comandante, que se comunica com o chefe da Patrulha da Selva por meio de mensagens deixadas dentro de um cofre. E o que causa mais espanto nos patrulheiros é que não se sabe como as mensagens vão parar dentro do cofre.



O Sexto Fantasma e seus principais colaboradores — Salla, Demolidor, Big Bart e Barba Rubra — durante a reunião de fundação da Patrulha da Selva



O antigo chefe da Patrulha da Selva: coronel Weeks

Além das mensagens deixadas dentro do cofre, o Fantasma tem outro meio de entrar em contato com o coronel Worobu: a moderna aparelhagem de rádio instalada na Caverna da Caveira, utilizando uma frequência especial, a taxa X



SARGENTO, DÊ-ME ESTA FREQUÊNCIA.

É IM, CORONEL.



PERTO DO RÁDIO NÃO HÁ UM VELHO POÇO



O CORONEL WOROBU DEPOSITA AS INFORMAÇÕES RES- PONDENTES AOS CANDIDATOS NO COFRE PERIGO.



ILUX PARRY 3/7



ESTÁ A FA- LA- R COM O CHEFE. SE PU- DESSÉMS OUTRE.



SOM DO POÇO, EXISTE UM COR- REDOR SUBTERRÂNEO.



ARRIBANDO UM FUNDO FIN- LIXO O FANTASMA RECUPERA OS DOCUMENTOS



IO FANTASMA AGUARDA...



QUE CONDIZ SURTAMENTE AO BARULHO SEMPRE RE- VIVIDO DO SIGNIFICANTE DES- CONHECIDO



UMA ESTE ESTÁ BEM ESTE, IDEIA TODOS PARECEM EM ORDEM MAS ESTE APELI- DO JÚLIO



A PRAIA DOURADA DE KEELA-WE E A CASA DE JADE

Na segunda metade do século XVII, o imperador Joonkar era um dos maiores governantes do mundo e dirigia grande parte de um continente. Homem corajoso, ele gostava muito de caçar. E, certa vez, quando caçava acompanhado apenas de um carregador de lanças, foi salvo pelo 7º Fantasma de ser morto por um feroz tigre. Homem orgulhoso, Joonkar não gostou nada de ser salvo por aquele misterioso mascarado – talvez achasse que poderia ter matado sozinho o tigre – e desafiou-o para uma luta.

Após a luta, o imperador descobriu que seu adversário era o célebre Fantasma, o Espírito-Que-Anda. Então, convidou-o para conhecer um de seus luxuosos palácios, onde havia um grande número de mulheres bonitas e obras de arte (quadros de Leonardo da Vinci, Rembrandt etc.) trazidas de todas as partes do mundo. A seguir, levou-o a conhecer a Praia Dourada de Keela-Wee, que pertencia à sua família há séculos e onde mandara construir a Casa de Jade, um presente para sua futura esposa, a bela Shebah, a rainha de Tigra.

Depois, já de volta à sua palácio, Joonkar foi informado de que sua noiva fora raptada por piratas, que exigiam como resgate ouro e jóias em quantidade suficientes para encher uma sala.

Como seus ancestrais e seus descendentes, o 7º Fantasma jurava devotar sua "vida à destruição da pirataria, da crueldade e da injustiça" e salvou a jovem e linda rainha das mãos dos piratas.

Logo em seguida a esses acontecimentos, Joonkar casou com Shebah; e o Fantasma foi o padrinho de casamento. Um ano se passou. E veio a tragédia: Shebah morreu, deixando o marido desconsolado. Então, o Fantasma casou com uma mulher muito bonita. E, no meio da cerimônia, apareceu um visitante inesperado, Joonkar, dizendo que gostaria de ser o padrinho de casamento.

Terminada a cerimônia, o imperador doou para o Fantasma e seus descendentes a Casa de Jade e a Praia Dourada de Keela-Wee. Desde então, a aprazível Praia Dourada de Keela-Wee, um verdadeiro Éden terrestre, é o local em que todos os Fantasmas têm passado suas luas-de-mel; e a fabulosa Casa de Jade, considerada por muitos a mais bela casa do mundo, é onde cada Fantasma e sua respectiva esposa passam a noite de núpcias.

"ERA FORTE E GOSTAVA MUITO DE LUTAR..."



"CAÇADOR INTÉPIDO, PERSEGUIA AS FERAS ARMADO APENAS COM ARCO E FLECHAS..."



O imperador Joonkar doou para o Fantasma e seus descendentes a Casa de Jade e a Praia Dourada de Keela-Wee

Segundo a tradição de seus antepassados, o Fantasma atual passou a lua-de-mel na Praia Dourada de Keela-Wee e teve sua noite de núpcias – com Diana Palmer – na Casa de Jade, que tem esse nome por ser inteiramente de jade





REX

É o filho adotivo do Fantasma, e esta é sua história:

Certo dia, dois moris, que estavam no mar pescando peixes para os felinos da Ilha do Eden, viram uma balsa flutuando. Aproximaram-se e encontraram dentro dela um bebê, um lindo menino de cabelos louros. Pegaram-no e levaram-no para sua aldeia. O bebê ficou ali durante alguns dias e, então, foi deixado numa cesta à porta da casa do reverendo Waters, um missionário idoso. Ele e sua esposa não tinham filhos e ficaram encantados com a criança desde o primeiro instante em que lhe puseram os olhos; porém, cerca de um mês mais tarde, caíram doentes, vítimas de uma peste e morreram. No dia seguinte aos de suas mortes, o Fantasma e alguns nativos caçavam um leopardo. Atraído pelo cheiro de carne, o animal aproximou-se da casa do missionário e já estava prestes a devorar o corpo do homem morto, quando o Fantasma e seu grupo chegaram. Sem ter outra alternativa, o Espírito-Que-Anda matou o leopardo e entrou na casa. Imediatamente, compreendeu o que tinha acontecido e achou o bebê, que por verdadeiro milagre não pegara a doença, e o diário no qual o velho missionário registrara toda sua história. Após enterar os cadáveres, o Fantasma regressou à Caverna da Caveira, levando a criança. Ao verem-no chegar com ela nos braços, diversos Bandar aproximaram-se sorridentes, pensando que era um herdeiro, aquele que no futuro seria O Fantasma Vinte e Dois. O herói logo explicou que o bebê não era seu filho. A seguir, reparou que a criança usava um colar com um diamante e batizou-a com o nome de Rex King. Depois, escreveu um bilhete ao coronel Weeks, ordenando que a Patrulha da Selva tentasse descobrir quem era o menino deixado à porta da casa do reverendo Waters. O coronel Weeks fez o que lhe fora ordenado; no entanto, nada descobriu. Enquanto isso, o Fantasma enviou fotos do colar para todos os joalheiros do mundo, esperando que quem o fizera, dissesse o nome do comprador. Também não conseguiu descobrir nada, pois a jóia era antiga, tinha aproximadamente cinco séculos de existência.

Passaram-se os anos. Rex cresceu e teve uma infância muito feliz: com os Bandar, aprendeu a atirar flechas e a preparar armadilhas; participou de caçadas com o Fantasma; divertiu-se com Herói, Capeto e Fraka; tornou-se amigo inseparável do filho do chefe dos Longos, Tommy Tomgano (Rex abreviou o nome dele para Tom-Tom); e ouviu diversas histórias do Velho Mozz. No entanto, o Fantasma não descuidou de sua educação formal; e Rex, a exemplo de outras crianças nativas (Tom-Tom é uma delas), frequentou as aulas na escola da selva, tendo como professora a srta. Tagama.

Maís alguns anos se passaram; e, quando Rex já estava com doze anos de idade e morava com Diana e os gêmeos na Casa da Árvore, o Fantasma descobriu que ele nascera em Baronkhan, um dos pequenos principados das Montanhas de Neblina. Descobriu, também, que sua mãe, cujo nome era Lisandra, morrera ao dar à luz.

Sem perder tempo, o Espírito-Que-Anda partiu para Baronkhan e, após muito investigar, ouviu de Tassia, uma empregada do palácio real, a seguinte história:

— Lisandra era filha única. Quando nasceu, o pai já era velho. Ela era a menina dos seus olhos. Tinha tudo o que queria: jóias, peles, carros... Frequentou a escola na Europa, apaixonou-se por um estudante e casou-se com ele. O pai ficou furioso. Quis anular o casamento; mas já era tarde, pois ela estava grávida. Para ajeitar as coisas, tiveram outra cerimônia, aqui. Infelizmente Lisandra morreu no parto. Desesperado, o velho pai rejeitou o neto. Quanto ao marido de Lisandra... No dia seguinte ao da morte dela, ele foi encontrado morto...

Em seguida, o Fantasma ficou sabendo que Lisandra era filha do velho príncipe de Baronkhan. Depois, apresentou-se diante do príncipe, que vivia fechado em seu quarto, e mostrou-lhe uma foto de Rex. Emocionado, o monarca pediu para o Espírito-Que-Anda trazê-lo até ele. O Fantasma atendeu ao pedido e levou o menino até Baronkhan. Então, o príncipe assinou alguns documentos que tornaram Rex seu herdeiro legítimo e sucessor do trono. Algum tempo depois, o idoso regente morreu; e Rex tornou-se o novo príncipe de Baronkhan.

O garoto Rex, uma das poucas pessoas que sabe da existência do povo pequenino



O VELHO MOZZ

Por não possuírem uma escrita, as tribos da selva de Bangalla não têm nenhum relato escrito. Portanto, a exemplo dos povos primitivos, suas histórias e tradições são transmitidas de geração em geração por via oral, graças aos chamados Contadores de Histórias. Eles são, a um só tempo, os livros, as bibliotecas e os registros da tribo.

Há muitos Contadores de Histórias, mas o mais idoso e o que mais sabe é o Velho Mozz. Em sua mente há milhares de contos organizados sistematicamente e, sempre que pede ou é solicitado, conta um deles.

Ninguém sabe quantos anos o Velho Mozz tem, e ele próprio desconhece sua idade



Rex e Tom-Tom escutam o Velho Mozz contar uma de suas histórias, sob o olhar reprovador da srta. Tagama



A IMORTALIDADE DO FANTASMA

Há séculos, espalhou-se a crença de que o Fantasma, o Espírito-Que-Anda, é o Homem-Que-Não-Pode-Morrer. Isso aconteceu porque, nestes últimos 450 anos, sempre houve um Fantasma, que combate incansavelmente o crime e os criminosos. Muitas vezes, acreditava-se que ele estava morto, devido a ter sido ferido gravemente durante uma luta; e, alguns meses depois, reaparecia, jovem e vigoroso como antes. O que ninguém suspeitava era que aquele Fantasma morrera e seu filho assumira em seu lugar.

A LENDA DA MÁSCARA

O Fantasma anda sempre escondido debaixo de uma máscara; e ninguém, com exceção de sua esposa e filhos, pode ver-lhe o rosto descoberto. Em consequência disso, criou-se uma lenda: "Aquele que olhar para o rosto descoberto do Espírito-Que-Anda terá uma morte horrível." O Fantasma nada faz para desmentir essa lenda, pois ela ajuda a aumentar o mistério em torno dele e incute ainda mais medo em seus adversários.



A maioria das pessoas acredita que o Fantasma é imortal

O NOME KIT WALKER

Todo Fantasma chama-se, na verdade, Kit Walker. Kit é um diminutivo de Chris, que, por sua vez, é diminutivo de Christopher, o nome do pai do Primeiro Fantasma. Quanto ao sobrenome Walker, ele é um pseudônimo e foi adotado porque o Fantasma é conhecido como o Espírito-Que-Anda; e a palavra inglesa walker significa caminhador (aquele que caminha), caminhante.

UMA TRADIÇÃO FAMILIAR

As diversas gerações do Espírito-Que-Anda desposaram mulheres de várias nacionalidades. E, seguindo uma tradição, quando completa doze anos de idade, todo filho de um Fantasma é enviado ao país da mãe para receber uma educação apropriada.

CAPÍTULO

7

O QUE DISSERAM
SOBRE O
FANTASMA





A partir do momento que as histórias em quadrinhos deixaram de ser perseguidas, elas passaram a ser estudadas. O Fantasma se constituiu em um dos seus personagens mais analisados. Segue-se aqui uma série de fragmentos com as mais interessantes análises sobre ele, publicadas em diferentes veículos.

"Se o Flash Gordon é a beleza clássica que seduz as mulheres, no Fantasma são a força física, o mistério e a sensualidade que atraem o sexo oposto. Todas as mulheres que entram em contato com o 'Homem mascarado', mesmo as mais frias e desumanas como a Baronesa e Sahla ('Piratas do Céu'), se exaltam diante da rigidez de seus músculos e de seu olhar selvagem, sucumbindo à impetuosa curiosidade feminina de lhe tirar a máscara — símbolo do desconhecido e do proibido, ambos elementos altamente eróticos. Soma-se a isso o fato de que essas mulheres, em sua maioria, sempre apareçam em roupas decotadíssimas, não raro abertas lateralmente até as coxas, peritas em lançar olhares langorosos e sedutores para o herói.

No entanto, a exemplo de diversos heróis americanos de histórias em quadrinhos, o Fantasma é frustrante no plano amoroso. Como Flash Gordon e Tarzan, é homem de uma só mulher. Mas nele esse traço moralista é atenuado (sobretudo nas primeiras histórias) por seus rompantes de paixão por Diana, a quem impõe beijos ardentes, e também por ele ser muito consciente de seu magnetismo pessoal para usá-lo, como quando beija a Baronesa, pensando unicamente nas vantagens que pode tirar desse tipo de situação.

Mesmo sendo um homem fiel, sua paixão muito humana não se contenta apenas com palavras, mas trata de se realizar através de atos ardorosos e arrebatadores bem raros num herói de HQ. E isso, talvez, seja o que lhe dá mais autenticidade, pois em última análise, os sentimentos são traduzidos por ações e não por omissões platônicas."

Almanaque do Fantasma Especial 40 Anos

"O Fantasma é, indubitavelmente, o maior mito das histórias em quadrinhos. Atravessou 40 anos sem perder a maior parte de suas características de origem, à exceção, talvez, do entusiasmo que demonstrava por Diana nos idos de 36... Diana, esta sim, mudou muito. Quando o Fantasma a salva dos Piratas Singh, ela é tudo o que uma jovem gostaria de ser: milionária, militante na alta sociedade de Nova York, ex-campeã olímpica em vários esportes, exploradora, culta, inteligente, decidida mas profundamente feminina em seu amor pelo misterioso mascarado. Hoje, voluntária em missões da ONU no Terceiro Mundo, raramente desempenha um papel importante nas aventuras. E, se antigamente os velhos curtidores de gibis torciam para que o Fantasma acabasse resolvendo casar de uma vez com Diana, atualmente é provável que prefiram vê-lo morrer solteiro a viver com essa moça que já espera há quase 40 anos e não se cansou — ou não percebeu que ele está mais interessado em outras coisas..."

Almanaque do Gibi Nostalgia nº 1

"Mas um personagem dos quadrinhos fica sessentão: o Fantasma. Criado pela primeira vez, em tiras diárias, no dia 17 de fevereiro de 1936, ele passou a ter uma página dominical em cores,

em maio de 1939. Acabou se tornando uma das histórias de aventuras de maior sucesso no mundo e um dos seis personagens eleitos como os mais populares do planeta.

Criado pelo escritor Lee Falk, o Fantasma foi visualmente interpretado por Ray Moore. Este, fiel ao texto, usava trajes incompletos, cenas noturnas, cheias de sugestão e mistério, um tom noir. Por muitos, ele foi considerado nos quadrinhos como Masaccio* na pintura, propiciando uma tessitura flow, fora de foco, linhas elegantes, enquadramentos sugestivos, elegantes."

Álvaro de Moya

*(Os pontos centrais da obra do pintor italiano Masaccio (1401-1428), que lançou as bases sobre as quais se desenvolveria toda a pintura europeia, eram: o vigor monumental e o realismo expressivo das figuras, o modelado de sombra e luz, e o sólido tratamento da perspectiva.)

A tônica da história do primeiro super-herói mascarado dos tempos é sobre uma tradição passada de pai para filho desde mil quinientos e poucos anos: a saga do Fantasma, que foi ganhando força graças com mudanças de pequenos detalhes em seu traje. Vai daí que a fama de imortal do personagem cada vez se espalhou mais, aliando a isso sua ligação com a carneira e a máscara que não deixa transparecer seus olhos. Estava forjado um combatente do crime misterioso e apavorante, atuando em Bangala, o país imaginário, incrustado no igualmente misterioso continente africano. Nos dias de hoje, tal personagem incorporou-se em definitivo a nossa cultura."

Antero Leivas

Como o passar dos séculos, os Fantasmas filhos assumiram a identidade dos fantasmas-pais assassinados, e a lenda do Espírito-Que-Anda esqueceu (...). A máscara do Fantasma protege seu maior segredo e o de que ele não é um só homem, mas vários. Somente à sua esposa e a seus filhos era permitido que vissem seu verdadeiro rosto, e as lendas da selva, nunca desencorajadas pelo Espírito-Que-Anda, prometiam morte terrível para aqueles que olhassem para o rosto sem máscara do Fantasma.

A pirataria mudou muito nos quatro séculos de reinado do Fantasma. Os antigos bandidos dos mares deram lugar aos piratas aéreos dos dias de hoje e aos terroristas fanáticos. Para combater as novas forças do mal, o Fantasma tem sempre atualizado suas técnicas e equipamentos.

Os sabres e pistolas antigos, usados pelos Fantasmas de outrora, foram substituídos por revólveres e, mais recentemente, por modernas armas automáticas. Mensagens urgentes, que antes eram transmitidas somente por tambores da selva ou pelos 'macacos-correio', agora são rapidamente recebidas através do moderno sistema de comunicação do Fantasma."

Anthony Tollin

"O Fantasma não é um super-homem no sentido amplo e moderno da palavra; acontece que ele é capaz de lutar, correr, nadar, voar, saltar, atirar e montar melhor do que qualquer outra pessoa humana. Mas, se uma bala atingir um de seus órgãos vitais, pode morrer."

Coulton Waugh

"Desde 1936, quando os jornais americanos apresentaram ao seu público leitor de quadrinhos um misterioso herói mascarado, usando um estranho uniforme, com uma aura de mistério a sua volta, sua popularidade não parou de crescer. Nascia o Fantasma (o Espírito-Que-Anda), logo transformado no maior mito das histórias em quadrinhos, lido por milhões e milhões de leitores e traduzido para 40 idiomas."

Diamantino da Silva

"O próprio Fantasma faz tudo para reforçar o mito de sua invencibilidade e invulnerabilidade, o que é, em muito, facilitado por sua fantástica resistência física, que lhe permite continuar lutando mesmo com cinco balas no corpo. Mais tarde, vitorioso, ele recorre aos Bandar para tratar dos ferimentos. E os pigmeus, mesmo sabendo que ele é mortal, têm por seu chefe supremo uma adoração bem próxima à da divindade."

Mas a esse mito central se juntam outros indispensáveis: o mistério que cerca sua vida pessoal, por exemplo. Assim como um feiticeiro, o Fantasma é diferente dos comuns mortais, e portanto inacessível. As flechas envenenadas dos pigmeus Bandar o protegem de qualquer aproximação indesejável.

A Floresta Negra, cheia de perigos, é extremamente hostil a qualquer estranho. A caverna onde ele vive tem sua entrada escondida atrás de uma cachoeira. Para chamá-lo só há um meio: os tambores, cujo 'tam-tam' atravessa a selva. Com toda essa preservação de sua vida cotidiana, nosso herói dificilmente se tornaria banal... E mesmo quem chega perto sente o clima pouco convidativo que cerca o Fantasma, pois a caverna, que por si só já é um elemento intimamente ligado a terror e perigo, chega ao requinte de ter a forma de uma caveira.

A aparência do Fantasma é outro detalhe da maior importância na formação do mito. Antecipando de muitos anos a imagem de Super-Homem, Capitão Marvel, Batman e tantos outros, o Espírito-Que-Anda aparece com o corpo inteiramente coberto por uma malha e o rosto escondido atrás da máscara. Isso só faz aumentar a aura de mistério que o envolve, pois torna sua face tão desconhecida quanto sua vida 'particular'; como todo Fantasma de respeito, é um ser sem rosto."

Gibi Especial no 2

"Na noite 17 de fevereiro de 1936, quando Lee Falk e Ray Moore vieram publicada a primeira tira do The Phantom (O Fantasma), jamais poderiam imaginar que estava sendo lançado um dos mais fortes e duradouros mitos das histórias em quadrinhos. Heróis justicieiros já se conheciam muitos. O Fantasma, porém, era um justiciero no sentido mais puro. Tomava partido dos oprimidos na luta contra o crime simbolizado pela pirataria — os bandidos, os traficantes, os usurpadores. Além disso, havia a aparência do Fantasma, um detalhe maior na criação de seu mito. Antecipando em muito tempo os heróis com malhas colantes (...), o Fantasma tinha ainda o rosto escondido por uma máscara, alimentando a aura de mistério que o envolvia. A isso juntava-se um cenário exótico (o golfo de Bengala), a lenda da imortalidade (...), força e agilidade incomuns, mas nada de superpoderes."

Goida



Todos, sobretudo os criminosos — acreditam que o Fantasma é imortal

"Que maravilhosa lenda esta, imaginada por Lee Falk, desse justiciero romântico que os nativos acreditavam imortal!"

...Mas, tanto, um dos charmes — e não dos menores — da saga do Fantasma foi a presença frequente, a seu lado, de graciosas e perturbadoras criaturas: toda uma legião de lindas piratas mulheres, provocantes e fatais (quase tão temíveis quanto os abomináveis Singb, mas muito agradáveis de ver), e dispostas a se dilacerarem e a se tratarem mutuamente pelos belos olhos (?) do homem mascarado. Mas seu coração pertencia só a Diana...

O Fantasma e eu nos apaixonamos por DIANA PALMER o primeiro encontro. Charmosa e sensível Diana, impulsiva e alegre, terna e voluntariosa, feminina até a ponta dos dedos! Diana dos lábios gulosos... Ah! Os beijos ardentes dos primeiros episódios! E depois, também, as discussões de apaixonados, os encontros malogrados, as dolorosas separações — impostas pelo difícil e perigoso ofício do justiciero — e, finalmente, os reencontros...

Para além das intrigas e seqüências de ação, é realmente de uma história de amor, profunda e tumultuada, que se tratava. Um lindo conto de fadas que, como todos os contos de fadas, tinha de acabar com um casamento. Isso aconteceu em 1977 sob o crayoem de Sy Barry. (...) O rosto da jovem esposa irradiava felicidade. No entanto, Diana nunca foi tão bela e tão comovente quanto sob o pincel de Ray Moore. Do mesmo modo, nenhum dos desenhistas que o sucederam soube produzir o personagem do Fantasma com tanta elegância, nem torná-lo tão atraente."

Jacques Lob

"Celebremos, este ano, os quarenta de existência do Fantasma de Bengala — ou seja, desde que a sua saga e feitos passaram, metodicamente, a revelar-se nas páginas dos principais jornais do mundo."

Nunca, desde então, soubemos muito dele — só os sinais mínimos de identidade, identificação exterior, indicativos duma personalidade ambígua e introvertida, marcada por juramento místico de há quatrocentos anos, que prossegue como se perseguisse a sua própria maldição.

Reparo que também eu, entre os parágrafos precedentes, ultrapassei — desatento — o que constitui, enfim, o segredo 'intemporal' — eterna juventude do Fantasma: a sua duplicidade como homem (existência) e símbolo (essência).

De fato, ao contrário da maioria dos heróis das histórias em quadrinhos, o Fantasma não é um ser, mas uma estirpe: o primogênito da família que, geração a geração, vem herdando os sinais

anônimos e a missão terrível de Espírito-Que-Anda. É por isso que falamos de quarenta ou quatrocentos anos, no Fantasma, com uma facilidade ingenua.

Isso é porque Lee Falk, o criador, soube consubstanciar na personagem, em si mesma, a própria ação e os fundamentos que animam essa ação. E, ao mesmo tempo, detalhando a dureza do Fantasma com o sortilégio de pormenores pessoais.

O amor por Diana Palmer... eis um deles. Ainda aqui, porém, o incorreto: é um sentimento eternizado, de adiada ligação bruscamente interrompida, ou indefinidamente consumada. O Fantasma recupera, pois, o seu estatuto idealista, agora mais ferozmente romântico, tal como Diana se torna a mulher fatal por excelência.

O seu fatídico destino de eleita e, por isso, regendo o coração do Fantasma, ser a imperatriz sem trono do reino dos Bandar, a feroz tribo de pigmeus no coração da selva."

José Matos-Cruz

"Na minha infância interessava-me muito por mitos e lendas, o que veio a proporcionar mais tarde a criação da figura do Fantasma. Ele começou por ser um personagem quase primitivo; mas, gradualmente, fui enriquecendo-o cada vez mais com qualidades excepcionais e a envolvi-lo com fanfarras cada vez maiores. E o Fantasma aparece, hoje, rodeado de misteriosos ritos que o transformam num grande herói, quase num semideus."

Lee Falk

Inicialmente, Lee Falk imaginou seu herói como um playboy milionário que, à noite, vestia seu exótico traje e se mascarava para enfrentar ladrões e bandidos.

Essa ideia foi posteriormente aproveitada por Bob Kane, quando criou Batman, o Homem-Morcego. Depois, Falk teve a ideia de fazer do Fantasma um herdeiro de uma linha de justiceiros, vivendo em luta contra o crime e a injustiça permanentemente, cumprindo uma tradição que passa de pai para filho desde o século XVI. Por isso, o Fantasma deixou de ser um homem comum para se tornar uma lenda, "o Espírito-Que-Anda", considerado imortal pelos nativos da selva onde reina, nativos que lhe atribuem poderes sobrenaturais."

Maurice C. Horn

O Fantasma apareceu pela primeira vez em 17 de fevereiro de 1936, numa época em que a África e a Índia eram muito pouco conhecidas pelos ocidentais, quando voar em aeroplanos era um feito incrível e suas aventuras povoavam as páginas de quadrinhos dos jornais.

Altas aventuras também preenchiam as páginas de notícias A ciência e a exploração estavam disparando, assim como os ventos da guerra: Hitler estava no poder, e o resto da Europa muito preocupado. A América, como o resto do mundo, estava se recuperando da Grande Depressão – e continuaria assim por mais cinco anos. A Lei Seca e os dias de gangsteres haviam passado, substituídos por crimes mais terríveis e pessoais, como rapto e assassinatos. A vida



O Fantasma é, sem dúvida alguma, um dos maiores mitos dos quadrinhos

não estava melhorando, nós precisávamos de um herói.

Nós precisávamos do primeiro herói uniformizado de sucesso. Precisávamos do Fantasma

Inicialmente, o Fantasma seguiu alguns dos velhos conceitos de histórias de aventuras: nosso herói era um jovem milionário que lutava contra o crime por diversão.

Alguns superpoderes eram mencionados – no confronto com o Fantasma, o vilão Fats Horgan diz: 'Só um homem pode passar através de portas trancadas e ver no escuro: o Fantasma!'

Mas, com o progresso da história, os aspectos, agora lendários, começaram a aparecer: o Sinal do Fantasma; o Espírito-Que-Anda; o reinado de 400 anos do Fantasma; o povo pigmeu; Capeto, o lobo cinzento.

Em primeiro de outubro, a origem, como nós a conhecemos, estava completa (...) o Fantasma havia nascido – e os quadrinhos haviam mudado para sempre. O super-herói uniformizado tinha sido criado, e o Fantasma está hoje entre as poucas tiras verdadeiramente de sucesso que ainda continuam sendo publicadas."

Mike Gold

... a aventura de Diana, como funcionária da ONU, em luta pelos direitos humanos é bastante sintomática. Acusado de colonialismo (em Fantasma) e racista (em Mandrake), Falk mostra, com este episódio, que os quadrinhos, como toda e qualquer arte, refletem direta ou indiretamente a realidade política e social do país que os gerou. Neste caso, são um reflexo consciente da política externa do governo de Jimmy Carter. Em um país asiático fictício (Tarakymo), sob as ordens ditatoriais do General Tara, as violações dos direitos humanos ocupam lugar destacado no seio da trama.

A saga do Fantasma mostra-o claramente. Na segunda guerra mundial, combateu os japoneses. Mas esta é uma referência direta. Ao longo de aventuras menos explícitas, a situação protetora e paternalista do personagem, desenhado nos dias atuais por Sy Barry, em sua luta de 400 anos dedicada 'à destruição de todas as formas de pirataria, cobiça e crueldade', adquire as dimensões sociais de um fato político. Não há como negar esta realidade, assim como não há como negar a força mitológica de certos comics.

Já se vão longe os dias em que Diana perguntava se o Fantasma não seria animal, vegetal ou mineral. A jovem Palmer não se casou com um mito: casou-se com um justiceiro, no sentido clássico, elaborado pela cultura de massa. Se a sua atual modernidade não vai entrar em conflito com o tradicionalismo do Fantasma, só o saberemos com o passar do tempo. E o tempo, nos quadrinhos, sempre foi uma dimensão abstrata."

Moacyr Cirne

Um dos traços constantes de O Fantasma é o esforço frequente do protagonista para evitar os conflitos. Ao contrário da maior parte dos líderes políticos atuais, o Espírito-Que-Anda acredita firmemente na PÁZ, e em inúmeras ocasiões, arrisca sua própria vida para alcançá-la, mesmo quando o confronto surge em lugares



remotos, como Barogar (ver The Prisoner of the Himalayas). Sua busca da PAZ se deve a sua convicção de que, em toda luta, se perdem vidas valiosas (...) e de que, muitas vezes, os beneficiários de um conflito são seus instigadores, que estão dissimulados, como ocorre com Smiley e Hill, os dois homens brancos que incitam a tribo dos Osi Wey a enfrentar a paz Llongo (ver The Diamond Hunters). Em sua defesa da PAZ, não busca benefício próprio, nem deseja aumentar sua lenda, com vistas a ser considerado o herói mais popular de todos. Além disso, geralmente realiza suas ações nos bastidores e com o conhecimento (e o reconhecimento) de poucas pessoas.

O Fantasma utiliza suas habilidades a fim de evitar toda luta, consciente de que a violência é um mal de fácil expansão. E evitará as pelejas entre diferentes povos indígenas (ver Fishers of Pearl), os abusos de piratas modernos (ver The Singh Brotherhood, The Sky Band e The Governor and Suzie) e as nefastas consequências que as ações de um exército podem ter sobre uma população civil e indefesa (ver The Maharajah's Daughter).

Nino Ortea

"Lee Falk é quem escreve ainda hoje as histórias de um dos mais populares heróis dos quadrinhos: o Fantasma, surgido em 1936 e que, na verdade, não é um ser individual, mas uma dinastia. A luta continua contra o crime e a pirataria é transmitida na série de pai para filho, ou melhor, se o herói morre, o filho sempre está pronto para assumir seu lugar. O Espírito-Que-Anda foi o primeiro, e talvez, o único herói das histórias em quadrinhos que pode — efetivamente — morrer. Protagonista de histórias que transcorrem na África e rodeado de tribos primitivas que acreditam na lenda e a sustentam, o Fantasma representa o racionalismo das culturas ocidentais (o leitor participa desse racionalismo, já que conhece a verdade do que é lenda para os selvagens) frente ao misticismo que habita as aldeias do coração do continente africano."

Oscar Masotta

"O osíro herói de Lee Falk, 'The Phantom', desenhado no começo por Ray Moore, é mais convencional; o justiceiro mascarado, rindo nas selvas longínquas, foge a banalidade do gênero por não ser um homem, mas uma dinastia estabelecida no século XVII. É o único herói das histórias em quadrinhos que pode morrer."

Pierre Couperie et Ali

"Apesar de não ser o personagem de cinema com o desenho mais perfeito, Phantom tem uma grande popularidade, decorrente porque as aventuras narradas são sim-

ples, ocorrem geralmente em lugares exóticos e lhes são atribuídos caracteres míticos."

Román Gubern

"Tape um tam tam! Clima de festa na selva dos pigmeus Bandar Segunda-feira, o Fantasma, senhor absoluto daquela paragens, comemora os seus 50 anos. De histórias em quadrinhos, evidentemente. Na realidade — se é que podemos falar nisso, a propósito de figuras do imaginário — o Fantasma é octogenário. Quando surgiu nas páginas do 'American Journal', a 17 de fevereiro de 1936, já tinha 31 anos de idade e 411 de mitologia. De imediato, calou fundo nos seus leitores e até hoje mantém intacto o seu prestígio em mais de 500 jornais de quarenta países. Os balões de suas histórias já foram traduzidos em quinze línguas diferentes, inclusive o inglês 'pidgin' falado pelos nativos na Nova Guiné."

(...) Qual o segredo desse perene e generalizado encantamento? Um deles, certamente, é a máscara. O Fantasma foi o primeiro super-herói a esconder o rosto sob uma máscara. Ao mistério da dissimulação física acrescentou a magia da imortalidade. Desprovido de poderes sobrenaturais — outro motivo de fascínio — fez da mística da vida eterna sua mais poderosa arma. Apesar de ágil, hábil e muito forte, desde sempre valeu-se, sobretudo, da astúcia para manter intacta a sua dinastia mitológica (?). O Fantasma é um insólito exemplo de imortalidade atávica. Os nativos não o chamam de 'O Espírito-Que-Anda' por toa. Há quatro séculos que os espíritos se sucedem, com a mesma força e a mesma determinação de luta contra todo tipo de pirataria, cobiça e crueldade."

Sérgio Augusto

"O Fantasma tem uma aparência semelhante à de Fantomas; e a intenção inicial do autor era de apresentar um justiceiro que ao agir de noite, levando, de dia, uma existência pacata, escondido na sua dupla personalidade. Mas depois, decidiu transpô-lo para Bengala, embora a maioria das suas aventuras decorram em locais indeterminados (...) É uma criação menos irreal do que Mandrake, e a popularidade que alcançou entre a juventude suplanta a do mágico. A criação do Fantasma mereceu a Falk a acusação de racista, de que ele se defende invocando o fato de o seu herói ser uma das personagens favoritas dos negros no Sul dos Estados Unidos. De resto, pode verificar-se que o Fantasma sempre considerou os indígenas como amigos, embora freqüentemente os seus adversários sejam homens de cor. Falk declara que a 'superioridade do Fantasma reside na sua força, e não na sua raça'."

Vasco Granja



O Fantasma não gosta de responder perguntas a seu respeito



No início o Fantasma era um mistério até mesmo para Diana



Os nativos consideram o Fantasma um deus



Em 1975, o gibi do Fantasma publicado pela Charlton Comics passaria a ser desenhado por Don Newton, um professor de Artes do ensino médio que já havia feito histórias curtas de terror para a própria editora. No início, Newton era mais conhecido no meio alternativo, onde colaborou para diversos fanzines, mas ao assumir as HQs do Fantasma, a grande massa de leitores teve oportunidade de apreciar seu talento.

O emprego de sua técnica apurada à musculatura humana lembrava as ilustrações de Frank Frazetta e seu layout era sempre comparado ao de John Buscema. 'Quando eu lembro que o Fantasma é o primeiro aventureiro uniformizado dos quadrinhos, percebo o privilégio de ser o artista escolhido [...] jamais pensaria num contrato de maior prestígio que esse!', comentou o ilustrador em entrevista à 5ª edição do magazine Charlton Bullseye, em 1976.

Newton, humilde e bem humorado, tinha o costume de dizer o seguinte ao lhe perguntaram o que seus alunos pensavam de ter um professor na indústria de quadrinhos: 'A maior parte dos garotos de Mountain View nem sabe o que é um gibi. Só alguns professores e um ou dois alunos estão a par de minhas atividades extracurriculares. Não sou de ficar divulgando. Claro, há o meu filho Tony... mas até onde sei, ele deve estar trocando alguns números da Ghostly Tales por um pacote de chicletes!' (outra revista que contava com os desenhos de Newton).

Aos poucos, ele ganhou a confiança da editora, chegando a escrever suas próprias histórias: 'Depois de cinco histórias do Fantasma, tomei a sério por inteiro, incluindo os roteiros.' - foi quando Newton colocou o Espírito-que-Anda no ambiente do clássico do cinema Casablanca, encontrando-se com o personagem de Humphrey Bogart. Isso ocorreu em The Phantom 70. "

Porém, enquanto seus contemporâneos Dave Cockrum, Alan Weiss, Jim Starlin e Rich Buckler se profissionalizavam, Newton relutava em mudar-se para Nova York, onde estavam as principais editoras do ramo. Roy Thomas conseguiu que ele fizesse alguma coisa para a Marvel, como uma edição de Giant-Size Defenders em que desenhou sobre os esboços de Jim Starlin.

Com o cancelamento da revista do Fantasma em 1976, a carreira de Newton corria a sério risco de acabar, até que foi convidado pela DC Comics para desenharem Aquaman, iniciando um longo período de colaboração com a editora, onde acabaria por cuidar também de Capitão Marvel, Batman e Corporação Infinito (e, em paralelo, mais alguma coisa para a Marvel). Infelizmente, em 1984, com apenas 49 anos, Newton veio a falecer após sofrer um violento ataque do coração. Embora marcante e reverenciado pelos fãs, seu trabalho na série do Fantasma foi curto, e aqui no Brasil boa parte dessas histórias permanece inédita.

Roberto Guedes

Existia um ritual particular quando um Fantasma está à morte: entregava a roupa, a máscara, as armas e dois anéis de ouro ao seu sucessor - seu filho. O novo Fantasma vai usar dois anéis em suas mangas. O da mão direita (uma caveira) foi um presente de Partíclo (1493-1541). Apesar da caveira ser o símbolo da morte, para o Fantasma passou a ser o símbolo da justiça. Quando ele está em missão a face do anel fica voltada para cima, quando não, a face fica voltada para baixo (oculta na palma da mão) parecendo uma simples aliança. O outro anel (uma espada de cruz) é para ser usado no punho esquerdo (perto do coração). Quem recebe esse sinal fica protegido para sempre, mas não é qualquer um que tem essa marca.

Desde a primeira história do Fantasma o design mudou um pouco. Semão vejamos: a marca da caveira foi introduzida por Lee Falk na história "The Singh Brotherhood" publicada de 17/02 a 7/11/1936. Nesse período a marca sofreu alterações, mas parece que Lee Falk não se preocupou muito com tal detalhe de continuidade, nem o desenhista Ray Moore, que estava concentrando em aperfeiçoar o design do personagem. Apesar do desinteresse, a caveira acabou sendo a marca registrada do Fantasma.

O anel da caveira é temido pelos bandidos, pois se levarem um soco, a marca nunca mais sai, já que foi banhada com uma substância oriunda da selva e só Guran e o Fantasma sabem como removê-la. Isso é mostrado a história "O Homem Marcado" - produzida da Suécia e publicada no Brasil pela RGE na revista n°363. Numa outra história "The Devil Road" (1947-48) - publicada no Brasil como "A Estrada do Diabo" pela Editora Saber na revista n°43 - a personagem Connie recebe a marca da caveira na palma da mão como símbolo de proteção. Em 1950-51, na história "The Phantom's Ring", o personagem Bobby aparece com a marca da caveira pendurada ao pescoço como símbolo de proteção. Nessa época, Lee Falk começou a pensar numa marca diferente para proteção.

A novidade aconteceu em 1958, na história "Carlyle's Good Mark", quando surgiu a segunda marca (a boa marca), aquela com duas espadas cruzadas. Esse símbolo é polêmico: dizem que uma das espadas é Excalibur (do rei Artur), e a outra é Durandal, espada que pertenceu ao cavaleiro francês Rolando, um dos paladinos do rei Carlos Magno. Tem gente que acha o símbolo parecido com a suástica nazista adaptada. Seja como for, a boa marca apareceu pela primeira vez na personagem Connie Carlyle que a usava no pescoço em vez de no pulso. No começo, a forma "P" estava voltada para a esquerda, mas a partir de 1962, na história "The Epidemic", o "P" ficou voltado para a direita.

Essas marcas do Fantasma criam uma dura mística em torno do personagem que também tem roupa roxa, máscara preta, cinturão com caveira e duas pistolas, mas essa história fica para uma outra vez."

Fernando Moretti



Arte para o Fantasma feita por Don Newton para a Charlton Bullseye em 1976.

CAPÍTULO

8

OS
REALIZADORES
DAS HISTÓRIAS
DO FANTASMA



“Aprendi a escrever lendo as histórias de Falk.”

Federico Fellini

LEE FALK

Nasceu no mês de abril de algum ano entre 1905 e 1912 (é mais provável que tenha sido 1905), em St. Louis, Missouri, e, desde cedo, devido a estar sempre escrevendo, revelou que, quando adulto, se tornaria um escritor profissional.

Na época em que era aluno do curso secundário, redigiu artigos, contos e poemas para o jornalzinho da escola, do qual era o editor.

Mais tarde, após graduar-se em Literatura pela Universidade de Illinois, trabalhou como redator de uma agência de publicidade de sua cidade natal.

Influenciado pelos espetáculos de ilusionismo, que conheciam seu apogeu – nos Estados Unidos – na década de 1920 e nos primeiros anos da década de 1930, criou uma história em quadrinhos protagonizada por um mágico.

Além de escrever o roteiro, chegou a desenhar parte da primeira aventura desse mágico; porém, acreditando que não conseguiria realizar satisfatoriamente as duas funções, confiou os desenhos da história ao desenhista Phil Davis, que conhecera na agência de publicidade em que trabalhava.

Para sorte de Lee Falk, o *New York American Journal* decidiu criar, em 1934, uma página diária dedicada à emoção e ao mistério, a *Floyd Gibbons' Daily Page of Thrill and Mystery*, cujo editor era Floyd Gibbons. E essa página ofereceu aos leitores, entre outras novidades, a história em quadrinhos criada por Falk, *Mandrake the Magician*, que estreou, como tira diária, em 11 de junho de 1934.

Alguns meses depois de as histórias do mais famoso mágico dos quadrinhos terem começado a ser publicadas, Lee Falk imaginou... o Fantasma. Então, escreveu e desenhou as tiras iniciais da primeira aventura do herói e enviou as para o King Features Syndicate, que distribuía *Mandrake the Magician* aos jornais norte-americanos. Os editores do King gostaram do personagem e compraram a ideia de Falk.

O Fantasma estreou em fevereiro de 1936; e, durante 63 anos, Lee Falk escreveu suas histórias, que encantariam os leitores de boa parte do planeta.

Lee Falk, além de roteirista de quadrinhos, foi também autor de peças teatrais. Uma delas, *Eris*, chegou a ser montada em Paris, em 1968, por uma companhia francesa.

Falecido em 13 de março de 1999, na cidade de Nova York, Lee Falk deixou viúva sua terceira esposa, Elizabeth Moxley Falk, com quem se casara no início de 1977.



Durante o Congresso Internacional de História em Quadrinhos, que foi realizado em São Paulo, em novembro de 1970, sob a coordenação do prof. Enrique Lipstzy, da Escola Panamericana de Arte, Lee Falk declarou: “Ao perceber que minhas histórias eram lidas diariamente por 100 milhões de leitores no mundo todo, vi-me diante de um dilema: como escrever para gente tão diferente? Então, vi que 100 milhões de leitores gostavam da mesma coisa que eu e continuei escrevendo sobre as mesmas coisas que gostava.” Nessa fotografia, feita durante o Congresso de 1970, no MASP, em São Paulo, Lee Falk posa ao lado do quadrinhista brasileiro Gedeone Malagola.



"Nos primeiros meses em que escrevi *The Singh Brotherhood*, eu tencionava que o Fantasma fosse Jimmy Wells, um rico playboy que, à noite, vestido com um uniforme e usando uma máscara, saía para combater o crime. Mas, quando a aventura já estava mais ou menos na metade, tive outra idéia. Então, desloquei a ação da história para a selva e decidi que seria lá o habitat do herói. Depois, pouco a pouco, foram surgindo todos os elementos que compõem o universo do Fantasma: o Juramento da Caveira, a Caverna da Caveira, o lobo Capeto, os pigmeus Bandar, o cavalo Herói... Na criação de O Fantasma fui fortemente influenciado pela leitura dos livros *O Livro da Jangal*, de Rudyard Kipling, e *Tarzan, o Filho das Selvas*, de Edgar Rice Burroughs."

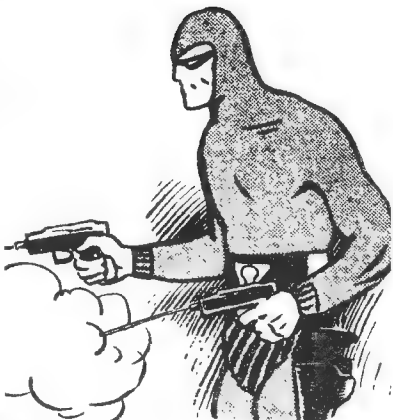
Lee Falk

"Entre 1936 e 1999, o infatigável Lee Falk escreveu as clássicas tiras de aventuras do Fantasma e do Mandrake. Nos últimos cem anos, desde que a imprensa estabeleceu com suas seções de quadrinhos um importante papel na cultura popular internacional, não houve ninguém que tenha produzido com tamanha afeto e dedicação as mais queridas tiras... como Lee Falk. Não houve sequer outra personalidade do mundo literário, nem sir Arthur Conan Doyle, nem Edgar Rice Burroughs, nem Erle Stanley Gardner, nem Agatha Christie, nem qualquer outro autor... que escrevesse tanto sobre um personagem como fez Lee Falk."

Bric-A-Brac - O Túnel do Tempo Virtual



Sala, desenhada por Ray Moore



RAY MOORE

Foi o primeiro desenhista a ilustrar as histórias do Fantasma.

Não se sabe o que ele fazia antes de começar a desenhá-las as aventuras do Espírito-Que-Anda; mas o que se sabe com certeza é que, em 1942, quando O Fantasma já era uma das histórias em quadrinhos de maior sucesso do King Features Syndicate, foi convocado para lutar na Segunda Guerra Mundial.

Ferido gravemente durante um combate, retornou à vida civil para desenhá-las as tiras diárias e páginas dominicais do Espírito-Que-Anda. Porém, o ferimento deixara sequelas; e, por volta de 1948, teve de parar de desenhá-las – segundo algumas fontes, recusou a submeter-se a uma delicada intervenção cirúrgica em seu sistema nervoso e, com isso, perdeu totalmente as condições de continuar desenhando. E os desenhos de O Fantasma passaram a ser feitos por seu assistente, Wilson McCoy.

O que aconteceu, então, com Ray Moore, é um completo mistério, que possivelmente nunca será solucionado. Muitos até chegaram a pensar que havia morrido no final da década de 1940 ou nos primeiros anos da década de 1960; no entanto, faleceu mesmo, aos 78 anos de idade, em 13 de janeiro de 1984, em St. Louis, vítima de um derrame cerebral.

Ray Moore era, antes de tudo, um desenhista que sabia criar mulheres belas e cheias de sensualidade.

"Dono de um estilo nervoso, hábil na utilização de luzes e sombras, Moore foi o que deu as melhores características para o Fantasma. O herói, nos seus primeiros anos de vida, aparece como uma figura misteriosa, carismática, misto de amante e aventureiro, algo que se foi perdendo gradualmente com os continuadores da obra de Moore."

Geida



Quando passaram a ser realizados por Wilson McCoy, os desenhos de O Fantasma deixaram de apresentar o contraste entre luzes e sombras, que era uma das principais características dos desenhos de Ray Moore

WILSON MCCOY

Nascido, segundo algumas fontes, em 1898 (outras fontes informam que nasceu em 1902), começou sua carreira de desenhista de histórias em quadrinhos como assistente de Ray Moore.

Sua grande oportunidade surgiu com a convocação de Moore: passou, então, a desenhar sozinho O Fantasma. Depois, mais ou menos em 1948, tornou-se o desenhista oficial da série.

A maioria dos leitores e dos críticos considera-o o pior desenhista que O Fantasma já teve. Tudo porque seus desenhos não têm nem um pouco do clima noir mostrado nos desenhos feitos por seu antecessor. Apesar disso, foi em sua fase que se consolidou o sucesso do Fantasma.

Morreu em 1961.

"Como admirador do personagem, baje gosto de todos os estilos de desenhos das histórias do Fantasma. Além dos desenhistas oficiais, gosto também dos diferentes artistas que realizaram os seus trabalhos em outros países. Estou escrevendo para tentar expressar uma modesta visão, decorrência de um testemunho sincero de quem gostou do Fantasma quando era criança.

Quando comecei a ler gibis — isso foi por volta de 1961 —, eu tinha uns oito anos de idade. Mas foi somente quando completei dez anos que passei a escolher mais as revistas do Fantasma para ler. E, atualmente, sei que a maioria das aventuras que eu lia e adorava era as desenhadas por Wilson McCoy.

A verdade é que quase (o 'quase' será explicado logo adiante) todas as histórias do Fantasma me encantavam, e uma das minhas preferidas na época saiu no Almanaque Fantasma Magazine 1961 e contava a infância do herói.

Agora, explicando o quase: curiosamente, ainda mais ou menos nessa mesma época, eu não conseguia entender muito bem algumas aventuras do Fantasma, aventuras essas que foram desenhadas por Ray Moore. Devo dizer que foi somente alguns anos depois, já um pouco mais crescido, que reli essas histórias e consegui entendê-las na íntegra. A partir de então, passei a adorar também os desenhos de Ray Moore.

Hoje, posso afirmar que os desenhos de Wilson McCoy, que muitos colecionadores e críticos desdenham, já se tornaram um marco histórico, pois elaboraram a base de todo o universo do Fantasma, criado obviamente por Lee Falk. Foi na fase de Wilson McCoy que surgiram: Herói, o cavalo inteligente; a Ilha do Éden e todos os seus animais; o macaco-carreiro; a Boa Marca do Fantasma; os invertebrados guardados na Caverna da Caveira, a Patrulha da Selva; as Crônicas do Fantasma, em que estão relatadas histórias de vinte gerações de Fantasma; o dr. Axel."

Trecho de uma carta escrita pelo colecionador Sérgio Takara, de São Paulo, e enviada a Jorge Baracat, editor do fanzine O Grupo Juvenil



"Exercício por alguns (...) como o pior desenhista do Fantasma, McCoy, entretanto, não merece essa injustiça. Seu traço é simples e quase caricatural, mas bastante expressivo. E, apesar de obviamente não se equiparar à beleza de Moore, seu estilo se encaixa perfeitamente na linha dos roteiros de Falk."



BILL LIGNANTE

Wilson McCoy morreu, de repente, em 20 de julho de 1961, vítima de um ataque cardíaco, deixando incompleta a história *The Limper*, que estava sendo publicada nos jornais dos Estados Unidos. Então, dois já veteranos quadrinhistas encarregaram-se de desenhar essa que é a 58ª aventura do Espírito-Que Anda produzida para páginas dominicais: Carmine Infantino (ele desenhou apenas duas páginas) e Bill Lignante.

Ex-assistente de Fred Harman (criador de Red Ryder) e de Jim Gary (foi quem desenhou por mais tempo King of the Royal Mounted), Bill Lignante foi o responsável – entre 1954 e 1958 – pelos desenhos de Ozark Ike, história em quadrinhos criada em 1945 por Ray Gotto, protagonizada por um jogador de baseball e distribuída pelo King Features Syndicate.

Bill Lignante teve uma rápida passagem pelas páginas dominicais do Fantasma, mas desenhou diversas aventuras do herói para a revista *The Phantom*.

Sabe-se que, quando Wilson McCoy faleceu, o King Features Syndicate realizou um concurso para descobrir o novo desenhista de O Fantasma. E consta também que Ray Moore foi um dos participantes do concurso; porém, Lee Falk vetou seu retorno (anos mais tarde, a fim de explicar esse veto, o roteirista fez insinuações de que Moore tinha tendência ao alcoolismo e uma falta de ritmo profissional). O escolhido acabou sendo Seymour Barry, mais conhecido como...

SY BARRY

Nascido em Nova York, em 12 de março de 1928, Sy Barry começou como assistente de seu irmão mais velho, Dan, que no final da década de 1940 era um dos desenhistas do gibi *Crime Does Not Pay*.

A seguir, Sy Barry desenhou algumas histórias em quadrinhos para a DC e fez ilustrações publicitárias. E, em 1951, quando Dan passou a desenhar as tiras diárias de Flash Gordon, tornou-se novamente assistente do irmão.

Dez anos depois, em 1961, Sy Barry assumiu os desenhos das histórias do Fantasma. Começou desenhando as tiras diárias; e a primeira história que desenhou foi *The Slave Market of Mucar*, que curiosamente é uma das poucas – se não for a única – aventuras do Espírito-Que-Anda em que não há a presença de mulheres. Em seguida, em 1962, passou a desenhar também as páginas dominicais.

Desenhista talentoso, com profundo conhecimento de anatomia e perfeito domínio das técnicas quadrinísticas, Sy Barry desenhou sozinho O Fantasma durante alguns anos. Depois, entretanto, passou a contar com um grande número de assistentes. Na verdade, os desenhos da série passaram a ser realizados integralmente por esses assistentes, que nunca receberam crédito (dizem que a sequência do casamento do Fantasma com Diana foi ilustrada por André Le Blanc, haitiano naturalizado brasileiro, que viveu muito tempo nos Estados Unidos e veio a falecer em 1998, no Brasil).

Sy Barry aposentou-se em 1994.



Para o gibi *The Phantom*, Bill Lignante desenhou algumas aventuras de Julie Walker. A revista *The Phantom* teve 74 números – do número 1 (novembro de 1962) ao 17 (julho de 1966) foi publicada pela Gold Key; do 18 (setembro de 1966) ao 28 (dezembro de 1967), pela King; e do 29 (fevereiro de 1968) ao 74 (janeiro de 1977), pela Charlton – e apresentou histórias (muitas delas baseadas em roteiros de Lee Falk) ilustradas por diversos desenhistas (Bill Lignante, Don Newton, Jim Aparo, Steve Ditko, entre outros). Vale registrar que o número 29 não foi lançado.



Em 1961 o King Features Syndicate produziu este anúncio publicitário (no final dele pode-se ler: "Divirta-se com as novas e invulgar aventuras do FANTASMA, de Lee Falk e Seymour Barry") e enviou-o aos jornais que publicavam as tiras diárias e as páginas dominicais do personagem

GEORGE OLESEN

Nasceu em dezembro de 1924.

Foi piloto durante a Segunda Guerra Mundial; mas sempre gostou de desenhar e, em 1949, após formar-se em Arte pelo Pratt Institute, de Nova York, tornou-se desenhista profissional, ilustrando as histórias do indiozinho Little Beaver. Esse personagem, companheiro inseparável do caubói Red Ryder, ficou conhecido no Brasil com os seguintes nomes: Pequeno Castor, Filhote de Castor, Curumim e Castorzinho. Essas histórias foram publicadas em gibis lançados pela Dell Publishing.

Em meados da década de 1950, passou a auxiliar Bill Lignante na realização dos desenhos de Ozark Ike. Depois, a partir de 1961, tornou-se o assistente de Sy Barry e, quando este se aposentou em 1994, foi contratado pela King Features Syndicate para ser o desenhista das tiras diárias e páginas dominicais do Fantasma. Então, pela primeira vez na história de O Fantasma, dois desenhistas passaram a assinar a série: Olesen/Williams ou Olesen/Fredericks, já que George Olesen fazia os desenhos a lápis e Keith Williams (nascido em 16 de setembro de 1957, estudou Desenho na School of Visual Arts, tendo como professor Will Eisner, o criador de *The Spirit*, e trabalhou para a DC, Marvel e algumas outras editoras norte-americanas de gibis) e Fred Fredericks, que, desde 1965 desenha as histórias do Madrake, encarregavam-se da arte final.

George Olesen, que se aposentou em 2004, desenhava também duas histórias do Fantasma para a editora Egmont: *Redbeard the Traitor* e *The Assassin*.



Desenho feito por George Olesen, em comemoração aos 60 anos do Fantasma



Alguns quadradinhos da história *The War Mangers* com desenhos de Graham Nolan

GRAHAM NOLAN

Nascido em 12 de março de 1962, em Englewood, no Estado de Nova Jersey, estudou Desenho na Joe Kubert School of Cartoon and Graphic Art. Começou a desenhar as páginas dominicais de O Fantasma em 2000; mas, antes disso, já havia trabalhado para a Marvel e DC, ilustrando as aventuras de diversos personagens – seu trabalho mais relevante, nessa época, foi ter desenhado, durante aproximadamente seis anos, histórias do Batman, para as quais co-criou o vilão Bane. É casado e pai de três filhas. E, sempre que tem um tempo livre, faz ilustrações para as capas das revistas do Fantasma editadas pela Egmont.



PAUL RYAN

Fã do Fantasma desde pequeno, assinou, em 2005, um contrato de dois anos com a King Features Syndicate para desenhar as tiras diárias do Espírito-Que-Anda. Trabalhou durante muitos anos para a Marvel, DC e Crossgen, desenhando ou arte-finalizando histórias de inúmeros personagens. Foi o único desenhista que tanto trabalhou na história em que Peter Parker/Homem-Aranha se casa com Mary Jane Watson quanto na que mostra Clark Kent/Superman casando-se com Lois Lane. Antes de assinar o contrato com a King, já desenhava – há três anos – aventuras do Fantasma para as revistas publicadas pela Egmont, na Europa.

CAPÍTULO

9

HISTÓRIAS DO
FANTASMA
QUE TODO
LEITOR DE
QUADRINHOS
DEVE LER





Os Piratas Singh

Almanaque do Gibi Nostalgia nº 1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 24 de junho de 1975

Álbum do Fantasma nºs 2, 3, 4 e 5, Rio de Janeiro, Editora Brasil-América, 1980

Fantasma - Edição Comemorativa dos 50 Anos, Porto Alegre, L&PM Editores, inverno de 1980

Pocket Classic nºs 1 e 2, São Paulo, Nova Sampa Ditzert Editorial, 1990/1991

Observações:

Em Fantasma - Edição Comemorativa dos 50 Anos e nos dois números de Pocket Classic, esta história foi publicada com o título de Os Piratas de Singh.

Fantasma - Edição Comemorativa dos 50 Anos foi o primeiro da série de três álbuns.

Pocket Classic não vendeu bem e parou no número 2, deixando a história incompleta.

Os Piratas do Céu

Gibi Especial nº 2, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1975

Fantasma - O Bando do Céu, Porto Alegre, L&PM Editores, verão de 1987

Os Caçadores de Diamantes

Fantasma volume 3, Porto Alegre, L&PM Editores, verão de 1989

O Pequeno Tommy

Gibi Semanal números 25, 26 e 27, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1975

O Prisioneiro do Himalaia

Fantasma Extra, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, s.d

Observação: Fantasma Extra foi, provavelmente, lançada em 1971

O Ninho do Tubarão

Almanaque do Gibi Nostalgia nº 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, s.d

Os Mercadores de Escravos

Gibi Semanal nº 40, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 30 de julho de 1975

A Desmemoriada de Alexandrin

Almanaque Fantasma Magazine 1955, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1954

Almanaque do Fantasma, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, junho de 1977

Observação: No Almanaque Fantasma Magazine 1955, esta história foi publicada com o título de Aventura em Alexandria.

O Círculo Dourado!

O Fantasma nº 16, São Paulo, Sabot, 1971

Almanaque do Fantasma, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1977

Observação: No Almanaque do Fantasma, esta história foi publicada com o título de O Círculo do Ouro.

O Mistério da Z.O.Z

Fantasma Magazine Edição Extra, Rio de Janeiro, Rio de Gráfica e Editora, 1953

Guerra no Oriente

Fantasma Magazine Edição Especial 40 Anos, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1976

A Casamenteira

Fantasma Magazine nº 6, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, janeiro/fevereiro de 1954

O Fantasma nº 38, São Paulo, Sabot, 1973

Observação: Em Fantasma Magazine nº 6, esta história foi publicada com o título de Um Novo para Diana.

Os Dois Sinais!!!

O Fantasma nº 26, São Paulo, Sabot, 1972

O Estranho Zoológico do Príncipe Nebuch

O Fantasma Edição Extra nº 8, São Paulo, Sabot, 1974

O Mercado de Escravos de Nucar

O Fantasma nº 47, São Paulo, Sabot, 1975

Fantasma Gold nº 1, São Paulo, Editora Opera Graphica, 2001

Observação: Em O Fantasma nº 47, essa história foi publicada com o título de Na Trailha dos Escravos!

A Marca do Fantasma

Fantasma Magazine nº 100, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, s.d

O Pedido

O Casamento do Fantasma - Edição Histórica, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1978

Fantasma Casamento e Lua de Mel, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1979

O Casamento do Fantasma

O Casamento do Fantasma - Edição Histórica Fantasma Casamento e Lua de Mel

Os Bebês do Fantasma

Os Bebês do Fantasma - Fantasma Especial, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, julho de 1979

A Infância do Fantasma!

Fantasma Magazine nº 9, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, julho/agosto de 1954

Fantasma nº 208, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1973

Álbum do Fantasma nº 1, Rio de Janeiro, Editora Brasil-América, 1979

Observação: No Álbum do Fantasma nº 1, esta história foi publicada com o título de A Infância do Herói.

A Irmã do Fantasma

Fantasma Magazine nº 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, julho/agosto de 1953

História da Corrente!

Fantasma Magazine nº 5, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, novembro/desembro de 1953

A História da Patrulha da Selva

Fantasma Magazine nº 104, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, s.d

Rex, O Menino da Selva

Fantasma Magazine nº 125, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, s.d

O Primeiro Fantasma

Fantasma nº 159, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, s.d



Primeira aparição frontal do Fantasma, na sétima tira da série

A Feiteira

Fantasma Especial, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1972

A Boa Marca do Fantasma

Fantasma nº 194, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1972

A Lenda de Ah-Kon-Tonka

Fantasma nº 202, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1972

A Bruxa Heloise

Fantasma Extra nº 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora Globo, julho de 1987

A Princesa Pura

Novo Almanaque do Fantasma nº 27, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, agosto/setembro de 1985

O Companheiro Ideal

Fantasma Extra nº 8, Rio de Janeiro, Editora Globo, maio de 1988

O Lendário Fantasma Baixinho

O Fantasma Crônicas nº 3, São Paulo, Editora Opera Graphica, 2002

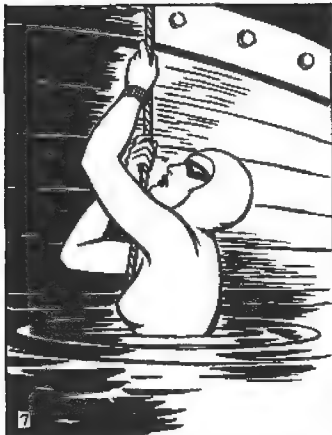
Além dessas histórias, também devem ser lidas a minissérie realizada pela DC Comics e as seguintes aventuras (todas produzidas para as revistas publicadas na Suécia)

A Vingança de Sir Thomas

Fantasma nº 338, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, janeiro de 1984



A primeira tira da série O Fantasma



Julia, a irmã do Fantasma

História publicada originalmente em Fantomen número 14 (1980)

Observação: Esta história conta a aventura do Primeiro Fantasma e seu filho.

A História de Capeto

Fantasma n° 340, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, março de 1984
História publicada originalmente em Fantomen n° 23 (1979)

Observação: Esta história explica a origem de Capeto.

O Retrato

Fantasma n° 341, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, abril de 1984
História publicada originalmente em Fantomen número 9 (1980)

Observação: Esta história mostra o Sexto Fantasma morrendo e o filho assumindo seu lugar.

Expresso Oriente parte "1"

Fantasma n° 342, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, maio de 1984
História publicada originalmente em Fantomen n° 25 (1980)

Observação: Nesta história, cuja ação se passa em 1877, o Fantasma Desceste, durante uma viagem de Paris a Constantinopla, no famoso Expresso Oriente, frustra os planos de uma organização criminoso conhecida como Os Azules (cerca de um século mais tarde, o Vinte e Um também irá enfrentar essa quadrilha) de raptar a princesa Soraya, sobrinha do sultão Hamid II, da Turquia.

Expresso Oriente parte "2"

Fantasma n° 343, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, junho de 1984
História publicada originalmente em Fantomen n° 26 (1980)

A Noite das Bruxas

Fantasma n° 344, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, julho de 1984
História publicada originalmente em Fantomen n° 26 (1981)

Observação: Esta história narra uma aventura do Terceiro Fantasma.

O Tesouro Asteca

Fantasma n° 346, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, setembro de 1984
História publicada originalmente em Fantomen n° 5 (1976)

Observação: Esta história, cuja ação transcorre no México, relata aquela que, segundo palavras do Vinte e Um é a "aventura mais incrível do Fantasma Desceste".

Excalibur

Fantasma n° 348, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, novembro de 1984
História publicada originalmente em Fantomen n° 13 (1981)

Observação: Esta história, primeira parte de A Lenda das Espadas, conta como o Segundo Fantasma conseguiu a espada Excalibur, que, na opinião do Vinte e Um, é uma "das peças mais valiosas da Caverna da Caveira".

Durandal

Fantasma n° 349, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, dezembro de 1984
História publicada originalmente em Fantomen n° 14 (1981)

Observação: Esta história, segunda a última parte de A Lenda das Espadas, narra como a espada Durandal chegou às mãos do fantasma Treze.

O Correlô da Selva

Fantasma n° 352, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, março de 1985
História publicada originalmente em Fantomen n° 7

Observação: Esta história deixa claro que, às vezes, os métodos primitivos são mais eficientes e seguros do que a moderna tecnologia.

Assassino

Fantasma n° 361, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, dezembro de 1985
História publicada originalmente em Fantomen n° 12 (1982)

Observação: Esta história relata uma aventura que aconteceu com o Fantasma Desceste, em 1858, em plena Índia ocupada pelos ingleses.

O Molim

Fantasma n° 365, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, abril de 1986
Fantasma n° 48, Editora Globo, dezembro de 1992
História publicada originalmente em Fantomen n° 22 (1974)

Observação: Esta história, cuja ação se passa na década de 1750, conta as perspectivas vividas pelo Fantasma Onze, na época em que era jovem e queria ser marinheiro.

Naufrágios Criminosos

Fantasma n° 367, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, junho de 1986
História publicada originalmente em Fantomen n° 15 (1977)

Observação: Esta história, cujo argumento foi levemente inspirado no romance Jamaica Inn (A Estalagem Maldita), de Daphne du Maurier, narra uma aventura do Fantasma Doze.

Para Sempre Condenados!

Almanaque do Fantasma n° 7, Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, maio/junho de 1980

História publicada originalmente em Fantomen n° 7 (1979)

Observação: Esta história, terceira e última parte de Os Piratas do Dragão Vermelho, Fantasma atual tem de enfrentar a perversa princesa Sin, que é chefe de uma quadrilha de piratas.

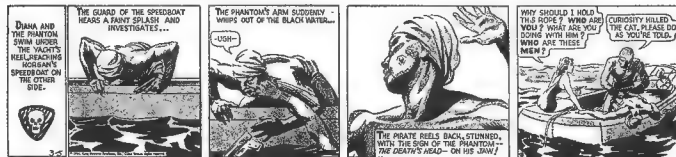
O Anel

Fantasma Especial n° 8, Rio de Janeiro, Editora Globo, fevereiro de 1987
História publicada originalmente em Fantomen n° 4 (1986)

Observação: Esta história esclarece a origem do anel da Caveira, que pertenciu ao imperador romano Nero e foi dado ao Primeiro Fantasma pelo alquimista Paracelcus.

A Floresta do Terror

Fantasma Especial n° 23, Rio de Janeiro, Editora Globo, maio de 1988
História publicada originalmente em Fantomen n° 7



A primeira aparição da marca do Fantasma

Observação: Esta história conta como o Quarto Fantasma conseguiu uma flecha poe, em sua opinião, havia pertencido ao lendário Robin Hood.

Castejo Maligno

Fantasma Especial n° 31, Rio de Janeiro, Editora Globo, janeiro de 1989
História publicada originalmente em Fantomen n° 7

Observação: Esta história narra „ma mais aventura vivida pelo Fantasma Treze, quando visitava, certa vez, a Alemanha.

Os Piratas do Mar de Gelo

Fantasma Especial n° 34, Rio de Janeiro, Editora Globo, abril de 1989
História publicada originalmente em Fantomen n° 9

Observação: Esta história, primeira parte de O Mistério das Runas Douradas, relata como o Fantasma Dezessete conseguiu a quarta runa dourada.

O Jardim da Morte

Fantasma Especial n° 35, Rio de Janeiro, Editora Globo, maio de 1989
História publicada originalmente em Fantomen n° 9

Observação: Esta história, segunda parte de O Mistério das Runas Douradas, mostra como o segundo Fantasma encontrou a primeira runa dourada na cidade de Matar.

Príncipe das Trevas

Fantasma Especial n° 35
Observação: Esta história, terceira parte de O Mistério das Runas Douradas, conta

como Nono Fantasma levou a segunda runa dourada para a Caverna da Caveira.

O Enigma da Múmia

Fantasma Especial n° 36, Rio de Janeiro, Editora Globo, julho de 1989
História publicada originalmente em Fantomen n° 9

Observação: Esta história, quarta parte de O Mistério das Runas Douradas, narra como o Fantasma Doze achou a terceira runa dourada.

As Minas do Rei Salomão

Fantasma Especial n° 36
História publicada originalmente em Fantomen n° 9

Observação: Esta história, quinta e última parte de O Mistério das Runas Douradas, é uma aventura do Fantasma atual.

Morte em Veneza

Fantasma Extra n° 10, Rio de Janeiro, Editora Globo, setembro de 1988
História publicada originalmente em Fantomen n° 9

Observação: Nesta história, o Fantasma Onze é obrigado a ir até Veneza, para ajudar o filho, que foi acusado de assassinato.

A Máscara de Ferro

Fantasma n° 44, São Paulo, Editora Globo, agosto de 1992
História publicada originalmente em Fantomen n° 9

Observação: O argumento desta história foi inspirado no célebre romance do escritor francês Alexandre Dumas.



Diana ouve a história sobre a origem do fantasma pela primeira vez

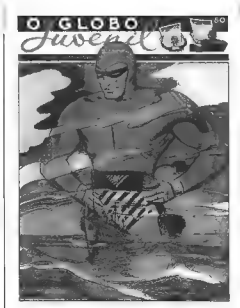


CAPÍTULO

10

O FANTASMA NO BRASIL





CAPAS HISTÓRICAS

Temos a honra de publicar a seguir, um caderno colorido contendo "todas as capas de todas as publicações com aventuras do Fantasma". Este sonho se torna realidade graças a inestimável ajuda de três grandes colecionadores: Sérgio Takara, Dédy Edson e Geraldo Cachola. Takara reuniu um fabuloso arquivo digital todas as capas brasileiras onde O Fantasma foi publicado. E nos forneceu gentilmente seu impecável arquivo. As capas complementares foram cedidas por Edson.

As capas estão dispostas, por ordem de lançamento das coleções. Começamos com os exemplares de estréia e edições especiais. Depois apresentamos as capas do tabloide *O Globo Juvenil*. Seguido dos livros de literatura. Sucede das capas do *Gibi*. Depois vem a coleção do *Novo Globo Juvenil*. Na sequência as capas do *Fantasma Magazine*. Seguidas por outras séries especiais da mesma Rio Gráfica Editora. Passando depois para as capas da Editora Saber, que se dedicou aos clássicos em preto e branco. Concluindo o panorama com as derradeiras edições do Fantasma, lançadas pela Nova Sampa, Opera Graphica Editora e Mythos.

O primeiro artista brasileiro a desenhar uma capa para O Fantasma foi o Calmon Barreto, para o *Correio Universal*. Depois foi Israel Ferreira, capista do *O Globo Juvenil*. Sucedido por Haroldo, depois Cléo.

Nos anos 40 e 50 Lutz (Luiz Fernando Guimarães) foi o artista mais freqüente das capas. Seguido por Cerdeira, Gutenberg Monteiro. Na década de 1960 Evaldo, Juarez Odilon, Sinatti, Oliveira, Waldir Amaral e Primaggio foram outros importantes capistas. Mas, a partir de 1968 até a última publicação da RGE, Waldir Amaral foi o brilhante autor de todas as capas de O Fantasma.

Na Editora Saber o jovem Edu assinava as capas. Monteiro Filho realizou as capas da Ebal. E as capas da Opera Graphica e Mythos foram de Alexandre Jubran, Daniel Ching, Luiz Rodrigues, Ivan Rodrigues, Franco de Rosa e o excepcional Mozart Couto. Lembrando que muitas das capas das edições brasileiras reprimiram as imagens apresentadas nas edições originais americanas. Como nas capas da Marvel, DC e, principalmente, as da Gold Key, que eram magistralmente pintadas por George Wilson.



O HERÓI DE VERMELHO... ROXO... CINZA... AZUL...

Por Roberto Guedes

De acordo com Bryan Shedden, do site australiano *Deep Woods*, o Brasil não foi o único país a adotar a cor vermelha como padrão para o uniforme do Fantasma durante boa parte do século 20. França, Itália e Espanha também o fizeram, enquanto que na Nova Zelândia, a coisa era bem mais esdrúxula, com o Espírito-Que Anda trajando um colante que misturava marrom e amarelo.

As tiras em preto-e-branco do Fantasma tiveram início em 17 de fevereiro de 1916, e o leitor não tinha pista alguma da cor de seu uniforme, até que, no mesmo ano, reapareceram as primeiras histórias em *The Big Little Book*, na forma de texto em prosa, mesclando com imagens retiradas das tiras. Na capa, o uniforme de Kit Walker aparecia em um tom vermelho alaranjado. A cor foi usada mais uma vez na edição de 1939, intitulada *"The Phantom and the Sign of the Skull"*. A partir de então, o roxo e o azul seriam adotados como padrão, combinando com suas histórias publicadas nas páginas dominicais dos suplementos coloridos, a partir de 28 de maio de 1939.

Só que a confusão estaria longe de acabar, pois antes mesmo dessas republicações americanas, a italiana Casa Editrice G. Nerburn lançou em maio de 1937 o primeiro gibi do Fantasma no mundo com repêres das duas diátrias, *L'Uomo Marcherato*, em que ele aparecia em um uniforme multicolorido na capa, com malha e capuz vermelho, luvas marrons, calça laranja, e calção verde. Um "show".

Já em *Act Comics* 11 (fevereiro de 1938), o uniforme é pintado de marrom, embora, depois disso, e até o cancelamento dessa revista americana em 1949, o traje tenha sido colorizado de roxo. Na Austrália (onde até hoje o herói goza de uma popularidade incrível), sua vestimenta foi pintada de verde logo em seu primeiro título local.

Se esses dados já serviram para deixar o confuso, não saia daí, pois ainda vem mais. É que mesmo nas tiras em preto-e-branco, o criador do Fantasma, Lee Falk, fez questão de bagunçar o correto. Por exemplo em painéis distintos das histórias *"Oi Prata Singh"* e *"Fishers of Pearl"*, se refere ao uniforme do personagem como sendo cinza. Esta cor, no raciocínio de Falk, seria mais apropriada como uma espécie de camuflagem. Inclusive, ele confessou ao *magazine Comic Review* em 1988, que originalmente, o herói era para ser chamado "Gray Ghost" (Fantasma Cinza), mas que acabou optando por "Fantasma", por soar melhor. Mas quando as páginas dominicais tiveram muito, algum colaborador anônimo do King Features aplicou o roxo no uniforme, deixando o autor surpreso - e não menos indignado. "Eles não me consultaram. Simplesmente meteram um roxo para a minha surpresa".

As razões para essa troca de cores ninguém sabe ao certo, especula-se que o King também padecia de tecnologia para impressão em cinza - o que nos remete à criação do *Incrível Hulk* pela Marvel Comics na década de 1960, quando, inicialmente planejado como um monstro de cor cinza, acabou virando verde devido a problemas de impressão. Talvez por birra, Falk continuou chamando seu personagem de "cinza" nas páginas dominicais apesar de continuar sendo pintado de roxo pelos coloristas do *syndicate*.

O autor só cedeu ao "roxo" em 1956, na clássica *"Maravilha Mascorada"* de tantas republicações por aqui -, quando, ao subir no ringue, o mestre de cerimônia diz: "E neste canto, ugh! vestindo roupas roxas... o desafiador." E, finalmente, em 1975, Falk decide explicar a origem da cor roxa, na história *"O Primeiro Fantasma"* - publicada aqui duas vezes, em *Fantasma* 232 (fevereiro de 1977, pela RGE), e em *Fantasma Magazine* 1 (2002, pela Opera Graphica) -, mostrando que o uniforme foi tingido com o sumo de uma fruta não venenosa, a fim de ficar parecido com o idolo demônio dos gigantes Wasaka.

A cor do uniforme no Brasil

A partir da edição 99 (maio de 1964), a revista mensal de linha do Fantasma passa a ser colorida e o azul arroxado é resgatado, embora, em muitas edições tenha-se alternado aparições do Senhor da Floresta Negra com a vestimenta vermelha também. Chegou-se ao cúmulo da desorganização quando, na mesma edição, publicaram duas histórias do Fantasma tanto pintado de roxo, quanto de vermelho.

Na edição 150 em diante, a editora carioca optou de vez pelo vermelho. Somente com a publicação da minissérie *O Fantasma* (janeiro de 1989), produzida pela DC Comics, é que a RGE (então rebatizada de "Globo") retomou o roxo no uniforme do Espírito-Que Anda. No século 21, essa cor foi mantida nas publicações da Opera Graphica e Mythos.



AS CAPAS DO BRASIL

Imagens fornecidas pelas colecionadoras Dédy Edson, Sérgio Takara e Gentílo Cachele



A GAZETA EDIÇÃO INFANTIL nº 169
2 DE DEZEMBRO DE 1936

Reunimos aqui 618 capas das revistas onde O Fantasma foi estampado. Desprezamos as capas das publicações onde nosso herói atua, mas não aparece na capa.

Na Edição Infantil de A Gazeta onde O Fantasma estreou, ele não foi capa. Encontramos uma capa parcialmente destruída do tablóide, de 1939, já com o subtítulo "A Gazetinha". (Como se vê abaixo.) No Correio Universal o Fantasma foi impresso em duas cores,



CORREIO UNIVERSAL nº 216 - ALBUM DE 27/ABR/1937



A GAZETA EDIÇÃO INFANTIL nº 189



CORREIO UNIVERSAL nº 216 - 27/ABR/1937



CORREIO UNIVERSAL nº 241 - ALBUM DE 17/NOV/1937



ALBUM GLOBO JUVENIL



ALBUM GLOBO JUVENIL



ALBUM GLOBO JUVENIL



ALBUM GLOBO JUVENIL



ALBUM GLOBO JUVENIL



LIVRO GLOBO JUVENIL



RGE - AFM 1



ALM. GLOBO JUV. 1963



ALM. GLOBO JUV. 1968



ALM. GLOBO JUV. 1957



ALM. GLOBO JUV. 1958



ALM. GLOBO JUV. 1999



ALBUM EBAL 1946
(TEXTOS LITERÁRIOS EMBaixo DOS QUADRINHOS)

SUPLEMENTO EM QUADRINHOS nº1 - 1947



Capa fragmentada de A Gazetinha de 20 de maio de 1939



RGE - ALBUM DE FIGURINHAS



GLOBO JUVENIL 12



GLOBO JUVENIL 29



GLOBO JUVENIL 75



GLOBO JUVENIL 108



GLOBO JUVENIL 131



GLOBO JUVENIL 136



GLOBO JUVENIL 166



GLOBO JUVENIL 241



GLOBO JUVENIL 251



GLOBO JUVENIL 266



GLOBO JUVENIL 307



GLOBO JUVENIL 335



GLOBO JUVENIL 488



GLOBO JUVENIL 545



GLOBO JUVENIL 546



GLOBO JUVENIL 618



GLOBO JUVENIL 619



GLOBO JUVENIL 659



GLOBO JUVENIL 668



GLOBO JUVENIL 681



GLOBO JUVENIL 760



GLOBO JUVENIL 787



GLOBO JUVENIL 794



GLOBO JUVENIL 890



GLOBO JUVENIL 895



GLOBO JUVENIL 872



GLOBO JUVENIL 896



GLOBO JUVENIL 925



GLOBO JUVENIL 932



GLOBO JUVENIL 934



GLOBO JUVENIL 1270



GLOBO JUVENIL 1277



GLOBO JUVENIL 1283



GLOBO JUVENIL 1286



GLOBO JUVENIL 1319



GLOBO JUVENIL 1321



GLOBO JUVENIL 1343



GLOBO JUVENIL 1367



GLOBO JUVENIL 1405



GLOBO JUVENIL 1689



GLOBO JUVENIL 1768



GIBI 33



GIBI 36



GIBI 38



GIBI 84



GIBI 164



GIBI 477



GIBI 1035



GIBI 1491



GIBI 1428



GIBI 1440



GIBI MENSAL EXTRA
134 - 1952



NOVO GLOBO 1998



NOVO GLOBO 2004



NOVO GLOBO 2006



NOVO GLOBO 2015



NOVO GLOBO 2022
1951



NOVO GLOBO 2029
1951



NOVO GLOBO 2031
1951



NOVO GLOBO 2033
1951



NOVO GLOBO 2037
1952



NOVO GLOBO 2040
1952



NOVO GLOBO 2043
1952



NOVO GLOBO 2045
1952



NOVO GLOBO 2047
1952



NOVO GLOBO 2049
1952



NOVO GLOBO 2053
1952



NOVO GLOBO 2055
1952



NOVO GLOBO 2056
1952



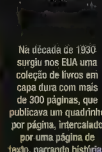
NOVO GLOBO 2059
1952



NOVO GLOBO 2061
1953



NOVO GLOBO 2062
1953



NOVO GLOBO 2062
1953



GOLFINHO - LIVRO 1



GOLFINHO - LIVRO 2



GOLFINHO - LIVRO 3



RGE - LIVRO 1



TJOLINHO 17



TJOLINHO 22



TJOLINHO 25



TJOLINHO 28



TJOLINHO 31

Na década de 1930 surgiu nos EUA uma coleção de livros em capa dura com mais de 300 páginas, que publicava um quadrinho por página, intercalado por uma página de texto, narrando histórias adaptadas de...
Brasil este avinho foi apelidado de "tjolinho".



RGE - FM 001



RGE - FM 002



RGE - FM 003



RGE - FM 004



RGE - FM 005



RGE - FM 006



RGE - FM 007



RGE - FM 008



RGE - FM 009



RGE - FM 010



RGE - FM 011



RGE - FM 012



RGE - FM 013



RGE - FM 014



RGE - FM 015



RGE - FM 016



RGE - FM 017



RGE - FM 018



RGE - FM 019



RGE - FM 020



RGE - FM 021



RGE - FM 022



RGE - FM 023



RGE - FM 024



RGE - FM 025



RGE - FM 026



RGE - FM 027



RGE - FM 028



RGE - FM 029



RGE - FM 030



RGE - FM 031



RGE - FM 032



RGE - FM 033



RGE - FM 034



RGE - FM 035



RGE - FM 036



RGE - FM 037



RGE - FM 038



RGE - FM 039



RGE - FM 040



RGE - FM 041



RGE - FM 042



RGE - FM 043



RGE - FM 044



RGE - FM 045



RGE - FM 046



RGE - FM 047



RGE - FM 048



RGE - FM 049



RGE - FM 050



RGE - FM 051



RGE - FM 052



RGE - FM 053



RGE - FM 054



RGE - FM 055



RGE - FM 056



RGE - FM 057



RGE - FM 058



RGE - FM 059



RGE - FM 060



RGE - FM 061



RGE - FM 062



RGE - FM 063



RGE - FM 064



RGE - FM 065



RGE - FM 066



RGE - FM 067



RGE - FM 068



RGE - FM 069



RGE - FM 070



RGE - FM 071



RGE - FM 072



RGE - FM 073



RGE - FM 074



RGE - FM 075



RGE - FM 076



RGE - FM 077



RGE - FM 078



RGE - FM 079



RGE - FM 080



RGE - FM 081



RGE - FM 082



RGE - FM 083



RGE - FM 084



RGE - FM 085



RGE - FM 086



RGE - FM 087



RGE - FM 088



RGE - FM 089



RGE - FM 090



RGE - FM 091



RGE - FM 092



RGE - FM 093



RGE - FM 094



RGE - FM 095



RGE - FM 096



RGE - FM 097



RGE - FM 098



RGE - FM 099



RGE - FM 100



RGE - FM 101



RGE - FM 102



RGE - FM 103



RGE - FM 104



RGE - FM 105



RGE - FM 106



RGE - FM 107



RGE - FM 108



RGE - FM 109



RGE - FM 110



RGE - FM 111



RGE - FM 112



RGE - FM 113



RGE - FM 114



RGE - FM 115



RGE - FM 116



RGE - FM 117



RGE - FM 118



RGE - FM 119



RGE - FM 120



RGE - FM 121



RGE - FM 122



RGE - FM 123



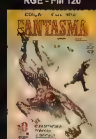
RGE - FM 124



RGE - FM 125



RGE - FM 126



RGE - FM 127



RGE - FM 128



RGE - FM 129



RGE - FM 130



RGE - FM 131



RGE - FM 132



RGE - FM 133



RGE - FM 134



RGE - FM 135



RGE - FM 136



RGE - FM 137



RGE - FM 138



RGE - FM 139



RGE - FM 140



RGE - FM 141



RGE - FM 142



RGE - FM 143



RGE - FM 144



RGE - FM 145



RGE - FM 146



RGE - FM 147



RGE - FM 148



RGE - FM 149



RGE - FM 150



RGE - FM 151



RGE - FM 152



RGE - FM 153



RGE - FM 154



RGE - FM 155



RGE - FM 156



RGE - FM 157



RGE - FM 158



RGE - FM 159



RGE - FM 160



RGE - FM 161



RGE - FM 162



RGE - FM 163



RGE - FM 164



RGE - FM 165



RGE - FM 166



RGE - FM 167



RGE - FM 168



RGE - FM 169



RGE - FM 170



RGE - FM 171



RGE - FM 172



RGE - FM 173



RGE - FM 174



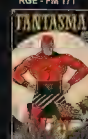
RGE - FM 175



RGE - FM 176



RGE - FM 177



RGE - FM 178



RGE - FM 179



RGE - FM 180



RGE - FM 181



RGE - FM 182



RGE - FM 183



RGE - FM 184



RGE - FM 185



RGE - FM 186



RGE - FM 187



RGE - FM 188



RGE - FM 189



RGE - FM 190



RGE - FM 191



RGE - FM 192



RGE - FM 193



RGE - FM 194



RGE - FM 195



RGE - FM 196

FORMATO AMERICANO - RIO GRÁFICA EDITORA



RGE - FM 197



RGE - FM 198



RGE - FM 199



RGE - FM 200



RGE - FM 201



RGE - FM 202



RGE - FM 203



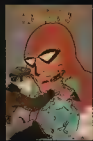
RGE - FM 204



RGE - FM 205



RGE - FM 206



RGE - FM 207



RGE - FM 208



RGE - FM 209



RGE - FM 210



RGE - FM 211



RGE - FM 212



RGE - FM 213



RGE - FM 214



RGE - FM 215



RGE - FM 216



RGE - FM 217



RGE - FM 218



RGE - FM 219



RGE - FM 220



RGE - FM 221



RGE - FM 222



RGE - FM 223



RGE - FM 224



RGE - FM 225



RGE - FM 226



RGE - FM 227



RGE - FM 228



RGE - FM 229



RGE - FM 230



RGE - FM 231



RGE - FM 232



RGE - FM 233 #



RGE - AFM 2



RGE - AFM 3



RGE - AFM 4



RGE - AFM 5



RGE - AFM 6



RGE - AFM 7



RGE - AFM 8



RGE - AFM 9



RGE - AFM 10



RGE - AFM 1964 11



RGE - AFM 12



RGE - AFM 13



RGE - AFM 14



RGE - AFM 15



RGE - AFM 16



RGE - AFM 17



RGE - AFM 18



RGE - AFM 19



RGE - AFM 20



RGE - AFM 21



RGE - AFM 22



RGE - AFM 23



RGE - AFM 24



RGE - AFM 25



RGE - AFM 26



RGE - AFM 27



RGE - AFM 28



RGE - AFM 29



RGE - AFM 30



RGE - AFM 31



RGE - AFM 32



RGE - AFM 33



RGE - FEX 1



RGE - FEX 2



RGE - FEX 3



RGE - FEX 4



RGE - FEX 5



RGE - FEX 6



RGE - FES



RGE - FES



RGE - FES



SOBRECAPA



REIMPRESSÃO 1



REIMPRESSÃO 2



SOBRECAPA



GLOBO MS - 1/13



GLOBO MS - 2/13



GLOBO MS - 3/13



GLOBO MS - 4/13



GLOBO MS - 5/13



GLOBO MS - 6/13



GLOBO MS - 7/13



GLOBO MS - 8/13



GLOBO MS - 9/13



GLOBO MS - 10/13



GLOBO MS - 11/13



GLOBO MS - 12/13



GLOBO MS - 13/13



GLOBO - GIBI



GLOBO - GIBI 9



GLOBO - GIBI

FORMATINHO - RIO GRÁFICA EDITORA



RGE - FM 234



RGE - FM 235



RGE - FM 236



RGE - FM 237



RGE - FM 238



RGE - FM 239



RGE - FM 240



RGE - FM 241



RGE - FM 242



RGE - FM 243



RGE - FM 244



RGE - FM 245



RGE - FM 246



RGE - FM 247



RGE - FM 248



RGE - FM 249



RGE - FM 250



RGE - FM 251



RGE - FM 252



RGE - FM 253



RGE - FM 254



RGE - FM 255



RGE - FM 256



RGE - FM 257



RGE - FM 258



RGE - FM 259



RGE - FM 260



RGE - FM 261



RGE - FM 262



RGE - FM 263



RGE - FM 264



RGE - FM 265



RGE - FM 266



RGE - FM 267



RGE - FM 268



RGE - FM 269



RGE - FM 270



RGE - FM 271



RGE - FM 272



RGE - FM 273



RGE - FM 274



RGE - FM 275



RGE - FM 276



RGE - FM 277



RGE - FM 278



RGE - FM 279



RGE - FM 280



RGE - FM 281



RGE - FM 282



RGE - FM 283



RGE - FM 284



RGE - FM 285



RGE - FM 286



RGE - FM 287



RGE - FM 288



RGE - FM 289



RGE - FM 290



RGE - FM 291



RGE - FM 292



RGE - FM 293



RGE - FM 294



RGE - FM 295



RGE - FM 296



RGE - FM 297



RGE - FM 298



RGE - FM 299



RGE - FM 300



RGE - FM 301



RGE - FM 302



RGE - FM 303



RGE - FM 304



RGE - FM 305



RGE - FM 306



RGE - FM 307



RGE - FM 308



RGE - FM 309



RGE - FM 310



RGE - FM 311



RGE - FM 312



RGE - FM 313



RGE - FM 314



RGE - FM 315



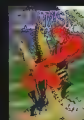
RGE - FM 316



RGE - FM 317



RGE - FM 318



RGE - FM 319



RGE - FM 320



RGE - FM 321



RGE - FM 322



RGE - FM 323



RGE - FM 324



RGE - FM 325



RGE - FM 326



RGE - FM 327



RGE - FM 328



RGE - FM 329



RGE - FM 330



RGE - FM 331



RGE - FM 332



RGE - FM 333



RGE - FM 334



RGE - FM 335



RGE - FM 336



RGE - FM 337



RGE - FM 338



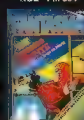
RGE - FM 339



RGE - FM 340



RGE - FM 341



RGE - FM 342



RGE - FM 343



RGE - FM 344



RGE - FM 345



RGE - FM 346



RGE - FM 347



RGE - FM 348



RGE - FM 349



RGE - FM 350



RGE - FM 351



RGE - FM 352



RGE - FM 353



RGE - FM 354



RGE - FM 355



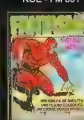
RGE - FM 356



RGE - FM 357



RGE - FM 358



RGE - FM 359



RGE - FM 360



RGE - FM 361



RGE - FM 362



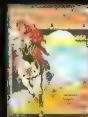
RGE - FM 363



RGE - FM 364



RGE - FM 365



RGE - FM 366



RGE - FM 367



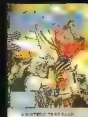
RGE - FM 368



RGE - FM 369



RGE - FM 370



RGE - FM 371



RGE - FME 01



RGE - FME 02



RGE - FME 03



RGE - FME 04



RGE - ASF 01



RGE - ASF 02



GLOBO - DC 1/4



GLOBO - DC 2/4



GLOBO - DC 3/4



GLOBO - DC 4/4



RGE - PROMOÇÃO



RGE - FES 01



RGE - FES 02



RGE - FES 03



RGE - FES 04



RGE - FES 05



RGE - FES 06



RGE - FES 07



GLOBO - FES 08



GLOBO - FES 09



GLOBO - FES 10



GLOBO - FES 11



GLOBO - FES 12



GLOBO - FES 13



GLOBO - FES 14



GLOBO - FES 15



GLOBO - FES 16



GLOBO - FES 17



GLOBO - FES 18



GLOBO - FES 19



GLOBO - FES 20



GLOBO - FES 21



GLOBO - FES 22



GLOBO - FES 23



GLOBO - FES 24



GLOBO - FES 25



GLOBO - FES 26



GLOBO - FES 27



GLOBO - FES 28



GLOBO - FES 29



GLOBO - FES 30



GLOBO - FES 31



GLOBO - FES 32



GLOBO - FES 33



GLOBO - FES 34



GLOBO - FES 35



GLOBO - FES 36



GLOBO - FES 37



GLOBO - FEX 01



GLOBO - FEX 02



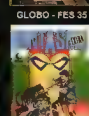
GLOBO - FEX 03



GLOBO - FEX 04



GLOBO - FEX 05



GLOBO - FEX 06



GLOBO - FEX 07



GLOBO - FEX 08



GLOBO - FEX 09



GLOBO - FEX 10



GLOBO - FEX 11



GLOBO - FEX 12



GLOBO - FEX 13



GLOBO - FEX 14



GLOBO - FEX 15



GLOBO - FEX 16



GLOBO - FEX 17



GLOBO - FEX 18



GLOBO - FEX 19



GLOBO - FEX 20



GLOBO - FEX 21



GLOBO - FEX 22



GLOBO - FEX 23



GLOBO - FEX 24



GLOBO - FEX 25



GLOBO - FEX 26



GLOBO - FEX 27



GLOBO - FEX 28



GLOBO - FEX 29



GLOBO - FEX 30



GLOBO - FEX 31



GLOBO - FEX 32



GLOBO - FEX 33



GLOBO - FEX 34



GLOBO - FEX 35



GLOBO - FEX 36



GLOBO - FEX 37



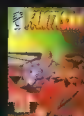
GLOBO - FEX 38



GLOBO - FEX 39



GLOBO - FEX 40



GLOBO - FEX 41



GLOBO - FEX 42



GLOBO - FEX 43



GLOBO - FEX 44



GLOBO - FEX 45



GLOBO - FEX 46



GLOBO - FEX 47



GLOBO - FEX 48



RGE - FAM 01



RGE - FAM 02



RGE - FAM 03



RGE - FAM 04



RGE - FAM 05



RGE - FAM 06



RGE - FAM 07



RGE - FAM 08



RGE - FAM 09



RGE - FAM 10



RGE - FAM 11



RGE - FAM 12



RGE - FAM 13



RGE - FAM 14



RGE - FAM 15



RGE - FAM 16



RGE - FAM 17



RGE - FAM 18



RGE - FAM 19



RGE - FAM 20



RGE - FAM 21



RGE - FAM 22

FORMATINHO - RIO GRÁFICA EDITORA / SABER



RGE - FAM 23



RGE - FAM 24



RGE - FAM 25



RGE - FAM 26



RGE - FAM 27



RGE - FAM 28



RGE - FAM 29



RGE - FAM 30



RGE - FAM 31



RGE - FSAM 01



RGE - FSAM 02



RGE - FSAM 03



RGE - FSAM 04



RGE - FSAM 05



RGE - FSAM 06



RGE - FSAM 07



RGE - FSAM 08



RGE - FSAM 09



RGE - FSAM 10



RGE - FSAM 11



RGE - FSAM 12



RGE - FSAM 13



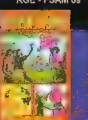
RGE - FHAM 01



RGE - FHAM 02



SABER - F 01



SABER - F 02



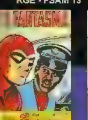
SABER - F 03



SABER - F 04



SABER - F 05



SABER - F 06



SABER - F 07



RGE - FHAM 03



SABER - F 08



SABER - F 09



SABER - F 10



SABER - F 11



SABER - F 12



SABER - F 13



SABER - F 14



SABER - F 15



SABER - F 16



SABER - F 17



SABER - F 18



SABER - F 19



SABER - F 20



SABER - F 21



SABER - F 22



SABER - F 23



SABER - F 24



SABER - F 25



SABER - F 26



SABER - F 27



SABER - F 28



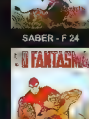
SABER - F 29



SABER - F 30



SABER - F 31



SABER - F 32



SABER - F 33



SABER - F 34



SABER - F 35



SABER - F 36



SABER - F 37



SABER - F 38



SABER - F 39



SABER - F 40



SABER - F 41



SABER - F 42



SABER - F 43



SABER - F 44



SABER - F 45



SABER - F 46



SABER - F 47



SABER - F 48



SABER - FEX 01



SABER - FEX 02



SABER - FEX 03



SABER - FEX 04



SABER - FEX 05



SABER - FEX 06



SABER - FEX 07



SABER - FEX 08



SABER - FEX 09



SABER - FEH 01



SABER - FEH 02



SABER - FEH 03



SABER - FEH 04



SABER - FEH 05



SABER - FEH 06



SABER - FEH 07



SABER - FEH 08



SABER - FEH 09



SABER - FEH 10



SABER - FEH 11



SABER - FEH 12



SABER - FEH 13



SABER - FEH 14



SABER - FEH 15



SABER - FEH 16



SABER - FEH 17



SABER - FEH 18



SABER - FEH 19



SABER - FEH 20



SABER - FEH 21



SABER - FEH 22



SABER - FEH 23



SABER - FEH 24



SABER - FEH 25



SABER - FEH 26



SABER - FEH 27



SABER - FEH 28



SABER - FEH 29



SABER - FEH 30



SABER - FEH 31



SABER - FEH 32



SABER - FEH 33



SABER - FEH 34



SABER - FEH 35



SABER - FEH 36



SABER - FEH 37



SABER - FEH 38



SABER - FEH 39



SABER - FEH 40



SABER - FEH 41



SABER - FEH 42



SABER - FEH 43



SABER - FIBRE 1



SABER - FIBRE 2



SABER - ENCALHE 1



RGE - EXTRA - 1971



RGE - GIBI SEMANAL 28



RGE - GIBI SEMANAL 25



RGE - ALMANAQUE GIBI 1



RGE - NOSTALGIA 3



RGE - AF 46 ANOS - 1975



RGE - GIBI ESPECIAL 2



RGE



1979



EBAL - A2 - 1980



EBAL - A3 - 1980



EBAL - A4 - 1980



EBAL - A5 - 1980



SAMPA POCKET 1



SAMPA POCKET 2



LPM



LPM



LPM



OPERA - FG 1



OPERA - FG 2



OPERA - FG 3



OPERA - FG 4



OPERA - FG 5



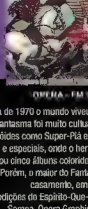
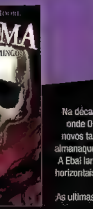
OPERA - FG 6



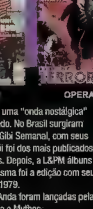
SABER 1



OPERA GRAPHICA - ALBUM



OPERA - FM 1



OPERA - FM 2



OPERA - ST 3



MYTHOS - FE 1



MYTHOS - FE 1

Na década de 1970 o mundo viveu uma "onda nostálgica" onde o Fantasma foi muito cultuado. No Brasil surgiram novos tabloides como Super-Pôla e Gibi Semanal, com seus almanques e especiais, onde o herói foi dos mais publicados. A Ebal lançou cinco álbuns coloridos. Depois, a LPM lançou horizontais. Porém, o maior do Fantasma foi a edição com seu casamento, em 1979.

As últimas edições do Espôlio-Que-Anda foram lançadas pela Sampa, Opera Graphica e Mythos.



MYTHOS - F 1



MYTHOS - F 2



MYTHOS - F 3



MYTHOS - F 4

FANTASMA INAGURADO			FM - FANTASMA			FM - FANTASMA FORMADO			FANTASMA FORMADO			
n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	n.º data	
1 março/fev 1953	115 julho	115 julho	234 agosto	1975	352 maio	1985	352 maio	1985	GLORO FEX 01 fevereiro	1987	GLORO FEX 02 abril	1987
2 março/julho	116 agosto	116 agosto	235 setembro		353 abril		353 abril		GLORO FEX 03 julho	1987	GLORO FEX 04 setembro	1987
3 março/agosto	117 setembro	117 setembro	236 outubro		354 maio		354 maio		GLORO FEX 05 novembro	1987	GLORO FEX 06 novembro	1987
4 maio/julho	118 outubro	118 outubro	237 novembro		355 junho		355 junho		GLORO FEX 07 março	1988	GLORO FEX 08 maio	1988
5 nov./dez	119 novembro	119 novembro	238 dezembro		356 julho		356 julho		GLORO FEX 09 março	1988	GLORO FEX 10 maio	1988
1954			1955			1956			GLORO FEX 11 julho	1988	GLORO FEX 12 setembro	1988
6 jan./fev	121 janeiro	121 janeiro	239 janeiro		357 agosto		357 agosto		GLORO FEX 13 novembro	1988	GLORO FEX 14 janeiro	1989
7 março/april	122 fevereiro	122 fevereiro	240 março		358 setembro		358 setembro		GLORO FEX 15 abril	1989	GLORO FEX 16 junho	1989
8 março/agosto	123 março	123 março	241 maio		359 outubro		359 outubro		GLORO FEX 17 agosto	1989	GLORO FEX 18 outubro	1989
9 setembro	124 maio	124 maio	242 abril		360 novembro		360 novembro		GLORO FEX 19 dezembro	1989	GLORO FEX 20 fevereiro	1990
10 nov./dez	125 maio	125 maio	243 maio						GLORO FEX 21 agosto	1990	GLORO FEX 22 outubro	1990
1955			1956			1957			GLORO FEX 23 novembro	1990	GLORO FEX 24 janeiro	1991
11 jan./fev	126 junho	126 junho	244 junho		362 janeiro		362 janeiro		GLORO FEX 25 janeiro	1991	GLORO FEX 26 março	1991
12 março/april	127 julho	127 julho	245 julho		363 fevereiro		363 fevereiro		GLORO FEX 27 maio	1991	GLORO FEX 28 julho	1991
13 março/julho	128 agosto	128 agosto	246 agosto		364 março		364 março		GLORO FEX 29 setembro	1991	GLORO FEX 30 junho	1991
14 março/agosto	129 setembro	129 setembro	247 setembro		365 abril		365 abril		GLORO FEX 31 outubro	1991	GLORO FEX 01 dezembro	1991
15 outubro	130 outubro	130 outubro	248 outubro		366 maio		366 maio		GLORO FEX 02 janeiro	1992	GLORO FEX 03 março	1992
16 outubro	131 outubro	131 outubro	249 novembro		367 junho		367 junho		GLORO FEX 04 maio	1992	GLORO FEX 05 julho	1992
17 nov./dez	132 dezembro	132 dezembro	250 dezembro		368 julho		368 julho		GLORO FEX 06 setembro	1992	GLORO FEX 07 novembro	1992
1956			1957			1958			GLORO FEX 08 novembro	1992	GLORO FEX 09 dezembro	1992
18 jan./fev	133 dezembro	133 dezembro	251 janeiro		369 setembro		369 setembro		GLORO FEX 10 fevereiro	1993	GLORO FEX 11 abril	1993
19 março/april	134 janeiro	134 janeiro	252 fevereiro		370 outubro		370 outubro		GLORO FEX 12 maio	1993	GLORO FEX 13 julho	1993
20 março/julho	135 janeiro	135 janeiro	253 março						GLORO FEX 14 julho	1993	GLORO FEX 15 setembro	1993
21 julho/agosto	136 fevereiro	136 fevereiro	254 março						GLORO FEX 16 novembro	1993	GLORO FEX 17 janeiro	1994
22 setembro	137 março	137 março	255 maio						GLORO FEX 18 março	1994	GLORO FEX 19 maio	1994
23 nov./dez	138 abril	138 abril	256 junho						GLORO FEX 20 maio	1994	GLORO FEX 21 julho	1994
1957			1958			1959			GLORO FEX 22 setembro	1994	GLORO FEX 23 novembro	1994
24 jan./fev	140 junho	140 junho	257 agosto						GLORO FEX 24 novembro	1994	GLORO FEX 25 janeiro	1995
25 março/april	141 julho	141 julho	258 setembro						GLORO FEX 26 março	1995	GLORO FEX 27 maio	1995
26 março/agosto	142 agosto	142 agosto	259 outubro						GLORO FEX 28 julho	1995	GLORO FEX 29 setembro	1995
27 julho/agosto	143 outubro	143 outubro	260 novembro						GLORO FEX 30 outubro	1995	GLORO FEX 31 dezembro	1995
28 setembro	144 novembro	144 novembro	261 dezembro						GLORO FEX 01 fevereiro	1996	GLORO FEX 02 abril	1996
29 nov./dez	145 dezembro	145 dezembro	262 dezembro						GLORO FEX 03 maio	1996	GLORO FEX 04 julho	1996
1958			1959			1960			GLORO FEX 06 setembro	1996	GLORO FEX 07 novembro	1996
30 jan./fev	146 dezembro	146 dezembro	263 janeiro						GLORO FEX 08 novembro	1996	GLORO FEX 09 dezembro	1996
31 março/april	147 janeiro	147 janeiro	264 março						GLORO FEX 10 fevereiro	1997	GLORO FEX 11 abril	1997
32 março/julho	148 15/Jan	148 15/Jan	265 março						GLORO FEX 12 maio	1997	GLORO FEX 13 julho	1997
33 julho/agosto	149 16/Jan	149 16/Jan	266 março						GLORO FEX 14 setembro	1997	GLORO FEX 15 novembro	1997
34 setembro	150 16/Jan	150 16/Jan	267 março						GLORO FEX 16 dezembro	1997	GLORO FEX 17 fevereiro	1998
35 nov./dez	151 17/Jan	151 17/Jan	268 março						GLORO FEX 18 maio	1998	GLORO FEX 19 julho	1998
1959			1960			1961			GLORO FEX 20 setembro	1998	GLORO FEX 21 novembro	1998
36 jan./fev	152 06/jun	152 06/jun	270 julho						GLORO FEX 22 janeiro	1999	GLORO FEX 23 março	1999
37 março/april	153 12/jun	153 12/jun	271 julho						GLORO FEX 24 maio	1999	GLORO FEX 26 julho	1999
38 maio/julho	154 31/ago	154 31/ago	272 agosto						GLORO FEX 27 setembro	1999	GLORO FEX 28 novembro	1999
39 julho/agosto	155 31/ago	155 31/ago	273 outubro						GLORO FEX 29 janeiro	2000	GLORO FEX 30 março	2000
40 setembro	156 28/nov	156 28/nov	274 novembro						GLORO FEX 31 maio	2000	GLORO FEX 01 julho	2000
41 nov./dez	157 28/nov	157 28/nov	275 dezembro						GLORO FEX 02 setembro	2000	GLORO FEX 03 novembro	2000
1960			1961			1962			GLORO FEX 04 janeiro	2001	GLORO FEX 05 março	2001
42 jan./fev	158 21/fev	158 21/fev	276 fevereiro						GLORO FEX 06 maio	2001	GLORO FEX 07 julho	2001
43 março/april	159 15/Jan	159 15/Jan	277 março						GLORO FEX 08 setembro	2001	GLORO FEX 09 novembro	2001
44 maio/julho	160 15/Jan	160 15/Jan	278 março						GLORO FEX 10 janeiro	2002	GLORO FEX 11 março	2002
45 julho/agosto	161 15/Jan	161 15/Jan	279 março						GLORO FEX 12 maio	2002	GLORO FEX 13 julho	2002
46 setembro	162 15/Jan	162 15/Jan	280 março						GLORO FEX 14 setembro	2002	GLORO FEX 15 novembro	2002
47 novembro	163 05/jun	163 05/jun	281 junho						GLORO FEX 16 janeiro	2003	GLORO FEX 17 março	2003
48 dezembro	164 05/jun	164 05/jun	282 junho						GLORO FEX 18 maio	2003	GLORO FEX 19 julho	2003
1961			1962			1963			GLORO FEX 20 setembro	2003	GLORO FEX 21 novembro	2003
49 janeiro	165 05/jun	165 05/jun	283 junho						GLORO FEX 22 janeiro	2004	GLORO FEX 23 março	2004
50 fevereiro	166 05/jun	166 05/jun	284 junho						GLORO FEX 24 maio	2004	GLORO FEX 26 julho	2004
51 março/april	167 05/jun	167 05/jun	285 junho						GLORO FEX 27 setembro	2004	GLORO FEX 28 novembro	2004
52 abril	168 05/jun	168 05/jun	286 junho						GLORO FEX 29 janeiro	2005	GLORO FEX 30 março	2005
53 maio	169 05/jun	169 05/jun	287 junho						GLORO FEX 31 maio	2005	GLORO FEX 01 julho	2005
54 junho	170 25/Jul	170 25/Jul	288 julho						GLORO FEX 02 setembro	2005	GLORO FEX 03 novembro	2005
55 julho	171 novembro	171 novembro	289 dezembro						GLORO FEX 04 janeiro	2006	GLORO FEX 05 março	2006
56 agosto	172 dezembro	172 dezembro	290 janeiro						GLORO FEX 06 maio	2006	GLORO FEX 07 julho	2006
57 setembro	173 janeiro	173 janeiro	291 fevereiro						GLORO FEX 08 setembro	2006	GLORO FEX 09 novembro	2006
58 outubro	174 janeiro	174 janeiro	292 fevereiro						GLORO FEX 10 janeiro	2007	GLORO FEX 11 março	2007
59 novembro	175 janeiro	175 janeiro	293 fevereiro						GLORO FEX 12 maio	2007	GLORO FEX 13 julho	2007
60 dezembro	176 março	176 março	294 maio						GLORO FEX 14 setembro	2007	GLORO FEX 15 novembro	2007
1962			1963			1964			GLORO FEX 16 janeiro	2008	GLORO FEX 17 março	2008
61 janeiro	177 março	177 março	295 maio						GLORO FEX 18 maio	2008	GLORO FEX 19 julho	2008
62 fevereiro	178 junho	178 junho	296 agosto						GLORO FEX 20 setembro	2008	GLORO FEX 21 novembro	2008
63 março	179 julho	179 julho	297 outubro						GLORO FEX 22 janeiro	2009	GLORO FEX 23 março	2009
64 maio	180 agosto	180 agosto	298 novembro						GLORO FEX 24 maio	2009	GLORO FEX 26 julho	2009
65 junho	181 agosto	181 agosto	299 dezembro						GLORO FEX 27 setembro	2009	GLORO FEX 28 novembro	2009
66 julho	182 setembro	182 setembro	300 janeiro						GLORO FEX 29 janeiro	2010	GLORO FEX 30 março	2010
67 agosto	183 outubro	183 outubro	301 fevereiro						GLORO FEX 31 maio	2010	GLORO FEX 01 julho	2010
68 setembro	184 novembro	184 novembro	302 março						GLORO FEX 02 setembro	2010	GLORO FEX 03 novembro	2010
69 outubro	185 dezembro	185 dezembro	303 março						GLORO FEX 04 janeiro	2011	GLORO FEX 05 março	2011
70 novembro	186 janeiro	186 janeiro	304 maio						GLORO FEX 06 maio	2011	GLORO FEX 07 julho	2011
71 dezembro	187 fevereiro	187 fevereiro	305 junho						GLORO FEX 08 setembro	2011	GLORO FEX 09 novembro	2011
1963			1964			1965			GLORO FEX 10 janeiro	2012	GLORO FEX 11 março	2012
72 janeiro	188 março	188 março	306 julho						GLORO FEX 12 maio	2012	GLORO FEX 13 julho	2012
73 fevereiro	189 abril	189 abril	307 agosto						GLORO FEX 14 setembro	2012	GLORO FEX 15 novembro	2012
74 março	190 maio	190 maio	308 setembro						GLORO FEX 16 janeiro	2013	GLORO FEX 17 março	2013
75 abril	191 agosto	191 agosto	309 outubro						GLORO FEX 18 maio	2013	GLORO FEX 19 julho	2013
76 maio	192 setembro	192 setembro	310 novembro						GLORO FEX 20 setembro	2013	GLORO FEX 21 novembro	2013
77 junho	193 outubro	193 outubro	311 dezembro						GLORO FEX 22 janeiro	2014	GLORO FEX 23 março	2014
78 julho	194 novembro	194 novembro	312 janeiro						GLORO FEX 24 maio	2014	GLORO FEX 26 julho	2014
79 agosto	195 dezembro	195 dezembro	313 fevereiro						GLORO FEX 27 setembro	2014	GLORO FEX 28 novembro	2014
80 setembro	196 janeiro	196 janeiro	314 março						GLORO FEX 29 janeiro	2015	GLORO FEX 30 março	2015
81 outubro	197 fevereiro	197 fevereiro	315 abril						GLORO FEX 31 maio	2015	GLORO FEX 01 julho	2015
82 novembro	198 março	198 março	316 maio						GLORO FEX 02 setembro	2015	GLORO FEX 03 novembro	2015
83 dezembro	199 abril	199 abril	317 junho						GLORO FEX 04 janeiro	2016	GLORO FEX 05 março	2016
84 janeiro	200 maio	200 maio	318 julho						GLORO FEX 06 maio	2016	GLORO FEX 07 julho	2016
85 fevereiro	201 junho	201 junho	319 agosto						GLORO FEX 08 setembro	2016	GLORO FEX 09 novembro	2016
86 março	202 julho	202 julho	320 setembro						GLORO FEX 10 janeiro	2017	GLORO FEX 11 março	2017
87 abril	203 agosto	203 agosto	321 outubro						GLORO FEX 12 maio	2017	GLORO FEX 13 julho	2017
88 maio	204 setembro	204 setembro	322 novembro						GLORO FEX 14 setembro	2017	GLORO FEX 15 novembro	2017
89 junho	205 outubro	205 outubro	323 dezembro						GLORO FEX 16 janeiro	2018	GLORO FEX 17 março	2018
90 julho	206 novembro	206 novembro	324 janeiro						GLORO FEX 18 maio	2018	GLORO FEX 19 julho	2018
91 agosto	207 dezembro	207 dezembro	325 fevereiro						GLORO FEX 20 setembro	2018	GLORO FEX 21 novembro	2018
92 setembro	208 janeiro	208 janeiro	326 março						GLORO FEX 22 janeiro	2019	GLORO FEX 23 março	2019
93 outubro	209 fevereiro	209 fevereiro	327 abril						GLORO FEX 24 maio	2019	GLORO FEX 26 julho	2019
94 novembro	210 março	210 março	328 maio						GLORO FEX 27 setembro	2019	GLORO FEX 28 novembro	2019
95 dezembro	211 abril	211 abril	329 junho						GLORO FEX 29 janeiro	2020	GLORO FEX 30 março	2020
96 janeiro	212 maio	212 maio	330 julho						GLORO FEX 31 maio	2020	GLORO FEX 01 julho	2020
97 fevereiro	213 junho	213 junho	331 agosto						GLORO FEX 02 setembro	2020	GLORO FEX 03 novembro	2020
98 março	214 julho	214 julho	332 setembro						GLORO FEX 04 janeiro	2021	GLORO FEX 05 março	2021
99 abril	215 agosto	215 agosto	333 outubro						GLORO FEX 06 maio	2021	GLORO FEX 07 julho	2021



Estreia do Fantasma no jornal tabloide O Globo Juvenil 12 (20/7/1937) com roupa azulada



O GIBI 33 lançou semanalmente nas páginas centrais as pranchas dominicais do Fantasma



Com esta edição especial o Fantasma se despede das páginas do GIBI Mensal



A primeira edição do Fantasma, do março/abril de 1953, foi relançada pela RGE em 1985



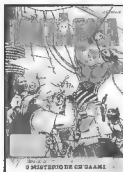
Os Piratas do Céu foi a história clássica do Fantasma mais representada em todo o mundo



A Ebal lançou em 1948 este álbum com muito texto embora de cada quadrinho, sem balões



O Fantasma foi o grande astro da "onda nostálgica" nos anos 1970 que resgatou a arte de Ray Moore



Poucas revistas de quadrinhos no Brasil atingiram a marca desta edição número 371 do Fantasma



As edições "tijolinho" publicavam um quadrinho de página inteira ao lado de uma página de texto



A partir de O Fantasma 99 a RGE publica as edições da Gold Key com as belas capas de George Wilson



Capa do número 154 de Fantasma, ilustração de Primaggio Mantovi



A clássica história da infância do Fantasma foi editada primeiramente pela Ebal em 1979



O Filho do Fantasma é a edição literária do herói com maior vendagem. Capa de Gutemberg Monteiro



O Vinte e Um mantém uma tradição de 400 anos. Mas conheceu Samaris, a ranha que possui mais de 300 anos



Alguns capas da Saber foram de artistas convidados. Está tem a bela arte de Eugênio Colonnese



O Fantasma viveu uma única aventura no Brasil: Operação Brasil, em novembro 1980



As capas do brasileiro Lutz são deslumbrantes. Como esta do primeiro almanaque do Fantasma



Evaldo realizou algumas capas em estilo pop, apropriadas para os anos 60



A partir da edição 234 a revista do Fantasma da RGE passou a ser publicada em formato (13,5 x 20,5 cm)



A Saber lançou em outubro de 1969 uma histórica coleção de livros com as tiras clássicas

Poucas vezes o nome do paulista Cásper Líbero é lembrado quando se fala de histórias em quadrinhos. Todos parecem ignorar – e alguns até parecem querer esconder – que foi ele quem lançou *A Gazeta Edição Infantil*, o primeiro jornalzinho de quadrinhos editado no Brasil.

No seu primeiro período de existência (5 de setembro de 1929 a 2 de outubro de 1930, 57 números), *A Gazeta Edição Infantil* não foi mais que uma versão bastante modesta de uma das primeiras revistas brasileiras destinadas inteiramente às crianças, *O Tico-Tico*, que estava ainda no auge de sua existência, sustentada sobretudo pela produção de muitos desenhistas nascidos ou radicados aqui no Brasil.

Na sua segunda fase, iniciada em 14 de setembro de 1933, após uma interrupção de quase três anos, o jornalzinho de Cásper Líbero publicou vários clássicos dos quadrinhos nacionais – como exemplos, podem ser citadas as seguintes histórias, que são superiores a muita coisa que estava sendo produzida, na época, nos Estados Unidos e na Europa: *A Garra Cinzenta*, escrita por Francisco Armond e desenhada por Renato Silva; *Chinatown*, com desenhos de Messias de Mello; e *O Enigma do Castelo de James Hull*, realizada por Francisco Armond (roteiro) e Messias de Mello (desenhos) – e algumas importantes histórias em quadrinhos norte-americanas, entre as quais *O Fantasma*, que estreou em 2 de dezembro de 1936, nas páginas do número 169 de *A Gazeta Edição Infantil*.

Entre dezembro de 1936 e os primeiros meses de 1940, *A Gazeta Edição Infantil*, que em 3 de março de 1937 passou a se chamar *A Gazetinha*, publicou nove histórias completas do Fantasma – *Uma Alma do Outro Mundo* (essa história é formada por *The Singh Brotherhood*, as seis primeiras tiras de *The Sky Band* e parte de *Diamond Hunters*), *O "Mau Campo"* (*Diamond Hunters*), *O Fantasma na Inglaterra* (*Little Tommy*), *O Fantasma e o Misterio do Maharajah* (*The Prisoner of the Himalayas*), *A Volta do Fantasma e de Lita* (nessa história, os editores reuniram *Adventure*

re in Algiers e The Shark's Nest), *O Fantasma – Rei das Selvas* (*Fishers of Pearls*), *Os Caçadores de Escravos* (*The Slave Traders*), *O Fantasma no Oriente* (*The Mysterious Girl*) e *O Fantasma a Procura de Lita* (*The Golden Circle*) – e parte de uma aventura, *O Mistério do Cavalo-Marinho* (*The Seahorse*).

A partir do número 245, lançado em 31 de agosto de 1937, a *Gazetinha* passou a circular três vezes por semanas às terças, quartas e sábados. Até então era uma publicação bisemanal, saía as quartas-feiras e aos sábados.

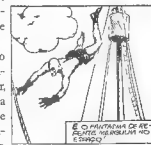
Não pode deixar de ser dito que dois beijos dados pelo Fantasma em Diana sofreram censura quando os quadrinhos em que eles são mostrados – esses quadrinhos pertencem às tiras 18 e 53 de *The Singh Brotherhood*, que foram publicadas nos jornais norte-americanos originalmente e respectivamente em 7 de março de 1936 e 17 de abril de 1936 – apareceram em *A Gazeta Edição Infantil*. Talvez os editores acharam que os beijos eram ardentes demais, escandalosos demais para serem estampados numa publicação que trazia a palavra infantil no título.

Não pode deixar de ser dito também que outros beijos tão ardentes quanto esses (para exemplificar, basta citar um outro que o Fantasma dá em Diana e o que o herói recebe de Sala) não sofreram censura alguma quando os quadrinhos em que eles são mostrados – esses quadrinhos pertencem às tiras 136 e 215 de *The Singh Brotherhood*, que foram publicadas nos jornais dos Estados Unidos originalmente e respectivamente em 23 de julho de 1936 apareceram no jornalzinho de Cásper Líbero. E talvez não foram censurados porque a publicação não tinha mais a palavra infantil no título e já se chamava *A Gazetinha*.

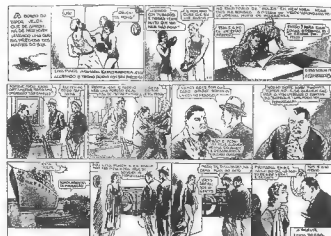
Alguns meses após *A Gazetinha Edição Infantil* haver começado a publicar *O Fantasma*, o semanário carioca *Correio Universal* – foi nesse



Em *A Gazeta Edição Infantil/A Gazetinha*, Diana Palmer teve seu nome mudado para Lita Punch; e Capeto ficou conhecido como Demônio



Possivelmente foram estes mergulhos no ar que motivaram os editores do *Correio Universal* a chamarem o Fantasma de "Fantasma Voador"



O Fantasma estreou no número 169 de *A Gazeta - Edição Infantil*, que estampou as três primeiras tiras de *The Singh Brotherhood*



Datado de 27 de abril de 1937, o álbum Fantasma Voador publicou a história *The Singh Brotherhood* na íntegra, isto é, mostrou os dois beijos dados pelo Fantasma em Diana, beijos esses que tinham sido censurados em *A Gazeta Edição Infantil*

semanário (criado pelo casal de editores Maurício Ferraz e Helena Ferraz de Abreu, ele circulava aos sábados em 220 jornais do país) que o Fantasma estreou no Brasil em 28 de março de 1936 – lançou dois álbuns: *O Fantasma Voador* e *Os Piratas do Céu*, que publicaram, respectivamente, as duas primeiras aventuras do Espírito-Que-Anda.

É curioso notar que nos álbuns editados pelo *Correio Universal* o Fantasma é chamado de Fantasma Voador.

Pouco mais de seis meses depois de O Fantasma haver estreado em *A Gazeta Edição Infantil*, o jornalista Roberto Marinho, que, desde 1931, dirigia *O Globo*, jornal fundado por seu pai em 1925, publicou o primeiro número de *O Globo Juvenil*.

Lançado em 12 de junho de 1937, *O Globo Juvenil* seguia os mesmos moldes de *A Gazetinha* e *Suplemento Juvenil*: era editado em formato tabloide (30 x 42 cm), tinha 16 páginas (a maior parte delas com histórias em quadrinhos publicadas geralmente em capítulos) e saía três vezes por semana (às terças, às quintas e aos sábados). E, em seu número 12, datado de 20 de julho de 1937, começou a publicar O Fantasma.

Durante pouco mais de 12 anos, *O Globo Juvenil* estampou em suas páginas as tiras diárias do Espírito-Que-Anda. Publicou no total 34 histórias do herói, de *The Sky Band* a *The Flirtatious Princess*, todas na sequência. Em seus primeiros meses de existência, *O Globo Juvenil* saía apenas duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos sábados.

Em 12 de abril de 1939, uma quarta-feira, Roberto Marinho lançou aquela cujo nome se tornaria no Brasil, alguns anos mais tarde, sinônimo de revista de histórias em quadrinhos: *Gibi*.

Editada no formato que, no final da década de 1980, se convencionaria chamar de americano (cerca de 18,5 x 27 cm), *Gibi* começou a publicar – em capítulos – O Fantasma em seu número 33, datado de 2 de agosto de 1939.

As primeiras 21 histórias do Fantasma produzidas para páginas dominicais estampadas em cores entre agosto de 1939 e setembro de 1949, nas páginas centrais de *Gibi*.

Em 1950, *O Globo Juvenil* e *Gibi* desapareceram e deram lugar a *Novo O Globo Juvenil* e *Novo Gibi*, que apresentariam – em cada um de seus números – apenas histórias completas.

Novo O Globo Juvenil circulou de março de 1950 a novembro de 1954. Foram publicados ao todo 108 números, sendo que 22 deles (1998, 2004, 2006, 2015, 2022, 2023, 2029, 2031, 2033, 2037, 2040, 2043, 2045, 2047, 2049, 2050, 2053, 2055, 2056, 2059, 2061 e 2062) apresentaram aventuras do Fantasma.



Nessa época, a editora fundada por Roberto Marinho já se chamava Rio Gráfica e Editora (até a primeira quinzena de 1952, ela não tinha ainda um nome). Muitos anos mais tarde, em julho de 1983, teve seu nome mudado para Editora Rio Gráfica. E, no início de 1987, após Roberto Marinho haver adquirido uma das mais tradicionais empresas editoriais do país, a Globo, de Porto Alegre, passou a chamar-se Editora Globo e, no começo do segundo semestre de 1989, transferiu sua sede do Rio de Janeiro para São Paulo.

A última vez que o Fantasma apareceu na revista *Novo O Globo Juvenil* foi em 17 de janeiro de 1953, no número 2062, que publicou a história *Expedição Perigosa* (Castle in the Clouds). E isso ocorreu porque em março do mesmo ano a Rio Gráfica e Editora lançaria *Fantasma Magazine*, uma revista inteiramente dedicada ao personagem.

No início, *O Fantasma Magazine* era uma publicação bimestral; depois, passou a circular mensalmente.

Os primeiros 98 números de *Fantasma Magazine* foram impressos em preto-e-branco. Entretanto, o número 99 foi impresso totalmente em cores, trazendo na capa os seguintes dizeres: Edição Especial Colorida.



Messias de Mello desenhou diversas capas de *A Gazetinha*, entre as quais esta, que tem como tema O Fantasma



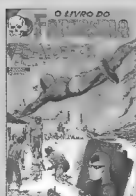
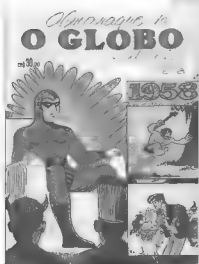
The Slave Traders, uma das melhores histórias do Fantasma foi publicada em *O Globo Juvenil*, com o título de *O Fantasma Voador contra os Mercadores de Escravos*



Em *O Globo Juvenil* e *Gibi*, o Fantasma era chamado de Fantasma Voador



Datado de 27 de abril de 1937, o álbum *Fantasma Voador* publica a história *The Singh Brotherhood* na íntegra, isto é, mostrou os dois beijos dados pelo Fantasma em Diana, beijos esses que tinham sido censurados em *A Gazeta Edição Infantil*



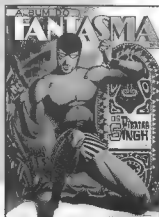
O Fantasma foi publicado em nosso País nos mais diferentes tamanhos e formatos, em publicações de antologias e seriados. Assim como em almanaques, edições especiais, álbuns, periódicos e edições extras. Até o final da década de 1980, antes de trocarmos a cor de seu uniforme para roxo, ele fazia um sucesso arrebatador

Durante quase três anos, outras edições coloridas, que apresentavam em sua maioria histórias publicadas originalmente na revista *The Phantom*, apareceram esporadicamente, intercaladas com edições em preto-e-branco, que publicavam quase sempre histórias produzidas para os jornais norte-americanos. E, a partir do número 133 (lançado no final de 1967), quando as capas já não mais ostentavam a palavra *Magazine*, todas as edições passaram a ser coloridas, inclusive aquelas com aventuras realizadas para tiras diárias.

Até o número 233, o gibi do Fantasma foi publicado no formato americano. Então, em 1975, quando o Brasil atravessava um período de alta no preço do papel, a revista teve seu formato diminuído e começou a circular no chamado formatinho, 13,5 x 20 cm. E, ao longo dos anos, ocorreram



Os álbuns e edições especiais do Fantasma são apreciados e muito procurados no setor de colecionismo. Curiosamente, são muito distintos um dos outros



"A ideia da DC ao comprar os direitos da King Features, dona do personagem, era fazer com o Fantasma o mesmo que foi feito com o Super-Homem (por John Byrne) e com o Batman (por Frank Miller): retomar os aspectos básicos do herói (...), perdidos por traumas que levaram entre outras coisas ao seu casamento com a eterna noiva Diana Palmer e ao nascimento de seus filhos (...). Assim, o argumento de Peter David é baseado em 'flashbacks', com a nação saltando de uma aventura atual do Fantasma para narrativas de antepassados seus (...).

Os leitores acostumados com as revistas de linha do herói talvez estranhem a diagramação e o desenho da minissérie, que ficou a cargo do veterano Joe Orlando, especialista em histórias de piratas (é baseado em seu 'design' o metagibi 'Contos do Cargueiro Negro', que aparece na minissérie 'Watchmen', de Alan Moore e Dave Gibbons)." André Fornasier

"Aplaudido mundialmente como uma das maiores criações de nosso século, o FANTASMA atinge diariamente cerca de cem milhões de leitores nos quatro cantos do globo! Mas toda essa popularidade não é mera obra do acaso. Não! Todos os méritos do sucesso pertencem ao grande Lee Falk, criador e verdadeiro 'pai' do personagem.

Quando foi publicado pela primeira vez (...), ninguém imaginou que ele pudesse causar tanta repercussão no mundo dos quadrinhos. Afinal, quem pensaria que um mascarado fazendo justiça com as próprias mãos se tornaria tão popular? Acontece que o FANTASMA não era apenas mais um justiceiro. Ele vivia (...) no meio da selva e, como o próprio nome diz, não podia morrer!

Naquela época, a África e grande parte da Ásia estavam embutidas numa muralha de enigma e fantasia, e o simples pronunciar da palavra 'selva' era capaz de despertar a imaginação das pessoas e transportá-las a um mundo de ação e aventura (...).

Esta nova revista que você tem em mãos, leitor, surgiu com o propósito único de recontar a lenda do FANTASMA sem, entretanto, desrespeitar os conceitos originais estabelecidos por Lee Falk."



Capa do número 2 de O Fantasma Graphic Novel, arte de Mozart Couto

aventuras do Espírito-Que-Anda produzidas para a editora sueca Semic.

Dentre aqueles que escreveram aqui no Brasil histórias do Fantasma destacam-se: Belarmino, Elias Barrocas, Ernesto G. Novo, Ivany Casle, José Menezes, Waldir Amaral de Oliveira e Yvonne Gomes da Silva, que, às vezes, se baseavam em roteiros escritos por Lee Falk. Quanto aos desenhistas, podem ser citados: Adir Teixeira, Gutenberg Monteiro, José Evaldo, José Menezes, Julio Shimamoto, Mauro Batista, Milton Sardella e Waldir Amaral de Oliveira.

Vale registrar que grande parte das capas dos gibis do Fantasma publicados pela Rio Gráfica/Globo foi desenhada pela equipe de desenhistas da editora:

Al Carlos, Domingos Cerveira, Getílio Delfim, Gutenberg Monteiro, José Evaldo, José Menezes, Juarez Odilon, Lutz (Luís Fernando Guimarães), Mauro Batista, Milton Sardella, Norival Diniz de Oliveira, Primaggio Mantovi, Waldir Amaral de Oliveira, entre outros.

O Espírito-Que-Anda teve ainda duas revistas editadas pela Globo: O Fantasma (janeiro-março de 1989,

4 números) e Fantasma (setembro de 1989-setembro de 1990, 13 números), que estamparam em suas páginas histórias publicadas originalmente pela DC.

Realizada por Peter David (roteiro), Joe Orlando (desenhos), Dennis Janke (arte-final) e Anthony Tollin (cor) O Fantasma é, na verdade, uma minissérie; e a ideia de sua realização/publicação nasceu durante uma das reuniões editoriais da DC - nessa reunião, estavam presentes: Jenette Kahn, a toda-poderosa presidenta da editora; o editor-executivo Dick Giordano; o vice-presidente executivo

lho de 1980 - junho/julho de 1983, 13 números); Arquivos Secretos do Fantasma (novembro de 1981 - novembro de 1982, 2 números); Hipermatanaque Fantasma (novembro de 1981 - novembro de 1982, 3 números); Fantasma Extra (fevereiro de 1987 - dezembro de 1992, 48 números), que, a partir do número 29, lançado em maio de 1991, passou a chamar-se apenas Fantasma.

Além de material norte-americano, essas revistas também publicaram diversas histórias do Fantasma realizadas no Brasil e muitas

mais três alterações no formato: na primeira delas, efetuada em outubro de 1980, a revista perdeu um centímetro na altura; na segunda, perdeu mais um centímetro e meio na altura; e na terceira, efetuada em julho de 1986, ganhou de volta esse um centímetro e meio. Assim, em outubro de 1986, quando o último número, o 371, chegou às bancas de jornal brasileiras, o gibo Fantasma tinha 13,5 x 19 cm.

Um dos personagens de maior sucesso da editora de Roberto Marinho, o Espírito-Que-Anda teve, além da revista Fantasma, um grande número de almanques (o primeiro Almanaque Fantasma Magazine foi lançado em 1954; e o último, em 1978), que eram publicados quase sempre no final de cada ano, e diversas edições especiais. Teve também inúmeros outros gibis: Almanaque do Fantasma (fevereiro de 1979 - agosto/outubro de 1986, 31 números), que, a partir do número 20 (datado de abril/maio de 1984), passou a chamar-se Novo Almanaque Fantasma; Superalmanaque do Fantasma (junho/ju-



Alguns quadros de Mystery of Wamba Falls Inn, publicados no número 5 do Super Flô.



Paul Levitz; os editores Andy Helfer, Denny O'Neil, Karen Berger, Kike Carlin e Mike Gold; o diretor de arte Rich Brunings; e o diretor de marketing Bruce Bristow – para escolher os personagens clássicos das revistas pulp e dos quadrinhos produzidos para jornais que ganhavam um gibi próprio.

O Colorista Antony Tollin é velho fã e colecionador das aventuras do Fantasma. Tollin é membro da Antiga e Misteriosa Ordem do Fantasma (ela foi fundada na década de 1950 por Wilson McCoy).

Quanto a Fantasma, pode ser considerada como uma maxussérie composta de dez episódios: *Armas, Piratas, Ódio, Perdas, A Montanha dos Gorilas, Ouro, Trem, O Cego, Fome e Incriminado*. Sendo que os episódios *Armas, Ódio e Incriminado* foram divididos em duas partes cada um.

O roteiro foi escrito por Mark Verheiden, um especialista em escrever histórias em quadrinhos baseadas em filmes; e a arte ficou por conta de Luke McDonnell, que já havia desenhado aventuras do Homem de Ferro e da Liga da Justiça.

Em 1969, quando Fantasma já era uma das revistas de maior vendagem da Rio Gráfica e Editora, a editora paulistana Saber (seu diretor responsável era o já falecido Savério Pittipaldi) lançou o primeiro número de *O Fantasma*, que durou até 1975 (foram 48 edições, todas com aproximadamente 100 páginas, formato 14 x 20 cm e lombada).

De periodicidade irregular, ainda que na página do expediente se estivesse escrito que era uma publicação mensal, *O Fantasma* apresentou a maior parte das histórias que Ray Moore e Wilson McCoy desenharam para as tiras diárias do Espírito-Que-Anda. Também publicou algumas aventuras desenhadas por Sy Barry e duas histórias produzidas no Brasil, *A Cidade Perdida* e *O Deus do Fogol*, cujos desenhos foram realizados por Walimir Amaral de Oliveira.

O Fantasma teve uma boa vendagem. Isso motivou a Saber a lançar em 1971 *O Fantasma Edição Extra*.

Entre outubro de 1993 e janeiro de 1997, a Saber – na época, a editora já era dirigida pelo filho mais velho de Savério Pittipaldi, Hélio – republicou em *Fantasma Edição Histórica* diversas histórias aparecidas em *O Fantasma*.

Publicadas no formato 13,5 x 20,5 cm, *Fantasma Edição Histórica* teve 32 edições.

A Editora Saber também publicou *Fantasma the Ghost Who Walks*, minissérie em três edições. Nos Estados Unidos, *Fantasma the Ghost Who Walks* foi publicada em 1995; no Brasil, chegou às bancas de jornal no início do segundo semestre de 1996.

Escrita por Dave DeVries, desenhada por Glenn Lumsden e publicada originalmente pela Marvel, essa história mostra, entre outras coisas, o Fantasma Vinde e Dois enfrentando o general Babu, responsável pela morte do Vinde e Um.

“Temos o imenso prazer de trazer de volta às bancas brasileiras um dos mais queridos personagens das histórias em quadrinhos de todos os tempos, que é também considerado seu primeiro herói uniformizado e mascarado. (...) *O Fantasma*.”

Essas palavras são da página de Apresentação do primeiro número de *O Fantasma Coleção*, gibi que marcou o retorno do Espírito-Que-Anda às bancas de jornal do Brasil, após uma ausência de aproximadamente quatro anos.

O Fantasma Coleção foi publicado em 2001 pela Editora Opera Graphica, que lançou outros quatro gibis com histórias do



O Fantasma voou de asa delta no Rio quando esteve no Brasil

Fantasma: Crônicas de O Fantasma (A partir do segundo número, essa revista passou a chamar-se *O Fantasma Crônicas*.), *O Fantasma Pocket*, *Fantasma*, *Fantasma Gold* e *Fantasma Magazine*.

Na época, os editores da Opera Graphica, queriam “manter ao menos duas revistas por mês do Fantasma nas bancas”, dependendo da acolhida do público, pretendiam lançar “a edição mundialmente inédita *Fantasma Ano Um*, que reconta, em narrativa de tirar o fôlego, as primeiras aparições” do herói. Lamentavelmente, as revistas que lançaram não tiveram muita vendagem – nenhuma ultrapassou o quinto número: *O Fantasma Coleção* só teve um único número; *O Fantasma Pocket*, *Fantasma Gold* e *Fantasma Magazine* pararam no número 2; e *Crônicas de O Fantasma* deixou de ser publicado no número 5 –; e seus projetos não vingaram (*Fantasma Ano Um* está até hoje inédita no Brasil).

Em 2003, a Editoractiva, uma divisão da Opera Graphica, lançou *O Fantasma Graphic Novel*, um gibi com histórias do Fantasma publicadas originalmente pela editora norte-americana Moonstone.

Como as demais revistas do Espírito-Que-Anda lançadas pela Opera Graphica, *O Fantasma Graphic Novel* não foi bem aceita pelos leitores e parou no número 2.

No Brasil, *O Fantasma* foi ainda publicado:

- 1-Em *O Globo*, do Rio de Janeiro, e, a partir de julho de 1972, em seu suplemento de quadrinhos, *O Globinho Supercolorado*
- 2-No extinto jornal *Notícias Populares*, de São Paulo
- 3-Em *GuriLândia*, suplemento infantil do jornal *Estado de Minas*, de Belo Horizonte
- 4-Nos três únicos números de *Suplemento em Quadrinhos* (editado por Paulo C. Marti e dirigido por Álvaro de Moya, esse jornalzinho publicou as três primeiras páginas de *The Super Jet Pirates*)
- 5-Em *Super Plá* (dirigido por Hélio Pittipaldi, esse jornalzinho, que saía às quintas-feiras, publicou duas aventuras completas do Espírito Que-Anda, *Mystery of Wamba Falls Inn* e *The Tale of the Gooley-Gooley Witch*, e parte da história *The Stolen Trophy*).

Lançados, respectivamente, em 1967 e 1971, *Suplemento em Quadrinhos* e *Super Plá* foram tentativas frustradas de reviver os jornalinhos de quadrinhos em formato tabloide – e com histórias em continuação –, que tanto sucesso fizeram nas décadas de 1930 e de 1940.

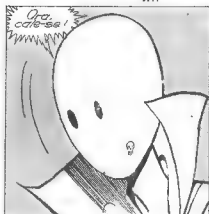
A Mythos Editora lançou cinco edições de *O Fantasma* em 2006. Quatro edições no formato Tex e uma edição no tamanho magazine (20,5 x 27,5 cm). No entanto as vendas das revistas não atingiram os patamares necessários para sua continuidade. As edições da Mythos publicaram histórias atuais do Fantasma. Aventuras inéditas dos novos autores das tiras do herói. Com destaque para Paul Ryan e Graham Nolan.



O Fantasma por mestre Shima



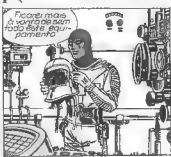
Cena de capa do número 10 de *Superman e o Fantasma*. Com ilustração inconfundível de Julio Shimamoto. Assim como a luta com o tubarão abaixo



Nem os ETs escapam da justiça do Fantasma, em história escrita e desenhada por Walimir Amarel nos anos 70



Walimir com roteiro de Ivany realizou "A Grande Sabotagem" no Almanaque Fantasma 1971, onde o Fantasma vira astronauta



CAPÍTULO

11

AS
ADAPTAÇÕES
LITERÁRIAS

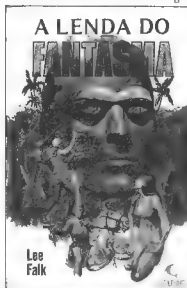


Entre 1932 e 1949, a editora norte-americana Whitman Publishing Company lançou quase 600 títulos da coleção *The Big Little Book* (O Pequeno Grande Livro, numa tradução literal), também conhecida com o nome de *The Better Little Book* (O Melhor Livrinho, numa tradução literal).

Cada um dos volumes dessa coleção media cerca de 12 x 10 cm, tinha aproximadamente 400 páginas e, quase sempre, apresentava uma adaptação em prosa de histórias de algum famoso personagem dos quadrinhos (Buck Rogers, Dick Tracy, Flash Gordon, Jim das Selvas, Mandrake, Popeye, entre muitos outros).

Como não poderia deixar de ser, o Fantasma foi um dos personagens que mais apareceu em *The Big Little Book*. Foram publicadas seis livros dele: *The Phantom* (1936), *The Phantom and the Sign of the Skull* (1939), *The Phantom and Desert Justice* (1941), *The Return of the Phantom* (1942), *The Phantom and the Sky Pirates* (1945) e *The Phantom and the Girl of Mystery* (1947).

Diversos títulos de *The Big Little Book* foram traduzidos



para o Português e publicados na *Coleção Gibi*, editada pela O Globo Juvenil. E dentre os títulos lançados, destacam-se quatro do Fantasma: *A Volta do Fantasma* (*The Return of the Phantom*), *O Fantasma contra os Piratas do Céu* (*The Phantom and the Sky Pirates*), *O Fantasma e o Sítio da Coveira* (*The Phantom and the Sign of the Skull*) e *O Fantasma e a Desmemoriada de Alexandria* (*The Phantom and the*

Girl of Mystery), que chegaram às bancas brasileiras entre 1948 e 1949. Além da *O Globo Juvenil*, outras editoras brasileiras editaram em Português alguns livrinhos de *The Big Little Book*. Uma delas, foi a Editora Brasil-América Ltda (de Adolfo Aizen, chamada carinhosamente de "EBAL" pelos leitores), que, no final de 1947, começou a editar a *Coleção King*. Publicada no formato 27 x 18 cm, essa coleção lançou somente cinco títulos, sendo o primeiro deles *O Fantasma em Justiça* (*The Phantom and Desert Justice*).

Muitos anos depois de os pequenos livros da coleção *The Big Little Book* terem deixado de ser editado, Lee Falk, baseando-se em algumas histórias de O Fantasma produzidas para os jornais, escreveu o romance *The Story of the Phantom* (no Brasil, ele foi publicado em 1975, com o título de *A Lenda do Fantasma*), que narra a história do filho do Vigésimo, desde seu nascimento até o instante em que se torna o Fantasma atual. Esses mesmos acontecimentos estão narrados no livro *O Filho do Fantasma*, escrito por Dale Robertson, que se baseou na história *The Childhood of the Phantom*.

Depois de *The Story of the Phantom*, foram lançados mais dois romances: *The Veiled Lady* (no Brasil, ele foi publicado em 1975, com o título de *A Dama Velada*) e *The Slave Market of Mucar* (no Brasil, ele foi publicado em 1977, com o título de *O Mercado de Escravos de Mucar*), escritos respectivamente por Frank S. Shaw e Basil Copper, que se basearam nas histórias homônimas realizadas para os jornais.

Publicado nos Estados Unidos pela Whitman, *O Filho do Fantasma* foi lançado no Brasil, em 1965, pela Rio Gráfica e Editora, com uma belíssima capa desenhada por Gutenberg Monteiro.

Sem dúvida alguma, uma das mais bonitas e bem cuidadas edições foi *La Historia del Hombre Enmascarado*, publicada em 1973, pela editora espanhola Pala.



As belas capas dos livros do Fantasma foram pintadas por George Wilson, autor das capas dos comic books da Gold Key do Fantasma e Tarzan



Capas dos livrinhos do Fantasma publicados pela Whitman



“Haviam chegado às proximidades da Floresta Negra. Rindo e fazendo algazarra,

outros anos guerreiros sugiram do mata-gal; e Kit fechou os olhos e grudou-se em Peludo quando começaram a atravessar a cachoeira (...)

Do outro lado ouviu-se o zóer de uma centena de habitantes de Bandar que os aguardavam para lhes dar boas-vindas; lá estava o trono da Caveira e a Caverna, além da encantadora mãe que os aguardavam de braços abertos.

Aagitado e contente da vida por estar de novo em casa, a criança não se continha de vontade de contar-lhe as aventuras que tivera. Mencionou de leve o Bosque Sussurrante e a Praia Dourada e começou logo a falar da Ilha do Éden, porque lhe estava mais fresca na mente. Pulando e dançando, contou-lhe que vira Listrado, Borrado, Machado e todos os demais animais, não deixando de lado a passagem em que estiveram apanhando peixes com as próprias mãos, sem auxílio de nada. Mas, para seu espanto, a mãe empalideceu, quando perguntou, num tom de voz arrastada:

— Você viu Borrado, Listrado e Machado? De que tamanho eles estão agora?

— Estão grandes assim — gritou Kit, medindo um espaço de uns três metros e meio. Ia ele continuando a aumentar o tamanho, quando sua mãe (...) saiu correndo (...)

Kit ficou espantado com esta atitude da mãe, e correu atrás dela.

Ela alcançou seu pai, já no trono da Caveira.

— Você está louco em levar essa criança até Éden, com todos aqueles animais desses, como o tigre, o leão e o leopardo? — gritou ela.

— Ele estava completamente fora de perigo, querida.

Ele se divertiu com tudo aquilo — respondeu o pai calmamente.

— Divertiu-se? — gritou ela, tremendo de raiva. — Podia ter sido estilhaçado e morto.

Na parte do fundo, os pigmeus aguardavam de olhos escancarados. Era um momento realmente fora do comum dentro da Floresta Negra pois jamais alguém havia vociferado de raiva contra o Fantasma. Nos anos seguintes Kit iria travar conhecimento com muitas garotas e senhoras, e algumas delas iriam mostrar-se cheia de fôreça e nervosinhas por vários motivos. Mas ele nunca esqueceria a atitude que seu pai tivera nessa ocasião em que sua mãe o repreendera. Sua mãe estava tão irritada que chegara a perder o controle de si, chegando a esmurrar, com seus punhos pequeninos, o amplo peito do homem mascarado que, ao lado dela, parecia um gigante, sobrepunha-a em altura em aproximadamente uns 25 centímetros. Agarrou-a em seus braços massudos, levantou-a do chão e levou-a para dentro da Caverna da Caveira como se fosse uma criança.

Ela falava numa voz profunda e calma, e ela de repente sossego: ao entrarem na Caverna.

— Ele estava completamente fora de perigo, querida.

Ele se divertiu com tudo aquilo.”

*Trêcho do livro A Lenda do Fantasma
(tradução de Atílio Ciancin)*

“Eles a viram, pela primeira vez, quando estavam a vários milhares metros de altura.

O piloto do jato da Bangalla Airways fez a apresentação.

— A nossa esquerda, senhoras e senhores, acha-se um dos maiores vulcões do mundo — disse ele pelo intercomunicador. — É conhecido por aqui como a Dama Velada.

A maioria dos passageiros olhou pouco interessada. Estavam perto de seu ponto de destino, a cidade de Mawitaa, capital de Ban-

galla, e um pouco menos influenciados pela maravilha natural do continente negro, no qual estavam há algumas horas antes, quando o vôo teve início. Estavam, agora, preocupados com a aterrissagem e pensando em juntar as bagagens assim que tocassem o solo, para depois dirigirem-se aos seus hotéis.

Apesar disso, dois passageiros pareciam demonstrar maior interesse pelo grande vulcão envolto na neblina. Um deles, era uma bela moça loura, aparentando vinte e dois anos de idade. Era alta, tostada pelo sol, trajando uma minissai simples de sarja e uma blusa acastanhada. Sobre seu colo, achava-se um diário aberto, com capa de couro.

Karl, aí está ele — disse a moça para seu companheiro de viagem, com um sorriso de satisfação.

— Tão indiferente e misterioso como foi anunciado — disse o jovem, no banco ao seu lado. Ele parecia ter mais de dois metros de altura, de ombros largos, e um rosto castanho pelo sol e pelo vento. Tanto o seu cabelo curto como as barbas espessas estavam decorados pela excessiva vida ao ar livre.

— Esse vulcão é chamado a Dama Velada — prosseguiu o piloto — devido às nuvens permanentes em seu topo. Aquele véu de neblina parece ser causado pelas colunas ascendentes de ar quente. Ele é considerado inativo, mas nunca se pode ter certeza.

A esguia moça loura escreveu alguma coisa em seu diário.

O piloto acrescentou:

— As encostas do vulcão são tão íngremes, que ninguém conseguiu ainda descer até abaixo. Ninguém viu o seu fundo.

A moça loura apertou o braço de seu companheiro.

— Até agora — disse ela em voz baixa.

Fora do aeroporto da cidade portuária, a tarde mostrava-se seca e quente. O céu era de um colorido azul (...), as colinas ao longe brilhavam envoltas em cerração. Entretanto, onde estavam, havia uma temperatura agradável.

Na sala de recepção, um chinês gordo, com ar cansado, de cerca de trinta e cinco anos, achava-se sentado em uma cadeira de plástico azul. Ele ouvia e observava, com um sorriso forçado nos lábios.

(...) Quando anunciaram o vôo, o chinês acomodou-se na poltrona. Ascendeu, com fôfôro, seu último cigarro de palha e sorriu de modo mais acentuado.

Seu nome era Timn. A essa altura, ele estava mais interessado em duas coisas. Uma delas era o vulcão nevoso chamado a Dama Velada. A outra, era aquela bela loura queimada pelo sol; e o fato que ela se encontrava estava aterrissado lá fora, naquela tarde ensolarada.

Lá abaixo, do lado direito, as águas da baía de Mawitaa brilhavam com a luz do Sol, num tom azulado. O táxi subiu lentamente pelas ruas malhadas.

A bela loura fechou o seu diário, inclinou-se para trás e suspirou.

— Acho que devo estar sofrendo de enjôo de viagem ou seja lá o que for — disse ela, sorrindo para o seu companheiro barbudo. — Quero dizer... ainda não acredito que estamos aqui, que isto é Mawitaa!

A seguir apoiou uma das mãos na janela aberta do táxi, que subia vagarosamente.

A rua ensolarada estava estuante de vida. Os trajes europeus e americanos misturavam-se com os dos nativos de Bangalla, formando uma ruscalância de cores. O comércio mais moderno e atualizado contrastava com os mais antigos; as pastas finas de couro eram tão comuns como as cestas de vime; homens falavam ansiosamente sobre ações e bolsa, enquanto outros vendiam frutas nas esquinas.

— Talvez você ache que devíamos ainda estar em casa preenchendo formulários — disse o jovem de barba descorada.

— Essa pequena peregrinação ao Dama Velada parece exigir de

nós mais sigilo do que de costume – disse a moça (...)

A moça parou de sorrir, apertando os lábios. Por fim, disse:

– Mas, francamente, Karl, essa é a coisa mais importante que já fiz até agora. Foi isso que tentei explicar para aqueles burocratas lá em Boston.

Karl riu.

– Acalme-se. Você convenceu muito bem, e é por isso que estamos aqui – disse ele.

A moça voltou a sorrir.

– Sim, de fato estamos. E tenho um pressentimento...

– Sobre o quê?

– Tenho a impressão de que vamos encontrar ainda mais do que esperamos – disse ela. – Sim, de fato, muito mais."

Trceho inicial do livro A Dama Velada

(Tradução de Lauro S. Blandy)

"Atrás dos dois condutores, iam quarenta e cinco homens e cinco senhoras que tropeçavam e caíam, levantavam-se e tomavam a cair, caminhando atrás dos camelos, com cordas em volta do pescoço e mãos atadas (...) atrás das costas. As antigas caravanas de escravos, embora proscrias sob um governo prudente e liberal, continuavam existindo; e as antigas rotas que haviam sido proibidas voltaram a funcionar mais uma vez. E a antiga Mucar, uma cidade que se perde na memória dos tempos e esquecida nos limites do deserto, possuía o mais lucrativo mercado de escravos dentre elas todas.

Era a hora do crepúsculo quando a caravana chegou a Mucar. O sol dardava longos raios através das dunas de areia, quando os camelos, mais uma vez, alcançavam a orla do deserto.

A sombra dos camelos projetavam-se como silhuetas compridas e esguias sobre os cumes das dunas, e, aos ouvidos dos viandantes, chegou uma voz longínqua que vinha de cima duma torre convocando todos à prece. Até mesmo o homenzarrão estava em silêncio e tocado pela misteriosa beleza do cenário, até que, pouco depois, chegaram ao portão principal da cidade, que era guardada por homens barbudos e carrancudos empunhando velhos rifles em suas mãos sujas.

Zadok esportou o seu cavalo e identificou-se perante os guardas, que eram estrangeiros. Mucar era uma das cidades do deserto mais bem guardadas e do seu comércio não se fazia publicidade nenhuma no resto do mundo. Se a caravana não tivesse sido credenciada e aguardada, os escravos poderiam ter sido massacrados sem dó nem piedade na hora, ou então, na melhor das hipóteses, recambiados para o deserto. Até o homem de cabelos cortados rentes olhava com respeito para os sentinelas quando os portões foram abertos para dar-lhes passagem.

Agora, levava uma máscara grande e preta que lhe cobria a metade de cima do seu rosto de maxilares enormes, e continuou com este disfarce durante todo o tempo em que andou em lugares públicos da cidade. Dirigiu-se rapidamente para uma taverna onde era conhecido e aguardado, enquanto Zadok conduzia o cansado magote rumo aos grandes mercados centrais onde seria realizado o leilão.

O traficante de escravos estava de volta muito antes da hora de iniciar o leilão, numa excelente disposição de ânimo como raras vezes acontecia; com ele, estavam outros traficantes de escravos vindos de partes distantes do deserto (...)

A passos largos, movimentavam-se para baixo e para cima nos balcões do mercado, os quais tinham sido destinados ao uso dos mercadores. Aqui a infeliz mercadoria humana, que dentro em pouco seria exposta (...), era alimentada magramente e descansava, até que demonstrasse uma vitalidade simulada, quando chegaria a sua vez de ser submetida às batidas do martelo do leiloeiro. O homem corpulento riu todo satisfeito quando as forma nuas de cinco belíssimas senhoras da Circássia – as únicas mulheres no seu grupo – encolheram-se e resolveram-se debaixo da água que árabes de sorrisos largos e debochados

despejavam com baldes sobre elas.

Vendeu uma das moças que estava sendo especialmente cobiçada, de dezoito anos e de grande beleza, a um dos seus próprios companheiros, a um bom preço. Via-se que estava excelentemente bem-humorado quando chegou a sua vez de apresentar a sua mercadoria, logo depois de uma hora da madrugada.

O seu grupo era o segundo que estava sendo lançado na noite, e os preços estavam alcançando uma boa cotação. Para os homens, conseguiu preços acima da média, e as mulheres foram leiloadas por importâncias que até ele achou satisfatórias. A respiração do homem magro parecia até zumbir quando carregou suas sacolas de couro repletas de moedas, do balcão, para um quarto reservado nos fundos do mercado.

A única moeda corrente em uso nessa cidade era o ouro; eram moedas de ouro, que reluziam e soavam nos dedos e na frisa superficial da mesa de pedra iluminada chama bruxuleante de duas lâmpadas. Os olhos de Zadok cintilavam quando observava o patrio contar as pilhas que cada vez mais aumentavam. Finalmente a contagem terminou, e o mercador de escravos puxou seu capacete para cima da nuca e encheu seu copo de bebida. Encheu o copo para Zadok, e os dois beberam em silêncio.

– À prosperidade sempre crescente! – brindou ele. Lambou os beiços e encheu outro copo para ambos. A bebida era fabricada na própria cidade de Mucar, de modo que podia se dar ao luxo de beber à vontade. Zadok espichou-se e arqueou preguiçosamente seu corpo magro no grosseiro banco de madeira. Ficou imaginando indolentemente qual o destino que seria dado a todos os escravos depois que deixassem a cidade. Sem dúvida, alguns voltariam às tribos do deserto; outros certamente seriam enviados a oásis escondidos ou a castelos construídos nas montanhas, onde nenhum homem branco poderia adivinhar seu destino e muito menos interferir no remotíssimo comércio. Ao romper do dia, os habitantes de Mucar voltariam novamente ao seu trabalho, e ninguém – principalmente os detentores do poder – se lembraria de que, durante as primeiras horas da madrugada, se realizara um leilão ilegal."

Trceho do livro O Mercado de Escravos de Mucar
(tradução de Atílio Cancian)



CAPÍTULO

12

O FANTASMA
EM CARNE
E OSSO

Por Paulo Ventura



A guisa de esclarecer os leitores ainda não iniciados, valem algumas palavras introdutórias. Nos anos 1930 e 1940 as histórias em quadrinhos ainda não tinham o prestígio que conquistaram depois. Consideradas àquela época, assim como as histórias dos *pulps*, manifestações de subliteratura, quando chegavam ao Cinema, vias de regra eram pelos canais dos filmes *B* e dos seriados. Nas décadas de 1950 e 1960, utilizou-se bastante a TV, em incontáveis séries. Só nos anos mais recentes é que o meio cinematográfico deu a essas narrativas produções mais requintadas e caras: com a explosão das fitas do Superman, das sagas *Star Wars* e *Star Trek* e, máxime, das rocambolescas e spielberguianas aventuras de Indiana Jones, onde a estética de ação dos antigos seriados foi aprimorada graças às elevadas quantias aplicadas nos efeitos especiais, hoje os produtores não hesitam em despende montanhas milionárias nos *batmen* e nos *homens-aranhas* da tela.

Como dizíamos, antigamente as coisas eram diferentes para os heróis dos Quadrinhos e dos *pulps*, com honrosas exceções. Boa parte deles chegou ao Cinema em fitas de baixo custo – inclusive quanto aos salários dos atores, do diretor e da equipe artística e técnica –, elaboradas com a finalidade de complementar ou mesmo compor os *programas duplos*, ou *triplos*, dos cines *poetas*, dos bairros e das cidades interioranas do mundo todo: os filmes *B*. Se uma destas produções baratas fosse dividida, estrategicamente, em capítulos para exibições semanais, criava-se, então, um seriado.

Não obstante o pouco caso dos produtores, fitas *B* e seriados conquistaram imensas legiões de admiradores por todo o planeta, quer pela mão firme dos diretores, forçados a mais acadêmica das linguagens e à simplicidade, sem qualquer sofisticação estilística, quer pelo carisma dos atores. Sem falar nos enredos diretos, fáceis, porém recheados de suspense.

Nesse contexto, a Columbia Pictures lançou nos EUA, na véspera do Natal de 1943, o seriado *The Phantom*, cá entre nós denominado *O Fantasma Voador* ou, apenas, *O Fantasma*, mesmo título do DVD duplo há pouco distribuído no Brasil, após restauração de parte da banda sonora lá nos *States*.

Com locações em Beale's Cut, Newhall, Califórnia, a produção se valeu da precisa fotografia em preto-e-branco de James



S. Brown, Jr., da bem composta e oportuna trilha musical de Lee Zahler e, sobretudo, da hábil direção do veterano B. Reeves 'Breezy' Eason, pra feita dos 15 capítulos, que totalizam 299 minutos. Contou também com a simpatia, a voz intensa e a popularidade do *mocinho* Tom Tyler (1903-54), um dos grandes *cowboys* do Cinema e muito bem sucedido no papel do Capitão Marvel, dois anos antes, assim como no do Fantasma, que lhe caiu como uma luva. Ele já vinha de longa carreira, iniciada em 1923 e que se estendeu até 53, num total de 184 *entradas* filmográficas, entre fitas *B*, algumas aparições nas *A*, seriados e séries de TV. Chegou até a disputar o título de *rei dos seriados sonoros* com Kane Richmond, Ralph Byrd (1909-52), Clayton Moore (1914-99), entre outros, mas todos perderam pro imbatível Larry 'Buster' Crabbe (1907-83).

Procura manter o seriado algumas características do personagem e das aventuras quadrinizadas, mas dispensa outras. Com a morte de seu pai, *viúvido* por Guy Bates Post (1875-1968), Godfrey Prescott assume a identidade hereditária e secreta do Fantasma e passa a ocupar o secular trono da Caveira, ambientado, não nas selvas de Bengala, mas, sim, no continente africano.

O Espírito-que-Anda conhece o professor Davidson (Frank Shannon, 1874-1959, mais lembrado como o Dr. Zarkov da triplice saga seriada do Flash Gordon) e sua filha Diana (Jeanne Bates, 1918-2007), que buscam na região a cidade perdida de Zoloz, onde, reza a lenda, jaz colossal tesouro. Esta procura, com estrita finalidade arqueológica-universitária, é tumultuada por Singapore Smith (Joe Devlin, 1894-1973), vigarista que pretende ficar com tesouro. Porém, mais perigoso é o Dr. Max Bremmer – encenado por Kenneth MacDonald –, bandido internacional, representante de nação inimiga que também cobra as riquezas de Zoloz. A trama não explicita qual é este país, mas, como se desenrola na época da Segunda Guerra Mundial, não fica difícil adivinhar qual poderia ser, entre as poucas opções... Bremmer deseja construir uma base aérea secreta em Zoloz, ainda que, para tanto, quebre a paz entre as tribos nativas.

Namorado de Diana, o Fantasma enfrenta os dois vilões, com inteligência, esperteza, agilidade e força descomunais, além do auxílio dos nativos, que o respeitam, e do fiel cão-lobo Devil/Capeto, na realidade o bem treinado Ace, proveniente do canil da RKO. Consegue o Fantasma escapar das armadilhas preparadas pelos inimigos. Avalanches, explosões, gás venenoso, tiros, fogo, frágil ponte de corda e outros perigos não o detêm – como se vê nos *ganchos* entre os capítulos, segundo a fórmula de suspense tradicional e pétreos dos seriados e que, não raro, as telenovelas tupiniquins não obedecem, deixando os finais dos capítulos bem chochos, por conseguinte.

Por fim, o herói subjuga os facinorosos, não impede os nativos de matarem Bremmer e obtém a paz na selva, de novo.

Outros nomes conhecidos da linha *B* do Cinema Norteamericano podemos ver no entrecho, tais como: Pat O'Malley (1890-1966), Kermit Maynard (1897-1971, irmão do Ken), Anthony Warde (1908-75), Edmund Cobb (1892-1974, um dos recordistas em número de filmes, com 603 *entradas* contabilizadas), George Chesebro (1888-1959), Anthony Caruso (1916-2003), Dick Curtis (1902-52) e Jay Silverheels (1912-80), com breve aparição como guerreiro Atari no capítulo nono, etc, que é mais lembrado como o índio Tonto da TV-série *O Zorro*, já referida nas notas deste artigo.



Jeanne Bates é Diana, Tom Tyler é o Fantasma, como foi o Capitão Marvel (no close), Ace atuava como Lobo, e às vezes como Rin-Tin-Tim

Produzido sob a costureira simplicidade temática dos seriados, *O Fantasma Voador* é bem divertido. Situa-se até entre os preferidos dos fãs de seriados, os quais, de um modo geral, consideram-no bem acima da média dos realizados pela Columbia Pictures. No entanto, não apresenta maior pretensão artística, nem qualquer dificuldade de entendimento ou sentido oculto, conotativo, exceto no respeitante à então vigente propaganda em favor dos aliados e contra os inimigos, constituídos pelos países do Eixo: mostrados pela ótica maniqueísta, o *bem* é representado pelos primeiros e o *mal*, pelos segundos. Tanto os *mocinhos* como os *bandidos* são bem definidos, não há *meios tons*. Também nenhuma novidade existe na estética a que se submete, usual nos seriados daquele tempo. Muita ação, se bem que bastante



O Fantasma em seu trono no seriado das matrilas e a mesma cena no recente filme australiano estrelado por Billy Zane





Jeanne Rates, Tom Tyler e Frank Shannon

diferente das fitas de hoje, onde prevalecem pla nos mais curtos, com mais cortes. Outrossim, o padrão de violência nos anos 40, especificamente nas produções B, comparado com as de agora, parece até ingênuo, pueril: há muito menos violência escancarada, muito menos sangue. Os efeitos especiais também não saem do superficialismo, levando em conta o *low budget* (parco orçamento) da elaboração do seriado e a era antecedente à do computador. Por certo, a garotada afeita aos filmes atuais estranharia enormemente esta derivação cinematográfica da segunda obra de Lee Falk, se não a visse com os olhos históricos.

Jorraram os anos e o público aguardava uma sequência de *O Fantasma*. Mas, só no decênio seguinte ela veio à luz, se é que assim se pode chamá-la... O produtor Sam Katzman (1901-73), da mesma Columbia, estava à testa do projeto. Conhecido pela inflexibilidade e também pela sornice, Katzman se recusou a pagar os direitos autorais do personagem ao King Features Syndicate, ainda mais que a fase dos seriados agonizava, pois o interesse maior das empresas de cinema para produções infanto-juvenis e baratas, então, consistia na realização de telenovelas.

Por isso, em 1955, cometeu o seriado *Capitão África* ou *Capitão África*, o *Aventureiro* ou, ainda, *Capitão África*, o *Vencedor/Adventures of Captain Africa*, que mais tarde ganhou o subtítulo *Mighty Jungle Avenger I*, em quinze capítulos – legítimo exemplar de filme de produtor-autor. Aproveitaram-se inúmeras cenas de arquivo, não utilizadas n’*O Fantasma Voador*, bem como em *O Falcão do Deserto*, referido na 5ª nota de rodapé. Com elementos combinados das duas histórias, a produção criou alguns personagens pra aparecer nos planos mais aproximados, entre eles o Capi-



O seriado *Capitão África* aproveitou grande parte de sobras de *O Fantasma* de 1943



capa da edição brasileira do DVD do seriado da Republic



Tesouro do seriado de 1943

tão África, parecido com o Fantasma, com roupa justa e máscara, mas com esquisito capuz de couro, como de um aviador antigo, e Ted Arnold, com a mesma indumentária do Falcão do Deserto, logo acima citado. Assim, sem o Fantasma original, o produtor Katzman inventou um simulacro.

Protagonizou o misterioso Capitão o ator John Hart (1917-vivo), que, de um total de 129 incursões filmográficas, tinha trabalhado anteriormente em três seriados e depois ficou conhecido pelo estrelado da telenovela *O Último dos Moicanos/Hawkeye and the Last of the Mohicans*, filmada no Canadá em 1956, secundado por Lon Chaney Jr. (1906-73), e pela substituição que fez de Clayton Moore, por uma temporada, no papel-título da TV-série *O Zorro*, mais uma vez mencionada nestas linhas. No elenco, ainda, nomes conhecidos, como Rick Vallin (1919-77) e Ben Weiden (1901-97) – que acabaram aparecendo em cena muito mais do que Hart –, Bud Osborne (1884-1964), Kermit Maynard.

O enredo resultante desse pastiche gira em torno da ajuda do Capitão a um potentado árabe, cujo ministro foi sequestrado.



O Fantasma não possui o "fantasmamóvel", ele prefere pagar bandeira 2 quando visita a metrópole

não funcionou, mesmo com a inserção de cenas de mulheres bonitas e de feras selvagens, mais asiáticas do que africanas – o roteiro confunde o espectador a respeito do continente em que se desenrola a ação, não evidenciando que o Capitão viaja de um pro outro.

Além da história meio incoerente, com excessiva falta de cuidado na montagem – *montagem*, na mais ampla acepção – das sequências, o trabalho dos dublê deixou muito a desejar e não transmitiu credibilidade, exceto pras crianças menores. Portanto, ganhou o rótulo de *refugo*, ou, como se diz modernamente, *trash*. Nem mesmo o experiente diretor Spencer Gordon Bennet conseguiu a realização do *milagre* aguardado por Katzman.

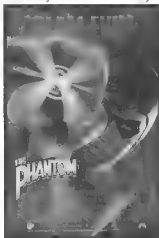
Em 1961, o King Features Syndicate e a Tele Screen produziram *The Phantom*, lançado na TV estadunidense como *piloto* de série. O *piloto* não foi aprovado e, como consequência, a série não foi ao ar. Provavelmente inédito entre nós, o filme é tão obscuro que não consta de quase nenhum guia, inclusive dos que contêm telefilmes. Perdeu-se no tempo.

As pouquíssimas referências a respeito desse *The Phantom* indicam a má surpresa causada na

crítica especializada: por não ter vingado um filme dirigido pelo, em geral, competente Harold Daniels (1903-71), com roteiro, senão fidedigno às tramas de Lee Falk, pelo menos interessante – a pedido da embaixada americana, o Fantasma combate o tráfico de escravos na África. O elenco era, no mínimo, chamativo, dada a presença de Paulette Goddard (1910-90), ainda bonita àquela época, Reginald Denny (1891-1967) e o popular Lon Chaney Jr., multirreferido neste texto. O que houve?

Por certo, tanto a desconhecida Marilyn Gilbert (? - ?), na pele da insigne Diana, como o galã Roger Creed (1915-97), no papel-título, não convenceram. Creed atuou sempre em segundo escalão e agiu como *stuntman* em dezenas de produções, até em substituição a Bob Hope (1903-2003) e a Frank Sinatra (1915-98) em cenas perigosas.

Mas, curiosas também parecem as versões turcas do personagem, as duas primeiras lançadas em 1968, em preto-e-branco: *Kizil Maske I*, com direção de Cetin Inanc e com Infan Atasoy, como o Kizil Maske 'The Phantom', e Suzan Avci, como uma tal Suzi...; *Kizil Maske II*, regida por Tolgay Ziyal e estrelada por Ismet Erten (KM) e Nebahat Çehre, desta feita com Diana, mesmo. Nova produção veio em 1971, *Kizil Maske'nin Intikami*, comandada por Cavit Yürükü e a encabeçar o cast, Levent Cakir e Fatma Belgen. Não há maiores informes acerca do Fantasma turco, faltam referências. É certo, todavia, que os créditos das fitas consignaram o nome de Lee Falk.



Teaser do filme dos anos 90

Refoje um pouco do teor da matéria, mas só pra não passar em branco, a menção a duas investidas nos desenhos animados. De 1986, a telesérie *Defenders of the Earth*, onde o Espírito-que-Anda se alia a Mandrake, seu companheiro Lothar e Flash Gordon pra combater o lado de lá. E, de 1994, o desenho televisivo longo *Phantom 2040: The Ghost who Walks* e a subsequente série *Phantom 2040*, ambientados no futuro.

Chegamos a 1996, quando se produziu nos EUA o documentário *The Phantom: Comic Strip Crusader* para a TV a cabo. Não conhecemos, mas tudo leva a crer que se trata de excelente trabalho de pesquisa, apresentado por Peter Graves (1926-vivo), com *clips* de filmes e desenhos animados, além de entrevistas com o criador Lee Falk e com Billy Zane (1966-), astro melhor focalizado nos parágrafos seguintes.

Evidentemente, este documentário não surgiu à toa, mas, sim, em concomitância ao longa que a Paramount, associada à Village Roadshow, fizeram estreitar nos cinemas americanos em 7 de junho daquele ano de 96 e, mais uma vez, exumando o nosso personagem pras telas. Com um custo de 45 milhões de dólares, Alan Ladd Jr. (1937-vivo) e Joe Dante (1946-) entre os produ-



tores, entregue a direção a Simon Wincer (1943-), com locações diversas, na Austrália, na Tailândia e na Califórnia, o novo *O Fantasma/The Phantom*, longe de se constituir numa preciosidade, consegue, ao menos, entreter com absoluta leveza.

Como não se pode prescindir, mesmo nos quadrinhos, há a explicação histórica do Espírito-que-Anda, descendente de longa linhagem de audazes combatentes do mal, da pirataria, da ganância e de outras qualidades criminosas. A ação se passa em 1938 e se inicia nas selvas de Bengala, na Índia. O Fantasma, traje roxo, na pessoa do aludido Billy Zane, enfrenta muitos perigos, inclusive a tradicional ponte de corda que se rompe, para impedir, em vão, que membros da irmandade Singh (assim mesmo grafado) obtenham a posse ilícita de uma das três caveiras de Tuganda, mágicos objetos com pedras preciosas nos olhos que, se reunidos, darão poderes ilimitados a quem empunhá-los. O poderoso Xander Drax (Treat Williams, 1951-), por sua vez, consegue as duas outras caveiras e deseja correr em busca daquela em poder dos Singhs. Nesse interim, Diana (a linda e doce Kristy Swanson, 1969-) é sequestrada por mulheres piratas, chefiadas por Sala (um dos papéis da deslumbrante Catherine Zeta-Jones, 1969-), antes da fama internacional), mas o Fantasma salva a mocinha. Aliás, Kit Walker, sua identidade verdadeira, e Diana já se conhecem



Billy Zane e Kristy Swanson

desde os tempos da faculdade e entre eles pende um forte clima romântico, baseado num namoro antigo. Drax também seqüestrou Diana, auxiliado por Sala. Vão ao encontro dos Sengh, no esconderijo insular. Como esperado, o Fantasma resolve a situação: usa uma quar a caveira, a de seu anel, que potencializa o encantamento das outras três, pra destruir os bandidos. Liberta Sala, agora do lado deles, e Diana – que já desvendara o *alter ego* do mascarado, ou vice-versa.

Além dos elementos já relatados, a fita mantém a fidelidade aos quadrinhos respectivos em muitos outros, vejamos alguns exemplos. A Skull Cave/Caverna da Caveira, secular residência secreta da dinastia de justiceiros. Aparece o quartel da Patrulha da Selva, comandada pelo Fantasma, ainda que numa curta passagem. Companheiros inseparáveis, o lobo Devil/Capeto e o cavalo branco Hero/Herói. Personagens clássicos, a mãe (Samantha Eggar, 1939-) e o tio de Diana, Dave (Bill Smitrovich, 1947-), o Capitão Horton (Robert Coleby, 1947-).

Porém, como de hábito, o roteirista inovou em determinados pontos a possível maior saga das Histórias em Quadrinhos. Pelo nosso ponto-de vista, é um mau hábito do Cinema. Bastaria ao autor do texto do filme combinar histórias clássicas, em amálgama, e daí, criar uma nova, sem inventar personagens-satélites de forma desnecessária e, principalmente, situações absolutamente repudiadas nos quadrinhos originais. Tal é o caso do Fantasma desportar em cena sem a máscara; nas histórias desenhadas, nem pensar, só se ele estiver de costas ou em



silhueta, em raras ocasiões. Também, um Fantasma pai (Patrick McGooan, 1928-), que surge em espírito, ou na imaginação do filho, com a finalidade de aconselhá-lo. E o mais grave, o acréscimo do elemento *fantasia* ou *magia*, praticamente ausente nas narrativas de papel: referimo-nos às caveiras encantadas, que transmitem superpoderes ao possuidor. Afinal, o grande charme dos quadrinhos do homem que tem a força de dez tigres consiste justamente no lado humano, quer dele mesmo, quer dos emulor. Ninguém tem superpoderes.

O *Fantasma* de 1996 vale, acenadamente, pelas ótimas cenas de ação, de lutas, em que até Diana e Sala participam e com exemplar desempenho. Os modernos efeitos especiais *high tech* também se evidenciam nos mais diversos seguimentos, sem o exagero de outras produções do gênero. Parece perfeita a reconstituição

dos anos 30, em que nada se desprezou – em oposição ao amadorismo da direção de arte das tele-novelas brasileiras de época, que só enganam o público despreparado. O roteirista não se esqueceu de homenagear os criadores Lee Falk e Ray Moore, através da introdução em cena, rapidíssima, do mor-domo Falkmoore (Bernard Kates, 1922-vivo). Ressalta ainda a caracterização que Zane emprestou ao personagem central, bem ele que, numa primeira análise, não reúne as condições de dar a *presença* necessária ao tipo. Criou um Fantasma sem a costureira circunspecção, mas, sim, sorridente, jovial, bem-humorado, *light*. Sem desfigurá-lo.



Capa do DVD de *O Fantasma* em versão indiana com roteiro e intérpretes locais

No embalo da superprodução da Paramount, em 1997-98 a TV da Índia apresentou *Betaal Pachisi*, série composta por 49 episódios de meia-hora, com direção de Sunil Agnihotri. O por lá popular ator Shahbaaz Khan encenou Betaal, herói inspirado (pra não dizer *chupado*) no Fantasma, com uniforme bem parecido, porém, sem a máscara. Tom Alter também colaborou no *cast*. Sonu Walia fez a homônima Sonu, uma espécie de "Diana". Não cabe espanto por esta iniciativa, uma vez que o *habitat* original do Fantasma é Bengala, na região da Índia, como sabemos, e, até por causa disso, as histórias de Falk & Moore/McCoy/Barry sempre fizeram estrondoso sucesso por aquelas bandas.

Não deve parar por aí a modesta filmografia do homem que não pode morrer. Um novo filme de o Fantasma será feito em 2009 com produção australiana dos mesmos realizadores do filme de 1996. Tem como produtor executivo Bruce Sherlock, segundo a agência noticiosa Associated Press. Será uma superprodução com orçamento de US\$ 87 milhões e terá o formato de um blockbuster aos moldes das realizações cinematográficas atuais envolvendo personagens de histórias em quadrinhos. Um gênero que virou sucesso de alta lucratividade no mercado de cinema devido ao desdobramento gerado pelos subprodutos de marketing. Até o encerramento deste livro comentava-se sobre uma série de astros hollywoodianos no elenco desta nova empreitada. O novo filme tem como premissa o conceito do ritual de passagem do Fantasma pai para o Fantasma filho.



Billy Zane possui a o porte físico ideal para o herói mas o cavalo foi melhor interpretado que ele



CAPÍTULO

13

ENTREVISTAS

de Gilberto Mendes

Gutemberg Monteiro

e

Walmir Amaral





Gutenberg Monteiro

Gut ou até mesmo Goott, como diziam os americanos. Tanto faz. Não resta dúvida de que Gutenberg Monteiro, além de ser um dos nossos mais bem sucedidos quadrinhistas, é um dos únicos remanescentes (talvez o único) da equipe do *Suplemento Juvenil* de Adolfo Aizen, periódico seminal da história dos quadrinhos brasileiros. Depois de trabalhar para todas as grandes editoras daqui, Gutenberg se mudou para os EUA nos anos 60 e novamente fez história ao desenhar durante 14 anos a tira de Tom & Jerry. Prestes a fazer 90 anos, Gut conta, nesta entrevista, detalhes pitorescos dessa memorável trajetória.

De onde veio Gutenberg Monteiro?

Nasci em Minas Gerais, em Faria Lemos que, naquela época era um condado de Carangola. Transformaram aquilo em cidade para que pudesse ter prefeitura, vereadores etc. Não tem mais do que cinco ruas. Na minha época eram umas três ou quatro. A câmara de vereadores – que só tem uns sete integrantes – chegou inclusive a fazer uma festa muito grande para mim, por causa de algumas reportagens que saíram e falavam sobre o meu trabalho, com direito à banda de música na rua e tudo o mais. Eu, muito linguarudo que sou, na hora de discursar, fiquei metendo o malho nos políticos brasileiros – sou apolítico; meu pai perdeu tudo por causa da política. Mas mesmo assim os vereadores de lá fizeram uma solenidade na câmara e até me deram uma placa de hora ao mérito. No dia seguinte, eu voltei lá e pedi desculpas por ter me exaltado. Um dos vereadores chegou para mim e disse que eu não precisa pedir desculpas, pois estava com toda razão. E ainda acrescentou que eles mesmos não estavam roubando de ninguém, pois o Brasil era um país muito rico, permitia que todos ganhassem o seu ordenado sem prejudicar ninguém, e que o dinheiro vinha do Governo. Não demorei muito e um senhor que estava no jardim em frente à Câmara me aconselhou a concorrer para vereador em Faria Lemos, dizendo que eu iria ficar rico.

Em que ano você nasceu?

Nasci em 1916. 4 de dezembro de 1916. Joguei futebol até os 80. Só parei porque quebraram o meu joelho e eu tomei vergonha na cara. Mas, no dia em que nasci, na fazenda de Santo Antônio que pertencia ao meu pai, dizem que caía o maior temporal, que arrastou o curral dos porcos e tudo o mais, e fez o rio transbordar até a água quase bater no assoalho da casa. Foi só eu nascer para a chuva parar e a água descer. Como era dia de Santa Bárbara, fui batizado Gutenberg José de Oliveira de Santa Bárbara. Dois dias depois que eu nasci, peguei uma coqueluche que quase me matou. Então correram para me batizar a fim de que eu não morresse pagão. Na ida da fazenda para a igreja em Faria Lemos, eu sofri um ataque de tosse que fez com que todo mundo rezasse e pedisse para que eu me salvasse. De repente comecei a vomitar e logo sarei. Muitos anos depois, quando me evangelizei nos Estados Unidos, deixei de ser filho de Santa Bárbara.

De onde veio o sobrenome Monteiro?

Foi no exército, quando descobriram que o meu pai era casado na igreja e não no civil, por isso tive que adotar o nome da minha mãe e não o dele. Até a época em que trabalhei no *Globo Juvenil*,

eu assinava Gutenberg de Oliveira. Quando saí do exército, já era Gutenberg Monteiro.

Você chegou a estudar nessa época?

Estudei num Grupo Escolar em Carangola – para onde fui com dez anos de idade – mas queria o diploma com distinção e daí me deram uma bolsa de estudos no ginásio. Mas os velhos que estavam me criando faleceram e o Sebastião Antunes, capataz da fazenda, foi lá na cidade e me perguntou se eu estava ficando maluco. Eu e as minhas irmãs de criação passamos de filhos a empregados. Ele cismou que eu “não devia continuar estudando porque não iria ser doutor.” A pressão foi tanta que o pessoal da cidade me aconselhou a ir embora: “Esse capataz está te explorando; vai para o Rio porque a Dona Vita – que era a minha mãe de criação – queria te levar para a Escola de Belas Artes. Larga o Sebastião Antunes aí.” Então eu fugi.

Com quantos anos você foi para o Rio?

Cheguei no Rio com 16 anos. Mas Deus é muito bom. Depois que me tornei evangelista foi que eu vi que Deus me protegia desde que nasci. Desembarquei na estação da Leopoldina e me perdi, pois nunca havia feito isso na minha vida. Fiquei sentado num banco e transformei minha maleta na fronha do travessero. Botei minha roupa toda lá dentro, mas a “fronha” já estava rasgando. E então comecei a chorar, já com vontade de voltar. Eis que um guarda passou por mim e me perguntou o que eu estava fazendo ali. Pedi para ele não me prender, pois nunca havia feito nada a ninguém. Contei minha situação e ele acabou me levando. Acabei ficando na casa dele e passei três dias lá. O guarda mandou lavarem a minha roupa, costurarem as roupas que estavam rasgadas e me arranhou um emprego numa



Angela Gutenberg Monteiro

sapataria que ficava na rua Fonseca Teles, em frente à fábrica de calçados.

Na bairro de São Cristóvão, certo?

Isso. E, como aconteceu em todos os lugares nos quais eu trabalhei, a sapataria foi crescendo. De dois sapateiros que tínhamos, quando eu saí de lá já éramos cinco. Sai justamente porque o dono empregou um menino conterrâneo meu que não sabia ler nem escrever, que passou a ser o chefe da sapataria e fez amizade com as mulheres do meretrício, do Mangue. Não havia dinheiro que chegasse... Então ele começou a me cobrar para arrumar mais dinheiro com a desculpa de que a sapataria estava precisando, entende? Só que não havia ninguém devendo para a sapataria. Sempre fui baixinho, mas, você sabe, todo sujeito pequeno quando se enfeza fica maluco. O cara era grande e forte, mas eu desafiava ele para a briga. Eu era garoto, tinha 16 para 17 anos, mas mesmo assim parti para cima dele, com a faca de sapateiro na mão, mas aí me seguraram. Aí eu fiquei mais valente ainda. Ele se assustou com aquilo. Então peguei a mesa de material, joguei em cima dele e fui embora da sapataria. Eu e um sapateiro que era lutador de boxe e veio me defender – eu não sabia que ele lutava. Fomos para o Rio Comprido. Lá eu passei a explorar a freguesia da sapataria na Tijuca. O negócio foi crescendo e logo acabei abrindo uma outra sapataria em frente ao campo do Vasco, também em São Cristóvão. Mais tarde, passamos o negócio e eu fui trabalhar na Cinédia ajudando o pessoal a pintar cartazes, cenários e logo apareceu um irmão meu, o Arlindo, futuro Empadinha, que acabou me levando para o *Suplemento Juvenil*.

Antes disso você tinha alguma informação sobre quadrinhos, já desenhava?

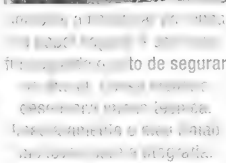
Eu desenhava desde guri.

Como foi que você se qualificou para fazer parte da equipe do Suplemento?

Comecei a desenvolver o meu dom no *Suplemento Juvenil*. Antes de entrar lá eu nem sabia o que eram histórias em quadrinhos. Passei então a cobrir as histórias em cores que vinham da América, pois o *Suplemento* não podia imprimir histórias coloridas. Comecei a desenhar por cima do papel vegetal e com isso fui pegando o jeito de segurar no pincel. Foi dessa maneira que desenvolvi minha técnica. Imediatamente o meu irmão me levou para a litografia. Lá eu aprendi a separar cores. De lá ele me levou para o *Globo*, onde comecei a trabalhar em 1943. Naquela época havia o *Globo Juvenil*, o *Gibi* e o *X-9*.

Como foi que você desenvolveu a sua técnica de aguada?

Isso surgiu do nada... A gente vai fazendo e vai saindo, sabe? Um dia a gente começa e, daí a pouco vai criando as coisas de um certo jeito que você nem sabe como. Nas histórias em quadrinhos



que eu escrevia e desenhava, eu passava a viver as situações que criava. Vivenciava profundamente as HQs que eu fazia para o *Globo* e para a Ebal. Por exemplo, quando eu fiz a vida de Anita Garibaldi, aquela guerra contra o Paraguai, eu me via como um preto que estava do lado do Garibaldi. Um dia eu dormi, sonhei com isso e acordei num banco da Praça Saens Peña. Tinha que estar na Rio Gráfica às oito horas da manhã, mas já eram quase dez e eu me vi sentado e rindo sozinho. Fiquei meio maluco com esse negócio de quadrinhos... Lá na América, por exemplo, tudo que eu desenhava eu tinha que viver para compreender – comecei desenhando apenas capas nos EUA, pois não sabia inglês o suficiente para ler e entender.

Como foi que surgiu o apelido Gut? Na América você era conhecido como Goot...

Foi lá no *Globo* mesmo. A turma em vez de escrever Gutenberg botava "Gute" porque ficava mais fácil, né? Na América eu passei para eles o "Gut" com "u", mas tratava-se de uma palavra pouco aconselhável (N. do R.: Gut, em inglês, significa "porcaria nas tripas", na definição do próprio Gutenberg). Então me aconselharam a botar os dois "o" e depois dois "t", já que eles praticamente não pronunciavam o "t" quando este estava no final da palavra. Na escola, mais tarde, quando eu dei aulas de desenho para crianças judias, elas pronunciavam "Gooty". Os americanos trocam muito o "t" pelo "r".

Durante quanto tempo você ficou no Suplemento Juvenil?

Lá eu fiquei uns poucos meses. Na litografia eu fiquei cinco anos. Já no *Globo*, em 1943, só havia essas três revistas que citei. Depois vieram *Biriba*, *Meia-Noite*, *Cinderela*, *Globo Juvenil Mensal*, etc. O negócio foi crescendo e logo surgiu a Rio Gráfica.

O Fantasma em si, como entrou na sua vida?

Comecei a ler as histórias que apareciam no *Globo Juvenil*.

Você foi logo trabalhando com o personagem ou isso demorou mais um algum tempo?

Sim, comecei fazendo capas. Mas só passei a desenhar o Fantasma nas capas do *Globo Juvenil Mensal*. Nem me lembro de todas as capas que fiz.

Quantas capas você fez com o personagem? Tem alguma favorita?

Não tenho a menor idéia... A que eu fiz para a *Fantasma Magazine*, *Fantasma e os Piratas do Deserto*, creio que é uma das minhas favoritas. Também desenhei e escrevi a história do miolo, onde botei todos os desenhistas do estúdio como vilões do Fantasma. Eu morri logo no começo (risos).

Você tinha alguma orientação especial para fazer as capas?

Não. Eu ia criando tudo livremente, usando a memória. Para

o pessoal da RGE, o que eu bolava era perfeito.

Dizem que você foi o primeiro artista brasileiro a criar uma história do Fantasma.

Não tenho certeza... A primeira que fiz eu escrevi e desenhei. Já a segunda e a terceira creio só ter escrito. Não tenho registro.

Depois de trabalhar com o Adolfo Aizen no *Suplemento Juvenil*, como você voltou a trabalhar com ele, na Ebal?

Na primeira exposição que houve de histórias em quadrinhos da qual eu tenho notícia, que foi feita no Assyrus, um anexo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1946 ou 1947...

Antes daquela propalada Exposição Internacional de Quadrinhos em São Paulo, em 1951?

Com certeza. Foi lá que o Seu Aizen me convidou para desenhar histórias em quadrinhos para a Ebal. Mais precisamente A Moreninha, adaptação do romance de José de Alencar, que foi a primeira história em quadrinhos que eu desenhei.

Antes mesmo das histórias que você fez para a Rio Gráfica?

As da Rio Gráfica vieram bem depois. Quando eles viram as histórias que eu estava desenhando para a Ebal, resolveram me aproveitar para fazer a mesma coisa. Lá estavam o Getúlio Delphin, um tal de Manoel, o fantástico Flávio Colín e muitos outros.

Conta aqui pra gente que outras boas histórias você fez na Ebal?
A Senhora de Pangim, A Guerra dos Farrapos, Serra das Esmeraldas e muitas outras. Sempre fazendo tudo, capa e miolo. Em revistas como *Epopeia*, Edição Maravilhosa etc.

Você fez adaptações de literatura para quadrinhos em outras editoras além da Ebal?

Só na América, assim que passei a dominar melhor o inglês

E que outras histórias você se lembra de ter escrito e desenhado nesse período?

Fiz umas poucas páginas do Cavaleiro Negro. Mas o Fantasma foi o único herói tradicional com o qual escrevi histórias na RGE. Com outros personagens só fiz capas.

Mas houve séries como "*Nossos heróis na Itália*", por exemplo, na qual escrevi e desenhei muitas histórias com os pracinhas na guerra. Um deles, aliás, era meu vizinho lá onde moro até hoje (bairro carioca de Cascadura).

Essas histórias saíram antes ou depois da guerra?

Saíram depois, em 1947, 48, mais ou menos... Foi uma série de muito sucesso.

E em que outras editoras do Brasil você trabalhou?

Trabalhei muito para São Paulo. Inclusive essa série dos



Eu e o Dr. Roberto Marinho
 festejávamos nosso
 aniversário juntos, ele no dia
 3 de dezembro e eu no dia 4.
 Era lá ao campo de futebol
 para me ver jogar.

cinco histórias. Teria que entregá-las prontas. Eu não tinha tempo...

Falando nisso, como foi que você resolveu morar e trabalhar na América do Norte?

Quando fui para os Estados Unidos, a Rio Gráfica já tinha 37 revistas. Quando a editora se mudou para a Rua Itapiru, fomos trabalhar num barracão que ficava lá nos fundos, que era uma oficina e tinha a seção de desenho, essa coisa toda. Só depois foi que começaram a construir um edifício em frente, um outro na frente deste e, mais tarde, um terceiro ao lado. Ficaram três edifícios com cinco andares. Só sei que, quando fui para a América, levado pelo... (pausa) Eu não devia lhe dizer isso mas vou contar sim... Eu e o Dr. Roberto Marinho festejávamos nosso aniversário juntos, ele no dia 3 de dezembro e eu no dia 4. Ele ia ao campo de futebol para me ver jogar. Na minha despedida do primeiro time do Globo, quando fui para os veteranos, houve um jogo no campo do Fluminense e eu tirei uma foto ao lado do Robertinho dentro do gramado. De forma que eu era tido como menina dos olhos do Roberto Marinho. Quando souberam que a embaixada americana queria me levar para os Estados Unidos, eu não quis ir porque teria que aprender inglês e já estava com quase 50 anos.

O que o convenceu a ir para os EUA?

Começaram a surgir pedidos e coisa e tal, até que um amigo foi para os EUA, levou vários trabalhos meus e começou a mostrá-los para os estúdios. O Estúdio Jason me mandou um contrato, muitas revistas e várias folhas para que eu desenhasse o Batman e o Capitão América. Eles queriam que eu fosse de qualquer

maneira; pagavam minha passagem e tudo mais. Então os diretores da Rio Gráfica se reuniram e me disseram: "Gut, você assina o contrato, vai para a América e, quando o contrato terminar, você volta para o Brasil e pode até vir a se tornar chefe da seção de desenho. Nós vamos precisar de você lá nos EUA; o King Features tem muita coisa que poderia nos mandar e ainda não mandou. De repente você vai lá, consegue e nos manda." Foi o que fiz. A Rio Gráfica então bateu uma carta informando ao Sindicato dos Jornalistas que eu iria para a América, a serviço da Rio Gráfica, com o intuito de obter um desconto na minha passagem. Quando o Alfredo Machado (fundador da Distribuidora Record, atual Editora Record) leu aquela carta, ele me disse que pagaria a passagem, pois para ele eu era o Pelé do desenho e tinha certeza de que venceria nos EUA. Acabei aceitando, né? Dois ou três dias depois o Globo me colocou na Justiça por abandono de serviço. Falei sobre isso com o Dr. Roberto em 2002, mais ou menos.

Pouco antes dele morrer?

Iso. Ele me disse que a história que lhe contaram foi completamente diferente: "Achei aquilo muito estranho, mas me disseram que você havia abandonado o serviço e ido embora." Deixa para lá... Mas Deus é muito bom. Foi a mão de Deus que me levou para a América.

Como foi a sua chegada nos Estados Unidos?

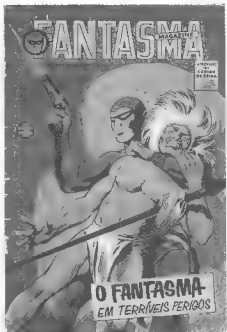
Minha chegada lá foi em 1966. Já estava tudo preparado. Afinal de contas, eu estava pisando em território americano com 50 anos. Dois amigos estavam me esperando e me levaram para morar na 46, em Nova York, entre a Quinta e a Sexta Avenidas. Fui morar no apartamento do Hack Fickss, um desenhista holandês que eu havia conhecido no Brasil. Foi por intermédio dele que fui trabalhar no Jason Studio. Quando cheguei lá não sabia falar uma só palavra em inglês.

O que você fazia lá?

Capas de revistas em quadrinhos do Batman, do Capitão América, do Superman e do Dick Tracy, além de ilustrações para publicidade, por exemplo. Por eu não entender muito bem o inglês, havia um italiano lá que falava espanhol e me explicava mais ou menos o que devia fazer. Depois de um tempo, o Jason me deu um aumento de dez dólares por semana para que eu pudesse estudar a língua. Trabalhei com eles durante um ano. Só fui desenhar histórias inteiras quando tive a oportunidade de pegar a série Bonanza. Nessa altura, o meu inglês já estava um pouco mais afiado. Quando acabou o meu contrato com o Jason, eu passei a trabalhar para eles como freelancer, mas me voltei para a propaganda. Desfiz o contrato por burrice, de fato.

Por quê?

Porque eu queria levar minha filha para a América. Falei que só assinava outro contrato se eles trouxessem a minha filha



...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...
...e a minha filha...

Uma secretária lá do estúdio – que eu namorava na época – me explicou que não era possível levar minha filha pois ela teria que saber inglês suficiente para escrever tudo que o fiscal da imigração ditasse. Mesmo assim eu teimei em insistir nisso. Daí eles me alertaram: "Goott, você não tem inglês bastante para pegar trabalho aqui. Vai ter que trabalhar como freelancer porque ninguém vai querer assinar um contrato contigo. Vai ter que trabalhar como freelancer e eu quero que sejamos o seu primeiro cliente. Vou lhe dar trabalho para que você faça rápido e depois faça o dos outros." A tal secretária piscou para mim e eu aceitei. Foi a melhor coisa que poderia me acontecer. Passei a ganhar mais no Jason e tinha tempo para fazer trabalhos para outros. Por isso fui parar na publicidade.

Onde, mais precisamente?

No Patok Studios. A Sra. Patok passou a gostar do meu trabalho, que foi dando sorte para ela. Éramos quatro num estúdio de propaganda e estávamos no 11º andar. Aquilo foi crescendo e logo nos tornamos sete, com trabalho entrando e tal, até que ela foi obrigada a descer para o quinto e ocupar um quarto do espaço disponível no piso. Nisso surgiu a BBA (Better Business Advertising) e então deixei a Patok para ganhar dez dólares a mais por

semana. Infelizmente a BBA acabou, o estúdio Jason também, assim como o Patok. Acabei indo parar numa outra agência de publicidade, o Seymour Simon Studios, onde fiquei durante três anos, entre o fim dos 60 e começo dos 70, mas que pagava muito mal os desenhistas sul americanos. Comecei a ficar chateado com aquilo e resolvi voltar para os quadrinhos.

Daí você foi para a Harvey?

Iso. Fui parar no Sindicato Harvey. Lá produzi histórias e capas com Casper (Gasparzinho), Richie Rich (Riquinho), Lotta (Bolota), Spar (Brotocja) etc. Fiquei lá durante três ou quatro anos, mais ou menos, até o Alfredo Machado entrar em contato com o pessoal da Hanna-Barbera na Alemanha – mais especificamente com o William Hanna, que queria me levar para a Europa. Como eu queria ficar em Nova York, o Hanna então me mandou vários textos a fim de que eu fizesse algumas tiras para ele. Fiquei trabalhando com Tom & Jerry durante 14 anos! Como freelancer eu conseguia produzir muito e eles estavam pagando 60 dólares por tira. Durante a semana eu fazia uma tonelada delas... Foi quando eu fiz dinheiro suficiente para pagar o apartamento onde vivo e os terrenos que eu comprei para os meus filhos e que o Brizola me tomou... Trabalhei usando como intermediária uma empresa de propaganda também, que ficava na 42, entre a Madison Avenue e a Quinta Avenida. Esta, coincidentemente, começou a crescer sem parar e passou a ocupar uma sala maior na Nona.

Que grandes artistas dos quadrinhos você conheceu na América, durante todo esse período?

Teve o Al Capp, desenhista do Ferdinando, que não tinha uma perna, né? Mas ele não gostava de brasileiro, ainda mais da minha cor... Numa determinada exposição num hotel lá de Nova York, fui apresentado ao Harold Foster, do Príncipe Valente, que já estava bem velhinho e meio tantão.

Quando você resolveu voltar para o Brasil?

Depois desses 14 anos de Tom & Jerry, voltei para o Brasil.

Continuou a fazer o Tom & Jerry aqui?

Não. Desfiz o contrato em 1987. Havia um amigo meu que trabalhava nessa empresa, um argentino, e passei o trabalho para ele. A Hanna-Barbera queria me levar para Orlando, onde eu teria que trabalhar com o computador, me voltar para o cinema e a televisão, e fazer desenhos animados. Mas eu não podia deixar Nova York porque tinha contrato com uma empresa de lá, onde também estava ganhando bem. Além disso, a patroa não queria deixar a cidade, assim como o meu filho caçula, que trabalhava no sistema ferroviário. Estava bem por lá e não queria sair. Mas combinei com minha esposa e voltamos para o Brasil.

Nunca mais você fez Tom & Jerry, então?

Pois é, como já lhe disse, passei a tarefa de produzir as tiras para o tal argentino. Ele se achava o tal e não queria seguir o meu estilo pois, vaidoso, achava que iria se diminuir muito ao imitar o traço de um brasileiro. Daí ele começou a desenhar a tira do seu jeito e a Hanna Barbera logo desfez o contrato com o sujeito. Hoje, por acaso, você não vê mais a tira do Tom & Jerry nos jornais. Isso depois que eu saí. Cheguei a ser convidado na época para trabalhar na Alemanha, na França, na Itália... A Itália, por acaso, foi o único lugar onde pude assinar a tira, que stan com créditos para Goot & Kay (N. da R.: Stan Kay escrevia os argumentos das tiras e faleceu de câncer no estômago poucos meses antes de Gutemberg abandonar os personagens).

Bem, mas você estava falando da sua volta ao Brasil...

Pois é, a minha intenção era sair de lá no inverno para pegar o verão aqui, e sair daqui no inverno para ficar lá durante o verão. Mas quando cheguei aqui, num sábado, lembro-me de que fui na padaria comprar um pão e toda a turma começou a me cumprimentar, pois antes de sair do Brasil já morava na minha casa desde 1949. O problema é que havia um grupo de traficantes que ficava na frente do campo onde a gente jogava as nossas peladas que me olharam meio assim e... não deu outra. Uma semana depois, um deles encostou do meu lado e me ofereceu um guarda-costas, ao qual teria que pagar 40 dólares por mês, já que eles me tinham como americano, coisa e tal, e precisaria de proteção para circular tranquilamente. Eles queriam saber em que colchão eu guardava o meu dinheiro – provavelmente estavam se referindo ao banco, né? – e ameaçaram me raptar.



Mas disseram que, se eu pagasse o guarda-costas, nada disso iria acontecer. Fiquei com uma paranóia tamanha que não podia ver ninguém desconhecido que acabava me escondendo. Aí não agüentei, deixei a patroa no Brasil e voltei para a América. Ela ficou por aqui mais uns quatro meses e foi me encontrar por lá. Voltei para os EUA, me tornei cidadão americano e me dei muito bem, graças a Deus. Apesar de que os políticos não saem do meu calcanhar. Inclusive, agora há pouco, no mês de maio, a Senhora Bush me mandou um convite para almoçar com a família deles em Washington. O emprego que me deram na escola pública de lá, para dar aulas sobre quadrinhos e cartuns, foi a política que me arrumou.

Você também é compositor?

É verdade. Fiz algumas músicas que chegaram a ser gravadas nos Estados Unidos. Mas as que fizeram mais sucesso foram as natalinas, que foram gravadas por umas senhoras de lá cujo nome eu não me lembro. Enfim, a gente não pode parar de correr atrás.

Todos os trabalhos que você fez ao longo de mais de 70 anos de carreira não garantiram a sua independência financeira?

Que nada. Não dá para ficar esperando que o dinheiro caia do céu. Não deu para ficar rico nesses anos todos não. Eu poderia fazer negócio com os meus trabalhos, coisa e tal, mas não sou disso. Estou cheio de livros prontos encalhados na gaveta. Tem um de anedotas, caricaturas e piadas que está pronto no HD do computador lá de casa e salvo num DVD. E está em português, pois não adiantaria publicá-lo em inglês, já que as nossas piadas não tem a menor graça quando traduzidas literalmente para o idioma americano.

Para encerrar, Gutemberg, você estava comentando comigo que grande parte do insucesso de muitos brasileiros no exterior acontece porque, definitivamente, não somos unidos?

Não somos unidos mesmo. O judeu americano diz que, se os brasileiros fossem mais unidos e patriotas, o Brasil hoje em dia seria um país de primeiro mundo. A riqueza natural e mineral que nós temos não é brincadeira. Você vê que os EUA possuem 51 estados, contando com Porto Rico, e têm metade dos deputados e dos senadores que temos aqui, ganhando um ordenado mais ou menos. Os daqui ganham fortunas e fortunas e não fazem nada. Tudo que eu criei lá fora e botei na mão de gente do Brasil foi por água abaixo. Infelizmente, não somos unidos. O brasileiro, lá fora, se une muito para fazer festa, por causa do futebol, mas, quando se trata de negócios, pode estar certo de que você irá entrar pelo cano. É uma pena.

Walmir Amaral, hoje em dia, trabalha produzindo material didático para o Centro de Cultura Anglo Americana (CCAA), onde se desencanta, dia após dia, com a frieza que o uso do computador trouxe para o seu ofício. Bons mesmo, para ele, eram os tempos em que vivia cercado de feras como Flávio Colin, Getúlio Delphin e Gutemberg Monteiro, entre outros, que usavam o nanquim e a pena com maestria nas redações e estúdios de arte pelos quais passou ao longo de sua carreira. Grande parte do uso que Walmir fez dessas “armas” está impresso em páginas e mais páginas de histórias do Fantasma, personagem do qual ele cuidou durante mais de 30 anos, enquanto era funcionário da Rio Gráfica Editora. Toda a trajetória de Walmir com o Espírito-que-Anda e alguns outros personagens está contada nesta entrevista, concedida num típico botequim de subúrbio carioca.

Onde nasceu e se criou Walmir Amaral de Oliveira?

Eu nasci aqui no Méier, mais exatamente no Lins, na época da guerra, na rua General Tavares, em dezembro de 1939. Inclusive cheguei a levar muita portada no final da guerra pois, como eu era muito branco, tinha o cabelo bastante claro e era filho de italiano com português, o pessoal da rua achava que eu era alemão. Até me tirarem do meio da roda era fogo. Eu tinha cinco anos.

Como foi que você aprendeu a desenhar?

Sozinho. Quando eu era pequeno ficava desenhando no chão; passava gente, olhava e eu ficava contando a história que estava rascunhando. Ainda era aquele traço infantil, mas dava para ver que eu levava jeito para o negócio.

Esse gosto por desenhar veio dos quadrinhos?

Sempre gostei de quadrinhos. Minha mãe era assídua com os gibis. Nas quartas e nos domingos, quem acordasse cedo para comprar o pão também ia à banca comprar as revistas e suplementos. Na época, tinha o *Gibi* fininho e, no domingo, saía o *Globo Juvenil*. Mas normalmente, nesses dias, eu era sempre o primeiro a acordar. E era o primeiro a ler, naturalmente. Meus irmãos não ligavam muito para quadrinhos, mas eu adorava. Ficava prestando atenção em cada desenho e até hoje sei tudo de cabeça; qualquer tipo de revólver, pistola, sela de cavalo americano, traje etc.

Foi nessa época que você travou contato com o Fantasma pela primeira vez, naturalmente.

Claro. O Fantasma aparecia no *Globo Juvenil* desde o começo dos anos 40, na época da guerra, quando havia uma campanha dos heróis contra os alemães e os japoneses. Foi aí que comenciei a gostar de quadrinhos e de desenhar. Eu ia para o colégio, desenhava historinhas de sacanagem no caderno e juntava aquele monte de garotos em volta querendo ver.

Como foi a passagem do amadorismo para o profissionalismo?

Com 17 anos eu fui servir ao exército, mas antes disso conheci uma moça que era secretária de um grávido da Rio Gráfica. Na verdade ela era minha namorada e, por ser mais velha do que eu, me ensinou todo esse negócio de sacanagem... Mas ela acabou mesmo foi me incentivando a ir ao trabalho dela para procurar um emprego. O chefe do departamento de desenho era um sujeito chamado Aires, um argentino. Ele me disse: “Senta aí. Tenta fazer um desenho que me mostre o que você sabe fazer.” Daí eu desenhei um negócio qualquer e ele falou: “Está contratado.” O

sujeito foi logo dizendo que eu começaria “completando” desenhos e me explicou o que era “completar” – pegar as histórias americanas, tirar suas legendas, montar no gabarito da revista da Rio Gráfica, no caso *Fantasma*, *Cavaleiro Negro* etc. Depois que o texto em português era aplicado, era necessário completar as partes dos desenhos que ficavam cortadas. Como ajudante, fiquei fazendo isso durante uns três meses. Junto comigo trabalhavam o Gutemberg Monteiro, o Flávio Colin, o Benício, o Getúlio Delphin e o Milton Sardella, que já faziam capas e desenhos. Eu olhava para o trabalho deles e achava que também: poderia desenhar. Não disse nada. Um dia fiz sozinho uma história do Cavaleiro Negro de dez páginas.

Texto e desenho seus?

Isso. A Tia Emília, uma funcionária que separava todo o material, falou com o Djalma Sampaio, que era sócio do Roberto Marinho na época,



Zorro de mar, *Callinectes sapidus*

Nunca teve nada disso. A RGE pagava os royalties, fazia tudo direitinho, e a King Features não se metia no que estávamos fazendo. Afinal de contas, além de desenharmos as histórias, nós conhecíamos os personagens. Eu jamais conseguiria fazer algo que fugisse ao padrão. Por exemplo, eu podia escrever as histórias do Zorro porque eu sabia tudo sobre o Zorro. Também escrevia as histórias do Cavaleiro Negro com autoridade, porque lá as histórias dele desde garotinho. Com o

As proporções eram sempre as mesmas, naturalmente. Num determinado período havia uma certa preocupação com o selo do código de ética, que o Roberto Marinho inventou para indicar que uma determinada revista não era de terror e que os pais podiam comprar a sem medo. Também tínhamos sempre que deixar espaço para um subtítulo e depois o colávamos na arte. Para isso, eu pegava a história do Fantasma, via os trechos mais interessantes, fazia um resumo, um rough, e depois o desenho. Se a maior parte da diretoria gostasse daquele tipo de capa, eu ia para a arte e daí eu fazia o layout.

Fantasma foi a mesma coisa. Quando comecei a escrever as histórias eu sabia tudo sobre ele — a Caverna da Caveira, os pigmeus Bandar, os nomes de todos os índios, os lugares pelos quais ele passou, o Congo Belga etc.

Os leitores sentiam alguma diferença do material nacional para o estrangeiro? Havia algum tipo de reclamação?

Não, muito pelo contrário. Eu recebia muitas cartas falando sobre o Fantasma e exultantes com o fato do personagem ter virado "brasileiro". Os leitores viam a minha assinatura e sabiam que as histórias eram feitas aqui. Nessa mesma época eu comecei a fazer o Vingador, pela Editora Outubro, personagem que eu criei para o Jayme Cortez. Era um caubói tipo Cavaleiro Negro que criei para concorrer com o Cavaleiro Negro que eu fazia na RGE. Vendeu muito porque era o típico herói da época. O Getúlio fazia o Capitão 7, o Juarez Odilon o Capitão Estrela. Todos eram personagens de novelas de TV e de rádio. Com isso, eu fazia, por mês, duas histórias do Fantasma, duas do Vingador, duas do Cavaleiro Negro... Para isso eu montei uma equipe com o Milton Sardella, o Wanderley Mayhé, o Adauto... só de Fantasma a gente fazia umas 200 páginas por mês. Eu começava fazendo os roughs, o Adauto — que era melhor em anatomia — fazia o traço mais limpo, o Wanderley cobria e no fim eu dava o preto final.

As histórias do Fantasma que vocês produziram por aqui circularam pelo exterior, não?

Isso, elas iam para a Suécia. A gente fazia um intercâmbio. Eles faziam as histórias deles e mandavam para cá também. Antes saía uma ou outra história sueca aqui. Mas numa época em que diminuiu muito a quantidade de funcionários na redação, o Fantasma do norte da Europa passou a aparecer muito mais nas nossas revistas. Isso aconteceu bastante depois que eu saí da Globo. E não era só da Suécia. Nossas revistas publicaram muito material da Holanda, Bélgica, Dinamarca etc. O fato é que num dado período os artistas não queriam mais desenhar o Fantasma. É difícil desenhar o Fantasma.

Por quê?

Porque não dá para fugir do tipo de cabeça que o Fantasma tem. Você vê que o Sy Barry, quando entrou, não mudou o estilo do Wilson McCoy. Nem o McCoy mudou muito o estilo do Ray Moore. Eles não mudaram muita coisa. O McCoy fazia ele meio gordo sem muitos traços. O Sy Barry manteve esse padrão, só colocou um pouco mais de músculos no personagem. O Ray Moore era mais duro; o Fantasma atirava com a pistola e só saía aquele pontinho... As histórias sempre foram boas, mas o desenho do McCoy, na minha opinião, não era bom. Já o Ray Moore era tipo Nick Holmes, Agente Secreto X-9... usava bastante preto.

Existia alguma espécie de coordenação editorial dentro da equipe que produzia as histórias do Fantasma que se preocupava com uma certa cronologia? Por exemplo, se ele estava num determinado país e se encontrava com uma tribo de índios local, poderia ele se lembrar do fato na história da edição seguinte?

Não muito. Inclusive esse tipo de trabalho teria que ficar na minha mão.



JOVENS GIGANTES E O MUNDO ESTRELA
TODOS OS DIAS POR TODAS AS
NOVAS DA TV E DO RÁDIO

Por isso, quando havia alguma coisa assim, era eu que orientava os artistas. Uma vez, por sinal, fizemos uma história que se passava no Brasil. Foi em 1980, e ele via até o Cristo Redentor. Numa outra, levamos o Fantasma à NASA, com toda aquela história de foguetes; coisa que os americanos não permitiam mas que nós fizemos aqui assim mesmo. A editora até ficou de sobreaviso: "Será que eles vão chiar?" E eu retruquei: "Mesmo eles não permitindo, nós vamos fazer. E vamos saber depois." Mas não aconteceu nada.

Qual das suas histórias do Fantasma foi mais marcante?

Todas elas... Mas houve uma muito especial que não saiu pela Rio Gráfica e sim pela Saber, de São Paulo. Eu tinha um amigo letrista, que também escrevia muito bem e se chamava Professor Eliab. Na verdade, o nome dele era Elias e se tratava de um sujeito muito genioso que trabalhava como vidente uma revista chamada Radiolândia. Ele pedia para os leitores mandarem a palma da mão impressa numa folha de papel como se fosse um carimbo, daí lia todas as cartas que chegavam e punha as respostas que davam na coluna. Vinha até carta de Portugal. Um dia ele me perguntou se podia escrever uma história para mim. Mas aí eu comecei a lhe dar ideias, para que fizesse um negócio diferente:

"Você que gosta dessas coisas esotéricas, por que não faz, sei lá, um cara envolto em chamas, do qual os índios têm medo, e que começa a roubar dinheiro e ouro dele?" Daí ele criou um personagem que usava uma roupa de amianto que pegava fogo, como se fosse uma espécie de deus do trovão. Essa foi uma história muito bacana, mas fui eu que dei a ideia.

Existia alguma espécie de crise entre a Saber e a Rio Gráfica, pelo fato de ambas lançarem revistas do Fantasma simultaneamente?

O fato é que a RGE fazia gibis, e a Saber, quando comprou os direitos, conseguiu obter autorização para fazer livrinhos. Isso deixou o Roberto Marinho puto dentro das calças. Mas eles começaram a lançar os livros e o pessoal do Rio nem soube que eu colaborei com o lado de lá. Quando assinava meus trabalhos para a Saber e para qualquer outro lugar fora da Rio Gráfica eu colocava "Amaral."

Foi você que procurou a Saber, correndo atrás de trabalho?

Não, foi alguém da família Pittipaldi, que era dona daquela firma. Eles telefonaram e me perguntaram se eu estava a fim de escrever histórias para a Saber. Fiz um herói da Atlântida que não me lembro o nome, daqueles que usavam capacete tipo Flash Gordon e andavam de submarino. Saíram umas duas ou três edições. Comecei a vender e tal até que me chamaram para fazer histórias do Fantasma. Eu lhes disse que não poderia assinar como Walmir e eles responderam que tudo bem. Fiz uns dois ou três números. Depois houve uma briga da Saber com a RGE e os primeiros resolveram parar com suas publicações do Fantasma. Depois voltaram com histórias mais antigas do Ray Moore e do Wilson McCoy.

Na época em que trabalhava na Rio Gráfica, você chegou a ter algum contato com os artistas americanos que faziam o Fantasma?

Lembro-me de quando o Lee Falk esteve em São Paulo. Quem esteve com ele foi o (roteirista) José Menezes, que levou uma revista desenhada

por mim e deu para o sujeito autografar. Na dedicatória – em inglês, naturalmente – ele escreveu que o Fantasma estava muito bonito, mas o Menezes jamais me deu a revista de presente (risos).

Quais eram os trunfos de poder trabalhar com um personagem como o Fantasma?

O legal do Fantasma era que você podia usar ele em várias situações. Por exemplo: era bom você desenhar o Fantasma na selva. Era mais fácil desenhá-lo no meio de árvores e cabanas. Você tinha como rabiscar melhor situações em que ele estava em cima do cavalo. Da mesma forma, quando eu estava a fim de fazer uma história no meio da cidade era só usar referências como fotos de cidades americanas. Naquela época eu não conhecia os EUA, mas hoje eu conheço – já estive em Nova York, Miami, Orlando – graças ao meu trabalho no CCAA. Enfim, o universo do personagem era de uma diversidade fantástica. Histórias com magia também eram muito bem vindas. Lembro-me de uma na qual ele caía num túnel do tempo tipo o Tor do Frank Frazetta (N. da R.: Um piloto de avião – cujas aventuras foram publicadas entre o fim dos anos 1950 e o começo dos 1960 – que caiu na África depois de bater num morto e foi parar na era pré-histórica, onde se encontrou com homens das cavernas e ficou amigo de um tigre dentes-de-sabre).

Tinha um caubói na época da Rio Gráfica, o Gringo, cujas histórias foram retocadas para que parecessem ser do Cavaleiro Negro. Vocês nunca usaram esse expediente com o Fantasma?

Claro. Fomos eu e o Primaggio (Mantovi) os culpados. Foi numa época de crise em que não havia muita coisa para fazer, não tinha quase ninguém para desenhar, eu sozinho não estava dando conta do trabalho e ainda não tinha uma equipe para me ajudar. Daí eu cheguei para o Primaggio e disse: "Vamos dar um jeito e pegar essas histórias que não têm saída e a gente não publica mais, como as do Nick Holmes por exemplo, e vamos transformar esse cara em Fantasma?" E o Primaggio respondeu: "Queisso, Walnir..." Mesmo assim, começamos a pegar as tiras americanas; recortar a figura do Nick Holmes, colar o Fantasma e depois completar a arte. Pronto. Ensinei todo mundo a fazer aquilo e fiquei só na supervisão. Daí transformamos Flash Gordon em Mandrake também... Uma merda do cacete...

Mas chegou a dar merda mesmo?

Nunca. Eu tinha ordens de fechar as revistas e eles deixavam fazer... Eu não tinha como desenhar, era muito trabalho. Era uma época na qual o Goot já tinha ido para os Estados Unidos, o Gentílico também tinha se mandado para a Europa, o Flávio idem... Os desenhistas que sobraram eram muito novos e inexperientes, não tinham condição de segurar o rojão. Eu tive sorte de nascer na época em que nasci, pois os artistas da minha época eram todos safos. Os de hoje trabalham todos em equipe, usam sempre o computador, é tudo desenho mal feito... fica bonito por que acaba indo parar no Photoshop. Para mim isso é uma merda, mas no meu emprego (N. da R.: No atual, no CCAA) eu sou obrigado a trabalhar desse jeito, fazer o quê? Desenhos duros que a gente limpa, manda para a revisão, que voltam para o computador a fim de serem colorizados por uma equipe específica para tal tarefa – que você tem que fiscalizar senão eles sacaneiam tudo. Essa gente não sabe fazer as coisas,

são pessoas que não são artistas para aquilo; são treinadas para tal função mas não são artistas. A maioria não sabe desenhar e nem colorir, mas aprende ali. Na época a qual me referi anteriormente, a garotada não sabia colorir as histórias do Fantasma. Eu tinha que ficar em cima para ensinar todo mundo a usar o papel vegetal, senão saía tudo errado.

Você se sente frustrado por estar trabalhando no seu esquema atual? Era muito melhor nos tempos do Fantasma, em que os artistas desenhavam de verdade?

Hoje em dia eu sou frustrado, porque, às vezes, quero desenhar e não posso. Mesmo que queira, eu vejo que, nos livros didáticos que fazemos não só para cá, como para os Estados Unidos também, não dá para fazer histórias em quadrinhos. Os livros didáticos mais traçados que fazíamos antigamente não se aplicam ao mercado de lá. Os americanos são cheios de preconceitos. Tanto que lá eu não sou o Walnir. Eu me chamo William Armstrong Oliver, com as mesmas iniciais do meu nome brasileiro. Nos livros em espanhol é a mesma coisa. Lá sou Waldez Amarillo. Eu não posso adotar o meu nome verdadeiro pois os livros daqui são vendidos para a Espanha.

Um outro espaço no qual o Fantasma aparecia nos tempos da Rio Gráfica era o Gibi Semanal, que circulou nos anos 70. O que você tem para falar sobre essa época?

Eu estava envolvido com todas as revistas que traziam histórias do Fantasma. Uma das edições especiais do Gibi foi um almanaque do Fantasma para o qual eu, inclusive, redigi uma matéria, que também illustrei lápis, contendo a história do personagem. Saiu em 1980, creio, e a tal matéria ocupou a 2ª e a 3ª capas, como se fosse uma história em quadrinhos preto-e-branco. Fomos eu e a Sônia Hirsch, que era a editora na época, muito minha amiga, que a produzimos.

Você gostaria de desenhar histórias do Fantasma novamente?

Não. Fiquei desiludido com as histórias em quadrinhos. Elas tomaram muito tempo da minha vida. Não vou mentir dizendo que não ganhei dinheiro porque isso eu ganhei... Mas só naquela época. Hoje os quadrinhos não servem como incentivo para nada, pois pagam muito pouco aqui no Brasil. Além disso, gibis não vendem mais. Agora, os álbuns de luxo que saem lá na Europa eu gostaria de fazer. Aqueles para os quais você pode criar um personagem, colorir sozinho, controlar todas as etapas de produção etc.

O que o Fantasma trouxe de bom para a sua vida?

Carrego comigo a alegria de ter feito o Fantasma. Até hoje eu encontro gente que vem a mim, me pergunta se eu sou o desenhista do Fantasma e diz que lia o meu trabalho desde pequeno. Uma vez, em 1997, ganhei o prêmio Angelo Agostini lá em São Paulo. O que tinha de gente com revistas antigas do Cavaleiro Negro e do Fantasma para que eu assinasse, tanto leitores mais velhos quanto crianças, era impressionante. Foi muito bacana saber que há pessoas que ainda se ligam nos quadrinhos daquela época. As HQs atuais só servem para as crianças de hoje em dia lerem. Aqueles quadrinhos todos em cima uns dos outros não têm graça. É tudo uma misturada só. Hoje os fundos são muito cheios de detalhes, está tudo muito matado. Não sei como o pessoal lá essa porcaria...

CAPÍTULO

14

CURIOSIDADES DO FANTASMA



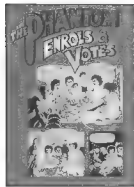
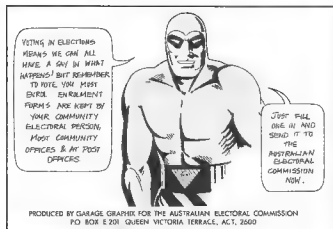
O BONECO DO FANTASMA *Por Dédy Edson*

No Brasil, na década de 1970, O Fantasma foi lançado na versão bonecos de plástico injetado rígidos, pela empresa de brinquedos Gulliver. Havia duas diferentes versões do Fantasma. Em duas poses. Uma, com ele em pé. Outra, onde está caminhando.



Postura que também servia para encaixá-lo em um cavalo, ou sobre qualquer superfície. Nas duas poses os braços eram articulados e o herói usa uniforme de cor vermelha.

Em 1997, a Glasslite lançou no Brasil duas novas figuras do herói Uma na cor roxa e outra vermelha. Sendo que ainda havia um brinquedo quebra-cabeça do Fantasma, lançado nesse mesmo período.



O Fantasma é o mais popular personagem na Austrália, tanto que o próprio governo quando precisa atingir todas as camadas de sua população usa o Fantasma como seu porta-voz. Aqui, o vemos em uma campanha para valorização do voto

UMBERTO ECO E O ESPÍRITO-QUE-ANDA *Por Dédy Edson*

Em seu livro *A Misteriosa Chama da Rainha Loana*, de 2004, o escritor e mestre da comunicação de massas Umberto Eco descreve sua experiência de infância de ler O Fantasma com grandes detalhes, juntamente com outras séries em quadrinhos como Flash Gordon e Mandrake. A obra se passa em Milão, quando, em 1991, um vendedor de livros antigos e raros, perde a memória. Para reconstruir a sua história ele conta com a ajuda da família e amigos. Ele vai se descobrindo a partir de objetos de seu passado, com maior dedicação a livros infantis, juvenis, cadernos escolares, publicações em quadrinhos, anúncios publicitários antigos e tudo mais. A edição é repleta de gravuras da época, os anos 40.

A SENSUAL DIANA



Sy Barry, ao se aposentar, dedicou-se à pintura. Diana é sua musa favorita

Segundo o jornalista Marcos Faeman

"Diana, nos primeiros anos, é um objeto erótico perfeito, principalmente em uma aventura contra os Piratas Singh, em que se apresenta com uma longa saia negra, com duas enormes aberturas laterais, onde despojam suas pernas, e que sobem até as ancas; e uma frente única, também da cor negra, que deixa entrever a curvatura de seus seios."

Segundo Maria Grazia Perini

"Diana Palmer, que há 36 anos é a namorada do Fantasma, tem sua própria vida e sabe o que quer. Rica, bonita e inteligente, é exploradora por passatempo e, apesar de ser apaixonada pelo Vinte e Um, não está de forma alguma adaptada à vida da selva — só de tempos em tempos aparece na Caverna do Caveira, despertando com essa sua atitude o interesse e curiosidade dos leitores. E o que a distingue de Dale Arden (Dale é o típico modelo de mulher bela, mas ingênua e estúpida, que só vive em função do amor que sente pelo protagonista da história), a eterna noiva de Flash Gordon, é o fato de saber conservar sua própria autonomia e estar plenamente consciente do lugar que lhe cabe na sociedade."

O DESENHISTA FANTASMA DO FANTASMA *Por Dédy Edson*

O jovem George Olsen, foi quem mais tempo desenhou O Fantasma em toda a trajetória do herói. Foram mais de 40 anos como "desenhista fantasma" do Fantasma. "Desenhista fantasma" porque ele não assinava seus desenhos feitos a lápis. Olsen serviu durante a Segunda Guerra Mundial, de onde voltou condecorado como herói. Combateu no avião B-24/PB4Y, atuando ao lado de astros do cinema como Robert Altman, Sabu, Jack Palance, Jimmy Stewart, Tyrone Power e Robert Stack.

Olsen declarou que fez os lápis do Fantasma para as tiras e páginas dominicais de 1962 a 1984, com algumas interrupções, para desenhar storyboards para o cinema e publicidade. Dedicando-se ainda de 1984 a 1994 às páginas dominicais do Fantasma. Sempre com algumas interrupções. E, como é sabido, assumiu a série assim que Sy Barry, o artista titular e autor das arte-finais, se aposentou Olsen viria a se aposentar logo em seguida.



O Fantasma foi tema da Bienal de Artes de 1972 em São Paulo, aqui, em reprodução do fanzine *Quadrimã*

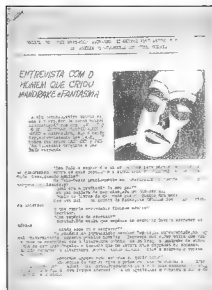


A artista plástica Elizabeth Sorrentino expôs esta pintura artística na casa noturna Madame Satã em São Paulo



Manifestação de um grupo de fãs do rugby que usou desta festa o Fantasma em Wellington, Nova Zelândia, para chamar atenção (3 de fevereiro de 2007/ reprodução)

Durante uma campanha nacional nos EUA, para o consumo de leite, o ator Billy Zane participou caracterizado



O pioneiro *Boletim do Herald* de 1970, apresentou ao público de quadrinhos uma rara entrevista de Lee Falk

UMA HISTÓRIA DO FANTASMA QUE NÃO ERA DO FANTASMA

Por M. A. Lucchetti

Lançado em novembro de 1971, o número 185 da revista fantasma publicou *O Mistério do Golden Night*. O fato curioso é que *O Mistério do Golden Night* não era originalmente protagonizada pelo Espirito Que-Anda. Isso mesmo: esta história não era do Fantasma; mas sim do detetive Rip Kirby, personagem criado por Alex Raymond (baseando-se numa idéia de Ward Greene, editor da King Features Syndicate) e batizado no Brasil com o nome de Nick Holmes.

Escrita por Fred Dickenson e desenhada por John Prentice 2, *O Mistério do Golden Night* tornou-se – talvez por falta de histórias do Fantasma – um episódio do Vinte e Um por obra da equipe de desenhistas da Rio Gráfica e Editora (fundada pelo empresário e jornalista Roberto Marinho em 1952, conhecida entre os leitores brasileiros simplesmente como “RGE”).



Capa do número 185 de Fantasma

Fantasma, Cavaleiro Negro e Mandrake formam este Passatempos da Rio Gráfica desenhado por Walmar Amaral



Uma sequência de quadritos de *O Mistério do Golden Night*



O HERÓI DO MARKETING

Por Dédy Edson

Em meados dos anos 1960, as principais revistas em quadrinhos da Rio Gráfica publicavam na capa um selo com pontos que, quando colecionados davam direito a troca dos selos por plásticos colecionáveis dos heróis das revistas. O Fantasma era, dos personagens, o mais solicitado. Este bonequinho comico do fantasma era o “garoto propaganda” desta campanha. Assim, o Fantasma também foi pioneiro. Esta sua versão “mirim” acabou sendo uma antecipação dos super-heróis Marvel e DC que acontecera só na década de 1980.

Durante a Copa do México em 1970, as revistas do Fantasma publicavam nas capas fotografias com os ídolos da nossa “seleção canarinho”. Um ano antes as revistas do Fantasma também eram as únicas da Rio Gráfica a dar como brinde o Mini-Gibi. Uma edição colorida impressa em papel de boa qualidade com historietas curtas de 3 quadros por página. Estreladas por um vasto elenco de séries secundárias das publicações da editora.



Capa do Fantasma durante a Copa de 70 e capa de revista com o selo colecionável para trocar os pontos por plásticos dos heróis

O Mini-Gibi exatamente no tamanho em que era publicado, o leitor precisava destacar a publicação das páginas centrais da revista e montar o gibizinho



A DINASTIA DO FANTASMA Por Dédy Edson

Muita gente pergunta se todos os antepassados do Fantasma 21 já apareceram em suas tiras de jornais ou revistas. Podemos afirmar que sim. Porém, a maioria deles são aventuras "não oficiais". Isso porque as histórias "oficiais" são apenas aquelas criadas para os jornais. De qualquer maneira listamos como foram as principais atuações de todos os Fantasmas, publicadas nos gibis da RGE, que foi a editora brasileira que mais publicou o nosso herói.

O Fantasma I - Conforme a edição 336, de novembro de 1938, produzida pela equipe de desenhistas da Suécia. O primeiro Fantasma se envolveu numa aventura nas Guerras Santas entre muçulmanos e cristãos para limpar o nome de seu primo Simon Walker.

O Fantasma II - Na edição nº 19 de *Fantasma Extra*, de abril de 1990, produzida pela equipe de desenhistas da Suíça. O Fantasma II depois de ter uma grande decepção com seu filho da Inglaterra se envolveu numa grande aventura na velha Europa nos tempos da capa e espada com uma aventura semelhante a da *Máscara de Ferro* de Alexandre Dumas.

O Fantasma III - Na edição nº 20, série *Extra*, de junho de 1990, desenhada pelos suecos. O Fantasma III, em sua mocidade, não queria seguir a tradição dos pais. Só no final ele assume sua responsabilidade em continuar a Lenda do Fantasma.

O Fantasma IV - Conforme a edição nº 23, série *Especial*, de maio de 1988, produzida pela equipe de desenhistas da Suécia, este Fantasma viveu uma perigosa aventura na floresta onde existiu Robin Hood. Lá ele encontra uma pequena aldeia repleta de bruxaria.

O Fantasma V - Na edição nº 22, série *Especial*, de abril de 1988, produzida pelos desenhistas da Suécia. Este Fantasma se viu em confronto com o Pirata do Punho Negro, ocorrendo então uma das lutas mais emocionantes da saga do Fantasma.

O Fantasma VI - É dos que mais aparece nas Crônicas do Fantasma. Foi ele quem recebeu de presente a Casa de Jade por salvar a vida do rei Junkhar.

O Fantasma VII - Na edição nº 21, série *Extra*, de 1990, na historietta *"Os Piratas de Sanloi"*, desenhada por Karl Leppanen, integrante da equipe da Suécia. A cidade de Sanloi foi saqueada por piratas, porém o Fantasma VII entrou em ação para fazer justiça. Depois de muitos anos um descendente do mesmo pirata tenta repetir o assalto mas acaba derrotado pelo Fantasma XII.

O Fantasma VIII - Na edição nº 3, série *extra*, com data de julho de 1987, contendo a série oficial dos jornais, o Fantasma casa com Heloise, uma mulher de fascinante beleza e muito apaixonada pelo nosso herói.

O Fantasma IX - No *Fantasma Especial*, nº 35, de maio 1989, em "Príncipe das Trevas", o nono Fantasma viveu uma grande aventura de mistério em Runas Douradas.

O Fantasma X - Em *Fantasma Extra* nº 21 de agosto 1990, a historietta *O Tesouro do Mosteiro* faz uma breve menção do décimo Fantasma.

O Fantasma XI - Conforme as crônicas da revista nº 10 série *Extra*, de Setembro de 1988, produzida pela equipe Suécia, na historietta *"Morte em Veneza"*, transcorrida no ano de 1773. O Fantasma XI se vê envolvido em uma trama diabólica envolvendo seu filho estudante e um assassino, em Veneza. Uma trama engendrada pela bela e diabólica senhorita Amine, filha do embaixador holandês. Mas o Fantasma XI salva seu filho.

O Fantasma XII - Na edição nº 367 da revista mensal, de junho

de 1986, em "Naufrágios Criminosos", produzida pela equipe da Suécia, o Fantasma XII faz uma viagem para Pendragon House, para visitar sua esposa e filhos. E lá enfrenta piratas noturnos.

O Fantasma XIII - Na edição nº 349, de dezembro de 1984, produzida pela equipe da Suécia. Na aventura *Durandal*, é narrada a história da Espada de Durandal. Um grande épico da época das Cruzadas vivida pelo Fantasma XIII.

O Fantasma XIV - Conforme a edição nº 371 com data de outubro de 1986 produzida pela equipe da desenhistas da Suécia, com a historietta intitulada *"A Maldição de Ch'gaan"*. Em 1827 quando Bangala estava sob domínio inglês, o maior feiticeiro da floresta da tribo noris que se chamava Ch'Gaan, fez grandes bruxarias, tão grandes "que não se contam nem nos gibis".

O Fantasma XV - A única referência a respeito do décimo quinto Fantasma encontra-se na revista *Fantasma Extra* nº 10, página 39, em uma citação de que o Fantasma XV lutou contra o seu cunhado o pirata americano Jean Lafitte. Feito que, no *Almanaque Fantasma* nº 17, é reputado ao Fantasma décimo terceiro. Temos então uma contradição.

O Fantasma XVI - Na edição nº 361, de dezembro de 1985, o décimo sexto se apaixonou por uma princesa indiana chamada KHIREN. Mas não foi possível acertar o casamento deles pois a moça foi assassinada pelo malvado oficial do exército inglês.

O Fantasma XVII - Na edição nº 342, de maio de 1984, produzida pela equipe da Suécia, na história "Expresso Oriente" continuada na edição nº 343, o Fantasma 17 escolta a princesa Soraya, sobrinha de um sultão da Turquia, no famoso trem Oriente Express. Partindo de Londres para o Oriente. Muitas aventuras aconteceram nesta viagem. Compoendo uma das melhores aventuras de nosso herói.

O Fantasma XVIII - Conforme a edição nº 29 série *especial* com data de novembro de 1988 o Fantasma 18 atua contra piratas na historietta *Caixões Flutuantes*, produzida pela equipe de desenhistas da Suécia.

O Fantasma XIX - Na edição nº 8 da série *Extra*, de maio de 1988, na história oficial das tiras *O Companheiro Ideal*, surge uma tribo de mulheres guerreiras a procura de maridos. E o nosso Fantasma XIX é o objetivo da chefe da tribo.

O Fantasma XX - Na famosa história dominical desenhada por Wilson McCoy, *A Infância do Herói*, de 19xx, lançada em álbum colorido da Ebal, pela primeira vez Lee Falk criou todo um passado para o Fantasma vinte e um. É onde aparece o pai de nosso herói atual. O Fantasma vinte morre no final e passa a herança justiceira ao filho.







Projeto de desenho animado jamais realizado com o Fantasma. A arte é de Jack Kirby (Capitão América)



Frequentemente na Turma da Mônica os super-heróis são homenageados por Maurício de Souza e sua equipe, e o Fantasma é sempre lembrado



...E MOEBIUS TAMBÉM DESENHOU O FANTASMA

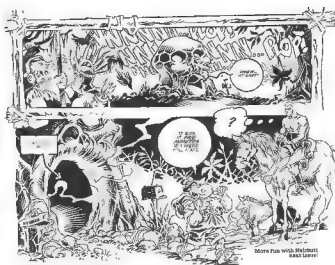
Nosso herói o Fantasma é um robô gigante nas páginas da alucinante saga "A Garagem Hermética de Jerry Cornelius", do genial Moebius (Jean Giraud)

A pequena quantidade de paródias do Fantasma em publicações americanas comprova que ele não é um personagem tão popular em seu país de origem quanto em outras terras, como Austrália, Nova Zelândia, Suécia, Portugal, Espanha, Itália e, claro, Brasil.

Destacamos aqui apenas algumas de suas divertidas aparições como vítima dos cartunistas



Phantasma, do tabuleiro *O Picho*, criado por Sampa (Sampaio)



Uma paródia da *Mad* australiana.



Tira *Opera Bar*, Franco de Rosa e Vanderley



Magnífica sátira escrita por Claudio Almeida, desenhada por Carlos Chagas para a *Kikk* da Ebal



O casamento na *Mad* brasileira

Apresentação da referida HQ de *O Picho*



Diana, no traço de Bill Elder em *The Phanson*





Carlos Chagas cozando a cena oficial do casamento



Sequencia de
The Phanson,
de Bill Elder,
para a *Panic*

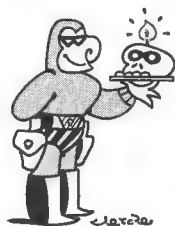


Paródia
de Luiz
Chilson e
Franco de
Rosa para
a *Klik* em
1979

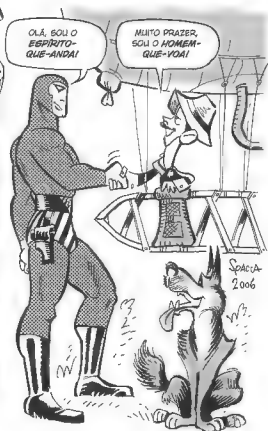
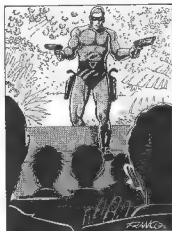
No traço
característico de
Tony Fernandes
para *A Meleca*



Franco de Rosa na *Klik*



Colaboração espontânea de alguns amigos da Ópera
Gráfica Editora com exclusividade para esta edição



Spacca
2006

CAPÍTULO

15

DEPOIMENTOS





DE COMO EU TRAI O FANTASMA

Spacca

Quando eu era criança, na década de setenta, já sabia que seria desenhista de quadrinhos. Mas minha orientação era decididamente humorística e infantil; eu não gostava de desenhos "sérios", ou seja, realistas e anatómicos.

Um dia, encontrei um tio que gostava, como eu, de desenhar.

E fizemos um tipo de desafio: eu desenhava algum personagem Disney difícil de conhecer (por exemplo, Esquilinhos, chefe O'Hara e outros), e ele deveria dizer o nome. E vice-versa.

Aí, ele desenhava um elegante perfil do Fantasma. Coerente com minhas convicções, menti para ele: "não conheço... não gosto desse tipo de desenho". Ora, era impossível não conhecer o Fantasma! Eu o via, pelo menos, nas propagandas dos gibis da Rio Gráfica.

Anos depois, descobri que o haitiano André LeBlanc, cujo traço eu admirava na minha coleção de Monteiro Lobato, havia sido "ghost" do desenhista Sy Barry, realizando desenhos que eram assinados só pelo titular. Ou seja, LeBlanc era o "fantasma do Fantasma".

Sem ser leitor assíduo, curti muito o álbum do Casamento do Fantasma ilustrado por LeBlanc e outros.

Espero que agora esteja em paz com o Espírito-que Anda...

- Spacca é quadrinista, autor de "Sentô e os Pais da Aventura", 2005



O OLHAR FRIO DE QUEM NÃO MOSTRAVA OS OLHOS

Joe Bennett

"O Fantasma sempre vai representar para mim um tempo de mistérios e perigos que já não existe hoje. Uma África que era negra pela exuberância de seu povo e seus enigmas inexplorados e não conturbada e faminta como hoje. Um tempo em que heróis eram exemplos a ser seguidos e não precisavam ser explicados aos olhos frios da realidade para nos divertir. Um tempo em que os quadrinhos nos faziam ir para muito longe. O tempo de minha infância. Que venham mais 70 anos."

- Joe Bennett é brasileiro e desenha super-heróis para a Marvel e DC, mora em Belém, no coração da Amazônia



O FANTASMA DE RECIFE

Verde

Eu devia ter uns 5 anos quando vi, pela primeira vez, uma revista do Fantasma.

Aquele herói mascarado que combatia o crime, morava numa caverna com o formato de um crânio, no meio de uma densa floresta africana e que contava sempre com a companhia de seus féis amigos, um cão e um cavalo, começou a povoar os meus sonhos de criança. Eu estava determinado a me tornar "O FANTASMA" quando crescer.

Lembro ainda que foi minha mãe quem leu a primeira história daquele mascarado para mim e, logo depois, acabei por recortar toda a revista para brincar com as figuras.

Isso aconteceu em Recife, Pernambuco, há... digamos, alguns anos.

O Fantasma foi o primeiro personagem a me transportar para o mundo mágico dos quadrinhos. O mesmo mundo pelo qual acabei me transformando no apaixonado de sempre.

Fico feliz por saber que o nosso herói está completando setenta anos de existência e que conseguiu se manter em belíssima forma durante todos esses anos. E mais: com tendência a ficar melhor a cada dia.

Que a sua história nos quadrinhos não tenha fim e continue para sempre. Afinal, eu acredito na sua imortalidade.

- Verde é cartunista e redator free-lancer para a Múrcio de Sousa Produções



EU E "O FANTASMA"

Elmano Silva

Foi nas matinês de um cinema em Caruaru-PE e não nas HQs, que eu tive o primeiro contato com o personagem do Fantasma.

Prstes a completar os 6 anos de idade, já sabendo ler e escrever, lembro-me que o seriado desse herói me deixava fascinado, principalmente em sua abertura, quando aos poucos ia surgindo envolto numa névoa e sentado no trono da caveira, a misteriosa figura desse personagem, enquanto os créditos do filme iam aparecendo na tela: THE PHANTOM, STARRING BY: TOM TYLER. Com uns dez anos de atraso, após o seu lançamento, este seriado era uma atração fantástica para a garotada e também para os marmojos daquela época, nas matinês de domingo.

O mesmo ritual de um almoço apressado para não chegar atrasado à sessão e a preocupação de pegar um bom lugar no cinema, resultavam sempre na bronca de minha mãe — "Coma devagar, senão... NADA de cinema!" — mas esse cuidado maternal sempre era por mim esquecido, o que me valia uma volta das matinês com uma bruta enxameação.

Mas o sacrifício compensava... O apagar das luzes após soar o terceiro sinal, o abrir da bela cortina verde com desenhos dourados do cinema, fazia a plateia delirar. Sabi-

amos que após os chatos jornais de notícias, os "reclames" (trailers), algum desenho do Possante, Popeye ou Coelho Pernalonga e os dois filmes que sempre antecediam os seriados, ficaríamos sabendo como o Fantasma iria escapar daquela arca movelizada na qual ficara preso no último episódio. Isso gerava discussões e até apostas para ver quem acertaria como o nosso misterioso herói conseguiria se livrar daquele novo perigo. E se os filmes, antes do famoso seriado, não fossem de outros heróis como Durango Kid, Tarzan, John McBrowne, Rocky Lane, entre os mais preferidos, pareciam não ter fim e a ansiedade aumentava...

Por fim, aparecia na tela o símbolo da distribuidora: a RKO FILMES (se a memória não me falha) e todos sabiam que o seriado estava pra começar. O delírio era total... A gritaria, os aplausos e o cinema parecia vir abaixo. E foi assim, numa dessas matinês, que eu conheci esse personagem famoso das HQs.

Dois anos depois, foi que eu tive em mãos uma edição especial — não sei ao certo se foi um exemplar do Globo Juvenil —, com a história do surgimento do Fantasma. Os desenhos eram do Wilson McCoy. Lembro que estranhei o nome Capeto, dado ao lobo, companheiro do Fantasma, uma vez que em minha memória infantil o bicho se chamava Rin-Tin Tin. São duas lembranças de uma época de ouro que vivi, onde os nossos heróis nos asseguravam um mundo maravilhoso de ordem e paz, sem injustiças e corrupçãoes.

- Elmano Silva é escritor e desenhista de quadrinhos, e criador da série Sina Preta



O FANTASMA, CAMPEÃO DE SOBREVIVÊNCIA

Luz S. Sardenberg

Eu me lembro. Bem pequeno, já lia as aventuras do Fantasma, Mandrake, o Espírito e muitos outros heróis. Na verdade, lia quase tudo que me caía ao alcance. Era um leitor precoce. E os quadrinhos ajudaram muito nesse aprendizado. Mais pela trama que pelo desenho, o Fantasma me atraía por ser discreto, como o personagem, embrenhado nas selvas de um país incongruente, Bengala, misto de África, Índia e ilhas do Pacífico. O Fantasma, ainda por cima morador da Caverna da Caveira, não era um super-herói. Não tinha superpoderes, e sua habilidade maior era agir na sombra, como um ninja. O Espírito que Anda, um batallador obscuro, num tempo em que ninguém aqui ainda ouvia falar de ninjas. Tinha, de verdade, um poderoso soco, que preferia desferir contra os vilões, do



O PREFERIDO

Edgard Guimarães

que sacar um dos revólveres que portava. Essa era sua marca registrada, pois deixava uma impressão indelével, a Marca da Caveira. Isto provinha de um anel, que, lembro-me, gostaria de ter também. Embora não sendo um super-herói, ainda que tivesse a fama de imortal, vestia-se nos padrões heróicos da época: malha púrpura, máscara, calção listrado e tinha como companheiros o cão pastor Capeto e o cavalo branco Herói. Aliás, parece que foi o primeiro herói a usar a famosa "máscara sem olhos", tantas vezes copiada. Fantasia absurda, para quem vive nas selvas e precisa ser quase invisível, como qualquer criança sabe hoje, depois de tantos filmes e documentários sobre soldados camuflados. Mas, naquele tempo, esta era a moda dos heróis. O Super-Homem, o Capitão Marvel, a Mulher Maravilha, os X-Men podem dar-se ao luxo de serem espalhafatosos, pois são superdotados, invulneráveis e se expõem ao fogo adversário de peito aberto. Já o Fantasma, apesar de lhe terem, a princípio, acrescentado o atributo de "Voador", jamais levantou vôo, por ser próprios meios. Era uma pessoa "normal", e por isso de vez em quando ele envergava sua "trench coat", a capa de Monsieur Hulot, e dizia ser Mr. Walker. E como Johnny, ele continuava andando por aí! Mas isto só na cidade, quando ia paquerar Diana Palmer. O púrpura era sua vestimenta de combate nas selvas! Tudo isso era compensado pela originalidade do roteiro. O Fantasma não era um indivíduo, mas uma dinastia familiar, uma árvore genealógica plantada nas misteriosas selvas. E, por isso, "não morria". Mas, se em vez de homem, o sucessor nascesse menina? Teria de ser criada uma "Fantasma-Girl", ou a coitada seria rejeitada pelos machistas da família como numa dinastia real, a do cruel Henrique VIII, que queria filho homem, não importava quantas esposas teria de degolar? 70 anos! É história para mais de uma geração, de Fantasmas e leitores. E de autores, também. Chegou a ser desenhado aqui no Brasil, pela equipe de Waldir Amaral, na Rio Gráfica, tendo entre os ótimos colaboradores os lendários Julio Shimamoto e José Menezes, este como roteirista. A eles, meus parabéns, por terem participado da saga dos "Fantasmas". E parabéns ao próprio Fantasma, campeão de sobrevivência nas selvas. Vida ainda mais longa, se é que isto é possível, ao veterano herói.

• Luiz S. Saldenberg — autor de quadrinhos de terror e ficção das editoras Continental e Outubro, no início dos anos 1960

A década de 1930 foi especial para os qua drinhos norte-americanos. Desde o final da década anterior, as Histórias em Quadri nhos dos jornais estavam deixando de ser exclusivamente humorísticas, com histó rias normalmente autocontidas, para serem também histórias de aventuras, com a ação continuando de um dia para outro, ou de uma semana para outra. Os pioneiros desse novo gênero nos quadrinhos foram Capitão César (Captain Easy), Tim Tyler, Tarzan e Buck Rogers. A partir de 1930, o gênero ex plodiu nos quadrinhos com as criações de Dick Tracy, Brick Bradford, Bronc Peeler (Bronco Piler), Flash Gordon, Mandrake, Prince Valiant (Príncipe Valente), entre tantos outros. Muitas destas séries tinham qualidades bem definidas e que se mantêm mesmo sob um olhar crítico mais apurado. E o Fantasma, o que tinha de especial? Certamente as histórias criadas por Falk mate rializadas pelos desenhos de Moore tinham muitas qualidades. Mas muitas outras séries produzidas na época tinham roteiro e arte de alta qualidade e não tiveram o mesmo destaque que o Fantasma. Há alguns anos, Aníbal Cassal, editor do fanzine de nostal gia *Fanzim*, perguntou a seus leitores quais seriam seus personagens favoritos. O resul tado é que o Fantasma ganhou com larga vantagem sobre o segundo colocado. Mes mo as séries com desenhos melhores ou histórias mais bem construídas não tiveram chance contra o Espírito-que-Anda. Por que o Fantasma venceu com facilidade esta enquete? Por que permaneceu como o herói preferido na memória de tanta gente?

O grande trunfo da série O Fantasma é o próprio personagem. O fato é que Lee Falk criou o personagem mais carismático de sua geração. O conjunto de características que cerca o herói o torna único, num patamar acima dos demais, responsável pelo sucesso que a série teve, mesmo não tendo nada de excepcional nas histórias e desenhos. Isso se confirma pelo fato do sucesso ter se man tido mesmo quando a série passou por um período em que os roteiros e os desenhos eram fracos.

O carisma do personagem surge de várias características da série, da personalidade do herói, de sua gênese, do universo em que habita etc. O Fantasma não é uma pessoa sem qualquer raiz, como costumam ser os heróis, é membro de uma dinastia de jus ticeiros que atua há 400 anos, onde o filho vai substituindo o pai, sempre que este não pode mais continuar sua missão. Em cima

dessa sucessão cria-se o mito da imortali dade, pois, para os malfetores, é como se fosse uma única pessoa, atuando há séculos. O Fantasma também não é um herói so litário, desvinculado de qualquer estrutura. A dinastia de Fantasmas soube criar condi ções para combater o crime com eficiência, a começar pela tribo de pigmeus que serve de proteção a seu reduto e de força de coe rção, além de contribuir para o clima de mistério que cerca o herói. Além disso, o Fantasma conta com uma estrutura oficial sob seu comando, a Patrulha da Selva, o que lhe dá legitimidade junto à lei. Em cima da figura do Fantasma, há todo um conjunto de superstições, criadas e mantidas por ele e seus colaboradores, de modo a facilitar suas atividades. Frases de efeito como "quem vê o rosto do Fantasma, morre" ou "a voz do Fantasma faz gelar o sangue" alimentam o mito. E há ainda a própria personalidade do herói, nisso não muito diferente dos outros heróis. Tem segurança em seus atos, não se intimida com os inimigos, mesmo quando está em inferioridade, cumpre sua justiça com determinação. Mesmo com a perda de algumas de suas características iniciais, o carisma do Fantasma não se abalou. Em suas primeiras aventuras, tinha uma ousa dia em relação ao sexo oposto incomum nos heróis da época. Infelizmente, este traço foi abandonado.

Merece menção especial dentro da série sua amada Diana Palmer, que apareceu logo na primeira história, antes do próprio herói. Desde o início uma mulher ativa, teve períodos de maior ou menor destaque, mas tornou-se sua esposa na década de 1970. Embora o casamento de um herói não seja algo desajeitado, dentro de uma série, pois limita seu caráter aventureiro, no caso do Fantasma, é coerente com a mitologia do personagem, pois há uma dinastia que precisa perpetuar-se.

Em relação aos desenhistas, há algumas considerações a se fazer. O desenho de Ray Moore, primeiro desenhista e criador visual da série, não tinha o rigor de outros artis tas da época, mas era bastante expressivo e apropriado ao clima de mistério das aventa ras. Era um desenho mais solto, com estilo próprio, com um sombreamento bem feito que preenchia corretamente os quadrinhos. Por isso, para estes leitores, a fase de Moore continua sendo a fase mais interessante do ponto de vista visual.

Segundo as informações disponíveis, Ray Moore trabalhou em Fantasma até 1942, quando sofreu um acidente e passou a con tar com uma participação mais efetiva de seu assistente Wilson McCoy, até 1947, quan do McCoy assumiu totalmente a série. No



entanto, mesmo antes de 1942, o traço em Fantasma já apresentava diferenças em relação ao início da série, o que talvez indique uma participação já relevante de McCoy. Os desenhos já não tinham o estilo próprio de Moore. Eram mais limpos, com o traço mais delineado e simplificado. Também a movimentação das figuras ficou seriamente comprometida. A fase de McCoy, que durou até 1961, costuma ser execrada pela maioria dos fãs, com muita razão. O desenho de McCoy se tornou muito estilizado, quase semicaricatural, o Fantasma passou a ser uma figura rígida, com movimentos artificiais, e isto é grave numa história de ação. Mas o que comprometeu mais seriamente esta fase de McCoy foram os roteiros. As histórias passaram a focar temas mais banais, como conflitos entre tribos vizinhas, e os vilões, que no início eram uma confraria secular de piratas, passaram a ser tipos comuns, às vezes ridículos, como um homem forte de um circo. Custa a acreditar que estes roteiros fossem feitos pelo mesmo Falk do início.

Em 1961, McCoy foi substituído por Sy Barry, que devolveu à série a qualidade no desenho. O traço de Barry é clássico e simultaneamente moderno. É clássico no lápis, com as figuras anatomicamente perfeitas, com a movimentação dinâmica e realista, um desenho limpo e atraente. É moderno na arte-final, com pequenas angulações na passagem da tinta, o que resulta num visual muito bonito. É este tipo de desenho que atrai o leitor comum, que constitui a maioria dos leitores. O traço de Sy Barry já foi acusado de ser impessoal, o que é um equívoco. Certamente um traço que busca uma maior fidelidade na representação visual da realidade, abrindo mão de estilizações, se afasta de uma caracterização personalíssima. Mas qualquer leitor mais atento é capaz de identificar os desenhos de Barry, portanto não são impessoais. Este período inicial de Barry colocou a série do Fantasma novamente no auge. Mesmo quando passou a delegar aos assistentes tarefas cada vez maiores, não houve variação significativa no traço, pois contava com assistentes do nível de André LeBlanc, também capazes de produzir desenhos limpos e dinâmicos.

O ponto mais notável nesta retomada da série com Sy Barry é que os argumentos cresceram significativamente em qualidade. Mercadores de escravos, quadrilhas internacionais, cenários fantásticos, imperadores despotas, passaram a ser as preocupações do Fantasma, em aventuras empolgantes. Volta a dúvida. Estes roteiros, num outro patamar de qualidade em relação aos da era McCoy, eram escritos por Lee Falk?

Este é um mistério que saiu do universo ficcional de Fantasma e subsiste na realidade de seus criadores.

• **Edgard Guimarães** é professor e autor do mais premiado fanzine do Brasil: *Q*



O FANTASMA VOADOR

Oscar Christiano Kern

Nem lembro quando fui apresentado às revistas em quadrinhos por meu tio Augusto, que, quando vinha nos visitar aos domingos, em Estácio/RS, trazia diversos exemplares de duas revistinhas: *Gibí* e *O Globo Juvenil*.

E certa vez, eu estava comentando as histórias com meus primos, quando um deles disse:

- Ah, precisas é ler o Fantasma Voador.

Dois palavras repletas de magia juntas "Fantasma" e "voador". Que tipo de histórias seriam?

Meu primo me emprestou o álbum "O Fantasma Voador CONTRA OS PIRATAS DO CEC". Isso mesmo. "Cec". Com "o" no final. O formato era horizontal. As páginas eram impressas, alternadamente, em preto-e-branco, vermelho ou azul.

O Fantasma residia na floresta de Bengala, com a tribo de pigmeus Bandar e suas setas de pontas envenenadas. Morava na Caverna da Caveira. Todas as tribos que viviam na região lhe deviam obediência. "O Fantasma", "O Espírito-que-Anda". "400 Anos de Idade". "Imortal".

Mesmo vivendo nas selvas, O Fantasma recebia informações de qualquer parte do mundo, e assim tomou conhecimento de um bando de assaltantes que, fazendo uso de aviões, atacava barcos e aeronaves, depois desapareciam em determinada direção e não mais eram vistos. Eram os piratas do Cec...

Estudando mapas da região, o personagem concentrou sua atenção em uma pequena ilha desabitada, e como não havia nenhum outro lugar ao qual os assaltantes pudessem chegar sem comprometer sua autonomia de voo, resolveu investigar.

Tudo deserto.

Então, ouviu um avião chegando.

Ocultou-se. O avião pousou e continuou taxidando, para lugar nenhum. Então, à sua frente, uma parte do solo começou a se erguer. Era a entrada de um hangar subterrâneo.

Depois ele entra, mas é surpreendido e apriisionado, e então descobre que o bando todo é formado por mulheres. Como é possível que muita gente ainda não tenha lido a história, vamos ficar por aqui mesmo.

Depois, meu primo me emprestou o outro álbum, e então entendi o porquê de "Fan-

tasma Voador", já que, de voador, ele não tinha nada.

Acontece que a ilustração da capa do primeiro álbum mostrava o Fantasma em um navio pirata, se atirando do cesto da gávea sobre os bucaneiros, dando a impressão de que ele estava em pleno voo.

O tradutor não teve dúvida: por que só "Fantasma", se o cara voa?!

E, por um bom tempo, The Phantom voou...

• **Oscar Christiano Kern** foi escritor de quadrinhos Disney e pioneiro dos fanzines no Brasil. autor de *Histórias Fantásticas*. Faleceu em janeiro de 2008



RELEMBRANDO O FANTASMA

Luiz Antônio Sampaio

Começo dos anos 50. Foi nessa época, ainda moleque, que comecei a desfrutar das delícias do ler e do escrever. E por que não dizer também das delícias das revistas em quadrinhos? Não eram bem vistas na época, essas revistas. A Igreja prometia as danadas do Inferno para quem as lesse, os professores acusavam os quadrinhos como sendo a principal causa do fracasso escolar, os pais morriam de medo de que os filhos caíssem na delinquência por causa daquelas revistas. A perseguição era grande. Intelectuais, pedagogos, religiosos quase comparavam a ameaça das histórias em quadrinhos com a Guerra Fria, com o avanço do comunismo, temores que atormentavam o Ocidente naqueles dias. Mas a molecada da época enfrentava de cabeça erguida as campanhas contra as revistas em quadrinhos. Continuava comprando, lendo, trocando, colecionando. No meu caso, nunca dei bola para as ameaças da Igreja e os maus presságios dos professores. Em casa nunca tive problemas, pois meu pai também gostava de ler quadrinhos. Nesse cenário, eu tinha um vasto campo aberto à minha frente para os prazeres das revistas em quadrinhos (naquela época, já eram chamadas de gibis? Não me lembro!). Podia cultivar assim meus heróis favoritos: Tarzan, Mandrake, alguns cowboys, Batman, Fantasma. Este era um dos meus favoritos entre os favoritos. Talvez disputasse o primeiro lugar na lista com Tarzan. Era o Fantasma visualizado por Wilson McCoy. Era este que eu admirava. Afinal, não conhecia nenhum outro. O Fantasma de McCoy era a estrutura visual oficial do personagem naqueles anos 50, se é que assim se pode dizer. Fazia um enorme sucesso. Todos nós, leitores, sabíamos que aqueles desenhos eram pouco expressivos, o Fan-



tasma tinha um rosto imutável, sempre de boca fechada, a Diana era bonitinha, porém um tanto inexpressiva, os bandudos... ah, estes então tinham sempre a mesma cara! Mas nada disso importava. Aquelas histórias eram fantásticas e os desenhos sabiam visualizá-las, tudo era um festival da mais pura e emocionante aventura para os leitores.

Certo dia, talvez por acaso, chegaram-me à mão dois almanques do Fantasma. Não me lembro dos anos, mas sei que tinham capa cartonada e uma boa apresentação gráfica. Um deles trazia a história de uma jovem desmemoriada em Alexandria, e o outro, uma misteriosa carga de um tal Sr. Alvar, marcada com um estranho Z.O.Z. Estes dois episódios mudaram a minha visão com relação ao Fantasma. Na época, não sabia ainda, mas acabara de entrar em contato com o Fantasma de Ray Moore. Aquilo era fantástico, um incrível trabalho de claro-escuro que dava ao personagem e a tudo que o cercava um toque de muito mais mistério, uma espécie de nuvem mística só encontrada nos melhores romances de mistério e aventura. A expressividade de que faltava a McCoy estava presente nos desenhos de Ray Moore. Aquilo me fascinou de tal forma, que, numa busca frenética, tentei resgatar outras histórias daquela fase mais antiga do personagem. Mas foi uma busca infrutífera, pois o Fantasma de Ray Moore tinha sido publicado de forma seriada, o que me impossibilitou de conseguir novas aventuras completas. Sem outra alternativa, continuei devorando as histórias de McCoy e só mais tarde, com as reedições, consegui invadir de maneira mais completa a grande época de Ray Moore.

Lee Falk era um mestre completo na arte de criar histórias. Naqueles dias, eram poucos os escritores de quadrinhos capazes de conceber aventuras tão emocionantes e tão bem concatenadas. Havia William Ritt em Brick Bradford, Chester Gould em Dick Tracy, Milton Caniff em Terry & the Pirates... mas eram poucos. A garotada da época, acostumada que estava com os livros e os filmes de aventura, sabia distinguir uma história em quadrinhos bem escrita de uma mal elaborada. Lee Falk, sem dúvida alguma, brilhava em Mandrake e Fantasma... e os leitores reconheciam esse fato.

Com o passar do tempo, os desenhos de McCoy começaram a mostrar visíveis sinais de repetição visual, e as histórias de Falk já não mais tinham o mesmo vigor que as caracterizaram até então. Tudo es-

tava mudando, e para pior, até que um dia, para espanto geral, os desenhos não eram mais de McCoy. Um estranho estava desenhando o Fantasma. Na época, não sabia, mas Wilson McCoy havia falecido e o King Features, às pressas, colocou Bill Lignante na prancheta de desenho para dar continuidade ao título. Se o King Features pretendia manter Lignante como desenhista efetivo, ou se a intenção era algo apenas temporário, não importa. O desenhista não convenceu e logo deixou as páginas dominicais (as tiras ele nunca chegou a desenhar), para ser então contratado pela Gold Key para desenhar o mesmo personagem, que acabara de adentrar as páginas dos comic books. A revista *The Phantom* viveu de 1962 a 1977, por 74 números, passando por três editoras diferentes, Gold Key, King Comics e Charlton, e por vários desenhistas de traços diversos, principalmente Bill Lignante, Jim Aparo e Don Newton. Esse Fantasma dos comic books mantinha as mesmas características daquele das tiras, mas era inferior em vários aspectos, faltava a ele aquele vigor narrativo que Falk imprimia nas tiras e aqueles desenhos que caracterizavam o personagem. Era o mesmo Fantasma, mas as histórias e os desenhos não eram os mesmos. Assim, não é preciso dizer mais nada.

De repente, outra mudança nos desenhos das tiras diárias do Fantasma. Era Sy Barry que entrava. Eu me lembrava de Dan Barry, o desenhista de Flash Gordon, e logo imaginei que Sy fosse parente dele (era irmão). Em pouco tempo percebi que as mudanças seriam grandes. O Fantasma estava mudado. O Sr. Walker deixara aquela capa xadrez e o aspecto antiquado, passando a usar capa, óculos e chapéu mais modernos. Os desenhos estavam mais dinâmicos e com um grafismo moderno. Era um novo Fantasma aquele que surgiu no começo dos anos 60. Talvez os leitores mais conservadores não tivessem aprovado as mudanças, mas elas se faziam necessárias para a própria sobrevivência do personagem, que estava caindo nas mãos de leitores mais jovens, que queriam um visual mais atualizado para o herói. E assim, naqueles anos iniciais de Sy Barry, todos nós, leitores, percebemos que Lee Falk estava tomado de novos aletos criativos. O resultado era um Fantasma de certa forma modernizado, mas as suas aventuras voltaram a ter aquela mesma concepção de um personagem envolto em mistério, daquele mito de justiceiro implacável que sobre-

vivia às décadas e às épocas. Enfim, Falk retomara a mesma criatividade e energia narrativas dos velhos e bons tempos do personagem. Foram grandes histórias que me fizeram apreciar bastante o Fantasma de Falk e Barry daqueles anos 60. Mas, infelizmente, nessa década, apesar do elevado nível narrativo e do visual, começaram a brotar alguns indícios nada animadores para quem queria o velho Fantasma de volta. A criação do menino Rex levou muitos a acreditar que o Fantasma jamais casaria e que Rex, como filho adotivo, daria continuidade à linhagem. Depois, vieram tolices como as Areias Douradas de Keela Wee, a Mesa Walker no deserto americano, a Ilha de Éden, e outros sinais que começavam a marcar um certo desvio daquela trajetória firme proposta inicialmente por Falk e Barry.

A partir dos anos 70, os leitores perceberam, de forma nítida, que tivera início a descensão qualitativa do personagem, uma queda que se ampliava mais e mais com o passar dos anos. O casamento, os gêmeos, a casa na árvore, o trabalho burocrático de Diana na ONU e outros detalhes afins tiraram do Fantasma todo aquele seu misticismo original, tornando-o um herói padronizado para os dias atuais. Acredito que ninguém mais ficaria espantado se o Fantasma, um dia, comesse a ver TV a cabo e a usar a internet. Dava a impressão de que tudo estava sepultado no passado. Falk perdera sua habilidade criativa, faltava-lhe inspiração, e Barry, empregando inúmeros assistentes anônimos, acabou cansando e se repetindo. Aquele Fantasma que eu tanto admirara em outros tempos, fosse o de Moore, o de McCoy, ou o do início de Barry, já não existia mais.

O pior, no entanto, estava por vir. Em 1994, com a saída de Sy Barry e a entrada de George Olesen e Keith Williams, uma dupla medíocre, e posteriormente com a morte de Lee Falk, o Fantasma chegou ao fundo do poço. Nada mais poderia salvá-lo. As várias tentativas de levá-lo a uma posição firme nos comic books falharam. O filme de 1966, com um Billy Zane descredenciado, pouco convenceu. Nos dias atuais, de forma medíocre, espremido entre as tiras cômicas de uns poucos jornais, o Fantasma lamentavelmente ainda sobrevive, assinado por Tony de Paul, Graham Nolan e Paul Ryan. Apenas uma páldia e ridícula sombra do que fora em tempos passados. O melhor que o King Features poderia fazer seria dar um *requiescat in pace* a Mr. Walker.



Hoje, já tendo lido quase toda a longa trajetória do Fantasma, e com uma visão crítica bem diferente daquela dos meus dias de infância e juventude, posso afirmar que os anos de Ray Moore foram os grandes momentos do personagem. Os excelentes roteiros de Falk aliados à habilidade do desenhista em retratar as selvas, os ambientes misteriosos e nebulosos da África e do Oriente Médio, o seu perfeito emprego de benday com o claro-escuro, tudo isso demonstra que aquela fase do Fantasma jamais será superada. Com os anos, sabemos, Ray Moore se perdeu, seja por causa de problemas neurológicos ou por alcoolismo, mas devemos esquecer esses maus momentos e lembrar que a verdade é uma só: o seu Fantasma nunca será esquecido.

- Luiz Antônio Sampaio é professor de inglês e autor de inúmeros artigos sobre quadrinhos publicados na revista *Café*, de 1983 a 1992



MEU VIZINHO "O FANTASMA" Julio Shimamoto

Puxo da memória, e ancorei em 1948, Borborema, pequena e estagnada cidade do interior de São Paulo, minha cidade natal. Elcio era o nome do vizinho "Fantasma". Seu irmão mais novo chama-se Aderbal, que sempre andava com um pesado e debotado capacete de aço, com vestígio de verde azeitonado, balançando solto sobre sua pequena cabeça, cobrindo-lhe os olhos. Seu pai o usara na Revolução constitucionalista de 30. Frequentávamos a mesma escola pública, e fora dela éramos praticamente inseparáveis, tanto nas folgas e nas traquinagens, que misturavam incursões clandestinas a pomares alheios ou armadas brigas de inchar olhos, sangrar bocas, narizes, dar chutes implacáveis nas canelas dos "meninos da rua de cima", nossos adversários de peladas.

Atitudes nada condizentes com a ética do "Fantasma" dos gibis e das matins. Porém, na chegada do verão, a rixa era esquecida, e todos iam mergulhar e nadar no gelado e murmurar risonho que corria entre duas acinzentadas barancas de saibro, nos limites de nossos quintais.

Eu morava num velho casarão pedindo reformas, onde minha tia e prima, fotógrafas, tocavam o único atelier da região. Meus pais e meus irmãos ainda moravam no sertão, lavrando a terra.

O pai de "Fantasma" e Aderbal, dentista já bem grisalho, era bonachão e alegre. A mãe, professora, muito mais jovem do

que ele, magra e espigada, era ranheta. Nunca a vi sorrir, e devia ser braba também com seus alunos. Depois de algum tempo, seu comportamento neurótico foi se agravando a ponto de tentar se matar por diversas vezes, o que causou seu internamento em um manicômio. Soube depois que lá lhe aplicavam muitos choques. Durante muito tempo guardei pavor de hospícios.

Captando conversa de adultos num jantar, soube que a irmã mais nova dela tinha se suicidado após um malogrado noivado. Esse tipo de compulsão devia estar no sangue de sua família.

Mas voltemos ao Elcio, meu vizinho "Fantasma".

Para dizer a verdade, eu nunca vi fã do personagem criado por Lee Falk. Não gostava dos desenhos de Ray Moore, e nem dos de seu continuador Wilson McCoy. Minha aversão era sinônimo de heresia para o meu amigo, fã mórbido do herói mascarado. Na troca de gibis, Elcio nunca incluía "Fantasmas", que ficavam encapadas e guardadas no fundo do velho armário, no porão de sua casa.

Nem Aderbal podia tocá-los, muito menos, lê-las às escondidas – pois não sabia onde seu irmão ocultava a chave do armário.

Abusando da minha ainda tosca habilidade de desenhista, Elcio extorquiu muitos rabiscos do "Fantasma" em poses de ação ou não: socando, cavalcando, de braços cruzados, correndo, atirando, ou saltando. Ele os fitava embevecido, apesar do acabamento improvisado com lápis de cor, não poupava elogios recomendando-me tornar-se desenhista. Sem saber dos desígnios do destino, eu sorria com meu corpo massagado.

Chegi a suspeitar que sua "Fantasma" era também herança dos genes maternos. E tive certeza disso quando comprou uma bexiga vermelha e pediu-me para desenhar o rosto do herói e fazer uma máscara recortando-a com tesoura: Não ficou lá essas coisas quando vesti sua cabeça. A lateral que contornava seu rosto formou um pequeno bico em direção ao nariz, retorcendo-se para fora, sendo preciso prender a aba na pele com esparadrapo branco (da cor de pele ainda não tinham inventado).

Um horror! Elcio me perguntou se devia então tentar com uma bola de borracha. Apesar do meu conselho em contrário, teimoso, apareceu todo sorridente com uma de cor grená. Depois de virar máscara de "Fantasma", conseguiu enfiar sua cabeça nela. Pela forte pressão da borracha,

vi seu rosto esbranquiçar, e suas orelhas ficaram espremidas. Até começou a ouvir zumbidos semelhantes aos provocados por caracóis ocos (vaga semelhança com o abafado som vindo do mar). Ficou ridículo, quero dizer, parecia palhaço de circo mambembe. Não conseguiu nem mover o queixo para articular um gemido. Estava ficando roxo no esforço de retirar a máscara, e ajudei-o com afobadas tesouradas.

Ufa! Por um bom tempo ele desistiria de se transformar num "Fantasma" de verdade. Era sensível a qualquer fracasso, e pediu-me para jurar discrição para que ninguém, além de nós três, ficasse sabendo do ocorrido. Quando Franco me pediu um texto sobre o personagem, achei que chegara a hora de falar sobre o meu ex vizinho "Fantasmático". Que acaso do destino é esse, quase quatro décadas depois, como desenhista no Rio de Janeiro, receber convite para desenharmos algumas histórias do "Fantasma" que anda? Se Elcio viesse a saber desse fato algum dia, ele simplesmente diria em tom de desdém:

– "Eu num lhi falei?"

OS. Foi em fins dos anos 70 que desenhiei o "Fantasma", convidado pelo bom e talentoso Walmir Amaral (na época, diretor de arte da Rio Gráfica Editora, hoje Globo). Os excelentes roteiros eram assinados por José Meneses. Coincidentemente, meu vizinho e amigo Aderbal Silva, outro fã de carteirinha de "Fantasma", desenhou-o vários números em parceria com Walmir. Foi uma ótima experiência, e a mais bem remunerada da minha carreira de quadrinista.)

- Julio Shimamoto foi o primeiro desenhista do Capitão 7 e autor da primeira HQ de samurai no Ocidente. É um mestre



QUANDO O FANTASMA ENTRAVA NO MAR

Wander Antunes

Lembra quando o Fantasma andava pelas ruas vestido como um homem comum? Eu me lembro! E estava sempre por perto quando isso acontecia. Bons tempos aqueles, Fantasma, Capeto e eu circulando noite adentro pelos bares mais sinistros das histórias em quadrinhos. Ele pegando pesado, socando e marcando pra sempre o rosto dos sujeitos mais malvados com seu Anel da Caveira enquanto eu, num cantinho seguro, acompanhava a ação tomando minha Fanta Laranja (que comecei a beber por causa de um anúncio quadrinizado pelo mestre Colin e não parei mais, embora isso seja outra história).

Eu estava sempre lá, você nunca me viu porque eu sempre ficava escondido, meio fora dos quadradinhos. E não era por ter medo que uma hora qualquer o Fantasma levasse a pior e algum bandido, me vendo ali no canto lá, dissesse: "Aquele guri está com medo! Pega!" De jeito nenhum, jamais temi nem umzinho sequer dos milhares de traficantes de escravos que o Fantasma enfrentou, nem mesmo quando ele lutava só, contra centenas. O mesmo vale pros piratas Singh ou qualquer outro vilão que o Lee Falk colocasse em cena. Nunca, nunca! Me escondia dos perigos que estavam fora da revistinha – como chamar de outra maneira aquele gibi pequenininho que a RGE publicava na minha infância? Era ali, fora do gibi, que morava o perigo. Na minha infância o gibi era o inimigo público número 1, a raiz de todo o mal. Se eu era pego fumando a culpa era do gibi, se matava aula pra ir tomar banho no Queixadinha a culpa era do gibi. Como eu aprontava muito, os gibis foram culpabilizados por muita coisa. Éramos, ambos, gibis e eu, severamente punidos. E como o Fantasma era um dos meus heróis preferidos, ele sofria o diabo ao meu lado. Teve uma vez que o Fantasma pagou o pato pra valer. Coitado!! Foi assim... Era final de um ano qualquer e um cachorro louco subiu pela minha rua mordendo todo mundo que via pela frente. Evidente que eu fui mordido pela fera e então tive que tomar uma série de injeções anti-rábicas. Uma por dia, durante semanas. Um dia eu não apareci pra tomar a tal vacina, tinha ido, escondido com um amigo, tomar banho no Queixadinha. Depois do banho me lembrei que minha escola tinha recebido os livros que seriam adotados no ano seguinte e lá fomos nós, ver se dava pra entrar na biblioteca pra ler os livros. Escola deserta, biblioteca trancada. Os livros lá dentro, cheios de desenhos coloridos, esperando. Um desses convites irresistíveis. No pátio tinha uma tora enorme – ou meu amigo e eu éramos muito pequenos, vai saber que nós tivemos a brilhante idéia de usar como arte. Pegamos a tora e nós atiramos contra a parede. TUM! TUM!! Fizemos um bom trabalho, a parede cedeu e nós entramos. E ficamos lá dentro, folheando o material didático, em busca de algum desenho que valesse a pena. A luz entrando pelo buraco aberto na parede. De repente a escuridão. Do lado de fora, rostos enfurecidos nos fitavam e impediam que a luz entrasse na pequena

biblioteca. "Aquele ali é o filho da Dona Maria", disse alguém. Pronto, eu tinha aprontado outra vez, tinha sido pego e ia ser punido. O Fantasma também, é claro.

Vai ser duro pra você ouvir isso, mas devo ser culpado por várias "mortes" do Espírito que Anda. Contra a minha vontade, que isso seja dito em minha defesa, fiz o que nem o mais temível vilão fora capaz. Eu já queimei o Fantasma, já o rasguei página por página, mas aquela última vez foi demais. Foi terrível, foi nojento!!

Bem, aquele dia eu havia aprontado muito mais do que o habitual, tinha "assaltado a escola" e isso era bem mais grave que uma típica traquinagem "wandering". A vergonha caiu sobre a família. Eu só tinha nove anos e já era um criminoso. Alguma coisa precisava ser feita. Naquele tempo se apanhava muito, não tinha esse negócio de não poder bater em criança. Então, após tomar a injeção anti-rábica do dia (acho que a enfermeira morava perto de casa) apanhei um bocadinho. E não acabou por aí, a lição só estaria completa quando o Fantasma também fosse punido. E tinha que ser algo especial, a altura da falta cometida. Foi então que alguém imaginou um uso novo para a latrina lá de casa. Latrina! Talvez você tenha sorte e não saiba o que é isso, mas vou arrancá-lo de sua feliz ignorância e transportá-lo pro centro de um enredo naturalista. Trata-se basicamente de uma fossa coberta com madeiras, no centro das quais é aberto um buraco. Pra completar, em torno dessa fossa é erguida uma pequena construção, geralmente de madeira. Quando a natureza chama você vai lá, faz o que tem que fazer, sempre se equilibrando e rezando pra coisa não desabar.

Então alguém, depois de muito pensar, enquanto eu tentava me recompor da surra, olha pra fossa, sorri misteriosamente, e me manda ir apanhar meus gibis. Todos eles. E eu tinha um bocadinho naquele momento: Flash Gordons, Mandrakes, Tarzans e, naturalmente, Fantasmas. Muitos gibis do Fantasma, dezenas deles. Eles eram meus heróis, aquela altura da minha vida já os viria salvar o mundo uma montanha de vezes. Eles sempre arriscando suas vidas pra me salvar e eu iria traí-los mais uma vez. "É pra rasgar? Eu rasgo. É pra queimar? Eu queimo". Nem era preciso me torturar, bastava dar a ordem. Depois ia refazendo as coleções. Mas aquele dia seria diferente, não era pra queimar nem rasgar.

- Joga no buraco (da fossa, naturalmente)!

Aquilo foi demais. Queimar tudo bem, rasgar tudo bem, mas atirar na merda era uma violência sem tamanho. Intolerável!! Menininho ainda e eu já aprendia que há vários níveis possíveis de violência e que aquela, a violência moral, simbólica, era sem dúvida a maior delas, a que abre a grande ferida que não fecha nunca.

- Joga no buraco!!

Eu adoro os heróis, mas não sou um deles. Não há dúvidas quanto a isso. Eu me rendo, eu colaboro, eu assino qualquer coisa. Eu durmo com o inimigo! E lá fui eu em direção à fétida latrina. Um a um atirei todos os meus amigos na merda. Flash Gordon, Tarzan, Mandrake... O Fantasma se agüentou o quanto pode, mas também caiu. Caiu com honra, sem pedir piedade (e, seguramente, tapando o nariz).

Eu traio, mas me envergonho depois. Sei que isso não me redime, mas me envergonho profundamente pela traição. E passei a evitar o reencontro com meus antigos amigos. Sabia onde encontrá-los, mas alguma coisa havia mudado e segui em outra direção. Mais tarde encontrei outras companhias, mais complexas e problematizantes que o Fantasma e os outros, mais adequadas ao momento que vivia, acho. Anos depois Berardi e Milazzo me apresentaram Ken Parker, uma revelação. Segui ao lado dele, e de outros como ele, por muitos anos. Mandrake, Flash Gordon, Fantasma e os outros cada vez mais distantes. Às vezes notícias chegavam até a mim: "O Fantasma casou, tá sabendo?". Mas eu já estava fora do círculo, não havia clima pra reaproximação. Quando se é muito jovem – e eu era jovem naquele tempo – a gente só quer seguir adiante, sem olhar pra trás. E de fato, a esmagadora maioria desses velhos companheiros ficou no passado, menos o Fantasma... É que ele às vezes torna a caminhar pela cidade disfarçado como um sujeito comum, não é mesmo? Então tenho esbarrado com ele por aí, em sebos, em livrarias, na Internet. Nas primeiras vezes realmente fugi dele – sabe-se lá se ele não ia me dar um soco e marcar meu queixo com o sinal da caveira? Eu bem que merecia. Que nada, o Fantasma tem sido condescendente comigo. Às vezes nos encontramos, e ele, com a cara séria, fechada mesmo, coloca a mão no nariz, como que pra me lembrar do fiz naquele dia fatídico, mas é brincadeira, dá pra notar que ele está segurando o riso. O Espírito-Que-Anda

é um gozador. Pode um negócio desses? Agora está tudo bem, faz tempo que reatamos a velha amizade. E novamente saímos por aí, ele, Capeto e eu (quando a Heliara, minha mulher, me deixa sair, é claro). Digo pra ela que só vou bater um papo com amigos sobre os velhos tempos e ela me libera. Bater papo coisa nenhuma! O programa é bem barra pesada. Meus amigos e eu rumamos pros antros mais sórdidos que encontramos. O Fantasma chega, vai logo identificando um traficante de mulheres ou um pirata Singh e parte pra cima. Capeto também ataca, sem dó nem piedade. E eu, que nessas horas sou um garoto outra vez, peço minha Fanta, vou pro meu cantinho e fico só olhando. Sem medo de ser feliz.

Wander Antunes é roteirista de histórias em quadrinhos



O AUTÓGRAFO DO LEE FALK

Fabio Santoro

Figura carimbada era o Ademário de Mattos. Meio atrapalhado com as diminutas finanças, sim, nunca escondeu tal característica dos amigos e conhecidos. Mas, no círculo dos quadrinheiros da primeira e da segunda gerações legou a fama de ser mais do que isso. Se justa ou injusta a pecha, se há exagerações ou não, não me cabe aqui julgar; inoventar ou detrair o homem, até porque, reza a lenda, ele bancava os altíssimos custos de uma clínica onde vivia internada pessoa querida. Anjo ou demônio, então? Fato consumado mesmo, o Ademário marcou época na divulgação e na comercialização de antiguidades em quadrinhos, das quais entendia como poucos. No início de 1970 ele montou o Clube do Gibi, onde, mediante o pagamento de uma taxa, qualquer interessado poderia acessar e ler publicações quadrinizadas, acuradamente dos anos 30 e 40. Pra formação do acervo do Clube ele usou material de sua coleção particular, bem como o que adquirira de outros aficionados. Porém, naquele mesmo ano, resolveu mudar o esquema, passando apenas a comprar e vender as peças. Assim, o Clube se transformou na Livraria Gibi. Conheci-o nesses primeiros tempos da Livraria. O Ademário possuía um extraordinário senso de humor. E, pouco tempo após o ocorrido, foi rindo de se sacudir que me contou a história a seguir, absolutamente verdadeira.

Sabedor com antecedência da presença do Lee Falk no Congresso Internacional de Quadrinhos, no Museu de Arte de São Paulo, ainda em 1970, o Ademário procurou seus álbuns *O Fantasma Voador* e *Os Piratas do Céu*, famosas publicações do Correio Universal de 1937, a fim de colher neles a assinatura do mestre criador. Mas, o primeiro já não tinha mais, acabara de negociar com um colecionador; levou apenas o segundo, aliás, continente da história favorita dele, de muitos fãs, deste redator e de seu progenitor.

A custo conseguiu chegar ao Lee Falk, que, impressionado pela movimentada capa do álbum e pela roupa vermelha do Espírito-que-Anda, anuiu em dar seu autógrafo com o maior prazer. O Ademário preferia que a firma do notável argumentista-roteirista se assentasse na primeira página do miolo, porém, não conseguiu se fazer entender a contento: o Falk assinou na capa mesmo, mais exatamente na margem branca superior. Tudo bem, foi uma vitória. Guardaria a edição – então enormemente valorizada pela assinatura do autor – com muito carinho junto a outras peças selecionadas, sua coleção pessoal, fora do comércio. Cerca de cinco anos depois, já em outra sede, a tarde corria fria e calma, conversava por telefone com um desenhista, que combinara lhe levar umas cento e tantas revistas da década de 40 pra exame, avaliação e venda. O nome parece que era Almir, pelo menos vou chamá-lo assim. Então, o Almir lhe fazia mil perguntas e tomou conhecimento daquele álbum Os Piratas do Céu, da coleção privada. O colóquio telefônico corria bem, mas como já se estendia um tanto, decidiram terminá-lo de afogadilho. “Você pode me emprestar o álbum, só pra eu tirar umas cópias? A pilha de revistas que vou levar ficará como garantia da devolução, tudo bem?” “Fica tranquilo, Almir, leva o álbum, sim, você me devolve quando puder. É no sábado que você vem?... Ah... Tá... Se eu não estiver na loja, pode pegar com o meu sócio”. Devido à pressa e a problemas momentâneos que lhe ocupavam o pensamento, o Ademário se esqueceu de mencionar o venerando autógrafo na capa do exemplar...

No tal sábado lá estava na Livraria o desenhista com as revistas prometidas. Mas, como previsto, o entusiasta-comerciante saíra. O sócio pegou no armário um envelope e entregou pro Almir: “O Ademário deixou isto pra

você, disse que você sabe o que é”. “Claro, sei, sim, ‘brigado’. Deixou as revistas e foi embora.

Já no estúdio, em sua casa, abriu o envelope e divisiu o álbum. “Que maravilha!”, exclamou (deve ter exclamado). Curtiu cada detalhe da edição, retornando mental, ou realmente?, ao já longínquo 1937. Tudo impecável. Quase tudo. Aquela “rabisco” na margem branca da capa de papel-cartão o incomodou. “Quem seria o dono anterior desta preciosidade que fez a molecagem de assinar na capa? Se é que isto aqui é assinatura mesmo... Que falta de zelo!”

“Vou prestar um favor ao Ademário e remover esta ‘mancha’ da capa!” Não pensou duas vezes o desafortunado Almir. Com uma borracha de ariela, muito cuidado e paciência, eliminou de vez e pra sempre o autógrafo do Lee Falk do exemplar das celestiais piratas.

Poucos dias após, no que o Ademário viu a “arte” do Almir, quase chorou. Todavia, espírito esportivo peculiar, deu estrepitoso gargalhada – que reproduziu quando da narrativa do episódio pra mim. Pude aí ver a peça, cujos vestígios da gloriosa firma só se viam com lente poderosa. Logo, esse Os Piratas foi até vendido pro Cláudio Caltabiano.

Hoje, decorridos mais de trinta verões, seja lá qual for o andar em que mora o Ademário de Mattos, deve estar se divertindo à beça com a lembrança em questão, em princípio indigesta, mas, de fato, canhesta e ridícula. Se nos concentrarmos, ouviremos, então, seu riso reiterado e caprichado a ecoar pelo espaço-tempo.

Fabio Santoro é advogado e articulista de histórias em quadrinhos



UMA PONTE CHAMADA SAUDADE

Helio P. Santoro

“Eu era feliz e não sabia...” é o refrão da música de Ataulfo Alves (década de 1950?), referindo-se à sua infância. Eu também, digo e não coro, penso e rememoro, meu pensamento namoro.

Nascido em Porto Alegre, aí vivi até os meus oito aninhos, e era, então, muito rico, além de meus pais tinha meus avós, uma porção de tios e uma quantidade enorme de primos – era tudo meu –, além de ser dono, sozinho, do Rio Guaíba, rio que proporcionava muitos e benditos verbos, pois nele se podia pescar, viajar, passear, contemplar (O pôr-do-sol era deslumbrante. Ainda é?), remar e sonhar, infinitamente sonhar...

Meu pai, oficial do Exército, foi avisado que em breve seria transferido para outro Estado, por isso se desfez de nossa casa e fomos morar numa pensão na rua da Praia. Foi aí que conheci Arnaldo, um gurizinho como eu, não tínhamos mais que sete anos. Em que pese minha pouca idade, eu já era um "veterano" da leitura, por isso imaginei qual não foi o meu espanto e o meu encantamento quando Arnaldo me exibiu o seu tesouro, escondido em baixo da máquina de costura de sua mãe: uma coleção completa do *Suplemento Juvenil*, pois tinha desde o n° 1 até os então atuais. Eu não sabia que existia no mundo tal preciosidade, ter as histórias em quadrinhos em minhas mãos certamente fez de mim o gauchinho mais feliz de todo o sul do país, talvez de todo o Brasil, quicá de todo o mundo.

De imediato tornei-me amigo íntimo e eterno do Dick Tracy, da Aninha, a órfã, do Tim e Tok e de sua imensa e incomparável pantera negra Sheets, viajei num bólido-foguete com meu amigo Buck Rogers, minha primeira caída foi ao lado do Jim das Selvas, caí duro ante as mágicas do Mandrake, tive oportunidade de ver o quanto era bela e fofa sua namoradinha, a Princesa Narda, admirei o hérules Lothar, ri com os sobrinhos do Capitão e com o Pafúncio e a Marocas, adorei seguir as aventuras do melancólico Zé Mulambo, fui com o Flash Gordon a vários planetas, andei de mãos dadas com a magnífica Dale, desprezei o esquálido e malvado Imperador Ming e sua gangue incansável, retornei à Idade Média com o valoroso Príncipe Valente, enfim, vivi intensamente cada quadrinho, cada página, cada história do *Suplemento Juvenil*, mas foi quando saí de Porto Alegre, com o navio Itapé, o primeiro barco brasileiro que foi posto a pique pelos alemães nas costas do Brasil no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, que, após permanecerem algum tempo no Rio de Janeiro, meu pai acabou sendo transferido para Juiz de Fora, MG, foi aí, repito, nesta bela cidade mineira que conheci o "Globo Juvenil". Deus meu, foi amor à primeira linha que li e, lembro-me bem, foi uma história do Fantasma Voador, para mim a figura n° 1 dos Quadrinhos, logo após ratificado pelos álbuns horizontais "O Fantasma Voador" e "O Fantasma Voador e os Piratas do Céu", publicações imorredouras que ficaram gravadas a ferro e fogo na memória de todos os que tiveram a felicidade de lê-las.

Creio que o Fantasma despertava em nós

o herói que todos queremos ser, ele tinha em Diana Palmer a namoradinha que queríamos que fosse nossa, o cão/lobo, o verdadeiro amigo que sonhamos ter e em seu esplêndido cavalo a possibilidade de galoparmos sonho a dentro. .

Informo ainda que fui "manager" do Joe Sopapo, campeão de boxe do mundo, mas um autêntico campeão, não tinha medo de ninguém, ganhava todas sem conchavos e nunca bateu em nenhuma mulher, procedimento de homem, pô!, cavaleguei o dinossauro do Brucutu (Dinossauro se calva? Socorro, Aurélio!), viajei na máquina do tempo do Professor Papanatas, tornei-me ajudante de detetive do Charlie Chan, fui co-piloto do Barney Baxter, um herói que só aparecia de perfil, corri como louco em Brejo Seco no Dia da Maria Cebola, a qual deixei bem claro que se não pegasse o Li'l Abner eu serviria, mesmo sendo um garotinho, mas o que me apavorou na ocasião não foi o fato de ser agarrado por u'a mulher, mas sim pela Maria Cebola, filha do Samuel Casamenteiro, em verdade o que eu sonhava era ser apanhado pela Daisy Mae, que anos depois ressurgiria em Hollywood com o nome de Marilyn Monroe. E se estou enganado, é a semelhança que me equivocou... Será a Vida imitando a ficção ?...

Hoje vivo em São Paulo, a maior cidade do país. Não posso me locomover montado num cavalo, como o fazem o Zorro, o Bronco Piler, o Tim e o Tok, ou o Fantasma. Não tenho um cavalo, mas tenho um cão-pastor, e através dele, agora tantas décadas decorridas presto uma homenagem ao cavalo do meu personagem favorito, o nome dele é Herói.

Muita água passou sob a(s) ponte(s).

Inventaram até novas pontes: ponte aérea, ponte de safena etc., e até a nossa memória, quando volta ao passado, constrói uma ponte chamada - saudade.

-Helo P. Santoro é radista e colecionador de quadrinhos.



O FANTASMA NO IMAGINÁRIO DE UMA ADOLESCENTE

Soma M. Bibe Luyten

Quando dou palestras no Brasil, e o assunto é a recordação de leitura de heróis brasileiros ou estrangeiros das Histórias em Quadrinhos na adolescência, a maioria das respostas vem do público masculino. São poucas as garotas que se manifestam sobre este assunto, pois, principalmente no Brasil, há, de uma maneira geral, um vazão entre a produção

editorial para crianças e adultos deixando as adolescentes femininas com poucos heróis ou heroínas de papel.

Se a mesma pergunta fosse feita para o público japonês, a resposta seria, sem dúvida, outra, pois o universo de heróis e heroínas é infinitamente maior e, os mangás, fazem a cabeça das adolescentes levando-as justamente nesta fase de sonho e fantasia para a leitura e entretenimento do universo que povoa o imaginário feminino.

Por outro lado, se esta mesma pergunta fosse feita para mim, estando eu numa platéia, responderia imediatamente que o *Fantasma* estaria presente entre alguns dos heróis de minha adolescência.

O Fantasma? Por que o *Fantasma*? Ele é leitura para rapazes e não para garotas? Realmente, do ponto de vista editorial, este herói está mais voltando para o público juvenil masculino e não tanto para o feminino, mas para mim, naquela idade, não estava preocupada com rótulos e sim com aquilo que me emocionava enquanto enredo de uma boa história. Na minha cabeça, naquela época, tudo que era relacionado com a aventura, o desconhecido, do passado ou do futuro, me fazia ler, devorando o que estivesse pela frente: livros e quadrinhos.

A figura do meu herói

Sua máscara, roupa colante, corpo bem atlético e muita agilidade, eram os atributos que mais me fascinavam em sua figura. Meu herói era bom lutador, e seu anel no dedo da mão direita com a figura da caveira, muitas vezes deixada na cara ou corpo do adversário, era a sua marca e o sinal em alguém que havia sido punido por ele. Como toda adolescente fascinada por cavalo, o *Fantasma* era também exímio cavaleiro e fomentava o sonho de estar junto com ele cavalcando pelas savanas africanas. O fato de ter dupla identidade e ser uma lenda viva de 400 anos servia para dar consistência ao personagem e fomentar especulações sobre sua pessoa. Na sua identidade secreta, quando saía para alguma missão, ele usava um chapéu de feltro e um capote do tipo usado pelos soldados britânicos e alemães na Primeira Guerra mundial. Sem falar dos óculos escuros que o tornava muito atraente para mim.

No entanto, o maior apelo do *Fantasma* na minha adolescência, era a lenda em torno de sua figura que o tornava muito especial e muito mais atraente do que qualquer outro herói. Ele era temido entre seus inimigos no mundo todo e só de pensar que era um ser imortal (ou um fantasma) o tornava muito mais imbatível do que qualquer super-homem. Adorava ler os episódios que narravam em retrospectiva a história das



gerações anteriores de fantasmas que eram descendentes de 20 gerações de lutadores contra o crime formando uma só pessoa. E o juramento era o máximo: "Eu devo minha vida à destruição de todas as formas de pirataria, ganância e crueldade. Meus filhos e seus filhos deverão seguir os meus passos".

Eu invejava muito a Diana Palmer e quantas vezes imaginava estar em seu lugar no mundo da aventura cavalcando na garupa do cavalo e receber os olhares que meu herói. Anos mais tarde, quando o *Fantasma* casou-se com Diana e teve seus filhos gêmeos fiquei triste. Embora se saiba que na época em que o *Fantasma* foi criado e fez sucesso nas décadas seguintes, as heroínas de papel sempre tinham o papel secundário e ficavam eternamente esperando pelos seus noivos ou namorados. Mas este tipo de moral ou comportamento também alimentava o sonho das adolescentes (como eu) de que nosso herói era um homem livre, sem compromisso, e éramos livres também de poder sonhar e fantasiar que ele fazia parte de nossas vidas.

A África do Fantasma

Quando eu lia as aventuras do Fantasma não me importava naquela época com a exatidão dos países da África onde as aventuras se desenrolavam. Esta África não tinha fronteira, e parecia um só "país" habitado por nativos. A África imaginária tinha um sabor de aventura, exotismo, lugares utópicos, o clima ideal para fantasias.

Em 1973 fui visitar alguns países da África como Moçambique, Angola, África do Sul, Namíbia, Rodésia e Angola. O clima dos países colonizados pelos portugueses estava em pé de guerra, com a Frelimo em ação. Naquela época, no Brasil, dei um curso de HQ para as Editoras Paulinas de como usar os quadrinhos em sala de aula, em fábricas, comunidades como um meio de expressão da população para conquistar seus direitos. Ao saber que ia para a África, uma freira deu-me o endereço da mesma organização em Maputo, capital de Moçambique. E minha grande surpresa foi encontrar as irmãs desta organização sedentas por notícias de seu próprio país que estava em pé de guerra em função da censura dos jornais locais. Minha África, de repente, começou a se delinear de forma diferente, cada país com sua cultura e problemas e, o mais surpreendente, quão rica era sua civilização, interrompida pelos colonizadores europeus que desprezavam qualquer outra coisa que não fosse o "seu" modelo.

Vi também uma produção de quadrinhos bem diferente dos moldes europeus e americanos, principalmente no que diz respeito à caracterização dos heróis e vilões.

No Ocidente ao se desenhar a figura do vilão ele é sempre representado como o "outro", alguém diferente de nossa cultura. Ou seja, vêm caracterizados com traços smiescos, orientais, negros, enfim tudo aquilo que contradiz o padrão *hollywoodiano* do mocinho e herói – alto, loiro, musculoso, maxilar anguloso e ombros largos.

A produção de HQs da África do Sul, Moçambique e Angola, por exemplo, possui características muito peculiares da que costumamos ler aqui, com temário, enredo e traço que foge aos padrões conhecidos. Além da produção de entretenimento, os países de língua portuguesa publicava, na época, quadrinhos voltados para a conscientização da população e se mantêm com este filão até hoje.

A minha África do *Fantasma* continua no meu imaginário de adolescente com sabor de aventura, com os todos os estereótipos que tem direito. Hoje, contudo ao ler qualquer quadrinho onde o continente aparece como pano de fundo, cenário para aventuras, tenho uma posição mais crítica. Não que eu despreze os autores que assim a fizeram, pois isto não os desmerece, mas esconde uma posição internalizada pelos brancos e descendentes de europeus: a total falta de conhecimento dos países africanos, a supremacia ariana e europeia revelada no inconsciente coletivo dos desenhistas, paternalismo e falta de compreensão dos meios culturais de perpetuação da cultura africana que não precisou da era de Gutenberg para levar os ensinamentos de geração para geração.

O meu encontro com Lee Falk no Brasil e na Argentina

No primeiro semestre de 1970 o MASP (Museu de Arte de São Paulo) ofereceu um presente à população que gostava, desenhava e pesquisava as Histórias em Quadrinhos. Fez uma exposição que ficou até hoje na memória de quem foi visitá-la, não só pelo conteúdo, mas também pelo quilate dos convidados que participaram dos debates e tietagem dos fãs. Uma dessas personalidades foi Lee Falk que deleitou o público que admirava seu roteiro nas histórias do *Fantasma* e *Mandrake*. Tive a oportunidade de conversar com ele, trocar idéias e apresentar-me como fã de seu trabalho. Naquela época trabalhava no *Jornal da Tarde* em São Paulo como tradutora da página de quadrinhos e lia muito sobre o assunto para poder conhecer bem os autores de quem estava traduzindo. Lee Falk, sem dúvida, era um dos meus autores preferidos e tinha muita curiosidade em perguntar muitas coisas acerca de seu trabalho. Este

encontro foi memorável e fiquei triste ao me despedir.

Seis meses mais tarde meu marido e eu fomos fazer uma viagem pela América do Sul e a Argentina foi o ponto de partida tendo como meta chegar até Peru e Bolívia, passando pelo lago Titicaca e Cuzco.

Em Buenos Aires resolvemos fazer um city tour pela cidade e o ônibus de turismo foi passando de hotel em hotel para pegar os passageiros. E não é que quando subimos para o ônibus vi, nada mais nada menos, do que a figura de Lee Falk sentado sozinho num dos bancos. Não acreditava no que estava vendo: o "pai" do meu herói em carne e osso! Em todas as minhas viagens fazia um diário de bordo, registrando as impressões dos lugares onde passava, colava ingressos de museus, alguns postais interessantes para fazer um registro da época da viagem. Resgatei este diário e li com bastante emoção o que escrevi em oito de dezembro de 1970: "Quando entramos no ônibus, quase caí dura! Advinha quem estava sentado, sozinho? O LEE FALK! Nunca vi tanta coincidência. Se tivéssemos marcado dia, hora e lugar com antecedência não savia tão exato como aconteceu. Durante o trajeto conversamos muito com ele, tiramos fotos juntos, demos nosso endereço a ele, pois provavelmente em março ele iria voltar a São Paulo...". Depois disto nunca mais vi pessoalmente o Lee Falk.

Guardo, no entanto, na lembrança, aquele dia que passamos juntos, conversando e passeando em Buenos Aires.

Sua figura sempre ficou e ainda está presente comigo quando dou minhas aulas ou palestras sobre quadrinhos. Ao projetar a foto de Lee Falk, junto com sua mais célebre criação, fico perdida, por alguns instantes, e vejo na figura do criador o meu herói e na figura do *Fantasma*, meu outro herói: Lee Falk.

Sônia M. Bibe Luyten é Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo. Autora dos livros *Comunicação e Aculuração*, São Paulo, Loyola, 1981, *Histórias em Quadrinhos – Letra Crítica*, Paulinas, 1984. O que é *Histórias em Quadrinhos*, Brasiliense, 1985. *Mangá, o poder dos quadrinhos japoneses*, Hebra, 2000 e *Cultura Pop japonesa, animê e manga*, Hebra, 2006. Obteve vários prêmios por sua pesquisa em *Histórias em Quadrinhos* como *HQ Mix* em 1988, 1991, 1999, *MANGACOM* em 2001 *Prêmio Romano Calise*, em Lucca Itália em 1990, *Prêmio Angelo Agostini* Mestre dos Quadrinhos em 2005, *Prêmio Catedral UNESCO/Metodista de Comunicação* em 2006 e *Honraria do governo japonês* pela atuação na divulgação da Cultura Pop Japonesa em 2008. Atualmente é presidente do Prêmio HQMIX, que faz a premiação dos melhores artistas na área de *Histórias em Quadrinhos* e *Humor Gráfico*.

CAPÍTULO

16

HISTÓRIAS DO FANTASMA



TIRAS DIÁRIAS

As 214 HQs do Fantasma publicadas em tiras diárias nos jornais norte-americanos, cujas datas de publicação e observações vêm a seguir em sequência, foram realizadas por:

1944 — Tony De Paul
195 — Les Fale e Elizabeth
196 — Ray De Paul
197 — Charles Merritt
198 — Tony De Paul
199 — Charles Merritt
200 a 214 — Tony De Paul
Artista
1 a 16 — Wilson McGee
17 a 26 — Wilson McGee
27 a 36 — Ray Moore
37 a 46 — Ray Moore e Wilson McGee
47 a 56 — Wilson McGee
57 a 66 — Ray Moore
67 a 76 — George Oleson
77 a 86 — Keith Williams
87 a 96 — Keith Williams
97 a 106 — Keith Williams
107 a 116 — Keith Williams
117 a 126 — Keith Williams
127 a 136 — Keith Williams
137 a 146 — Keith Williams
147 a 156 — Keith Williams
157 a 166 — Keith Williams
167 a 176 — Keith Williams
177 a 186 — Keith Williams
187 a 196 — Keith Williams
197 a 206 — Keith Williams
207 a 214 — Keith Williams

1- The Singh Brotherhood

(O Piratas Singh)

Data de publicação: de 17 de fevereiro de 1936 a 7 de novembro de 1936 (38 semanas)

Observações

Esta é a primeira história do Fantasma. E nela, estão presentes alguns dos principais personagens das aventuras do Espírito Que Anda (Diana Palmer, o lobo Capeto, Gurne e os pinguins Bandeira) e a bela e extremamente sedutora Sala (ela estará presente, desempenhando um papel de destaque, em outros dois episódios: The Sky Band e The Return of the Band)

Baseado-se nessa história, Gutenberg Monteiro realizou para a Rio Gráfica e Editora — duas aventuras do Fantasma, Encontro com Diana e O Tesouro Submerso, que foram publicadas, respectivamente, nos números 83 e 85 da revista Fantasma Magazine.

2- The Sky Band

(O Piratas da Cía)

Data de publicação: de 9 de novembro de 1936 a 10 de abril de 1937 (22 semanas)

3- Diamond Hunters

(O Cassino de Diamante)

Data de publicação: de 12 de abril de 1937 a 18 de setembro de 1937 (23 semanas)

Observação: Essa história é inspirada na peça que, talvez, seja a mais célebre tragédia de todos os tempos, a peça Romeu e Julieta (Romeo and Juliet, no original), escrita em 1554 por William Shakespeare.

4- Little Tommy

(O Pequeno Tommy)

Data de publicação: de 20 de setembro de 1937 a 5 de fevereiro de 1938 (20 semanas)

5- The Prisoner of the Himalaya

(O Prisioneiro do Himalaia)

Data de publicação: de 7 de fevereiro de 1938 a 18 de junho de 1938 (19 semanas)

6- Adventure in Algiers

(A Lenda do Fantasma)

Data de publicação: de 20 de junho de 1938 a 23 de julho de 1938 (5 semanas)

Observação: Esta é uma das histórias mais curtas do Fantasma.

No início desta história, o Fantasma aparece usando — pela primeira vez — o chapéu, os óculos e o sobretudo que costuma quando sai às ruas como um homem comum.

7- The Shark's Nest

(O Ninho do Tubarão)

Data de publicação: de 25 de julho de 1938 a 5 de novembro de 1938 (15 semanas)

8- Fishers on Pearls

(O Navegador de Pérolas)

Data de publicação: de 7 de novembro de 1938 a 28 de janeiro de 1939 (12 semanas)

9- The Slave Traders

(Os Mercadores de Escravos)

Data de publicação: de 30 de janeiro de 1939 a 6 de maio de 1939 (14 semanas)

10- The Mysterious Girl

(A Desconhecida de Alexandria)

Data de publicação: de 8 de maio de 1939 a 2 de setembro de 1939 (17 semanas)

11- The Golden Circle

(O Círculo Dourado)

Data de publicação: de 4 de setembro de 1939 a 20 de janeiro de 1940 (20 semanas)

Observação: A exemplo do que ocorre em The Sky Band, nesta história o Fantasma enfrenta uma quadrilha formada de mulçucos.

12- The Seahorse

(O Cavalo de Mar)

Data de publicação: de 22 de janeiro de 1940 a 27 de julho de 1940 (27 semanas)

13- The Game of Alvar

(O Mistério de Z.O.Z.)

Data de publicação: de 29 de julho de 1940 a 14 de dezembro de 1940 (20 semanas)

14- Diana Aviatrix Lost

(O Templo do Terror)

Data de publicação: de 16 de dezembro de 1940 a 12 de julho de 1941 (30 semanas)

15- The Phantom's Treasure

(O Tesouro do Fantasma)

Data de publicação: de 14 de julho de 1941 a 32 de janeiro de 1942 (29 semanas)

16- The Inexorables

(Guerra no Orinise)

Data de publicação: de 2 de fevereiro de 1942 a 9 de janeiro de 1943 (49 semanas)

Observação: Também conhecida com o título de The Phantom Goes to War, essa história é a mais longa aventura do Fantasma produzida para uma diário.

17- Bent Beak Broder

(Uma Aventura Inesperada)

Data de publicação: de 11 de janeiro de 1943 a 22 de maio de 1943 (19 semanas)

18- The Phantom's Engagement

(O Noivado do Fantasma)

Data de publicação: de 24 de maio de 1943 a 24 de julho de 1943 (9 semanas)

19- The Governor and Suzie

(A Mulher Preta)

Data de publicação: de 26 de julho de 1943 a 26 de fevereiro de 1944 (31 semanas)

20- The Spy Gang

(Espionagem)

Data de publicação: de 28 de fevereiro de 1944 a 20 de maio de 1944 (12 semanas)

21- The Crooner

(O Canção)

Data de publicação: de 22 de maio de 1944 a 26 de agosto de 1944 (14 semanas)

22- The Maharajah's Daughter

(O Sequestro do Marajá)

Data de publicação: de 28 de agosto de 1944 a 24 de março de 1945 (30 semanas)

23- The Blue Gang

(A Quadrilha Azul)

Data de publicação: de 26 de março de 1945 a 11 de agosto de 1945 (11 semanas)

24- Lago the Lake God

(Lago, o Rei do Lago)

Data de publicação: de 28 de maio de 1945 a 11 de agosto de 1945 (11 semanas)

25- The Wild Girl

(Dana, A Menina Selvagem)

Data de publicação: de 13 de agosto de 1945 a 10 de novembro de 1945 (13 semanas)

26- The Mermaids of Melo Straits

(As Sereias do Estreito de Melo)

Data de publicação: de 12 de novembro de 1945 a 16 de fevereiro de 1946 (14 semanas)

Observação: Nessa história, o Fantasma é obrigado, uma vez mais, a lutar contra as lendas criminosas.

27- Princess Valerie ou The Captive Princess

(A Princesa Valerie)

Data de publicação: de 18 de fevereiro de 1946 a 13 de julho de 1946 (21 semanas)

28- Queen Asta of Trondelay

(A Rainha de Trondelay)

Data de publicação: de 15 de julho de 1946 a 26 de outubro de 1946 (15 semanas)

29- Mister Hog

(O Senhor Hog)

Data de publicação: de 28 de outubro de 1946 a 29 de março de 1947 (22 semanas)



30- Romance and the Vesta Pirates

(No Brasil, esta história foi dividida em duas partes: *Aventura no Mar* e *O Casamento de Diana*)

Data de publicação: de 31 de março de 1947 a 29 de novembro de 1947 (35 semanas)

31- The Devil Road

(*A Estrada do Diabo*)

Data de publicação: de 1º de dezembro de 1947 a 22 de maio de 1948 (25 semanas)

32- The Lady Luck

(*O Boto Senhora Fortuna*)

Data de publicação: de 24 de maio de 1948 a 30 de outubro de 1948 (23 semanas)

33- The Masked Marvel

(*O Gigante Mascado*)

Data de publicação: de 1º de novembro de 1948 a 19 de fevereiro de 1949 (16 semanas)

34- Fathers and Sons

(*O Velho e o Menor*)

Data de publicação: de 21 de fevereiro de 1949 a 23 de abril de 1949 (9 semanas)

35- The Flirtatious Princess

(*A Princesa Namoradeira*)

Data de publicação: de 25 de abril de 1949 a 20 de agosto de 1949 (17 semanas)

36- The Thuggees

(no Brasil, essa história foi dividida em duas partes: *Os Agentes de Kati* e *A Trilha do Marujão*)

Data de publicação: de 22 de agosto de 1949 a 25 de fevereiro de 1950 (27 semanas)

37- The Ape Idol of the Durugu

(*A Lenda do Durugu*)

Data de publicação: de 27 de fevereiro de 1950 a 6 de maio de 1950 (10 semanas)

38- The Movie Stars

(*Stars e Cury*)

Data de publicação: de 8 de maio de 1950 a 9 de setembro de 1950 (18 semanas)

39- The White Monkey

(*O Macaco Branco*)

Data de publicação: de 11 de setembro de 1950 a 2 de dezembro de 1950 (12 semanas)

40- The Gray Gang

(*A Quadrilha Cinzenta*)

Data de publicação: de 4 de dezembro de 1951 a 24 de março de 1952 (16 semanas)

41- Whirlpool Channel

(*Sensacional Fúria*)

Data de publicação: de 26 de março de 1952 a 16 de junho de 1952 (12 semanas)

42- The Tiger Girl

(*A Mulher Tigre*)

Data de publicação: de 18 de junho de 1951 a 15 de setembro de 1951 (13 semanas)

43- The Governor's Family

(*A Família do Governador*)

Data de publicação: de 2 de setembro de 1951 a 1º de dezembro de 1951 (11 semanas)

44- The Professor

(*A Professora*)

Data de publicação: de 3 de dezembro de 1951 a 15 de março de 1952 (15 semanas)

45- The Jungle Patrol

(*O Resgate na Selva*)

Data de publicação: de 17 de março de 1952 a 31 de maio de 1952 (11 semanas)
Observação: É nessa história que aparece pela primeira vez a Patrulha da Selva.

46- Bobo the Toy Dog

(*O Rapto de Jerry*)

Data de publicação: de 2 de junho de 1952 a 19 de julho de 1952 (7 semanas)

47- The Great Ajax

(*O Grande Ajax*)

Data de publicação: de 21 de julho de 1952 a 11 de outubro de 1952 (12 semanas)

48- The Toad Men

(*Os Fantasma Combatem "Os Homens-Rã"*)

Data de publicação: de 13 de outubro de 1952 a 28 de fevereiro de 1953 (20 semanas)

49- The Lady from Nowhere

(*A Moça Que Vem do Nada*)

Data de publicação: de 2 de março de 1953 a 20 de junho de 1953 (16 semanas)

50- The Matchmaker

(*A Casamenteira*)

Data de publicação: de 22 de junho de 1953 a 10 de outubro de 1953 (16 semanas)

51- The Super Apes

(*O Mistério das Supermacaças*)

Data de publicação: de 12 de outubro de 1953 a 30 de janeiro de 1954 (16 semanas)

52- Ragon's Game

(*O Jogo das Bolas*)

Data de publicação: de 1º de fevereiro de 1954 a 5 de junho de 1954 (18 semanas)

53- The Mob

(*Os Fantasma contra o Poderoso Chefão*)

Data de publicação: de 7 de junho de 1954 a 11 de setembro de 1954 (14 semanas)

54- The Wrestling Tourney

(*O Dia Que o Fantasma Foi Mandado*)

Data de publicação: de 13 de setembro de 1954 a 18 de dezembro de 1954 (14 semanas)

"Em 1942, os Estados Unidos entram na guerra (...) contra o Japão e o nazifascismo europeu. A provocação veio da própria Ásia e o inimigo a combater está quase na porta de casa: o poderoso império japonês. Os quadrinhos, obviamente, se adaptaram às exigências de orietalização da opinião pública. Mas, para o Fantasma, ambientado na Ásia, o caso era ainda mais delicado, pois lhe tocava mais diretamente. (...) Abandonando as maquinarias dos piratas, quadrilhas aéreas e brigas internas de tribos, Lee Falk transforma o Fantasma num herói da liberdade contra a invasão japonesa, na 16ª aventura (...)"

Malas uma vez, o mundo moderno perturba o 'Eden feliz' dos nativos, com o desembarque japonês na costa de Bengala. A necessidade impõe ao herói que informe aos seus homens alguns 'truques' dos brancos, ensinando-lhes a utilização de rifles e canhões. Defendendo incansavelmente a margem do rio Olan, ele neutraliza o desembarque até a chegada de reforços.

Os japoneses são invasores brutais e como tal devem ser combatidos e rechaçados. A luta, portanto, é uma luta de libertação. Pela primeira vez, o Fantasma não dá ordens, mas deixa democraticamente que corram as discussões sobre os prós e os contras da intervenção. Vários nativos estão incertos sobre que partido tomar, mas é a efetiva brutalidade do imperialismo japonês que leva todos a se decidirem pela luta de resistência. E os nativos são mostrados combatendo pela própria terra, com inteligência e coragem. O Fantasma se expõe, é capturado e torturado pelos japoneses. Ele é mais um entre os nativos e fica bem claro que todo o mérito da vitória final é do povo e não apenas de um herói mítico isolado."

Ernesto C. Louro

"Em 7 de dezembro de 1941, a frota japonesa do almirante Yamamoto ataca de surpresa a base aeronaval de Pearl Harbor, no Havaí.

Esse ataque, no qual foi destruída a esquadra norte-americana do Pacífico, determinou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, e também foi determinante para Lee Falk escrever aquele que é o mais longo episódio do Fantasma: *The Inexorables*, que foi publicado diversas vezes no Brasil (a última delas, ocorreu em 1976, no Almanaque do Fantasma Especial 40 Anos).

No início da história, o pigmeu Timo tem a chance de redimir-se - no episódio anterior, ele havia desempenhado um papel próximo ao do traidor, ajudando um grupo de vigaristas brancos a roubar o fabuloso tesouro do Fantasma - e provar a seu pai, Guran, que é um bom filho, encarnando o herói anônimo disposto a sacrificar a própria vida para avisar seu povo e o Fantasma que soldados japoneses desembarcaram em Bengala.

Em *The Inexorables*, Falk demoniza o inimigo, apresentando os soldados japoneses como seres cruéis que se divertem aterrorizando nativos indefesos e torturando o Fantasma. Os desenhos transformam-se em seres ainda mais desprezíveis, mostrando-os sempre com uma expressão de quem está chupando um limão azedo.

Nina Orica

(tradução e adaptação de Marco Aurélio Lucchetti)

55- Aboard the S.S. Gay

(*O Sequestro da S.S. Gay*)

Data de publicação: de 20 de dezembro de 1954 a 12 de março de 1955 (12 semanas)

56- The Slimming of Prince Tagon

(*O Príncipe Gordoso*)

Data de publicação: de 14 de março de 1955 a 21 de maio de 1955 (10 semanas)

57- Captain Kidder's Treasure

(*O Tesouro do Capitão Kidder*)

Data de publicação: de 23 de maio de 1955 a 30 de julho de 1955 (10 semanas)

58- Dr. Axel and the Witchmen

(*A Revolta dos Feiticeiros*)

Data de publicação: de 1º de agosto de 1955 a 8 de outubro de 1955 (10 semanas)

59- Queen Sansamor and the Sixth Man

(*O Sexto Homem*)

Data de publicação: de 10 de outubro de 1955 a 21 de janeiro de 1956 (15 semanas)

60- The Wisdom of Solomon

(*A Sabedoria de Salomão*)

Data de publicação: de 23 de janeiro de 1956 a 25 de fevereiro de 1956 (5 semanas)



Observações: Tal qual *Adventure in Algeria*, essa história é uma das mais curtas aventuras do Fantasma.

61- U-Town

(*Cidade Valente*)

Data de publicação: de 27 de fevereiro de 1956 a 19 de maio de 1956 (18 semanas)

62- The Groove of the Sleeping Giant

(*O Gigante da Floresta Sagrada*)

Data de publicação: de 21 de maio de 1956 a 1º de setembro de 1956 (15 semanas)

63- The Shoplifters

(*Sistema Perfeito*)

Data de publicação: de 3 de setembro de 1956 a 17 de novembro de 1956 (11 semanas)

64- The Heavyweight Champion

(*Show: Revolucionário*)

Data de publicação: de 19 de novembro de 1956 a 12 de janeiro de 1957 (8 semanas)

65- Wambo the Gambler

(*O Príncipe Hambol*)

Data de publicação: de 14 de janeiro de 1957 a 30 de março de 1957 (11 semanas)

66- The White Princess

(*A Dama Branca*)

Data de publicação: de 1º de abril de 1957 a 29 de junho de 1957 (13 semanas)

67- The Valley of No-Return

(*O Vale da Morte*)

Data de publicação: de 1º de julho de 1957 a 21 de setembro de 1957 (12 semanas)

68- The Crown Jewels of Corba

(*As Joias da Coroa de Corba*)

Data de publicação: de 23 de setembro de 1957 a 21 de dezembro de 1957 (13 semanas)

69- The Scorpion

(*A Origem da Serpente*)

Data de publicação: de 23 de dezembro de 1957 a 3 de maio de 1958 (19 semanas)

70- The Carlyle's Good Mark

(*O Bom Sinal*)

Data de publicação: de 5 de maio de 1958 a 23 de agosto de 1958 (16 semanas)

71- The Crybaby

(*O Bebê Chora*)

Data de publicação: de 25 de agosto de 1958 a 1º de novembro de 1958 (10 semanas)

72- The Underwater Diamond Thieves

(*Os Merculhões*)

Data de publicação: de 3 de novembro de 1958 a 7 de março de 1959 (18 semanas)

73- The Betrothal

(*A Noiva Prometida*)

Data de publicação: de 9 de março de 1959 a 13 de junho de 1959 (14 semanas)

74- The Swamp Rats

(*Os Ratos do Pântano*)

Data de publicação: de 15 de junho de 1959 a 3 de outubro de 1959 (16 semanas)

75- Ogoroo and the Witchman

(*A Lenda do Cervo Mágico*)

Data de publicação: de 5 de outubro de 1959 a 16 de janeiro de 1960 (15 semanas)

76- The Reporter

(*O Repórter*)

Data de publicação: de 15 de janeiro de 1960 a 2 de abril de 1960 (11 semanas)

77- The Diamond Hijackers ou The Monkey Mail

(*A Troca*)

Data de publicação: de 4 de abril de 1960 a 6 de agosto de 1960 (18 semanas)

78- The Gork Twins

(*Os Olompiatas*)

Data de publicação: de 8 de agosto de 1960 a 29 de outubro de 1960 (12 semanas)

79- The 50th Wife

(*A 50ª Esposa*)

Data de publicação: de 31 de outubro de 1960 a 25 de fevereiro de 1961 (17 semanas)

80- The Iron Dragon

(*O Dragão de Ferro*)

Data de publicação: de 27 de fevereiro de 1961 a 13 de maio de 1961 (11 semanas)

81- The Werewolf

(*O Estranho Zoológico do Príncipe Nidolou*)

Data de publicação: de 13 de maio de 1961 a 19 de agosto de 1961 (14 semanas)

82- The Slave Market of Mucar

(*O Mercado de Escravidão de Mucar*)

Data de publicação: de 21 de agosto de 1961 a 10 de fevereiro de 1962 (25 semanas)

83- The Epidemic

(*Mistério no Sertão*)

Data de publicação: de 12 de fevereiro de 1962 a 16 de junho de 1962 (18 semanas)

84- The Warf Rats

(*Os Ratos da Guerra*)

Data de publicação: de 18 de junho de 1962 a 13 de outubro de 1962 (17 semanas)

85- The Mysterious Ambassador

(*O Embaixador*)

Data de publicação: de 15 de outubro de 1962 a 1º de junho de 1963 (33 semanas)

86- The Island of Dogs

(*O Segredo da Ilha dos Cães*)

Data de publicação: de 3 de junho de 1963 a 14 de dezembro de 1963 (28 semanas)

87- The Drummer of Timpenni

(*O Tambor de Bengali*)

Data de publicação: de 16 de dezembro de 1963 a 21 de março de 1964 (14 semanas)

88- The Reef

(*O Recife da Morte*)

Data de publicação: de 23 de março de 1964 a 27 de junho de 1964 (14 semanas)

89- The Adventures of Lucy Cary

(*A Marinha do Fantasma*)

Data de publicação: de 29 de junho de 1964 a 12 de dezembro de 1964 (24 semanas)

Observação: Essa história mostra, entre outras coisas, como o 19º Fantasma conheceu Janie Cary, que se tornaria sua futura esposa.

90- The Bad Ones

(*A Justiça do Fantasma*)

Data de publicação: de 14 de dezembro de 1964 a 17 de abril de 1965 (18 semanas)

91- The Hanta Witch

(*A Feiticeira de Hanta*)

Data de publicação: de 19 de abril de 1965 a 31 de julho de 1965 (15 semanas)

92- Prince Hali and the White Stallion

(*O Rapto de Diana*)

Data de publicação: de 2 de agosto de 1965 a 1º de janeiro de 1966 (22 semanas)

93- Bullet's Town

(*A Cidade do Chifre*)

Data de publicação: de 3 de janeiro de 1966 a 28 de maio de 1966 (21 semanas)

94- The Killer

(*A Lenda dos Homens Perdidos*)

Data de publicação: de 30 de maio de 1966 a 10 de setembro de 1966 (15 semanas)

95- The Sea God

(*As Pérolas Negras*)

Data de publicação: de 12 de setembro de 1966 a 26 de dezembro de 1966 (15 semanas)

96- The Satchel

(*A Mala Misteriosa*)

Data de publicação: de 26 de dezembro de 1966 a 18 de março de 1967 (12 semanas)

97- The Crime School

(*Escola de Crimes*)

Data de publicação: de 20 de março de 1967 a 24 de junho de 1967 (14 semanas)

98- Deadman's Point

(*O Tesouro da Galés Espanhol*)

Data de publicação: de 26 de junho de 1967 a 30 de setembro de 1967 (14 semanas)

99- The Rouge Elephant

(*O Elefante Enfurecido*)

Data de publicação: de 2 de outubro de 1967 a 20 de janeiro de 1968 (16 semanas)

100- Rex and the Trophy Thieves

(*O Troféu do Fantasma*)

Data de publicação: de 22 de janeiro de 1968 a 4 de maio de 1968 (15 semanas)

101- The President's Son ou The Frame Up

(*A Calçada*)

Data de publicação: de 6 de maio de 1968 a 6 de julho de 1968 (9 semanas)

102- The Hydra

(*O Fantasma Enfrenta a Hidra*)

Data de publicação: de 8 de julho de 1968 a 12 de outubro de 1968 (14 semanas)

103- The Art Thieves

(*O Tesouro Misterioso*)

Data de publicação: de 14 de outubro de 1968 a 8 de fevereiro de 1969 (17 semanas)

104- The Masked Ball

(*O Baile de Máscaras*)

Data de publicação: de 10 de fevereiro de 1969 a 22 de março de 1969 (6 semanas)

105- The Jungle Home

(*Os Deserto*)

Data de publicação: de 24 de março de 1969 a 21 de junho de 1969 (13 semanas)

106- Rex, The Missing Heir

(*O Herdeiro*)

Data de publicação: de 23 de junho de 1969 a 4 de outubro de 1969 (15 semanas)

107- The Gladiator

(*O Gladiador*)

Data de publicação: de 6 de outubro de 1969 a 17 de janeiro de 1970 (13 semanas)

108- The Runaway Girl ou The Missing Daddy

(*A Fugitiva*)

Data de publicação: de 19 de janeiro de 1970 a 18 de abril de 1970 (13 semanas)

109- Luaga's Undercover Tour

(*A Escala do Presidente*)

Data de publicação: de 20 de abril de 1970 a 25 de julho de 1970 (14 semanas)

110- Prince Bular of Tulana

(*O Imperador de Tulana*)

Data de publicação: de 27 de julho de 1970 a 5 de dezembro de 1970 (19 semanas)



111- Yes

(*A Vinda de Duenas*)

Data de publicação: de 7 de dezembro de 1970 a 13 de fevereiro de 1970 (19 semanas)

112- The Fence

Data de publicação: de 15 de fevereiro de 1971 a 8 de maio de 1971 (12 semanas)

113- The Tourist Invasion ou The Mysterious Passenger

(*O Passageiro Misterioso*)

Data de publicação: de 10 de maio de 1971 a 24 de junho de 1971 (11 semanas)

114- The Vultures

(*Os Aves*)

Data de publicação: de 26 de julho de 1971 a 6 de novembro de 1971 (15 semanas)

115- The Lost City of Phenix

(*A Cidade Mítica*)

Data de publicação: de 8 de novembro de 1971 a 8 de janeiro de 1972 (9 semanas)

116- The Witchman

(*O Feiticeiro Ogum*)

Data de publicação: de 10 de janeiro de 1972 a 8 de abril de 1972 (13 semanas)

117- The Tanker Jackers

(*Piratas do Petróleo*)

Data de publicação: de 10 de abril de 1972 a 15 de julho de 1972 (14 semanas)

118- The Peace of the Golden Ox

Data de publicação: de 17 de julho de 1972 a 15 de outubro de 1972 (14 semanas)

119- The Giant of Kaluga

(*O Gigante do Povo Kaluga*)

Data de publicação: de 16 de outubro de 1972 a 27 de janeiro de 1973 (15 semanas)

120- The Trial of Patrolman Zokko

(*Um Suspeito na Patrulha da Selva*)

Data de publicação: de 29 de janeiro de 1973 a 5 de maio de 1973 (14 semanas)

121- Vampires of Koquania

(*Os Vampiros de Koquania*)

Data de publicação: de 7 de maio de 1973 a 18 de agosto de 1973 (15 semanas)

122- The Ruins of Zheta-Bolau

(*As Ruínas de Zheta Bolau*)

Data de publicação: de 20 de agosto de 1973 a 24 de janeiro de 1973 (14 semanas)

123- The Pampered Princess

(*Um Marido para a Princesa*)

Data de publicação: de 26 de novembro de 1973 a 30 de março de 1974 (18 semanas)

124- The Curse of The Sacred Image

(*A Maldição da Imagem de Juley*)

Data de publicação: de 1º de abril de 1974 a 24 de agosto de 1974 (21 semanas)

125- The Normal Life

(*Uma Vida Normal*)

Data de publicação: de 26 de agosto de 1974 a 28 de dezembro de 1974 (18 semanas)

126- The Cave Monster ou The Cavelands

(*A Região das Cavernas*)

Data de publicação: de 30 de dezembro de 1974 a 19 de abril de 1975 (16 semanas)
Observação: A essa história que aparece pela primeira vez Hax, o homem das cavernas.

127- T

(*A Quadrilha do T*)

Data de publicação: de 21 de abril de 1975 a 13 de setembro de 1975 (21 semanas)

128- Return of the Cave Monster

(*O Monstro das Cavernas*)

Data de publicação: de 15 de setembro de 1975 a 29 de novembro de 1975 (11 semanas)

Observação: No final dessa história, o Fantasma leva Hax para a Ilha do Eden

129 - Star of Bangalla ou The Great Diamond

(*O Estrela de Bangalla*)

Data de publicação: de 1º de dezembro de 1975 a 6 de março de 1976 (14 semanas)

130- Mystery of Kula-Ku

(*O Mistério de Kula-Kula*)

Data de publicação: de 8 de março de 1976 a 31 de julho de 1976 (21 semanas)

131- The Crimewave

(*Além dos 50 Milhas*)

Data de publicação: de 2 de agosto de 1976 a 30 de outubro de 1976 (13 semanas)

132- Return of the Terrorists

(*Campeão contra o Presidente*)

Data de publicação: de 1º de novembro de 1976 a 19 de fevereiro de 1977 (16 semanas)

133- The Proposal

(*O Pedido*)

Data de publicação: de 21 de fevereiro de 1977 a 2 de abril de 1977 (6 semanas)
Observação: É essa história que o Fantasma cria coragem e pede Diana Palmer em casamento, e ela aceita o pedido

134- The Guardian of the Eastern Dark

(*A Treva Ocidental*)

Data de publicação: de 4 de abril de 1977 a 13 de agosto de 1977 (19 semanas)

135- The Tyrant of Tarakimo

(*Tarakimo*)

Data de publicação: de 15 de agosto de 1977 a 29 de outubro de 1977 (11 semanas)

136- The Wedding of the Phantom

(*O Casamento do Fantasma*)

Data de publicação: de 31 de outubro de 1977 a 7 de fevereiro de 1978 (14 semanas)
Observação: Essa história mostra o casamento do Fantasma com Diana Palmer

137- The Three Bandits

(*Um Rastro de Sangue*)

Data de publicação: de 6 de fevereiro de 1978 a 15 de abril de 1978 (10 semanas)

138- Return to Tarakimo

(*Volta a Tarakimo*)

Data de publicação: de 17 de abril de 1978 a 16 de setembro de 1978 (22 semanas)

139- The Jungle City

(*Sever a Cidade*)

Data de publicação: de 18 de setembro de 1978 a 16 de dezembro de 1978 (13 semanas)

140- The Heirs

(*Os Herdeiros do Fantasma*)

Data de publicação: de 18 de dezembro de 1978 a 19 de maio de 1979 (23 semanas)
Observação: Nessa história, nascem os filhos do Fantasma e Diana Palmer: os genêros Kit e Heloise, que protagonizam a diáspora do Espirito-Que Anda.

Em 1978, centenas de jornais, revistas e cartazes espalhados por todo o mundo, anunciavam o que se chamou na época de "O acontecimento do século". O Fantasma, depois de um longo romance com Diana Palmer, casara-se. Logo em seguida, é claro, veio a lua-de-mel, fato que jamais imaginávamos possível, mesmo sabendo que isso iria acontecer (...)

Casou e não ter filhos seria encerrar naturalmente por qualquer pessoa. Mas com o Fantasma isso seria impossível, pois a diáspora teria que continuar. Diana não descepcionou sua marido, e nem os leitores, pois teve, surpreendentemente, um casal de gêmeos (...)

Quil dos dois herdará o uniforme do Fantasma? Tudo leva a crer que será o menor, mas nada é muito provável em quadrinhos. Durante uma certa época, houve um "Fantasma maior", e nada impede que a família de agora. Estamos vivendo uma era de liberação feminina (...)

Murderio, estupro, incesto, a charme da curiosidade (...). Mas a resposta, só o tempo dirá!

Os Herdeiros do Fantasma - Fantasma Especial

141- Jungle Gold

(*O Pálpito de Metais*)

Data de publicação: de 21 de maio de 1979 a 8 de setembro de 1979 (16 semanas)

142- The Return of General Bababu

(*A Volta de Bababu*)

Data de publicação: de 10 de setembro de 1979 a 16 de fevereiro de 1980 (23 semanas)

143- The Tree House

(*Uma Sorpresa para Diana*)

Data de publicação: de 18 de fevereiro de 1980 a 19 de julho de 1980 (22 semanas)

144- The Poachers

(*Caçadores clandestinos*)

Data de publicação: de 21 de julho de 1980 a 1º de novembro de 1980 (15 semanas)

145- Goroo's Jungle Muggers

(*Piratas na Selva*)

Data de publicação: de 3 de novembro de 1980 a 4 de abril de 1981 (22 semanas)

146- The Hostages

(*Capturas Clandestinas*)

Data de publicação: de 6 de abril de 1981 a 4 de julho de 1981 (13 semanas)

147- The Phantom's Vacation

(*Adão à Ilha do Eden*)

Data de publicação: de 6 de julho de 1981 a 12 de setembro de 1981 (10 semanas)

148- The Return of Goroo's Moh

Data de publicação: de 14 de setembro de 1981 a 16 de janeiro de 1982 (18 semanas)

149- Tale of Rex

(no Brasil, essa história foi dividida em duas partes: *A História de Rex e Baronkhan*)

Data de publicação: de 18 de janeiro de 1982 a 11 de setembro de 1982 (34 semanas)

150- Queen of Kula-Ku

(*A Rainha Brava de Kula Ku*)

Data de publicação: de 13 de setembro de 1982 a 12 de fevereiro de 1983 (22 semanas)

151- Ughland

(*O Príncipe de Ughland*)

Data de publicação: de 14 de fevereiro de 1983 a 2 de julho de 1983 (20 semanas)

152- Visit to Baronkhan

(*O Príncipe de Baronkhan*)

Data de publicação: de 4 de julho de 1983 a 26 de novembro de 1983 (24 semanas)

153- The Necklace of Solomon

(*O Colar do Rei Salomão*)

Data de publicação: de 28 de novembro de 1983 a 26 de maio de 1984 (26 semanas)



154- The Kimberly Diamonds

(Os Diamantes Kimberly)

Data de publicação: de 28 de maio de 1984 a 8 de setembro de 1984 (15 semanas)

155- The Embassy Siege

(Terroristas)

Data de publicação: de 10 de dezembro de 1984 a 22 de dezembro de 1984 (15 semanas)

156- The Presidents

(Os Presidentes)

Data de publicação: de 24 de dezembro de 1984 a 1º de junho de 1985 (23 semanas)

157- Drug Busters

(Tivela para a Morte)

Data de publicação: de 3 de junho de 1985 a 7 de setembro de 1985 (14 semanas)

158- Lady of the Lake

(A Dama do Lago)

Data de publicação: de 9 de setembro de 1985 a 1º de março de 1986 (25 semanas)

159- Ruler of Baranokhan

(O Príncipe de Baranokhan)

Data de publicação: de 5 de março de 1986 a 5 de julho de 1986 (18 semanas)

160- The Tarashima Terrorists

Data de publicação: de 7 de julho de 1986 a 11 de abril de 1987 (40 semanas)

161- The Snake Goddess

(A Deusa Serpente)

Data de publicação: de 13 de abril de 1987 a 12 de setembro de 1987 (22 semanas)

162- Zahadabab

(Bem-Vindos a Zahadabab)

Data de publicação: de 14 de setembro de 1987 a 16 de janeiro de 1988 (18 semanas)

163- The Man-Thing

(Um Thunder entre Nós)

Data de publicação: de 18 de janeiro de 1988 a 21 de maio de 1988 (16 semanas)

164- The Great Raptor of Rhia

Data de publicação: de 22 de maio de 1988 a 3 de setembro de 1988 (15 semanas)

165- Chasamba

Data de publicação: de 5 de setembro de 1988 a 4 de fevereiro de 1989 (22 semanas)

166- Prince Rex of Baranokhan

Data de publicação: de 6 de fevereiro de 1989 a 5 de agosto de 1989 (26 semanas)

167- Massacre at the Walkers' a Table

Data de publicação: de 7 de agosto de 1989 a 11 de novembro de 1989 (14 semanas)

168- The Death Threat

Data de publicação: de 13 de novembro de 1989 a 24 de março de 1990 (19 semanas)

169- The Master of Eden

Data de publicação: de 26 de março de 1990 a 16 de junho de 1990 (22 semanas)

170- Attack of the Witchmen

Data de publicação: de 18 de junho de 1990 a 13 de outubro de 1990 (17 semanas)

171- The Valley of the Elephants

Data de publicação: de 15 de outubro de 1990 a 2 de fevereiro de 1991 (16 semanas)

172- Zima

Data de publicação: de 4 de fevereiro de 1991 a 8 de junho de 1991 (18 semanas)

173- The Jungle Patrol vs. The Drug Cartel

Data de publicação: de 10 de junho de 1991 a 2 de novembro de 1991 (21 semanas)

174- King Bongong

(O Gigante Rei Bongong)

Data de publicação: de 4 de novembro de 1991 a 1º de fevereiro de 1992 (13 semanas)

175- Princess Alicia

Data de publicação: de 3 de fevereiro de 1992 a 25 de abril de 1992 (12 semanas)

176- Blackie

Data de publicação: de 27 de abril de 1992 a 18 de julho de 1992 (12 semanas)

177- The Spawn of the Hun

Data de publicação: de 20 de julho de 1992 a 6 de fevereiro de 1993 (29 semanas)

178- Invasion of Eden

Data de publicação: de 8 de fevereiro de 1992 a 19 de junho de 1993 (19 semanas)

179- Nukes

Data de publicação: de 21 de junho de 1993 a 13 de novembro de 1993 (21 semanas)

180- The Dragon of Great Swamp

Data de publicação: de 15 de novembro de 1993 a 12 de fevereiro de 1994 (13 semanas)

181- The Plotters

Data de publicação: de 14 de fevereiro de 1994 a 4 de junho de 1994 (16 semanas)

182- The Phantom Cowboy

(A Origem de Fantasma Cowboy)

Data de publicação: de 6 de junho de 1994 a 17 de dezembro de 1994 (26 semanas)

183- Buried Treasure

(Mistérios Tão do Passado)

Data de publicação: de 19 de dezembro de 1994 a 29 de abril de 1995 (19 semanas)

184- The Beasts of Phantom Head Peak

(Os Gigantes da Colina de Cerevity)

Data de publicação: de 1º de maio de 1995 a 2 de setembro de 1995 (18 semanas)

185- Raiders of the Eastern Dark

Data de publicação: de 4 de setembro de 1995 a 6 de janeiro de 1996 (18 semanas)

186- Mr. Big

Data de publicação: de 8 de janeiro de 1996 a 18 de maio de 1996 (19 semanas)

187- Drama on Eden

Data de publicação: de 20 de maio de 1996 a 30 de novembro de 1996 (28 semanas)

188- Prince Rex - Kidnapped

Data de publicação: de 2 de dezembro de 1996 a 29 de março de 1997 (17 semanas)

189- The Silks of Emira

Data de publicação: de 31 de março de 1997 a 26 de julho de 1997 (17 semanas)

190- The Shaman

Data de publicação: de 28 de julho de 1997 a 15 de novembro de 1997 (16 semanas)

191- Joonkar's Crown

Data de publicação: de 17 de novembro de 1997 a 18 de abril de 1998 (22 semanas)

192- The Crater

Data de publicação: de 20 de abril de 1998 a 26 de setembro de 1998 (23 semanas)

193- The Dark Pirates

Data de publicação: de 28 de setembro de 1998 a 9 de janeiro de 1999 (15 semanas)

194- The Albino

Data de publicação: de 11 de janeiro de 1999 a 13 de março de 1999 (9 semanas)

195- Terror at the Opera

Data de publicação: de 15 de março de 1999 a 10 de julho de 1999 (17 semanas)

Observação: O argumento desta história foi criado nos últimos dias de vida de Lee Falk (ele estava, inclusive, hospitalizado) e o roteiro escrito pela mulher do roteirista.

196- The Gost Wall

Data de publicação: de 12 de julho de 1999 a 20 de outubro de 1999 (14 semanas e meia)

Observação: Até o presente momento, esta é a única história do Fantasma que terminou no meio da semana. Todas as demais sempre terminaram num sábado.

197- The Halloween Kidnappers

Data de publicação: de 21 de outubro de 1999 a 15 de janeiro de 2000 (12 semanas e meia)

198- The Treasure Hunters

Data de publicação: de 17 de janeiro de 2000 a 6 de maio de 2000 (16 semanas)

199- The Strange Robber

Data de publicação: de 8 de maio de 2000 a 5 de agosto de 2000 (13 semanas)

200- The Secret City

Data de publicação: de 17 de agosto de 2000 a 11 de novembro de 2000 (14 semanas)

201- Valley of the Gorillaman

Data de publicação: de 13 de novembro de 2000 a 17 de março de 2001 (18 semanas)

202- Ghost Quest

Data de publicação: de 21 de março de 2001 a 21 de julho de 2001 (18 semanas)

203- The Ghost Pirates

Data de publicação: de 23 de julho de 2001 a 17 de novembro de 2001 (17 semanas)

204- The Animal Collector

(O Clima das Unidades)

Data de publicação: de 19 de novembro de 2001 a 30 de março de 2002 (19 semanas)

205- The Immortal Man

Data de publicação: de 1º de abril de 2002 a 3 de agosto de 2002 (18 semanas)

206- The Crusader's Treasure

Data de publicação: de 5 de agosto de 2002 a 28 de dezembro de 2002 (21 semanas)

207- Jungle Mystery

Data de publicação: de 30 de dezembro de 2002 a 26 de abril de 2003 (17 semanas)

208- The Hit Man

Data de publicação: de 28 de abril de 2003 a 30 de agosto de 2003 (18 semanas)

209- The Connoisseurs

Data de publicação: de 1º de setembro de 2003 a 27 de dezembro de 2003 (17 semanas)

210- The Viper God

Data de publicação: de 29 de dezembro de 2003 a 1º de maio de 2004 (18 semanas)

211- The Locust God

Data de publicação: de 3 de maio de 2004 a 28 de agosto de 2004 (17 semanas)

212- Stripes

Data de publicação: de 30 de agosto de 2004 a 1º de janeiro de 2005 (18 semanas)

213- The U-Boat Mystery

Data de publicação: de 5 de janeiro de 2005 a 14 de maio de 2005 (19 semanas)

214- The Secret Temple

Data de publicação: de 16 de maio de 2005 a 17 de setembro de 2005 (18 semanas)

PÁGINAS DOMINICAIS

As 162 HQs do Fantasma publicadas nos jornais norte-americanos, nas páginas dominicais, cujas datas de publicação e observações vêm a seguir e em sequência, foram realizadas por:

Roteiro:
1 a 156 — Ray Moore
157 a 162 — Specs Rembert
158 — Tony De Paul
159 — Graham Nolan
160 a 162 — Tony De Paul
Arte:
1 a 7 — Ray Moore
8 — Ray Moore e Wilson McCoy
9 a 13 — Wilson McCoy
14 a 15 — Ray Moore
16 a 17 — Ray Moore e Wilson McCoy
18 a 20 — Ray Moore
21 — Ray Moore e Wilson McCoy
22 a 27 — Wilson McCoy
28 — Wilson McCoy e Stan
Infantino e Bill Lignante
59 — Bill Lignante
60 a 143 — Sy Barry
142 — Sy Barry e George Olson
143 a 162 — George Olson e Fred Fredericks
153 a 162 — Graham Nolan

1- The League of Lost Men

(*A Liga dos Homens Perdidos*)

Data de publicação: de 28 de maio de 1939 a 15 de outubro de 1939 (21 semanas)

2- The Precious Cargo of Colonel Winn

Data de publicação: de 22 de outubro de 1939 a 10 de março de 1940 (21 semanas)

3- The Fire Goddess

(*A Deusa do Fogo*)

Data de publicação: de 17 de março de 1940 a 21 de julho de 1940 (19 semanas)

4- The Beachcomber

Data de publicação: de 28 de julho de 1940 a 29 de dezembro de 1940 (23 semanas)

5- The Saboteurs

Data de publicação: de 5 de janeiro de 1940 a 23 de fevereiro de 1941 (3 semanas)

6- The Return of the Sky Man!

(*A Volta dos Píntas do Céu*)

Data de publicação: de 2 de março de 1941 a 22 de fevereiro de 1942 (52 semanas)
Observação: Nessa história, o Fantasma

voltou a enfrentar a quadrilha dos Píntas do Céu, que é agora chefiada por Sala.

7- The Impostor

(*O Impostor*)

Data de publicação: de 1º de março de 1942 a 11 de outubro de 1942 (33 semanas)

8- Castle in the Clouds

(*Espedição Perigosa*)

Data de publicação: de 18 de outubro de 1942 a 18 de abril de 1943 (27 semanas)

9- The Ismani Cannibals

Data de publicação: de 25 de abril de 1943 a 4 de julho de 1943 (11 semanas)

10- Hamid the Terrible

Data de publicação: de 11 de julho de 1943 a 25 de junho de 1944 (51 semanas)

11- The Childhood of the Phantom

(*A Infância do Fantasma*)

Data de publicação: de 2 de julho de 1944 a 7 de janeiro de 1945 (28 semanas)

Observação: Essa história conta a infância e a adolescência do Fantasma atual, o Vinte e Um.

12- The Golden Princess

Data de publicação: de 14 de janeiro de 1945 a 24 de junho de 1945 (24 semanas)

13- The Strange Fisherman

Data de publicação: de 1º de julho de 1945 a 2 de dezembro de 1945 (23 semanas)

14- Queen Pera the Perfect

(*A Rainha Perfeita*)

Data de publicação: de 9 de dezembro de 1945 a 17 de março de 1946 (15 semanas)

15- King of Beasts

Data de publicação: de 24 de março de 1946 a 4 de agosto de 1946 (20 semanas)

16- The Scarlett Sorceress

(*A Feiticeira Escarlate*)

Data de publicação: de 11 de agosto de 1946 a 22 de dezembro de 1946 (20 semanas)

17- The 12 Tasks

(*Mitérios no Oriente*)

Data de publicação: de 29 de dezembro de 1946 a 29 de junho de 1947 (27 semanas)

18- The Dragon God

(*O Dragão Sagrado*)

Data de publicação: de 6 de julho de 1947 a 16 de novembro de 1947 (20 semanas)

19- The Marshall Sisters

Data de publicação: de 23 de novembro de 1947 a 16 de maio de 1948 (26 semanas)

20- The Phantom Trophy

(*O Troféu do Fantasma*)

Data de publicação: de 23 de maio de 1948 a 5 de setembro de 1948 (16 semanas)

21- The Haunted Castle

(*O Mistério do Castelo*)

Data de publicação: de 12 de setembro de 1948 a 13 de fevereiro de 1949 (23 semanas)

22- Fathers and Sons

(*O Sinal do Fantasma*)

Data de publicação: de 20 de fevereiro de 1949 a 24 de abril de 1949 (10 semanas)

Observação: O argumento dessa história é o mesmo da aventura homônima, que foi publicada na mesma época — em tiras diárias.

23- The Flirtatious Princess

(*O Casamento da Princesa*)

Data de publicação: de 1º de maio de 1949 a 21 de agosto de 1949 (17 semanas)

Observação: O argumento dessa história é o mesmo da aventura homônima, que foi publicada na mesma época — em tiras diárias.

24- The Thuggees

(no Brasil, essa história foi publicada incompleta e sem título)

Data de publicação: de 28 de agosto de 1949 a 19 de fevereiro de 1950 (26 semanas)

Observação: O argumento dessa história é o mesmo da aventura homônima, que foi publicada na mesma época — em tiras diárias.

25- The Ape Idol of Durugu

(*O Ídolo Ape*)

Data de publicação: de 26 de fevereiro de 1950 a 7 de maio de 1950 (11 semanas)

Observação: O argumento dessa história é o

mesmo da aventura homônima, que foi publicada na mesma época — em tiras diárias.

26- The Mysterious Passenger

(*O Passageiro Misterioso*)

Data de publicação: de 14 de maio de 1950 a 16 de julho de 1950 (10 semanas)

27- Jungle King

Data de publicação: de 23 de julho de 1950 a 22 de outubro de 1950 (14 semanas)

28- The Phantom's Ring

(*O Anel do Fantasma*)

Data de publicação: de 29 de outubro de 1950 a 10 de junho de 1951 (33 semanas)

29- The Rope People

(*Os Homens Amarrados*)

Data de publicação: de 17 de junho de 1951 a 4 de novembro de 1951 (21 semanas)

30- Tale of Devil

(*O Conto de Capetia*)

Data de publicação: de 11 de novembro de 1951 a 23 de março de 1952 (20 semanas)

31- The Copters Pirates

(*O Rapto de Diana*)

Data de publicação: de 30 de março de 1952 a 13 de julho de 1952 (12 semanas)

32- The Female Phantom

(*A Irmã do Fantasma*)

Data de publicação: de 20 de julho de 1952 a 12 de outubro de 1952 (13 semanas)

Observação: Essa história apresenta para os leitores, Julie, a irmã gêmea do 17º Fantasma

33- Diana and the Bank Robbers

(*Diana e os Ladrões do Banco*)

Data de publicação: de 19 de outubro de 1952 a 1º de fevereiro de 1953 (16 semanas)

34- The Chain

(*História da Corrente*)

Data de publicação: de 8 de fevereiro de 1953 a 24 de maio de 1953 (16 semanas)

35- Madcap Miriam

(*Uma Noiva para Miriam*)

Data de publicação: de 31 de maio de 1953 a 18 de outubro de 1953 (21 semanas)



36- The Imaginary Playmate

(O Chapanduro Misterioso)

Data de publicação: de 25 de outubro de 1953 a 31 de janeiro de 1954 (15 semanas)

37- The Belt

(O Cinto do Fantasma)

Data de publicação: de 7 de fevereiro de 1954 a 6 de junho de 1954 (18 semanas)

38- The Master Spy

(O Mestre do Cifre)

Data de publicação: de 13 de janeiro de 1954 a 10 de outubro de 1954 (18 semanas)

39- Alexander's Cup

(A Taça do Diamante)

Data de publicação: de 17 de outubro de 1954 a 27 de fevereiro de 1955 (20 semanas)

40- The Gibs Brothers

(Aventura Dentro de Nós)

Data de publicação: de 6 de março de 1955 a 3 de abril de 1955 (5 semanas)

Observação: Essa é a mais curta história do Fantasma produzida para páginas dominicais.

41- The Crescent Cult

(Automóveis de Luxo)

Data de publicação: de 10 de abril de 1955 a 7 de agosto de 1955 (18 semanas)

42- The Horned Star Demons

(Os Mensageiros da Espada)

Data de publicação: de 14 de agosto de 1955 a 6 de novembro de 1955 (13 semanas)

43- A Proper Husband

(Dama em Perigo)

Data de publicação: de 13 de novembro de 1955 a 12 de fevereiro de 1956 (14 semanas)

44- The Jungle Tourneys

(O Campeão da Floresta)

Data de publicação: de 19 de fevereiro de 1956 a 26 de maio de 1956 (14 semanas)

45- Pirate Day

(O Dia de Piratas)

Data de publicação: de 27 de maio de 1956 a 19 de agosto de 1956 (13 semanas)

46- The Rattle

(no Brasil, esta história foi publicada sem título)

Data de publicação: de 26 de agosto de 1956 a 13 de janeiro de 1957 (21 semanas)

47- Danglor, International Bank Thief

(Ladrão e Banco)

Data de publicação: de 20 de janeiro de 1957 a 27 de abril de 1957 (12 semanas)

48- A Lesson for Prince Orq

Data de publicação: de 14 de abril de 1957 a 18 de agosto de 1957 (19 semanas)

49- The Frameup

Data de publicação: de 25 de agosto de 1957 a 22 de dezembro de 1957 (18 semanas)

50- The Monster of Green Valley

Data de publicação: de 29 de dezembro de 1957 a 27 de julho de 1958 (31 semanas)

51- The Plant God of Massau

Data de publicação: de 3 de agosto de 1958 a 21 de dezembro de 1958 (21 semanas)

52- Conley's Good Mark

Data de publicação: de 28 de dezembro de 1958 a 14 de junho de 1959 (25 semanas)

53- The Childhood of the Phantom

(A História do Fantasma)

Data de publicação: de 21 de junho de 1959 a 1 de janeiro de 1960 (28 semanas)

Observação: Essa história, como muitas outras, a respeito de um adolescente do Fantasma atual.

54- The River Gang

Data de publicação: de 10 de janeiro de 1960 a 22 de maio de 1960 (20 semanas)

55- The Honeymooners

Data de publicação: de 29 de maio de 1960 a 23 de outubro de 1960 (22 semanas)

56- The Goggle-Eye Pirates

Data de publicação: de 30 de outubro de 1960 a 26 de março de 1961 (22 semanas)

57- Fluffy

Data de publicação: de 2 de abril de 1961 a 13 de agosto de 1961 (20 semanas)

58- The Limper

(O Terror do Sabão)

Data de publicação: de 20 de agosto de 1961 a 29 de outubro de 1961 (11 semanas)

59- Queen Samarit XII

(Samarit a Rainha de 300 Anos)

Data de publicação: de 5 de novembro de 1961 a 13 de maio de 1962 (28 semanas)

60- Treasure of the Skull Cave

(Os Três Bandoléis)

Data de publicação: de 20 de maio de 1962 a 28 de outubro de 1962 (24 semanas)

61- The Astronaut and the Pirates

(O Pirata e o Astronauta)

Data de publicação: de 4 de novembro de 1962 a 12 de maio de 1963 (28 semanas)

62- Old Baldy

(O Terror do Sabão)

Data de publicação: de 19 de maio de 1963 a 15 de dezembro de 1963 (31 semanas)

63- The Giant Bird of Gandor

(O Mestre de Gandor)

Data de publicação: de 22 de dezembro de 1963 a 28 de junho de 1964 (28 semanas)

64- The Founding of the Jungle Patrol

(A História da Patrulha do Selva)

Data de publicação: de 2 de julho de 1964 a 24 de janeiro de 1965 (30 semanas)

Observação: Essa história, como a do Sesto Fantasma fundou a Patrulha da Selva.

65- The Great Web of Spidera

(Prisioneiro dos Gêmeos)

Data de publicação: de 31 de janeiro de 1965 a 27 de junho de 1965 (22 semanas)

66- Mystery of Wamba Falls Inn

(O Segredo do Hotel Caserta)

Data de publicação: de 4 de julho de 1965 a 24 de outubro de 1965 (17 semanas)

67- The Veiled Lady

(O Mestre da Valde)

Data de publicação: de 31 de outubro de 1965 a 8 de maio de 1966 (28 semanas)

68- Rex King

(Rex, O Menino das Selvas)

Data de publicação: de 15 de maio de 1966 a 11 de dezembro de 1966 (31 semanas)

Observação: Nessa história, surge Rex, o garoto órfão que é adotado pelo Fantasma.

69- The Golden Sands of Keela-Wee

(A Casa de Jade)

Data de publicação: de 18 de dezembro de 1966 a 2 de abril de 1967 (16 semanas)

70- The Lions of Kukhan

(A Marca do Leão)

Data de publicação: de 9 de abril de 1967 a 6 de agosto de 1967 (18 semanas)

71- The Super Jet Pirates

(Piratas de Era do Supersom)

Data de publicação: de 13 de agosto de 1967 a 26 de novembro de 1967 (16 semanas)

72- Strangers at Keela-Wee

(Os Prisioneiros)

Data de publicação: de 1 de dezembro de 1967 a 24 de março de 1968 (17 semanas)

73- The Little Ones

(O Rapto de Melinda)

Data de publicação: de 31 de março de 1968 a 11 de agosto de 1968 (20 semanas)

74- The Black Gold Pirates

(Os Piratas do Ouro Negro)

Data de publicação: de 18 de agosto de 1968 a 29 de dezembro de 1968 (20 semanas)

75- Walker's Table

(O Primeiro Fantasma)

Data de publicação: de 5 de janeiro de 1969 a 20 de abril de 1969 (16 semanas)

76- The Hijackers

(Os Sequestradores)

Data de publicação: de 27 de abril de 1969 a 3 de agosto de 1969 (15 semanas)

77- The Missing Link

(O Monstro de Montanhas Neveadas)

Data de publicação: de 10 de agosto de 1969 a 7 de dezembro de 1969 (18 semanas)

78- The Golden People

(O Mensageiro dos Deuses)

Data de publicação: de 14 de dezembro de 1969 a 29 de março de 1970 (14 semanas)

79- The Dolphins

(Os Golfinhos de Edm)

Data de publicação: de 5 de abril de 1970 a 14 de junho de 1970 (11 semanas)

Observação: É essa história que aparece pela primeira vez, o canal de golfinhos Salomão e Néferis.

80- The Beach or The Gold Prospectors

Data de publicação: de 21 de junho de 1970 a 13 de setembro de 1970 (13 semanas)

81- Alexander's Diamond Cup

(A Taça do Diamante)

Data de publicação: de 20 de setembro de 1970 a 7 de fevereiro de 1971 (21 semanas)

82- The Tale of the Gooley-Gooley Witch

(A Feiticeira)

Data de publicação: de 14 de fevereiro de 1971 a 9 de maio de 1971 (13 semanas)

83- The Stolen Trophy

(O Troféu Roubad)

Data de publicação: de 16 de maio de 1971 a 1º de agosto de 1971 (12 semanas)

84- The Wig

(O Filho do Fantasma)

Data de publicação: de 8 de agosto de 1971 a 31 de outubro de 1971 (13 semanas)

85- The Good Mark of the Phantom

(A Boa Marca do Fantasma)

Data de publicação: de 7 de novembro de 1971 a 6 de fevereiro de 1972 (14 semanas)

86- The Smugglers

(Os Traficantes)

Data de publicação: de 13 de fevereiro de 1972 a 14 de maio de 1972 (14 semanas)

87- The Massacre

(A Lembrança do Ataque)

Data de publicação: de 21 de maio de 1972 a



27 de agosto de 1972 (15 semanas)

88- The Bike Gang

(*A Quadrilha dos Idiotocratas*)

Data de publicação: de 3 de setembro de 1971 a 5 de novembro de 1972 (10 semanas)

89- The Hawk Master

(*O Caso dos Falcões Raptores*)

Data de publicação: de 12 de novembro de 1972 a 11 de fevereiro de 1973 (14 semanas)

90- The Sky Divers

(*O Rival do Fantasma*)

Data de publicação: de 18 de fevereiro de 1973 a 27 de maio de 1973 (15 semanas)

91- Rex and the Little People

(*Uma Aventura de Rex*)

Data de publicação: de 3 de junho de 1973 a 16 de setembro de 1973 (16 semanas)

92- The Golden Wood

(*O Bosque Encantado dos Gnomos*)

Data de publicação: de 23 de setembro de 1973 a 23 de dezembro de 1973 (14 semanas)

93- Phantom Treasure

(*O Tesouro da Caveira*)

Data de publicação: de 30 de dezembro de 1973 a 9 de junho de 1974 (24 semanas)

94- The Story of Joomba

(*A História de Joomba*)

Data de publicação: de 16 de junho de 1974 a 29 de dezembro de 1974 (27 semanas)

95- Little Girl

Data de publicação: de 5 de janeiro de 1975 a 11 de maio de 1975 (19 semanas)

96- The First Phantom

(*A História dos Bandidos*)

Data de publicação: de 18 de maio de 1975 a 10 de agosto de 1975 (13 semanas)

97- The Golden Beach

Data de publicação: de 7 de agosto de 1975 a 21 de dezembro de 1975 (19 semanas)

98- The Blue Giant

(*O Gigante Azul*)

Data de publicação: de 28 de dezembro de 1975 a 11 de abril de 1976 (16 semanas)

99- Joonkar and the Slavers

(*Joonkar e os Escravos*)

Data de publicação: de 18 de abril de 1976 a 29 de agosto de 1976 (13 semanas)

100- The Stolen Ring

(*O Anel Roubado*)

Data de publicação: de 5 de setembro de 1976 a 19 de dezembro de 1976 (16 semanas)

101- The Swamp Dragon

(*O Dragão do Pântano*)

Data de publicação: de 26 de dezembro de 1976 a 17 de abril de 1977 (17 semanas)

102- The Hunters

(*O Caçadores*)

Data de publicação: de 24 de abril de 1977 a 7 de agosto de 1977 (16 semanas)

103- The Delta Pirates

(*Piratas do Delta*)

Data de publicação: de 14 de agosto de 1977 a 23 de outubro de 1977 (11 semanas)

104- The Wedding of the Phantom

(*O Casamento*)

Data de publicação: de 30 de outubro de 1977 a 5 de fevereiro de 1978 (15 semanas)
Observação: Nesta história, após um longo tempo, o Fantasma casou-se finalmente com Diana Palmer.

105- The Three Bandits

(*Os Três Bandidos*)

Data de publicação: de 12 de fevereiro de 1978 a 16 de abril de 1978 (10 semanas)

106- Hzz and Hrz ou What's Wrong with Hzz?

(*A Origem de Hzz*)

Data de publicação: de 16 de abril de 1978 a 23 de julho de 1978 (14 semanas)
Observação: Aqui, Hzz encontra uma esposa, Hrs, sem fins de nos espocar (das caveiras).

107- The Star of Bangalla

(*A Estrela de Bangalla*)

Data de publicação: de 30 de julho de 1978 a 5 de novembro de 1978 (15 semanas)

108- The Heirs

(*Os Herdeiros*)

Data de publicação: de 12 de novembro de 1978 a 20 de maio de 1979 (28 semanas)
Observação: Nesta história, Diana dá a luz um casal de gêmeos, Kat e Helene.

109- Jungle Olympics

(*O Rodeio do Tíflis do Fantasma*)

Data de publicação: de 27 de maio de 1979 a 2 de setembro de 1979 (15 semanas)

110- The Name

(*A História do Nome*)

Data de publicação: de 9 de setembro de 1979 a 9 de dezembro de 1979 (14 semanas)
Observação: Nessa história ficou-se sabendo que a boneca Hzz chamava-se Helene e que o Fantasma que a enfrentou foi o próprio.

111- The Vault of Missing Men

(*O Rato dos Piratas*)

Data de publicação: de 16 de dezembro de 1979 a 1º de junho de 1980 (25 semanas)

112- The Uninvited Visitors

(*Invitados na Ilha de Eden*)

Data de publicação: de 8 de junho de 1980 a 16 de novembro de 1980 (24 semanas)
Observação: É nossa história que...

113- Crook's Haven

(*Refúgio e Paraíso dos Escroques*)

Data de publicação: de 23 de novembro de 1980 a 24 de maio de 1981 (27 semanas)

114- Crazy Louie's Story

(*A Vida de Louie*)

Data de publicação: de 31 de maio de 1981 a 8 de novembro de 1981 (24 semanas)

115- Kit and the Little People

(*O Pequeno Papagaio*)

Data de publicação: de 15 de novembro de 1981 a 11 de abril de 1982 (22 semanas)

116- The Terrorists

(*Os Terroristas*)

Data de publicação: de 18 de abril de 1982 a 5 de setembro de 1982 (21 semanas)

117- The Missing Link Family

(*A Captura de Hzz*)

Data de publicação: de 12 de novembro de 1982 a 16 de janeiro de 1983 (19 semanas)

118- Mysterious Karapara

(*O Mistério de Karapara*)

Data de publicação: de 23 de janeiro de 1983 a 31 de julho de 1983 (28 semanas)

119- The Eastern Dark

(*Os Trevas Orientais*)

Data de publicação: de 7 de agosto de 1983 a 29 de janeiro de 1984 (26 semanas)

120- The Golden Beach of Keela-Wee

(*A Praia Dourada de Keela-Wee*)

Data de publicação: de 5 de fevereiro de 1984 a 6 de maio de 1984 (14 semanas)

121- The Deadliest Animals in the Jungle

(*Floresta Negra*)

Data de publicação: de 13 de maio de 1984 a 19 de agosto de 1984 (15 semanas)

122- The Diamond Cup

(*A Prata Preta*)

Data de publicação: de 26 de agosto de 1984 a 17 de fevereiro de 1985 (26 semanas)

Observação: Para escrever esta história, Lee Falk inspirou-se em Tristão e Isolde, um dos mais belos romances do ciclo de narrativas do rei Arthur.

123- The Whispering Grove

(*O Segredo das Madres Douradas*)

Data de publicação: de 24 de fevereiro de 1985 a 9 de junho de 1985 (16 semanas)

124- The Forest Giants

(*Gigantes da Floresta*)

Data de publicação: de 16 de junho de 1985 a 5 de janeiro de 1986 (30 semanas)

125- Phantom Head Peak

(*O Monte da Cabeça do Fantasma*)

Data de publicação: de 12 de janeiro de 1986 a 27 de abril de 1986 (16 semanas)

126- Sunken Treasure

(*O Tesouro da Ilha de Eden*)

Data de publicação: de 4 de maio de 1986 a 31 de agosto de 1986 (18 semanas)

127- The Escaped Convicts

(*Para Sorte*)

Data de publicação: de 7 de setembro de 1986 a 21 de dezembro de 1986 (16 semanas)

128- Queen Amaza's Mate

(*O Companheiro Ideal*)

Data de publicação: de 28 de dezembro de 1986 a 28 de junho de 1987 (27 semanas)

129- The Fighting Twins ou The Twins' 8th Birthday

(*Os Filhos de Mavetian*)

Data de publicação: de 5 de julho de 1987 a 27 de setembro de 1987 (13 semanas)

130- The Ironrudi and the Great Ones

(*O Mistério dos Ironrudi*)

Data de publicação: de 4 de outubro de 1987 a 10 de abril de 1988 (28 semanas)

131- The Bride of Xal

Data de publicação: de 17 de abril de 1988 a 17 de julho de 1988 (14 semanas)

132- Exodus of the Little People

Data de publicação: de 24 de julho de 1988 a 26 de fevereiro de 1989 (32 semanas)

133- Death from the Sky

Data de publicação: de 5 de março de 1989 a 23 de julho de 1989 (21 semanas)

134- Captain Amazon - Pirate Queen

Data de publicação: de 30 de julho de 1989 a 7 de janeiro de 1990 (24 semanas)

135- The Eastern Dark at Janorra

Data de publicação: de 14 de janeiro de 1990 a 13 de maio de 1990 (18 semanas)

136- Return of the Thuggues

Data de publicação: de 20 de maio de 1990 a 11 de agosto de 1991 (65 semanas)

Observação: Até o presente momento, essa é a mais longa história do Fantasma produzida para páginas dominicais.

137- The Fourth Son

(*O Quarto Filho do Fantasma*)

Data de publicação: de 18 de agosto de 1991 a 17 de maio de 1992 (40 semanas)

138- Tiger, Tiger

Data de publicação: de 24 de maio de 1992 a 6 de dezembro de 1992 (29 semanas)

139- How the Phantom Saved the Earth

Data de publicação: de 13 de dezembro de 1992 a 18 de julho de 1993 (32 semanas)

140- The Jungle Olympics

Data de publicação: de 25 de julho de 1993 a 16 de janeiro de 1994 (26 semanas)

141- The Isle of Death

Data de publicação: de 23 de janeiro de 1994 a 3 de julho de 1994 (24 semanas)

142- Phantom World

Data de publicação: de 10 de julho de 1994 a 4 de dezembro de 1994 (23 semanas)

143- Battle of the Jungle Boys

Data de publicação: de 11 de dezembro de 1994 a 17 de setembro de 1995 (41 semanas)

144- Queen Medusa

Data de publicação: de 24 de setembro de 1995 a 26 de maio de 1996 (36 semanas)

145- The Lookout

Data de publicação: de 2 de julho de 1996 a 24 de novembro de 1996 (26 semanas)

146- Dig

Data de publicação: de 1º de dezembro de 1996 a 24 de agosto de 1997 (39 semanas)

147- Waterman

Data de publicação: de 31 de agosto de 1997 a 19 de abril de 1998 (34 semanas)

148- The Vanished Village

Data de publicação: de 26 de abril de 1998 a 27 de setembro de 1998 (23 semanas)

149- The Floridan Mystery

Data de publicação: de 4 de outubro de 1998 a 14 de fevereiro de 1999 (26 semanas)

150- The Kidnappers

Data de publicação: de 21 de fevereiro de 1999 a 15 de agosto de 1999 (26 semanas)
Observação: O argumento desta história foi criado nos últimos dias de vida de Lee Falk (ele estava, inclusive, hospitalizado), e o roteiro, escrito provavelmente pela esposa do roteirista.

151- The Wharf Rats

Data de publicação: de 22 de agosto de 1999 a 26 de dezembro de 1999 (19 semanas)

Observação: História baseada na aventura homônima que foi publicada em tiras diárias em 1962.

152- The Shipwreckers Town

Data de publicação: de 2 de janeiro de 2000 a 30 de julho de 2000 (31 semanas)

Observação: Essa história foi adaptada de uma aventura do Fantasma escrita por Donnie Avenell, desenhada por Kan Leppanen e publicada na Suécia, pela Egmont, em Fantomen no 3 (1996). Uma história semelhante a essa foi realizada pela dupla Norman Worker (roteiro), Jaime Vallée (desenho) e publicada na Suécia, em Fantomen número 15/1977.

153- Woduro's Secret

(O Segredo de Woduro)

Data de publicação: de 6 de agosto de 2000 a 4 de março de 2001 (31 semanas)

154- The Lion's Head Tamarine

(O Urupador)

Data de publicação: de 11 de março de 2001 a 7 de outubro de 2001 (31 semanas)

155- The War Mongers

(Crusaders de Guerra)

Data de publicação: de 14 de outubro de 2001 a 7 de abril de 2002 (26 semanas)

156- The Briefcase

Data de publicação: de 14 de abril de 2002 a 29 de setembro de 2002 (25 semanas)

157- The Snake Goddess's Island

Data de publicação: de 6 de outubro de 2002 a 30 de março de 2003 (26 semanas)

158- Terror in Mawitään

Data de publicação: de 6 de abril de 2003 a 28 de setembro de 2003 (26 semanas)

159- The Sindbad Stone

Data de publicação: de 5 de outubro de 2003 a 28 de março de 2004 (26 semanas)

160- The Viking Fortress Mystery

Data de publicação: de 4 de abril de 2004 a 26 de setembro de 2004 (26 semanas)
Observação: Essa história foi baseada em The V.I.ing Castle, aventura do Fantasma escrita pelo próprio Tony De Paul, desenhada por César Spadaro e publicada na Suécia, pela Egmont, em Fantomen no 7 (1997).

161- The Iron Python

Data de publicação: de 5 de outubro de 2004 a 27 de março de 2005 (26 semanas)

Observação: Essa história foi baseada em The Ghost Train, aventura do Fantasma escrita pelo próprio Tony De Paul, desenhada por Heiner Bode e publicada na Suécia, pela Egmont, em Fantomen: no 17 (1997).

162- Plague in Baronkhan

Data de publicação: de 3 de abril de 2005 a 25 de setembro de 2005 (26 semanas)

Autores das tiras do Fantasma



Ray Moore



Wilson McCoy



Sy Barry



Bill Lignante



Lee Falk



George Olesen



Graham Nolan



Paul Ryan



Arte de Wilson McCoy

CAPÍTULO

17

O FANTASMA EM REVISTA

Por Nobuyuki Clancy



Nos Estados Unidos, seu país de origem, a publicação do Fantasma no formato de revistas nunca teve a mesma regularidade das tiras diárias que, desde seu início, em 1936, mantiveram-se em circulação ininterrupta, com muito sucesso, chegando a atingir a marca de 500 jornais do mundo todo. E hoje, continua sendo publicado diariamente em muitos países.

Apesar do enorme apelo do personagem, suas aventuras nas revistas pularam de editora em editora, nelas permanecendo por períodos variáveis, havendo longos períodos em que ele esteve totalmente ausente. O King Features Syndicate, dono do personagem, distribuía somente as tiras diárias e páginas dominicais, preferindo negociar os direitos de publicação para o formato de revistas com diferentes editoras e, muitas vezes, ao invés de renovar o contrato, por desinteresse de uma ou ambas as partes, assinava com uma nova empresa.

Dessa forma, o Fantasma passou por pelo menos meia dúzia de editoras, de portes variáveis, entre as quais algumas das maiores do mercado. E quase todas as revistas se restringiam a trazer compilações de tiras ou páginas dominicais em episódios completos.

A primeira tentativa ocorreu já em 1936, por conta da editora Whitman com seus *Big Little Books*. Desde 1932, esses livros em formato 9 x 11,5 cm, com 300 a 400 páginas cada, traziam adaptações de séries de jornal, publicando uma ilustração extraída de uma tira diária numa página e texto, na outra. Para isso, mutilavam as histórias, suprimiam os balões e recriavam a narrativa, descaracterizando-a totalmente. Essas publicações, embora aproveitassem parte do material originalmente de quadrinhos, são consideradas precursoras e não exatamente "comic books".

No final da década de 1930, a editora David McKay passou a imprimir coletâneas de tiras diárias e das páginas domi-



nicais, dos personagens do King Features em três revistas distintas: *Ace Comics*, *King Comics* e *Future Comics*.

Na primeira delas, lançada em 1937, O Fantasma estreou em 1938 e figurou em quase todas as 151 edições publicadas até 1949. Já na *King Comics*, iniciada em 1936, a primeira aparição de O Fantasma foi em 1941 e suas aventuras foram publicadas com boa regularidade na revista, que durou de 1936 até 1952.

O terceiro título da editora, a *Future Comics*, durou apenas quatro números, publicados em 1940, em todos foram publicadas páginas dominicais do Fantasma.

Com o fechamento da David McKay, o King Features transferiu os direitos de alguns de seus personagens para a Harvey Comics, entre eles o Fantasma, que passou a sair nas revistas *Harvey Comics Hits* e *Harvey Hits*. Elas traziam um mix de vários personagens, mas cada edição dava destaque a um personagem específico. Assim, em várias edições o nome do Fantasma apareceu em destaque na capa.

Somente em novembro de 1962, o Fantasma ganhou uma revista regular, com título próprio, lançada pela editora Gold Key. Também pela primeira vez, foram produzidas histórias inéditas, exclusivas para o formato de revista. Baseados nas aventuras das tiras de jornal, o enredo era desenvolvido pelo editor Bill Harris e as ilustrações eram de Bill Lignante, desenhista que já havia trabalhado nas páginas dominicais do



Capas das edições da Charlton Comics

herói, na fase de transição entre Wilson McCoy e Sy Barry. Posteriormente, Lignante se tornou um especialista em ilustrar cenas de julgamentos para a rede de TV ABC, um trabalho muito valorizado, pois, nos tribunais é proibida a presença de câmeras fotográficas.

Em 1966, o King Features cujos personagens até então saíam em publicações de outras empresas, resolveu entrar no ramo das revistas e passou a editar diversos títulos, com alguns de seus personagens mais famosos. Em agosto, estrearam três revistas com HQs cômicas do Recruta Zero, Popeye e Blondie. No mês seguinte chegaram às bancas outras três, as de aventura com Flash Gordon, Mandrake e Fantasma. No caso desta última, a editora King resolveu manter a numeração iniciada pela Gold Key, interrompida na edição 17.

Apesar de pertencer ao poderoso grupo Hearst, dono de diversas publicações nos Estados Unidos, a iniciativa do King no ramo das revistas durou pouco tempo e, no ano seguinte, encerrou as atividades de sua editora, voltando a se dedicar apenas à distribuição para jornais. Assim, todos os títulos e respectivos direitos de publicação foram passados dois anos depois para a Charlton, especializada em super-heróis. A nova editora também deu prosseguimento à revista do Fantasma.

Curiosamente, ao invés de iniciar na edição 29, uma vez que o último número publicado pela King havia sido o 28, o primeiro Fantasma da Charlton foi o de número 30.

Foi a experiência mais duradoura de uma revista do Fantasma e permaneceu em circulação de 1969 a 1977, quando saiu a edição 74. Vários autores se revezaram na criação das histórias do herói mascarado, mas a maioria dos roteiros foi escrita por Steve Skeates e Joe Gill, com Jim Aparo, Pat Boyette e Steve Ditko como principais ilustradores.

Depois de sumir das bancas por 10 anos, o Fantasma voltou a ser publicado em 1987 por iniciativa da Marvel, em aventuras baseadas na série de desenho animado "Defensores da Terra".

Em 1988, foi a vez da DC editar o Fantasma, numa minissérie em quatro edições. No ano seguinte, a editora lançou nova série do herói, escrita por Mark Verheiden e ilustrada por Luke McDonnell, que durou 13 números.

A Marvel voltou a publicar o Fantasma em 1994, em nova minissérie de três edições, e investiu mais uma vez no herói, em 1995, ao lançar o Fantasma 2040, também baseada numa série de desenhos animados para TV, com roteiros de Peter Quinones e arte de Steve Ditko.

A mais recente editora a lançar uma revista do Fantasma com histórias inéditas foi a Moonstone que desde 2002 vem publicando várias graphic novels do herói e uma revista, a partir de 2003. Tanto os textos quanto as artes são de autores pouco consagrados (exceção feita a Tom DeFalco), como os roteiristas Ben Raab e Raphael Nieves e desenhistas como Fernando Blanco e Pat Quinn.

O ESPÍRITO QUE ANDA NA DC COMICS

É curioso notar que as duas maiores editoras de quadrinhos dos Estados Unidos tenham publicado o Fantasma. Isso demonstra o prestígio e a fama do personagem.

De modo geral, a DC conseguiu ser mais fiel às origens e à própria história da dinastia Fantasma.



Joe Orlando e sua visão clássica

Na primeira minissérie que ela publicou, o Fantasma atual, o 21º, enfrenta o herdeiro de uma linhagem de piratas, os Chessman, que o 13º Fantasma teve de combater quase 200 anos antes. A narrativa entremeia passagens em flash back com momentos atuais e se desenvolve num ritmo alucinante, mostrando ora os apuros do Fantasma do passado, ora as aventuras do Fantasma do tempo presente. Este, em certos momentos exibe uma certa inadequação ao caos de uma grande metrópole. Apesar da estética moderna, a série não escapa de manter um elevado grau de maniqueísmo com os vilões exageradamente caracterizados como figuras do mal. Somente aos olhos ingênuos de Diana, o Chessman atual poderia passar por um autêntico gentleman.

Nisso há grandes diferenças com a série de 13 edições, lançada em 1989.

Situada num período logo anterior ao casamento de Fantasma com Diana, ela aborda alguns dos principais problemas e conflitos que marcam a realidade de um país subdesenvolvido que é, afinal, onde vive o Fantasma. Questões absolutamente contemporâneas como a fome, a exploração do trabalho escravo, o tráfico de armas e do lixo atômico servem como tema de fundo para expor a relação de ambiguidade entre as economias dominantes e as nações mais pobres. O aparente benefício oferecido muitas vezes oculta escusos interesses envolvidos. Em um dos episódios, o mesmo médico designado para salvar os habitantes de uma aldeia, é o responsável por levá-los à escravidão. Refletindo o estilo dos quadrinhos da época, influenciada por obras como *O Cavaleiro das Trevas*, de Frank Miller e *Watchmen*, de Alan Moore e David Gibbons, o Fantasma da série passa por vários momentos de questionamento sobre a sua missão, sobre o sentido de levar adiante um relacionamento com Diana e de seu próprio anacronismo. O ápice ocorre no capítulo final, dividido em duas edições, em que o herói é falsamente acusado de assassinar um presidente com visão mo-



Edições americanas da DC Comics

dermista e comprometido com o progresso, o que quase provoca uma guerra civil. O motivo que levou o Fantasma a cometer o tal crime, segundo seus perseguidores, apoiados por parte da opinião popular, seria que o mito do Fantasma só se sustenta num contexto de atraso, obscurantismo e conservadorismo, ou seja, para

sobreviver, ele precisa evitar o progresso. Não deixa de ser uma colocação bastante interessante embora, no final, o Fantasma acabe encontrando o verdadeiro culpado e restaurando a ordem e a paz. A série foi competentemente desenhada por Luke McDonnell, num traço sem grandes rebuscamentos que valorizava o enredo desenvolvido por Mark Verheiden. Este, mais tarde se consagraria como roteirista de outros personagens dos quadrinhos, mas principalmente por seus trabalhos no cinema, com o filme *O Múscara* e para a TV, na série *Smallville*, de grande sucesso.

O FANTASMA NA MARVEL

Se a DC procurou manter as principais características do herói, a Marvel, radicalizou e foi além do convencional, na sua versão do herói.

Na verdade, o mérito da ousadia e da originalidade, não é propriamente da editora, mas em dois casos, dos produtores de desenhos animados nos quais foram baseadas as revistas que a Marvel lançou.

A primeira delas, inspirada na série animada de TV *"Defensores da Terra"*, foi uma tentativa de resgatar o sucesso de alguns heróis clássicos de aventura do King Features. Assim, foram reunidos, pela primeira vez, Flash Gordon, Mandrake e Fantasma para combater o temível imperador Ming e suas constantes ameaças de destruir o planeta. Se a idéia em si de juntar esses personagens já soa bastante pretenciosa, a sua execução não



Edições italianas e indianas



Edições da Suécia, Índia (em inglês), Portugal e Austrália



O Fantasma na Marvel Comics era futurista

deixou por menos. A adaptação para os quadrinhos contou com a participação, bastante especial, do próprio Stan Lee, editor da Marvel e criador de um exército inteiro de super-heróis e uma das figuras mais reverenciadas das HQs. A arte-final ficou por conta do traço seguro de Fred Fredericks, que há décadas desenhava as tiras do Mandrake para jornal.

Na minissérie lançada em 1994, a Marvel recorreu ao talento e aos exageros de uma dupla de autores australianos, o roteirista Dave DeVries e o desenhista Glenn Lumsden, para dar uma inovada no, então, quase sexagênio personagem. Fantasma ganhou um visual reestilizado, mais high tech e de semblante mais ameaçador. A trama faz uma mistura de elementos místicos, conflitos políticos com altos interesses financeiros em jogo. A resolução de tamanha encrenca exige não apenas a ação do Fantasma, mas a intervenção de Kit Walker, circulando pelas festas de gente rica, poderosa e não muito escrupulosa. A narrativa ficou mais cinematográfica, com ângulos e composição de páginas bem elaborados e pouco diálogo. Por outro lado, trata-se de um Fantasma menos contido, muito mais truculento e que protagoniza cenas de violência explícita.

A terceira publicação da Marvel com o Fantasma foge ainda mais do padrão a que seus leitores estavam habituados. A história é ambientada no futuro, mais precisamente em 2040, quando o 24º Fantasma, portanto bisneto do atual, assume o posto de herói. Num planeta totalmente devastado pelos abusos cometidos contra o meio ambiente, os ricos vivem isolados em redomas de conforto, instaladas no alto de torres da cidade de Metropia, enquanto os pobres tentam sobreviver no subsolo das cidades em ruínas.

Fantasma surge como única esperança capaz de salvar a humanidade contrariando os interesses da Maximum, a empresa mais poderosa do mundo que investe num mega empreendimento para acolher a elite do planeta, o projeto Cyberville. O Fantasma 24 é o primeiro a crescer sem conhecer a sua missão, pois fora educado longe de casa e não passara pelo rígido treinamento a que se submeteram seus 23 antepassados. Para compensar a falta de habilidade ele se mune de equipamentos e aparelhos de alta tecnologia para combater vilões como Rebecca Madison, a líder da Maximum. As três edições de *Fantasma 2040* foram adaptadas da série de desenhos animados para TV de mesmo nome. O visual do Fantasma, geração 24,



foi concebido por Peter Chung, conceituado diretor de animação cuja obra mais conhecida é o desenho *Aeon Flux*, produzida para a MTV. Na transposição para os quadrinhos Steve Ditko foi mais comedido e emprestou ao personagem seu estilo mais simples e clássico. Ditko é considerado um dos mais importantes artistas de quadrinhos de todos os tempos, co-responsável, junto com Stan Lee, pela criação dos personagens Homem-Aranha, em 1962, e Dr. Estranho, em 1963, ambos para a editora Marvel.

O curioso é que fora dos Estados Unidos, as revistas do Fantasma costumam ser excepcionalmente longevas e estáveis. No Brasil, a Rio Gráfica, atual Editora Globo, manteve o título desde 1953 até 1992, encerrando uma trajetória muito bem sucedida que passou por mudanças de formato, da impressão em preto-e-branco para a colorida.

Na Austrália, por exemplo, onde o personagem é um verdadeiro fenômeno, a editora Frew começou a publicá-lo em 1948 e continua a fazê-lo até hoje, tendo superado a marca de 1.300 edições. Neste país, aliás, a popularidade do herói é tão grande que é comum entidades e órgãos públicos editarem revistas de conteúdo didático à população tendo o Fantasma como personagem. Há desde material que ensina o cidadão a fazer bom uso de seu voto, nas eleições até publicações que orientam pais recém-separados de comunidades aborígenes do país como agir para conciliar os interesses dos filhos com a necessidade da preservação das tradições tribais.

O FANTASMA NO MUNDO

Por Dédy Edson

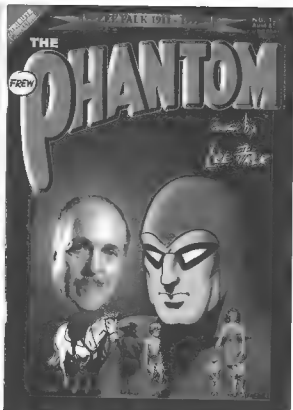
O Fantasma, um dos mais famosos personagens das histórias em quadrinhos, é publicado em jornais e revistas de diversos países.

A seguir, uma relação dos nomes como ele é conhecido em alguns desses países:

Phantom Alemanha
El Hombre Enmascarado - Espanha
Fantóm - Eslováquia
Mustanamaio - Finlândia
Lé Fantôme - França
Phantom - Grécia
Phantomas - Israel
L'Uomo Mascherato - Itália
Fantom - Iugoslávia
Fantomet - Noruega
Fantoom - Países Baixos
Fantasma - Portugal
Fantomen - Suécia
Kizilmaske - Turquia

Em três países da Escandinávia - Suécia, Noruega e Finlândia -, o Fantasma é um herói bastante popular. Lá, suas revistas são lançadas de quinze em quinze dias pela editora sueca Egmont (antiga Semic). E essas revistas trazem material (tiras diárias e páginas dominicais) de procedência norte-americana e histórias produzidas pela equipe de roteiristas (Claes Reimerthi, David Bishop, Donne Avenell, Michael Tierres, Nils Nordberg, Norman Worker, Sverre Arnes, Tony De Paul, entre outros) e desenhistas (Alex Saviuk, Carlos Cruz, César Spadari, Felice Mangiarano, Georges Bess, Hans Lindahl, Heiner Bade, Jarne Vallvé, Joan Boix, José Casanovas, Kari Leppanen, Oskar Erälä, Romano Felmang, entre outros) da Egmont.

Vale destacar que, nas histórias do Fantasma produzidas para as revistas da Egmont, aparecem vários personagens criados especialmente para esses gibis. E dentre esses personagens, merecem destaque: Lubanga, um empresário inescrupuloso (ele está envolvido em todo tipo de negócios ilícitos) e muito poderoso, que, tempos atrás, disputou com Lamanda Luaga a presidência de Bangalla; a dr. Minerva Brooks, do Museu Etnológico de Bangalla; e Kate Somerset, a Rainha Pirata, uma mulher sedutora, corajosa e dotada de força e coragem suficientes para enfrentar qualquer homem, inclusive o Fantasma (não o Vinte e Um, mas o Dezzessete). Em alguns países o traje do herói deu o motivo para o seu nome local. Na Finlândia ele é chamado de Máscara Negra (Mustanamaio), na Itália e Espanha ele é o Homem Mascarado. Já na Turquia ele é o Mascarado de Vermelho (Kizilmaske) comprovando que fora dos EUA o Fantasma sempre foi o herói da roupa rubra.



Atualmente, um dos países que o Fantasma faz mais sucesso é a Austrália. Lá, suas aventuras são publicadas quinzenalmente pela Frew Publications, que edita a revista *The Phantom*, cujo primeiro número foi lançado em 9 de setembro de 1948. Acima temos a capa da edição comemorativa de 70 anos e, ao lado, a capa da primeira revista do Fantasma.



O universo do Fantasma é constantemente atualizado no site: <http://fantasmamfnends.cjb.net>

Durante várias décadas, os leitores portugueses puderam ler as histórias do Fantasma na revista *Mundo de Aventuras*, editada pela Aguilar & Dias. Na França nosso herói mereceu revista própria, coisa rara pois o país tem tradição de publicar antologias seriadas. Até Israel publicou o Fantasma em um gbi semanal no passado.

Na atualidade o herói é produzido em dois países: na Suécia (*Fantomen*) tem seu conteúdo exportado para a Austrália. Enquanto que, nos EUA há as novas séries lançadas pela editora Moonstone





THE END
OPERA GRAPHICA

Cap. 3

Uma alma do outro mundo

O "BOLÃO" E VINTE QUATRO BANDIDOS ASSALTARAM EM PLENO DIA O VAPOR "VELOX" DA EXPLORADORA LITA PUNCH. O NAVIO TRAZIA UMA CARGA DE 300 LIBRAS DE AMBAR. DE REPENTE TUDO FICOU ESCURO

ZEG' VÁ A SALA DAS MÁQUINAS E ACENDE AS LUZES, ANDA!

VOCÊ FECHOU A PORTA DO "BOLÃO"? DEIXE VER A CHAVE



A ALMA DO OUTRO MUNDO, COMO CHEGOU AQUI SEM BOTE? ACENDA A LUZ E FIQUE AI SEM SE MEXER

NENHUMA RESPOSTA

DE REPENTE O RE-
VOLVER DO "BOLÃO" ROMPEU O SILENCIO



APANHADO E FUGIU



A BORDA DO "VELOX" O "BOLÃO" E SEUS HOMENS PROCURAM O FANTASMA. DE TODOS OS LADOS DO NAVIO

JONG, BLACK! NÃO DEIXEM DE REVISTAR TUDO!



QUEM É O SEU?

NADA ADIANTA. DUAS PERGUNTAS BASTAM PARA SABER O QUE É ISTO E COMO



ANDO O
BOLÃO DA
ENTREGAR
CHAVE,
PORTA
BRIU-SE
OUVIU-SE
A VOZ
PERNOSA



224

MUITO BEM, "BOLÃO"
A ESCURIDÃO NÃO
TE AGRADA E
UMA BOLÃO NAS
BANHAS?



SE UM HOMEM
PODE PASSAR POR
PORTAS FECHADAS E VÊ-
LA NA ESCURIDÃO, É!



A ALMA DO OUTRO
MUNDO

EI-C
FANTASMA



APANHOU, MAS
FOI UM CABIDE
SEU BOLÃO.



E AINDA
CORREGOU COM LITA PUNCH.

DE PRESSA! QUE
NÃO DEIKEM PA-
SÃO NIN-
GUÉM!



A DIZER
AS O TOM
ÃO? E
CA DE AR



SIM E SIM! MAS NÃO
DESCA! É PERIGOSO!
ELES ESTÃO LA!

AI! ESTÁ
SEGURA EU
VOU E VOLTO



E A ALMA DO OUTRO
MUNDO MESQUINHOU
FOI UM GRANDEZINHO



FANTASMA

A BIOGRAFIA OFICIAL DO PRIMEIRO HERÓI FANTASIADO DOS QUADRINHOS

Recentemente, fizemos uma pesquisa com mais de 200 leitores, pesquisadores, colecionadores e estudiosos de quadrinhos, quanto suas preferências no tema. Surpreendentemente, **Fantasma** foi eleito um dos cinco personagens preferidos, mesmo não sendo publicado com frequência absoluta, nos últimos anos. Tal fato nos anima a dizer que este livro atenderá a curiosidade de muitos, quanto a este herói imortal.

Esta obra foi iniciada em 2005, às vésperas do aniversário de 70 anos do *Espírito-Que-Anda*. Foi encomendada ao professor de comunicação e pesquisador **Marco Aurélio Lucchetti**, que aqui dissecou as realizações ocorridas em sete décadas da existência deste personagem-ícone, criado pelo escritor **Lee Falk**, que é tido como o mais importante escritor de tiras de aventuras de todos os tempos, e cuja concepção gráfica veio do desenhista **Ray Moore**, que também é o realizador dos desenhos mais sensuais da "Era de Ouro dos Quadrinhos".

Fantasma é o primeiro herói fantasiado dos comics. Mesmo sem superpoderes, é considerado um super-herói, um justiceiro que ele foi capaz de matar sem piedade. É ele o herói dos quadrinhos que combateu o maior número de vilãs, algumas sexy o bastante para testar seu comportamento galanteador. Seu namoro foi notoriamente longo, porém seu casamento foi o mais festejado no mundo, um autêntico fenômeno de marketing.

Enfim, tudo a respeito deste imbatível herói é encontrado neste livro ilustrado e documentado ao extremo. Aqui se estuda as mudanças do foco de suas histórias, seu envolvimento com o sexo oposto, a concepção e a evolução de um universo próprio, riquíssimo de temas e de personagens, que atravessam as 20 gerações anteriores do **Fantasma**.

Aproveitamos para relembrar o que os estudiosos de todo o mundo encontraram no perfil deste simbólico personagem; apresentamos um panorama completíssimo sobre suas adaptações literárias e cinematográficas; listamos as histórias obrigatórias. E, o que é mais importante, tratamos de toda sua extensa e intensa trajetória nas mais variadas publicações brasileiras, em distintas editoras.

Abrilhantando este álbum, temos duas entrevistas exclusivas, com **Gutemberg Monteiro** e **Waldir Amaral**, realizadores de capas e histórias brasileiras do herói. Reproduzimos dezenas de depoimentos emocionados de especialistas em quadrinhos e falamos das muitas curiosidades, como o fato dele ser o primeiro astro dos quadrinhos a fazer um crossover, em 1939, e sobre as distintas cores de seu uniforme mostradas em diferentes países.

O **Fantasma** nunca, em lugar algum do mundo, recebeu uma obra tão completa quanto esta. Reserve um lugar especial em sua estante para este **Fantasma – Biografia Oficial do Primeiro Herói Fantasiado dos Quadrinhos**.

Caderno Colorido Especial com 818 Capas

Neste volume, você encontrará, senão todas, 99% das capas das publicações brasileiras das revistas em que o **Fantasma** atuou — desde as pioneiras *O Correo Universal* e *A Gazeta-Edição Infantil*, passando por *O Globo Juvenil*, *Gibi*, *Fantasma Magazine*, *Super-Plê*, minisséries da DC, minissérie da Marvel, edições tabloide, formatinhos, álbuns... todas, todas, inclusive a derradeira edição, de 2007.

BRUNO BARRAL/ARTUR

